



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

TATIANA CRISTINA FERREIRA

**AS INSERÇÕES PARENTÉTICAS E AS DIGRESSÕES NA  
FALA DE IDOSOS**

---

Londrina  
2009

TATIANA CRISTINA FERREIRA

**AS INSERÇÕES PARENTÉTICAS E AS DIGRESSÕES NA  
FALA DE IDOSOS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação, em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Paulo de Tarso Galembeck

Londrina  
2009

## FICHA CATALOGRÁFICA

F383i Ferreira, Tatiana Cristina.

As inserções parentéticas e as digressões na fala do idoso /  
Tatiana Cristina Ferreira – Londrina, 2009.  
208f.

Orientadora: Paulo de Tarso Galembeck.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade  
Estadual de Londrina, 2009.

Bibliografia: f. 132-135

1. Interação – Teses. 2. Língua falada – Idoso - Teses. 3. Fala –  
Digressões - Teses. I. Galembeck, Paulo de Tarso. II. Universidade  
Estadual de Londrina. IV. Título.

CDU 801

TATIANA CRISTINA FERREIRA

AS INSERÇÕES PARENTÉTICAS E AS DIGRESSÕES NA FALA DE  
IDOSOS

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação,  
em Estudos da Linguagem, da Universidade  
Estadual de Londrina, como requisito parcial à  
obtenção do título de Mestre.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Paulo de Tarso Galembeck  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Maria Lúcia da C. Victório de Andrade  
Universidade de São Paulo – USP/SP

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Alba Maria Perfeito  
Universidade de Londrina - UEL

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Marli Quadros Leite  
Universidade Estadual de São Paulo – USP/SP

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Regina Maria Gregório  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 27 de Março de 2009.

## **DEDICATÓRIA**

*A Deus, por ter aberto as portas  
e mostrado o caminho. Quem me  
sustentou nos caminhos mais  
difíceis.*

## AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram com palavras, informações, equipamentos, livros e até mesmo um gesto de carinho ou desculpa por não poder me ajudar.

Às pessoas que estiveram presentes em momentos distintos e me fizeram avançar pela ajuda que me dispensaram. Dessas em especial, minha primeira mesa do SEDATA 2007, minha mesa de qualificação e a todos os professores que me deram aula ou curso ou palestra, pois suas ideias foram de grande valia para a progressão da minha dissertação.

Ao meu tutor, petiano, hoje orientador só devo ser muito grata, pois quando tudo parecia perdido, sem solução, lá vinha ele com mais um caminho, uma tentativa, uma solução. Prof. Paulo sou grata por conhecer a pessoa, o professor, o tutor, o orientador, o pai acadêmico, pois com você tenho aprendido muito, principalmente a ter paciência e a nunca desistir daquilo que acredito e quero. Prova disso é mais essa conquista que dedico a você, que sempre acreditou em mim.

Ao meu ex-orientador do PET, Haroldo Bruno, colaborador nesse texto, dedico o fruto dessa conquista, pois a base foi dada por você, amigo, professor, orientador e pai. Por mais que procurassem desfazer nossa aliança, você nunca desistiu de mim, jamais me abandonou, mesmo quando foi afastado, ainda continuou a me orientar. Tentaram tudo para nos abater, mas vencemos, seu fruto está aqui.

Meus pais, por mais que não entendem, mas que de forma particular incentivaram, deram força e me acompanharam, nos momentos mais difíceis.

A minha mãe, em especial, agradeço a garra que tem para lutar contra sua doença, a trabalhar e trabalhar sem se abater. E ao meu pai, agradeço o sonho de que tudo é possível, basta a cada hora ir transformando-o em realidade, conquista dura, mas fruto de muito trabalho honesto.

*“A enorme complexidade do processo de construção de um texto, bem como a ampla gama de atividades que o locutor realiza, tendo em vista a produção de sentidos, buscando controlar pari passu tal processo, no sentido de fazer-se compreendido de seu interlocutor e de (re) negociar com ele os sentidos que pretende ver veiculados. Tudo isso exige o domínio não só de habilidades linguísticas, mas também de um série de estratégias de ordem sociocognitiva, cultural e interacional.”*

*Ingedore Grunfeld Villaça Koch*

FERREIRA, Tatiana Cristina. **As inserções parentéticas e as digressões na fala de idosos**. 2009. 208 fl. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2009.

## RESUMO

O texto trata, numa perspectiva textual-interativa, dos procedimentos de desativação (inserções parentéticas e digressões), no plano do tópico, em diálogos produzidos pelo NURC, na fala de idosos. O estudo tem como base teórica princípios da Pragmática, da Linguística Textual e da Análise da Conversação, presentes nos trabalhos de Galembeck, Marcuschi, Fávero, Jubran, Andrade, na adoção do método empírico-indutivo e do funcionalismo. A pesquisa busca descrições e interpretações qualitativas, mas é na frequência dos dados e na probabilidade das ocorrências dos mesmos (análises quantitativas) que corroboram os resultados. Partimos das ocorrências obtidas em situação real de uso de língua, analisando-las a partir de uma série de variáveis. Nos parênteses, as variáveis dizem respeito a: a relevância (tópica, locutor, interlocutor, ato de comunicação); tipo de estrutura (marcador conversacional, sintagmas nominais, frases complexas, frases simples, pares adjacentes); posição no enunciado (meio, fim); funções (exemplificação, esclarecimento, indicação de desconhecimento do tópico, evocar conhecimento compartilhado do tópico). Já as digressões serão classificadas quanto ao tipo (lógico-experiencial, interpessoal incidental, retórico – didática); quanto à função (interacionais e ideacionais, incluindo-se aqui os marcadores discursivos de introdução e retomada da digressão); quanto à finalidade: contextualizadora de dados, interativa. Quanto aos dados obtidos referentes à digressão, fica nítida a predominância de digressão lógico-experiencial ilustrativa devido ao caráter dinâmico da interação. Os sujeitos trazem para o momento algo evidenciado no tópico anterior, muda o foco do conjunto de relevâncias tópicas para outro marginalmente localizado. Porém, no inquérito D2, devido à relação mais próxima, irmãos, há uma ocorrência, também, elevada de digressão retórica didática explicativa. Vê-se o intuito elevado de esclarecer, ilustrar o dito para que o sujeito permaneça atento e participante no ato conversacional. Nos dados relativos às inserções parentéticas, há uma diferença entre o inquérito D2 396 e o DID 317, na caracterização “formal”, isto é, no inquérito D2 396, nos dados temos: a predominância de parênteses com foco no tópico; já no inquérito DID 317, a predominância de parênteses com foco no locutor devido ao tipo de inquérito, o sujeito tende a voltar os fatos para si e falar de si, há um ego-envolvimento. Porém, quando analisamos a função desses parênteses, percebemos que 90% dos casos são focados no tópico (assunto), voltam-se para o locutor a fim de esclarecer, explicitar o tópico. Desse modo, tanto a digressão, como a inserção trazem a vivacidade ao jogo textual e permite um envolvimento maior dos participantes no ato interacional.

**Palavras – chave:** Interação; Língua Falada; Estratégia.

FERREIRA, Tatiana Cristina. **The parenthetical insertions and the digressions in speak of the elderly**. 2009. 208 fl. Dissertation (Master in Studies of the Language) - State University of the Londrina, Londrina. 2009

## ABSTRACT

The text treats, in a literal-interactive perspective, of the procedures of deactivate (parenthetical insertions and digressions), in the plan of the topic, in dialogues produced by the NURC, in the speech of elders. The study have with theoretical base the principles of the Pragmatic, of the literal Analysis of the Conversation, in an literal-interactive perspective, gifts in the works of Galembeck, Marcuschi, Fávero, Jubran, Andrade, in the adoption of the empiricist-inductive method and under the postulates of the functional Grammar. The research searches qualitative descriptions and interpretations, but it is in the frequency of the data and the probability of the occurrences of the same ones (quantitative analyses) that they corroborate the results. We will start from the occurrences obtained in real situation of use of language and analyzes them from a series of variables. In the parenthesis, the variables concern: the relevance (topical, announcer, interlocutor, act of communication), kind of structure (conversational marker, nominal sintagma, complex phrases, simple phrases, adjacent pair), position in him enunciated (half, end), functions (exemplification, explanation, indication of unfamiliarity of the topic, evoke knowledge shared of the topic). Already the digressions will be classified as regards the kind (logical experiential, incidental interpersonal, rhetorical didactic); as regards the function (interactions and ideacionais to be included the discursive markers of introduction and resumption of the digression); as regards the final (context of facts, interactive). As regards the facts obtained regarding the digression, stayed sharp the predominance of digression logical-experiential illustrative due to the dynamic character of the interaction. The subjects bring for the moment something shown up in the previous topic, changes the focus of the assembly of relevance topical for another marginally located. However, in the inquiry D2, due to the relation more near, brothers, there is an occurrence, also, elevated of rhetorical digression explanatory teaching methodology. It see the design elevated of clear, illustrate him said for that the subject remain aware and participant in the act conversational. In the given relative to the parenthetical insertions there is a difference between the inquiry D2 396 and the DID 317, in the characterization "formal", this is, in the given we have in the inquiry D2 396 the predominance of parenthesis with focus in the topic. Already, in the inquiry DID 317, the predominance of parenthesis with focus in the announcer due to the kind of inquiry, the subject to tend it come back the facts for itself ego-involvement. However, when we analyze the function of those parentheses, we perceive that 90% of the cases centred in the topic (matter), come back itself for the announcer in order to clear, set out the topic. Of that way, so much the digression, as the insertion bring the vivacity to the textual game and permits a bigger involvement of the participants in the interactive act.

**Keyword:** Interaction; Spoken Language; Strategy.

## LISTAS DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Organização Tópica.....	37
<b>Gráfico 2</b> – Organização discursiva linear do DID-317.....	69
<b>Gráfico 3</b> – As relações entre os tópicos do D2 – 396.....	71
<b>Gráfico 4</b> – Sequência de hierárquica dos tópicos do DID-317.....	72
<b>Gráfico 5</b> – Organização discursiva linear do D2-396.....	74
<b>Gráfico 6</b> – As relações entre os tópicos do D2-396.....	75
<b>Gráfico 7</b> – Sequência hierárquica dos tópicos do D2-396.....	77
<b>Gráfico 8</b> – Tipos de digressão no DID-317.....	78
<b>Gráfico 9</b> – Funções da digressão no DID-317.....	83
<b>Gráfico 10</b> – Tipos de digressão no D2-396.....	89
<b>Gráfico 11</b> – Funções da digressão no D2-396.....	94
<b>Gráfico 12</b> – Focos dos parênteses no DID-317.....	107
<b>Gráfico 13</b> – As funções dos parênteses no DID-317.....	116
<b>Gráfico 14</b> – Focos dos parênteses no D2-396.....	117
<b>Gráfico 15</b> – As funções dos parênteses no D2-396.....	124

## LISTAS DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Marcadores de introdução da digressão no DID-317.....	102
<b>Tabela 2</b> – Marcadores de retomada do tópico anterior à digressão no DID-317.....	103
<b>Tabela 3</b> – As inserções nas digressões no DID-317.....	103
<b>Tabela 4</b> – Marcadores de introdução da digressão no D2-396.....	104
<b>Tabela 5</b> – Marcadores de retomada ao tópico anterior à digressão no D2-396 .....	105
<b>Tabela 6</b> – As inserções nas digressões no D2-396.....	106
<b>Tabela 7</b> – Relevância dos parênteses no DID-317 .....	112
<b>Tabela 8</b> – Relevância dos parênteses no D2-396.....	120
<b>Tabela 9</b> – As marcas de introdução de inserção no DID-317.....	125
<b>Tabela 10</b> - As marcas de reintrodução de inserção no DID-317.....	126

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 METODOLOGIA</b> .....	17
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	25
2.1 MECANISMOS DE ESTRUTURAÇÃO E DE COMPREENSÃO DO TEXTO FALADO.....	26
2.2 PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO TEXTO FALADO .....	53
<b>3 ORGANIZAÇÃO TÓPICA NA CONVERSÇÃO DO IDOSO</b> .....	68
3.1 TÓPICOS DIGRESSIVOS, RELEVÂNCIAS E FUNÇÕES.....	78
3.1.1 Os articuladores da digressão .....	100
3.2 AS INSERÇÕES PARENTÉTICAS.....	106
<b>CONCLUSÃO</b> .....	130
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	134
<b>ANEXOS</b> .....	139
<b>ANEXO A</b> - História da Moda .....	140
<b>ANEXO B</b> - DID 317.....	143
<b>ANEXO C</b> - D2 396.....	159

## INTRODUÇÃO

Este trabalho estuda o processo de construção e interação do discurso oral com idosos acima de setenta anos. Pauta-se em teorias sociocognitivas interacionais, em que o processamento textual, quer em termos de produção, quer de recepção, é um processamento estratégico – os sujeitos<sup>1</sup> da interação colocam em ação um conjunto de estratégias para melhor construir o sentido.

Haja vista o reduzido número de obras publicadas acerca desse tema, e também, os poucos estudos a respeito das estratégias de inserção parentética e de digressão<sup>2</sup>, pretendemos trabalhá-las distintas e interligadas, a riqueza dessas no jogo textual-interativo. Além disso, a escolha do tema constitui uma viagem no tempo (1890-1980), com sujeitos que viveram e venceram um período de grandes mudanças<sup>3</sup> (moda francesa, guerra, peste, imigração, migração). Sujeitos que não são apenas os setenta e cinco minutos de gravação ou oitenta, mas o ontem.

O estudo da organização discursiva da fala dos idosos deve-se a um texto mais amplo (contexto: tempo de duração do diálogo), com manifestações nos níveis pragmático (tema), sintático (frases interrompidas), léxico (hesitações e truncamento de vocábulos) e fonológico (presença de pausas). É possível considerar as condições psicofísicas decorrentes do processo natural de envelhecimento ou das condições socioculturais em que esses sujeitos vivem na sociedade contemporânea (1890-1980).

### Ex.1

L1 milinó é milinó é uma lã...  
 L2                   <sup>l</sup>( )  
 L1 de (um)...  
 L2 era uma lãzinha  
 L1 de um gado: : chamado de um : :... um carneiro que  
       chama-se milinó é de uma... é de uma... (deve : :)...  
 não sei se é da Austrália... se não me engano é da  
 Austrália esse milinó... não sei... essa qualidade de:...

<sup>1</sup> É um sujeito social, histórica e ideologicamente situado, que se constitui na interação com o outro. Ele é na medida em que interage com o outro. Ver Koch (2003, p.15).

<sup>2</sup> Ver metodologia.

<sup>3</sup> Ver anexo Modas

de::... de carneiro... milinó... era da...e: : ... mu/havia  
 muita : ... muita chita muita ganga...ganga é uma  
 fazenda: :... o que será a ganga hoje?...: a ganga é::...  
 a ganga regra geral: :... é: : ... vamos ver se tem uma coisa  
 que: :... era uma espécie de de de de de de de de::...  
 de:: - - como é que chama essa esse negócio aqui:: meu  
 Deus do céu?... - - esta::...  
 (D2 – 396 – L.723-737)

Acima, a quebra de fluência<sup>4</sup> no texto do idoso, o excesso de pausas marcam a ruptura no ritmo da linguagem. Decorrente, naturalmente, das hesitações e gaguejamentos, dos truncamentos, das elipses, da refeitura das frases, da introdução de parentéticas, dos anacolutos, com todas as suas consequências nos diferentes níveis de análise, entre os quais o prosódico. Note-se que os momentos de hesitações e pausas em lugares anormais de frase ocorrem, em geral, quando precedem o nome do sintagma nominal. Portanto, podem acontecer com os determinantes (artigos, pronome adjetivos) ou modificadores (adjetivos) do nome ou com as preposições que antecedem o sintagma preposicional.

Prete (1991) acredita que as ocorrências como excesso de pausas e sua presença em locais absolutamente inesperados do discurso. Surgimento de repetições; abandono de segmentos; maior desorganização sintática; sobreposições de vozes; *disfluência*; assaltos e entregas de turno compõem um quadro absolutamente normal, dentro do qual a linguagem do idoso apresenta marcas específicas que podem ser percebidas no campo sintático, léxico e, sobretudo, discursivo ou conversacional.

Trata-se de um comportamento bem característico da linguagem dos idosos, porque envolve diretamente o problema das falhas da memória com relação aos nomes e o que eles significam (nesse sentido, há uma diferença bem marcante com a linguagem das crianças: as hesitações ocorrem por desconhecimento dos nomes ou das estruturas). Por várias vezes, é possível notar o esquecimento, por parte do idoso, de fatores presentes (em particular), e também, a falta de habilidade para falar quando os sinais de fala estão em competição com outros ruídos. A frequência desse comportamento na linguagem do idoso marca bem a construção sintática de seu discurso.

---

<sup>4</sup> A quebra de fluência ou falta de fluência ou disfluência é característica da língua falada, porém aparece mais marcada na fala de idosos.

As condições socioculturais desse idoso são marcadas pelo crescimento dessa classe em 1980. Os idosos viviam em busca de seu verdadeiro papel social, conscientes de seu envelhecimento, preocupam-se, constantemente, em autocorriger; sentem-se desrespeitados com ausência de tratamentos formais; valorizam “seu tempo”, pois sentem dificuldade em analisar o presente sem compará-lo ao passado.

A esse respeito, Preti (2004, p.40) afirma que:

tanto o plano psicofísico quanto o sociocultural, que estamos examinando, deixam reflexos na interação de idosos, seja na construção e desenvolvimento individual do discurso, seja no processo de conversação propriamente dito. Em ambos os casos, deve-se ter em mente não só o grau de intimidade entre os falantes, mas também a vivência ou não de uma mesma realidade passada, que age em maior ou menor intensidade sobre o processo de pressuposição, que é comum na conversação de idosos.

A *disfluência* é uma característica da língua falada. O texto falado apresenta-se “em se fazendo”, ao contrário do que ocorre no texto escrito, no qual o produtor tem maior tempo para planejamento, reformulações, rascunhos, revisões, correções na elaboração. No texto falado, o planejamento e verbalização emergem no próprio momento da interação, isto é, os sujeitos estão em presença, e a construção do enunciado se desenvolve ao mesmo tempo em que os sujeitos interagem.

No discurso falado, os processos de produção e execução são negociados, ao mesmo tempo, pelos sujeitos do texto, em um contexto situacional específico. Todo evento de fala ocorre num dado momento e num dado espaço, o que torna a conversação um evento de fala “especial”, já que se trata de uma interação verbal centrada, produzida durante um tempo em que dois ou mais interlocutores trocam ideias acerca de um determinado tópico.

A respeito disso, Galembeck (1997, p.76) comenta:

[...] o texto falado é planejado localmente, no momento de sua execução: nele o planejamento e a execução se confundem. Esse fato faz com que o texto falado apresente pausas indicativas de planejamento, as quais funcionam como ‘brechas’ para que o ouvinte possa tomar a palavra.

As marcas dos processos de planejamento no desenvolvimento da conversa estão diretamente ligadas ao modo como a atividade interacional se organiza entre os

participantes, isto é, a fala é espontânea e produzida no momento real, dependendo muito da cooperação do outro falante. Desse modo, a correção do texto falado é feita no momento da fala, não há como “apagar” o que já foi dito. Essa organização local e imediata resulta das tais estratégias “especiais” que segundo Koch (2004) facilitam a compreensão, introduzem esclarecimentos, exemplificações, aumentam a força retórica do texto, assinalam relevo a certas partes dos enunciados, como também modalizam aquilo que é dito ou, por vezes, refletem acerca da própria enunciação.

Sobre isso Brait (2003, p.221) acrescenta que

no texto verbal não apenas o que está dito, o que está explícito, mas também as formas dessa maneira de dizer que, juntamente com outros recursos, tais como entoação, gestualidade, expressão facial etc., dizer permitem uma leitura dos pressupostos, dos elementos que mesmo estando implícitos se revelam e mostram a interação como um jogo de subjetividades, um jogo de representações em que o conhecimento se dá através de um processo de negociação, de trocas, de normas partilhadas, de concessões.

A esse respeito é possível dizer que, na interação, a passagem de um tópico a outro se faz marcada, isto é, o locutor deixa marcas que permite o ouvinte relacionar os tópicos. O que na linguagem do idoso nem sempre se faz presente, exigindo um sujeito com maior grau de atenção e compreensão.

A marca constante é a associação de tópicos, por exemplo, ao falar sobre a moda masculina, insere o tópico vestidos de baile femininos, em seguida, roupa feminina usual, depois sapatos, seu tipo, confecção, cor, logo após passa para meias e as variações de meias, sem marcador. Ainda, por associação, fala das meias finas → vestidos finos → vestidos de baile. Assim, exige o contexto cognitivo<sup>5</sup> do outro<sup>6</sup>, pois infere, pressupõe sua opinião, principalmente quando o locutor fala de comportamento, costumes de sua época.

Nesse contexto, as perguntas iniciais são: qual é o papel das digressões e das inserções parentéticas na construção dos textos orais e na interação entre os sujeitos do ato conversacional? Que funções textuais e interacionais desempenham as digressões e as inserções parentéticas, na interação da fala? Com base no trabalho de Preti (1991, 2004) a respeito da Linguagem do idoso; Koch (1991, 2004) e sua concepção de língua, sujeito, texto,

<sup>5</sup> Segundo Koch (2003, p.24) é a união de co-texto, mais situação comunicativa (imediate e mediata).

<sup>6</sup> Outro no sentido de sujeito que co-participa do ato interativo, já que falamos de diálogo.

sentido e Linguística Textual; Fávero (1991, 1993, 2001, 2006) e seus estudos de coesão e coerência; Jubran (1993, 1996, 2006) e as pesquisas de parentetização e inserção; Jubran *et al* (2002) e os estudos de tópico; Castilho (1998, 2004) e os estudos dos processos constitutivos do texto; Andrade (1995, 2001) e a pesquisa da relevância e contexto e o uso de digressão dentre outros, acerca da organização do texto oral, a fim de estudar e analisar o processamento das estratégias textuais e interativas empregadas na construção do sentido textual.

Para chegar a essas respostas temos como objetivo principal estudar as estratégias de digressão e de inserção parentética, no plano tópico, na fala de idosos, numa perspectiva textual-interativa da Língua Falada e da Linguística Sistêmica Funcional. Temos ainda, como objetivos específicos, o estudo dos tipos e funções das digressões e das inserções parentéticas; o estudo do papel contextualizador e fático na interação e na fluência tópica discursiva das digressões e das inserções parentéticas.

Adotamos, para o desenvolvimento desse estudo, as seguintes hipóteses: o fato da fala do idoso caracterizar-se pela falta de fluência (alteração, abandono ou flutuação de tópico); das digressões e das inserções parentéticas tenderem a apresentar uma dimensão contextualizadora; das digressões e das inserções parentéticas encaixarem-se em diversos tipos discursivo-textuais; das ocorrências das digressões e as diferentes interações correlacionarem-se com as manifestações de envolvimento e fluência tópica; e das digressões e das inserções parentéticas terem uma concomitância e ocorrência num determinado tipo textual.

Essa dissertação será composta das seguintes partes:

- Capítulo 1: a metodologia que explica a escolha do corpus e o porquê do caminho histórico do referencial teórico.
- Capítulo 2, o levantamento dos principais trabalhos a respeito da coerência, com o objetivo de tratar as estratégias como relações de relevância. Depois, um levantamento das teorias da linguagem relacionadas ao contexto, na tentativa de explicitar o funcionamento e as inter-relações dos diferentes tipos de contexto que intervêm na construção do significado comunicativo das estratégias de inserção parentética e as digressivas. Ainda, a verificação da noção de

interação para verificar como uma estratégia ou as duas são realizadas, construídas e entrelaçadas no processo interativo. O levantamento da noção de relevância para verificar como se dá a movimentação tópica, como ela se instaura, e qual a sua relação com o *frame*; como um tópico evoca outros tópicos a ele relacionados, ativando inter-relações passadas (experiências concretas do sujeito) e potenciais. E, por fim, o levantamento do processo de construção (formulação) do texto a fim de observar regularidades configuradoras das estruturas, isto é, as estratégias (digressão e inserção) utilizadas para a composição, como também as funções pragmáticas relativas a essas estratégias.

- No Capítulo 3, a análise das ocorrências das estratégias, ressaltando os tipos encontrados no discurso das interações e as funções textuais e interacionais dessas identificados durante a realização de cada ato interativo. A correlação das estratégias, quantificando os resultados obtidos, com o objetivo de constatar evidências que marcaram os dois atos interativos. Em seguida, indicaremos a conclusão, a referência utilizada e os anexos.

Esse estudo é de natureza indutiva, de caráter interpretativo e qualitativo. De certa forma, os dados coletados apontaram os caminhos a seguir, no entanto, as observações de estudos anteriores sugerem algumas expectativas.

Esperamos, no inquérito com mais interatividade inserido em princípios sociointeracionais, que os sujeitos realizem maior número de digressões, haja vista o envolvimento que possa motivá-los, evidenciando inserções parentéticas geradas pelo interesse em participar durante a interação. Há a expectativa de que as estratégias, nos inquéritos, possibilitem um envolvimento efetivo entre os sujeitos e proporcionem ocorrências das estratégias com funções interativas. E ainda, há possibilidade de que no discurso do idoso, as funções das estratégias sejam predominantemente didáticas, como correções, reformulações, ilustrações e explicações necessárias para o desenvolvimento do tópico e do inquérito.

## 1 METODOLOGIA

A metodologia adotada segue o modelo de transcrição utilizado nas **normas da Análise da Conversação** definida pelo Projeto NURC - Projeto de Norma Urbana Falada Culta. São pontos relevantes na anotação utilizada, no quadro das transcrições<sup>7</sup>: as pausas, as sobreposições, os alongamentos de vogais, as ênfases, os segmentos incompreensíveis, os comentários do pesquisador, os cortes de segmentos da fala, a grafia das palavras e a indicação dos sujeitos.

A extrema variabilidade dessa modalidade de língua e o fato de o material ser obtido em situações que, pelo menos em parte, são espontâneas, não-planejadas, a fluidez e a falta de planejamento prévio requerem uma metodologia específica, que dê conta dos fenômenos peculiares a essa modalidade de língua. Adota-se, assim, o **método empírico-indutivo**, essa postura metodológica deve-se à inexistência de modelos prévios, desse modo os modelos serão estabelecidos a partir dos dados obtidos.

7

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou segmentos.	( )	sim...mas.. eh:... vai arrumar a ( ) você põe o quê?
Hipótese do que se ouviu.	(hipótese)	como é que chamava – ( <i>o maître</i> )?
Truncamento (havendo homógrafa, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre).	/	lá para fu/ ...coisa de mil novecentos
Entoação enfática	Maiúsculas	NADAR...mas...como eu nasci na beira da praia... eu trouxe
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r).	::podendo aumentar para:::ou mais	ahn:::... é nós homens:: eu gostava muito de andar de:: usar
Silabação.	-	bas-ton.. jaquetão...era muito bonito...era muito formal
Interrogação.	?	a minha... a meu... a minha concepção?
Qualquer pausa.	...	dele...isto era o Alexandre Marcondes Machado... que
Comentários descritivos do transcritor.	((minúsculas))	((risos))
Comentários que quebram a sequência temática de exposição; desvio temático.	-- --	-- não sei como é que se chamavam esse grampo moderno de agora--...
Superposição, simultaneidade de vozes.	Ligando as l linhas	L1 bom pra escola ti/...ti/ tinha uniforme... L2 l escola normal tinha
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto; não no início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação.	“ ”	“T. como vai?... T. como vai?... como vai os B. como vai?”

Exemplos retirados do corpus: D2 396.

Marcuschi (1986, p.7) diz que a “Análise da Conversação parte de dados empíricos em situações reais”; desse modo não consideramos os “modelos formais”. Segundo Galembeck(1999), é o analista que cria e recria continuamente categorias com uma correspondência real com o objeto do seu estudo. As marcas que mais caracterizam a Língua Falada têm uma correspondência direta e imediata com o contexto, a situação de enunciação e com as condições de produção do enunciado, e não com as categorias do sistema linguístico (em sentido estrito).

Contudo, o estudo não recusa qualquer referencial teórico ou metodológico. Pelo contrário, as características da Língua Falada constituem marcas que orientam o estudo dessa modalidade. Os postulados da **Gramática Funcional** representam um **referencial teórico e metodológico** conveniente para o estudo da Língua Falada, pois vemos a língua como um instrumento de interação e comunicação entre os usuários, e ainda a capacidade desses para utilizá-la e para entrar em interação com os outros.

A execução da pesquisa apresentará alguns pontos passíveis de discussão (tópico, estratégias) porque a unidade adequada para o estudo do texto falado é o tópico discursivo – assunto ou tema da interação –, considerado pelos estudiosos da área como um dos principais norteadores e estruturadores do texto oral. O principal elemento de entendimento do texto falado, pois os sujeitos devem ser coerentes no que dizem e, principalmente, sobre o que dizem (tópico discursivo). Nesse sentido, caracteriza-se por apresentar relações de relevância (princípio da coerência) entre enunciados sequenciais.

É por meio da análise de segmentos tópicos, numa situação real de uso de língua, que analisaremos uma série de variáveis e iniciaremos o estudo das digressões classificadas quanto ao tipo: lógico-experiencial, interpessoal, retórica; quanto à função: demonstrativa, exemplificadora, ilustrativa; participatória, atributiva; elucidativa, manipulatória; tipos de articulação: os marcadores discursivos de introdução e de retomada da digressão, e suas funções interacionais e ideacionais.

Nos parênteses, as variáveis dizem respeito à relevância: tópica, locutor, interlocutor, ato de comunicação; ao tipo de articulação: marcador conversacional, sintagmas nominais, pares adjacentes, anacolutos, elipses, repetições; à posição no enunciado: meio,

fim; às funções: exemplificação, esclarecimento, indicação de desconhecimento do tópico, evocar conhecimento partilhado do tópico.

O *cópus* é constituído pelos inquéritos do tipo DID (diálogo entre informante e documentador) nº. 317 e do tipo D2 (diálogos entre dois informantes) nº. 396, pertencentes, respectivamente, ao *cópus* do Projeto NURC/RJ (Norma Culta – Rio de Janeiro) e NURC/SP (Norma Urbana Culta – São Paulo). Cada inquérito possui, respectivamente, DID-50 e D2-75 minutos de gravação. A idade dos informantes é 70 anos (DID), e 81 e 85 anos (D2).

Segundo Preti (1991) foram realizadas vinte e cinco gravações, a maioria em torno de 15 a 30 minutos de duração, com falantes idosos. No entanto, os inquéritos escolhidos, além de bem mais longo, revelam uma qualidade superior aos demais por ter um contexto mais amplo, o qual permite uma visão mais completa dos fenômenos linguísticos aqui examinados.

A abordagem de um tema rememorativo (Vestuário), com a marcação temporal da documentadora (“como é que era o vestuário da época de vocês”), leva os sujeitos, ao longo do diálogo, a esclarecer fatos, especificar objetos, rememorar pessoas, locais, cujos referentes estão comprometidos com o passado, bem usual. É nesse sentido que a fala do idoso é marcada, exige um sujeito com maior grau de atenção e compreensão para perceber as relações tópicas, pois a fluência<sup>8</sup> da fala interfere em sua organização.

A escolha do tema, “As inserções parentéticas e as digressões na fala de idosos”, deve-se ao reduzido número de obras registradas sobre essa questão. Com relação ao discurso do idoso, um dos trabalhos mais significativos é o do Prof. Dino Preti, autor do livro *A linguagem dos idosos* (1991). Aqui, seguiremos alguns passos dado pelo professor com relação aos vetores da análise porque é fato que o idoso atual (2008) não é mais aquele idoso inativo e marginalizado, e sim participativo, com mais direitos e prioridades.

Esses diálogos não podem ser classificados como conversações espontâneas, já que foram monitorados por documentadores, a quem coube sugerir o **tema**, no caso desses

---

<sup>8</sup> Entender fluência como a continuidade linear do tópico, sem desativações.

inquéritos, **Vestuário**. Porém, especificamente no estudo de diálogos com idosos, vê-se um engajamento efetivo dos participantes na construção do ato conversacional (há continuidade do assunto e momentos de fala do sujeito). Mesmo no caso de diálogo entre informante e documentador há um envolvimento com o dito e interação com o informante.

Como em toda interação, o diálogo ocorre sob determinadas condições “contratuais”. Nesse caso específico, as condições começam antes mesmo do início da transcrição e prosseguem por todo o diálogo. Embora, como já dito, não seja uma conversa espontânea, ela está prevista para transcorrer como se fosse.

No inquérito DID, informante e documentadora instauram um diálogo de caráter informal e institucional. No inquérito D2, irmãos, próximos por laços familiares, estão de acordo em desenvolver um diálogo informal, num encontro que se define como institucionalizado, na medida em que há objetivos definidos e normas convencionalizadas.

Nos dois inquéritos, a informalidade da situação fica por conta da liberdade concedida pela documentadora aos sujeitos a partir do momento em que o tema da conversa é sugerido. Entretanto, o grau de formalidade revela-se por meio de vários aspectos: há a preparação do ambiente, com a presença da documentadora, do gravador e do provável contato que antecedeu o encontro, um tema que não surge espontaneamente, mas é dado pela monitora dessa conversa. E, ainda, a consciência dos organizadores do diálogo de observar a linguagem de pessoas consideradas usuárias da norma culta.

Como houve concessão e liberdade por parte dos participantes do ato conversacional, os participantes não sentem ameaçados ou surpreendidos pela presença da (o) outra (o), o que significa que todos os pressupostos socioculturais que envolvem o diálogo foram obedecidos.

Há os demais aspectos que participam da organização elementar da conversação (Marcuschi, 1986): ocorrência de pelo menos uma troca de turno, presença de uma sequência de ações coordenadas, execução efetuada numa identidade temporal e envolvimento numa interação centrada.

A análise possui, ainda, as categorias de tempo e espaço, dois fenômenos predominantes na organização referencial dos idosos desses inquiridos. O passado é uma orientação para distinguir entre o antes/lá e o agora/aqui. O hoje, nessas análises, é visto o tempo dos diálogos (1975, 1976). Por esse motivo, há a ocorrência de itens lexicais em desuso, que acarretam explicações, definições ou esclarecimentos (inserções). Isso caracteriza um trabalho especial por parte dos idosos em suas interações com indivíduos mais jovens, ou seja, o trabalho de traduzir expressões, identificar locais, organizar os cenários que já não existem. Em consequência, surgem os desvios de rumo na conversa (digressões)

Assim, a fluência na linguagem dos idosos tem constantes interrupções, construções sintáticas cortadas, falhas de memória, hesitações; certo que isso não é exclusivo dos idosos, pois são características, em geral, da fala. Porém, no caso desses inquiridos, os fenômenos ampliam-se e tornam-se mais agudos, uma linguagem rica em estratégias de inserção parentética e digressão, ainda não estudadas em conjunto.

Num levantamento bibliográfico, os estudiosos da área tendem a falar de uma ou outra estratégia, é raro o estudo das estratégias de inserção parentética e da digressão conjuntamente. Assim, iniciamos nossos estudos por Dascal e Katriel (1982, p. 126) sob as estratégias de digressão e das inserções, a última vista como uma “quase-digressão”.

O segundo a ser estudado foi Preti (1991), pautado nos estudos de Castilho (1988)<sup>9</sup>, mostra que a descontinuidade da fala interfere o nível de sua organização, ocorrendo a inserção de segmentos parentéticos que acenam para novos tópicos encaixados, mas não desenvolvidos ou relacionados ao tópico central. Assim, Preti (1991) vê as inserções parentéticas como esclarecimentos (desvios parciais) causadores de um desvio total do tópico central (digressão), muitas vezes, não mais retomado.

A terceira, Koch (1992), sustenta que inserção e digressão são afrouxamento da coerência. Em (2001) discorre apenas sob inserções, e Koch (2004), consolida sua tese de que as inserções são estratégias formulativas destinadas a atuar na organização do texto para facilitar a compreensão dos enunciados pelo interlocutor e/ou provocar a sua adesão àquilo

---

<sup>9</sup> Edição anterior à 2004, da mesma obra.

que é dito, visando garantir sucesso da interação. Contudo, não teoriza a respeito das digressões.

Marcushi (1993) e Fávero (1991, 1993, 2001, 2006)<sup>10</sup>, consideram inserções como digressões, centrando-se no estudo da digressão, porções textuais inseridas no tópico discursivo em curso, que propiciam um parêntese ou interrupção da atividade comunicativa em que o conjunto das relevâncias tópicas associadas ao tema em curso passa a ser marginal (baixa relevância).

Jubran (1996) diz haver um jogo interacional, contido no segmento parentético, o qual contextualiza as proposições tópicas na situação de enunciação e, modalizando-as; interfere no seu conteúdo. O interacional insere-se no texto para assegurar a consistência ao que está sendo dito. Desse modo, considera que o estudo das digressões (fatos de inserção, que denomina parênteses) para Dascal e Katriel (1982) é reconhecer a necessidade de ultrapassar considerações sintáticas e semânticas e de incorporar fatores pragmáticos na análise de coerência textual. Porém, Jubran (1996) concebe o linguístico e o pragmático unidos no texto, já Dascal e Katriel (1982) atenta para a cisão entre enunciado e enunciação. Nesse sentido, Jubran (1996) usa apenas a noção de graus de digressionalidade, porém revista e articulada aos aportes teóricos da inerência dos fatos interacionais nos linguísticos.

A autora acima (2002) considera que, ângulo restrito, as inserções constituem as chamadas digressões, em dois tipos: digressões baseadas no enunciado – amalgamam-se a algum tópico do ato interacional – e a digressões baseadas na interação – não apresentam relação de conteúdo com outro tópico. No entanto, todo seu estudo concentra-se nos níveis de parentetização.

Andrade (1995, 2001)<sup>11</sup> busca seus estudos em Dascal e Katriel (1982) que partem da definição proposta por Keenan e Schieffelin (1976) para estabelecer o que entendem como digressão – uma digressão pode ser caracterizada por duas mudanças tópicas sucessivas envolvendo os mesmos dois tópicos – numa perspectiva interacional e não sintático semântica como propunham as autoras Keenan e Schieffelin(1976).

---

<sup>10</sup> Verifique as referências pois utilizamos edições atuais e anteriores da mesma obra.

<sup>11</sup> Verifique as referências pois utilizamos edições atuais e anteriores da mesma obra.

Contudo, Andrade (1995) precisa do aporte teórico que explicita melhor o caráter dinâmico da relação existente entre língua e contexto, nada melhor que recorrer aos estudos de Halliday (1989) para prever as características linguísticas vinculadas a um contexto de situação, observado sob três aspectos: o campo, o teor e o modo do discurso. Esses aspectos seriam o nível abstrato do contexto, para compreender efetivamente um texto, o indivíduo precisa ser capaz de representá-lo no que se refere às metafunções – ideacional, interpessoal e textual (nível profundo), isto é, qualquer usuário da língua tem um conjunto de recursos de comportamento social contextualizado.

Nesse sentido, Andrade(1995) buscava analisar como a digressão se manifesta e que tipo de relevância ela instaura. Utiliza, dessa maneira, os conceitos de tipo de digressão de Dascal e Katriel (1982) e o conceito de configuração contextual de Halliday (1989), identifica a relevância instaurada para cada tipo de digressão, bem como a função textual exercida durante a interação. Centra-se, assim, nos estudos da relevância e contexto da digressão.

E, por fim, Castilho (1998, 2004)<sup>12</sup>, o único que distingue inserção e digressão, afirmando que as inserções não têm caráter desviante, nem propriedade de centralização e organicidade como a digressão. O autor só não faz um estudo de caracterização entre uma e outra.

Cabe ressaltar que, feito o levantamento bibliográfico, escolheu-se o corpus com temas iguais, mas características formais diferentes (DID e D2; Rio de Janeiro e São Paulo; duração 50 minutos e outro de 75 minutos). Foi ele também, que nos levou à escolha de duas estratégias, que, nesse mesmo levantamento, não encontramos estudadas em conjunto nem como foco dos últimos estudos da área.

Dessa forma, foi também o levantamento bibliográfico que possibilitou verificar que o percurso teórico teria que ser histórico, pois cada autor contribuiu para o surgimento de um questionamento e de mais uma teoria. E esse percurso, também, precisaria valorizar o local de onde surgiu a pesquisa, a conversação – evento comunicativo dinâmico –

---

<sup>12</sup> Verifique as referências pois utilizamos edições atuais e anteriores da mesma obra.

que possui uma flutuação de tópicos discursivos. Flutuação não tida ou sentida como incoerente (coesão, coerência), porque, durante a evolução natural de um diálogo, os tópicos discursivos têm uma série de relevâncias (contexto, interação) que podem ser detectadas e selecionadas pelo sujeito (construtor de estratégias).

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este estudo está pautado na teoria da Linguística Sistêmica Funcional<sup>13</sup>, que entende o conhecimento como um elemento estruturado a partir das experiências do mundo. Assim, toda ação é acompanhada de processos de ordem cognitiva, e o texto resulta de uma série de ações interligadas, isto é, há uma continuidade entre texto e contexto porque não existe separação entre fenômenos da mente e fenômenos externos a ela.

O conhecimento é adquirido em redes, por meio da experiência, assim o que não está explícito, é inferido. Engloba, entre outros, as práticas peculiares ao meio sociocultural em que vivem os sujeitos, bem como o domínio das estratégias de interação que se concretizam por meio das estratégias de processamento textual. Isso permite enfatizar que o planejamento textual é estratégico e corresponde a formas de ação, ou seja, o uso da língua é finalisticamente orientado, voltado para a criação de um efeito de sentido o qual se faz na inserção do texto no contexto.

Assim, faremos, num primeiro momento, um levantamento teórico dos mecanismos de estruturação textual (coesão, coerência, coerência conversacional, tópico, relevância, contexto e interação). Para explicitar qual o funcionamento da coerência na movimentação tópica, como se dá a relevância e qual a sua relação com o contexto, e como o processo interativo trabalha um tópico evocando outros tópicos a ele relacionados, ativando inter-relações passadas (experiências concretas do sujeito) e potenciais.

No segundo momento, faremos um levantamento do processo de construção (formulação) do texto, a fim de observar as regularidades configuradoras das estruturas, isto é, as estratégias (inserções parentéticas e digressões) utilizadas para a composição, como também as funções pragmáticas relativas a essas estratégias.

Esse percurso teórico tem a finalidade de mostrar que o sentido só se faz coerente, relevante, porque ele é partilhado na situação, no processo interativo. Tem o tópico como unidade

---

<sup>13</sup> Ver metodologia.

estruturadora do texto falado, algo que é discutido por vários autores: Castilho (2004), Fávero (1991, 1993, 2001, 2006), Jubran (1996, 2006), Koch (2003, 2004).

## 2.1 MECANISMOS DE ESTRUTURAÇÃO E DE COMPREENSÃO DO TEXTO FALADO

Para tornar explícitos mecanismos de estruturação e de compreensão do texto falado, examinaremos **a coesão e a coerência**, dois princípios importantes da textualidade<sup>14</sup>. Há autores que as distinguem e outros apenas fazem referências a um desses fenômenos. Mostraremos por um percurso histórico das teorias como chegamos aos conceitos de Fávero (2006).

Halliday e Hasan (1976) entendem coesão como um conceito semântico referente às relações de sentido que se estabelece entre os enunciados que formam o texto, isto é, a coesão é obtida parcialmente pela gramática e parcialmente pelo léxico. Porém, acreditam os autores que esse conceito se completa pelo conceito de registro:

uma série de configurações semânticas que estão associadas a classes específicas de contextos de situação e que definem a substância do texto: o que ele significa no sentido mais amplo, incluindo todos os componentes de seu significado social, expressivo, comunicativo, representacional etc. (HALLIDAY; HASAN, 1976, p.26).

Para Reinhart (1980), a coesão é a relação linear existente entre pares de sequência encadeados por referentes ou conectores semânticos, ou seja, o referente deve fazer parte do tópico ou expressão sentencial; diverge de Halliday e Hasan a respeito de coesão, a qual, é obtida num conjunto de significados (lexical, social...). Contudo, a autora afirma que um texto pode não ser encadeado e ser coesivo por meio de relações ou conectores semânticos.

Ainda para essa autora, a coerência aparece no cumprimento das exigências de coesão, consistência e relevância. A consistência exige que cada sequência prévia seja “verdadeira no mesmo estado de assunto (dada nossa suposição sobre o mundo)” (p.164). A relevância constrói-se a partir de duas outras condições: a semântica e a pragmática, diferindo

---

<sup>14</sup> Conjunto de propriedades que fazem com que um texto seja realmente um texto (FÁVERO, 2006, p.101).

das outras, porque se restringe não apenas às relações entre as sequências do texto, mas também àquelas estabelecidas entre as sequências e um tema (tópico discursivo subjacente), bem como suas relações com o contexto do enunciado. Porém, segundo, ainda, a autora, pode ser violada por apresentar alguns problemas.

Beaugrande e Dressler (1981) explicitam mais a teoria de Reinhart, e admitem que para o exame de coesão e coerência, é preciso considerar níveis diferentes de análise. Dessa maneira, a coesão manifesta-se no nível microtextual, pois se refere às palavras que ouvimos ou vemos, as quais estão ligadas, por meio de marcas linguísticas, entre si dentro de uma sequência linear.

A coerência manifesta-se, em grande parte, macrotextualmente, refere-se aos conceitos e às relações subjacentes ao texto de superfície, que se unem numa configuração, de maneira reciprocamente acessível e relevante. Ainda pode ser definida como o resultado de processos cognitivos operantes entre os usuários (sujeitos) e não apenas um traço dos textos. Aciona assim, os processos cognitivos que criam a conexão conceitual, esses processos são chamados de conhecimentos declarativos (memória semântica) e procedimentais (memória episódica), e eles determinam a produção de sentido e, conseqüentemente, a coerência.

Para Van Dijk (1981) e Van Dijk e Kintsch (1983), a coerência trilhou o caminho da relação estabelecida entre unidades no discurso, e também o caminho da propriedade lógica do texto. Mais recentemente, consideram que a coerência se instaura numa situação comunicativa entre os usuários que têm modelos cognitivos comuns ou semelhantes, adquiridos em determinada cultura. Dessa forma, distinguem de partes do texto – enunciados ou sequências de enunciados dentro do texto (coesão local) –, do texto como um todo (coesão global). Consideram, ainda, a coerência semântica, a sintática, a estilística e a pragmática.

Marcuschi (1983, p. 25) considera a coesão uma espécie de semântica da sintaxe textual, analisa como as pessoas usam os padrões formais para transmitir conhecimentos e sentidos. Ao contrário da coesão, a coerência “é a responsável pela formação dos sentidos”, relaciona-se ao processamento cognitivo do texto e fornece as categorias que permitem a análise em seu nível profundo, envolvendo fatores que estabelecem relações causais, pressuposições (MARCUSCHI, 1983, p.52).

O autor ainda afirma que coesão e coerência constituam elementos distintos pelo fato de a coesão não ser condição nem suficiente nem necessária para formar um texto e também, porque pode haver textos destituídos de coesão, mas cuja textualidade se constrói pela coerência. Assim, na análise geral do texto, tanto as condições gerais dos indivíduos como os contextos institucionais de produção e recepção, responsáveis pelos processos de formação de sentido, são comprometidos com processos sociais e configurações ideológicas.

Para Tannen (1984), a coesão é a conexão entre os elementos de um texto, e a coerência é a organização das palavras e enunciados compondo um todo significativo para os participantes de uma situação discursiva.

Giora (1985) faz duas críticas às teorias sobre coerência: primeira, a função da coesão não é condição necessária nem suficiente para a coerência textual; segunda, a coerência não é instaurada linearmente entre pares de sequências e essa é independente da coesão.

Para a autora, coesão e coerência são fenômenos distintos, o primeiro termo refere-se à noção tópica sentencial (tópico-comentário) estabelecida no nível superficial. O segundo termo (coerência) é o tópico discursivo (aquilo sobre o que se fala) e a relevância discursiva (falar acerca do mesmo tema).

Verifica-se um consenso entre os autores de que os fenômenos de coesão e coerência estão inteiramente relacionados ao processo textual (produção e compreensão). Contudo, Halliday e Hasan (1976) trabalham com o termo coerência, teorizam sob coesão, mas sustentam que essa deve ser complementada pelo conceito de registro. Já Reinhart (1980) afirma que para conseguir a coerência textual é preciso cumprir não só as exigências de coesão, mas também de consistência e relevância.

Para Beaugrande e Dressler (1981), Van Dijk e Kintsch (1983) e para Marcuschi (1983), a base da coerência é a continuidade de sentidos em meio ao conhecimento ativado pelas expressões do texto por modelos cognitivos ou processos cognitivos. Na visão de Tannen (1984), a coesão contribui para o estabelecimento da coerência, mas não garante

sua obtenção. Giora(1985) mostra que a coesão não é um fator independente, mas nem submisso à coerência, pois sua função é auxiliar a marcar ou a identificar o tópico discursivo.

A partir dessas ideias, Fávero (1991/2006)<sup>15</sup> ressalta que a coesão deixa marcas formais na estrutura lingüística, ela se manifesta na sequência textual, na superfície do texto em seus aspectos léxico, sintático e semântico e, outras vezes, é subentendida. A autora mostra em seus estudos uma frequência nos tipos de coesão (referencial, recorrencial ou sequencial). Já a coerência, define-a como um princípio de interpretabilidade do texto, envolvendo fatores de ordem cognitiva, lingüística e interacional. A coerência é uma possibilidade de sentido e de compreensão que se concretiza nas relações interativas entre os usuários na construção do texto.

Cabe, ainda, salientar as palavras de Fávero (2006, p. 77):

para chegar à compreensão do texto como um todo coerente, é necessário que sejam trabalhadas não só as relações coesivas (a coesão é decorrência da coerência e a concatenação linear não é garantia de um texto coerente), mas, e *principalmente*, as de conexão conceitual-cognitiva.

Assim, os elementos de coesão manifestam-se na estrutura da sequência superficial do texto e os elementos de coerência tratam do processamento cognitivo do texto, além de permitir uma análise mais profunda (macrotextual). Nesse aspecto, a coerência é construída localmente, ela é propriedade daqueles que interagem, pois para haver entendimento entre os sujeitos, eles precisam ser coerentes no dizer e sobre o que dizem (tópico discursivo).

Por isso, para muitos pesquisadores estudar a **coerência conversacional** é um ato necessário para ir além das considerações sintáticas e semânticas, por integrar fatores pragmáticos para conseguir realizar uma análise do discurso de modo abrangente. Aliás, a coerência conversacional depende de outros elementos, como sujeitos dentro de uma situação interativa, para construir o sentido.

Sob tal enfoque, a coerência conversacional ocorre durante a atividade dialógica, nas relações interativas estabelecidas, não se dá por meio de um sujeito nem nas relações coesivas (lineares). O fator central é a atividade interacional, a organização tópica. A

---

<sup>15</sup> Nova edição da mesma obra.

coerência se dá quando se sabe do que fala e colabora para o desenvolvimento do tópico discursivo, com consistência e relevância. Na interação, os sujeitos só são coerentes quando se entendem e, baseados nesse entendimento, constroem seu texto conjuntamente.

Dessa maneira, Craig e Tracy (1983) partem de duas perspectivas para o estudo da coerência conversacional: uma baseada em padrões ou regras que os interlocutores seguem com a finalidade de interagir ordenadamente, e a segunda, que vê a coerência como estratégia, considera as intenções e os interesses dos interlocutores.

Para Goldberg (1983, p.25), “a coerência não é uma propriedade das sequências, mas de consistência e relevância proposicional no seu encadeamento”. Isto é, para que se tenha coerência, é necessário haver consistência, relevância e ordem entre os enunciados, ou seja, depende dos sujeitos e da própria situação de interação.

A partir das ideias de Goldberg (1983) postulou que o princípio da coerência é um produto de relações de relevância entre enunciados sequenciais e, na combinação de enunciados, resultante de uma interdependência semântica (associativa, exemplificativa) ou pragmática, pode-se acionar estruturas do conhecimento (*frames*), produzindo efeitos contextuais que revelam domínios de relevância.

Assim, ao considerar a base desse estudo da pragmática, fica claro que faremos o estudo e a descrição das ações, que os usuários da língua, em situações de interlocução, realizam por meio da linguagem, e consideram esta atividade intencional e social, visando a determinados fins.

Nessa linha de pensamento, Goldberg (1983) postula, ainda, um modelo descritivo que serve para captar e delimitar o conjunto de técnicas que os sujeitos empregam para agir ou entender o que foi dito. Enfatiza o momento local da conversação e mostra como os interlocutores marcam suas falas quando intencionam dar a entender algo.

O modelo descritivo, segundo a autora, é mais adequado para dar conta da coerência conversacional, já que faz refletir sobre os problemas de concatenação em termos de consistência, relevância e ordem. Isso permite que se analise o discurso não apenas em sua linearidade, mas, principalmente, em sua sequencialidade (quadro tópico), isto é, o quadro tópico possui duas dimensões: a linear e a vertical.

A linear refere-se às articulações entre tópicos em termos de proximidade na linha discursiva e está ligada à introdução de informações novas. A dimensão vertical refere-se às relações de interdependência que se estabelecem entre os tópicos de acordo com a maior ou menor abrangência do assunto e permitem dizer que há níveis na estruturação dos tópicos, isto é, subtópicos, tópicos e supertópicos, que constitui o quadro tópico.

Do ponto de vista teórico, segundo Korolija (1998, p.94) <sup>16</sup>:

os planos de coerência podem ser pressupostos para interagir em vários caminhos nas multipartes específicas da conversação. É raro o caso em que a conversação limita-se um único plano. Os planos de coerência não são organizados hierarquicamente, como ocorre com o tópico. Isso é devido ao processo conversacional possibilitar as inferências, as pressuposições nas diferentes atividades, tipos de interação ou relacionamentos entre os sujeitos e os planos da coerência conversacional. Além disso, os participantes parecem estar habituados a alcançar a coerência nesses vários planos, parecem ser orientados por meio da organização hierárquica do tópico nos vários planos em que são conduzidos e que são descritos simultaneamente.

Para a análise desses planos tópicos, desse fluxo de fala, o modelo descritivo permite identificar as fronteiras tópicas bem como as digressões e inserções. Dessa maneira, retrata e identifica o andamento do discurso e as evidências das ligações referenciais. Partindo da base que os sujeitos negociam tópicos e outras coisas enquanto interagem, não havendo possibilidade de predizer estruturas ou sequências.

Fávero (1991/2006) salienta que a conversação se produz dialogicamente, como criação coletiva dos interlocutores. Assim, o texto conversacional é coerente, contudo, por obedecer a processos de ordem cognitiva, muitas vezes, dificulta detectar marcas linguísticas e discursivas dessa coerência, pois ela geralmente não se dá com base nessas marcas, mas na relação entre os referentes. A isso se deve a noção de controle referencial estabelecida com base na organização tópica.

Nessa linha teórica, a **organização tópica** é dependente do partilhamento de conhecimentos entre os participantes envolvidos em determinado evento e das contribuições

---

<sup>16</sup> Tradução feita por mim. Segue original: “[...] the levels of coherence can be expected to interact in various ways in a particular multiparty conversation. It is rarely the case that a conversation coheres on one level only. The levels are not hierarchically organized; rather, conversations in differing activity types exhibit different kinds of interplay or relatedness between these levels. Further, actors seem to be oriented towards organization on several levels in a manner that can be described as simultaneous.”



comum: : elas (sempre) formavam os grupos... de  
 normalistas... então elas ficavam um bocadinho (de::)...  
 um pocadin/... mais expanSIva... mais aBERtas  
 L2 na praça da República  
 L1 [mas sozinha não... é na praça da República...  
 L2 [não é?  
 L1 sozinha não... ( )  
 (L. 287-297, D2-396)

No trecho há vários tópicos que se utilizam de pressupostos, recorrendo ao conhecimento do sujeito, por exemplo, em: “tinha... algumas moças que::... era bem levianas... mas era(m) muito raro” há o pressuposto de que o comportamento geral das moças era recitado. Em “éh que gostavam de dar risada no meio da ru::a...”, o pressuposto é que não era bom costume, na época, uma moça rir em público.

Em “agora::... entre as normalistas é um pouco comum:: elas (sempre) formavam grupos... de normalistas... então elas ficavam um bocadinho (de::...) um pocadin/... mais expanSIvas... mais aBERtas”, o pressuposto é de que as normalistas (estudantes mais avançadas da época) eram as mais liberais com relação aos costumes. Em “na praça da República”, o pressuposto é de que aquele local (sede da Escola Normal Caetano de Campos) constituía um território livre, liberal, dominado pelas normalistas mais avançadas. E, por fim, em “mas sozinha não... é na Praça da República... sozinha não...”, o pressuposto é de que essa liberdade feminina só acontecia quando as moças estavam em grupo.

Assim, o tópico discursivo pode ser definido como “aquilo sobre o que se está falando” (BROWN; YULE, 1983, p.73), ou seja, o tópico é um elemento estruturador da conversação, pois os interlocutores sabem quando estão interagindo dentro de um mesmo tópico, quando mudam, cortam, retomam.

Aquino (1991, p.65-66) observa, ainda, que se trata “do sentido construído enquanto se fala e gerado, também, por atividades as quais o mobilizam e marcam os seus segmentos”. Muitas vezes, a identificação de um tópico discursivo não se dá de modo explícito, já que ele pode apenas ser pressuposto, devido ao referencial não se encontrar no texto, mas no **contexto situacional**.

Nesse sentido, Fávero (2001) diz que o tópico discursivo se estabelece num dado contexto entre sujeitos engajados numa atividade, e que negociam o assunto de sua conversação. Ainda nesse contexto, Andrade (2001, p.184) completa,

a movimentação tópica é inerente à conversação, devido ao fato de que durante a atividade os participantes acionam *frames*<sup>17</sup>, que são negociados e fazem com que os tópicos discursivos sofram alterações, permitindo assim que a interação se efetive graças à elaboração de inferências orientadas por pistas de contextualização<sup>18</sup>.

Assim, as unidades linguísticas referem-se sistematicamente a traços do mundo extralinguístico. Esses traços incluem não só a situação imediata onde as unidades são utilizadas, como também o conhecimento por parte dos sujeitos sobre o que foi dito anteriormente e sobre quaisquer crenças externas relevantes.

Jubran (2006, p.90) ainda afirma que o tópico decorre

de um processo que envolve colaborativamente os participantes do ato interacional na construção da conversação, assentada em um complexo de fatores contextuais, entre os quais as circunstâncias em que ocorre o intercâmbio verbal, o grau de conhecimento recíproco dos interlocutores, os conhecimentos partilhados entre eles, sua visão de mundo, o *background* de cada um em relação ao que falam.

Desse modo, o tópico discursivo é um elemento decisivo na constituição de um texto e sua estruturação serve como fio condutor da organização textual interativa. Assim, os interlocutores centram-se no desenvolvimento de um tópico, que pode ser definido previamente ou introduzido no decorrer da conversação. Em termos de sequenciação e de variáveis graus de pormenorização que os sujeitos comportam nas manifestações verbais, podem ser estabelecidas as propriedades particularizadoras do tópico discursivo: centração e organicidade.

A centração ou focalização diz respeito ao assunto do ato verbal, que é mutuamente conhecido pelos sujeitos por referentes explícitos ou inferíveis. A centração norteia o tópico, de modo que à introdução de um novo tópico corresponde uma nova centração. Ela engloba os traços de concernência (relação de interdependência entre os enunciados), relevância (posição focal assumida pelos elementos) e pontualização

<sup>17</sup> Entendido aqui como esquemas de conhecimentos, quadro interativos de interpretação (FREDERIKSEN, 1981; GUMPERZ, 1982).

<sup>18</sup> Entendido como traços presentes na estrutura de superfície de enunciados, sinalizados pelos falantes e interpretados pelos ouvintes (*contextualization cues*, GUMPERZ, 1982).

(localização do conjunto tido como focal, em determinado momento da mensagem). Os referentes são relacionados entre si e colocam em relevância um ponto determinado do conteúdo que está sendo desenvolvido na interação.

Um exemplo transcrito abaixo, que tem por tópico roupinhas para bebê, inicia com uma pergunta da documentadora dirigida a L1:

Ex.2

- Doc. pra eles... quando eles eram pequenos  
 Loc. [ pra eles... roupa pra eles... desisti... bom... quando eram bebezinhos... era um negócio que funcionava...mas de...  
 Doc. [comprava o quê?  
 Loc. camisinha de pagão... babadorzinho... eh... mantas... sapatinhos... agora... depois de uma certa idade... eu parei de presenteá-los com roupa... porque nunca acertava... ou estava curto ou estava longo ou estava apertado ou estava... eh... larga... então desisti de dar roupa pra eles... então os... eu já tenho sobrinho-neto...claro... agora eu dou dinheiro... eles compram lá o que eles querem... porque eu desisti de ... comprava uma blusa... estava apertada/ pequena... um... então desisti de dar roupas... outro dia... dou pro bebezinho... quando vai nascer... eu dou.. eu compro uma camisinha de pagãozinho... uma minha... uma botinha de... e agora é negócio de alergia... né... então procuro comprar... eh... a botinha... sapatinho de linha... porque não usa lã.. e dou mantinhas de lã a... eh antialérgica... pra todos eles... tudo quanto é sobrinho-neto meu presente é manta de lã... São muitos... são muitos... eu tinha vontade de presenteá-los mais... mas são muitos... quando eu...  
 (L.129-151 – DID-317)

Verifica-se a integração dos enunciados em um conjunto referencial relativo às roupas de bebê, tópico sobre o qual se concentra a interação entre a informante e a documentadora. Os enunciados se inter-relacionam por meio da coesão lexical estabelecida pela presença de lexemas do mesmo campo conceitual (camisinha de pagão, babadorzinho, mantas, sapatinho, botinha), os quais promovem um recorte semântico, que circunscreve o tema vestuário. Essa inferenciação passível de descrição é também chamada de anáfora associativa, isto é, consiste numa configuração discursiva em que se tem um anafórico sem antecedente literal explícito, pressupõe um *denotatum* implícito, inferível do co-texto precedente.

Há, também, mecanismos de articulação textual (depois, então, outro dia, quando, e agora) que costuram a estrutura do segmento (recursos coesivos). E, ainda a posição

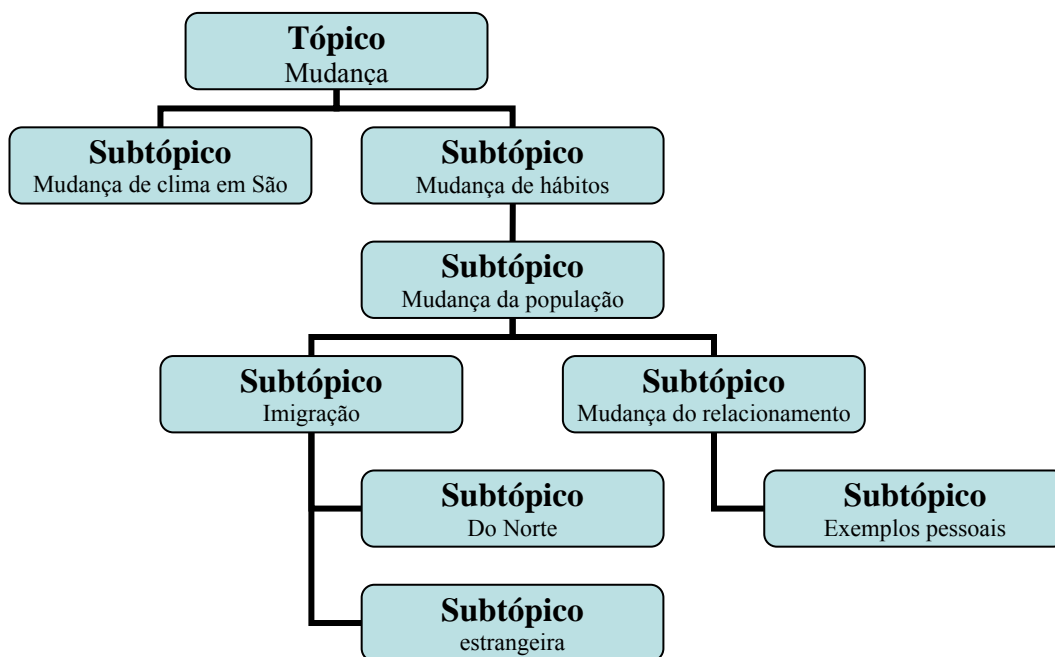
focal marcada por *los*, eles, sobrinho-neto (temas) liga-se à dominância do tópico vestuário, na medida em que especifica as roupas.

A segunda propriedade, a organicidade, é a relação entre tópicos sucessivos ligados a um tópico mais abrangente ou supertópico (plano horizontal) e entre os tópicos mais particulares ou localizados (subtópicos) com tópicos mais amplos (plano vertical). Um exemplo pode ser observado no gráfico abaixo, que reproduz a relação hierarquizada dos tópicos de um trecho do corpus, no qual os sujeitos falam a respeito da mudança de clima. O sujeito se referia ao problema do desmatamento de regiões próximas de São Paulo, quando passa a falar da Segunda Guerra Mundial, e na sequência passa a falar da produção de gasogênio e em seguida, fala das mudanças.

### Ex.3

- L1 então mudou  
 Doc. <sup>l</sup>é capaz de voltar...
- L1 mudou completamente o clima de são Paulo... e os hábitos também mudaram porque houve então... o que aconteceu...houve a : : ... inVASÃO: : de São Paulo... (por)... por por pessoas: : ... não só de fora... principalmente de fora... cresceu muito depois da guerra... imigração... e: :... e do Norte sobretudo do Norte... então aí mudou mudaram-se os hábitos mudou...aquela: : ... eu por exemplo quando ia á cidade... mo: :ço e mesmo depois de casado mesmo depois de ter filho da - - aliás meu filho até esta/... sempre deu/... ch/eh ch/ch/me chamava a atenção nisso - - ... mesmo quando eu vinha do interior de pois de ter morado no interior eu atravessava a cidade... “T. como vai?... T. como vai?... como vai os B. como vai?”...no centro da cidade a gente encontrava ce/cenTEnas de: :... T Odo mundo se conhecia...
- L2 ahn
- L1 até mil nó/até mil novecentos e quarenta todo mundo se conhecia em São Paulo...
- Doc. ( ) éh: :?  
 (D2- 396 – L.617-638)

Ao colocar este trecho no gráfico de tópicos temas:



**Gráfico1** – Organização Tópica

O sujeito, ao referir-se ao desmatamento das regiões próximas à cidade de São Paulo, inquérito D2-396, introduz o tópico mudança de clima e, a partir dele, o eixo mudança, que servirá para conduzir o discurso para a sucessão de subtópicos encadeados: mudança de hábitos, mudança da população, mudança do relacionamento entre as pessoas. Este último subtópico termina com exemplos pessoais e um marcador centrado no tempo (todo mundo se conhecia): em 1940, todo mundo se conhecia no centro de São Paulo, mencionado antes, quando fala da Segunda Guerra Mundial.

Essa análise possibilita a observação da organização textual, que é bem organizada, porém, ela conta com o entendimento do sujeito atento e com boa compreensão do contexto em que se situa a fala, porque alguns tópicos são nomeados de passagem, nem sempre desenvolvidos, como: “imigração...”; “e do Norte sobretudo do Norte...”; “então aí mudou mudaram-se os hábitos mudou... aque- la: :...””; “e mesmo depois de casado depois de ter filhos da “; “no centro da cidade a gente encontrava ce/cenTENas de: :...””.

Além disso, fora do conjunto tópico, existem as estratégias de digressão, que cria novos tópicos encaixados, que Preti (1991, p.36)<sup>19</sup>, considera como inserção de

<sup>19</sup> Ver metodologia.

segmentos parentéticos, porém a inserção não tem propriedade de centração e organicidade, não é desviante, têm sim caráter elucidativo, são facilitadores da compreensão dos enunciados tópicos.

Assim, no exemplo acima, os novos tópicos encaixados, não são desenvolvidos ou relacionados ao tópico central. O sujeito relembra os tempos em que ia ao centro da cidade, e num primeiro momento, alude à época de “moço”, depois à de “casado”, em seguida à dos “filhos”, o que é uma característica de seu discurso. Ao referir-se ao tempo dos filhos, esta ideia associa-se imediatamente à do filho na atualidade, dando origem às digressões, pois não há o retorno ao tópico anterior ao encaixe do parêntese.

Ex.4

“aliás meu filho até esta/...”

“sempre deu/...”

“ch/ eh ch/ ch/ me chamava a atenção nisso...”

As digressões são comportamentos frequentes na linguagem do idoso e uma consequência do tipo de organização tópica, característica do idoso, que acaba por sobrepor ou interromper bruscamente sequências tópicas. Muitas vezes, um simples esclarecimento, ressalva introduzida num segmento parentético é suficiente para um desvio digressivo.

Para os autores citados, o tópico não é construído isoladamente, isto é, os participantes do ato conversacional não utilizam seus enunciados de forma aleatória, mas contribuem para o andamento do tópico, compartilham-no. Dessa forma, a coerência é consequência de os tópicos serem pertinentes ao tópico genérico em curso, não é causa da pertinência entre tópicos e subtópicos. A pertinência e a **relevância** desses tópicos são reconhecidas pelo sujeito ao participar do ato interativo, ao aceitar as regras do jogo conversacional, pois para que o processo de comunicação tenha êxito, não basta que o interlocutor conheça e reconheça o significado linguístico codificado. É imprescindível que seja capaz de inferir qual é o significado que o outro pretendeu dar e, portanto, o conteúdo que desejou transmitir.

Um **processo de inferência** pode recuperar uma interpretação pertinente que conduza ao efeito desejado pelo sujeito. Assim, a inferência é o processo que cria uma suposição a partir de outra, isto é, é o tipo de relação que une duas suposições. Uma suposição define-se como cada um dos pensamentos que o indivíduo tem catalogado como representações do mundo “real”, ou seja, representações diferentes das opiniões pessoais, dos desejos, das crenças. Assim, é possível perceber que, no ato verbal, os sujeitos desenvolvem o tópico discursivo, transitam de uma relevância central para uma marginal, as inferências são processadas e os efeitos contextuais são produzidos.

A inferência conversacional envolve a construção contextual de *frames*<sup>20</sup> que tornam a comunicação possível devido à efetivação da compreensão. O *frame* da ação significa, por exemplo, o grau de seriedade ou brincadeira em que estão envolvidos na conversação ou atividade social.

Os *frames* também podem distinguir partes dentro da conversação, produzindo trocas de posição (*footing* – Goffman, 1981), isso ocorre porque o *frame* também pode ser considerado como quadro tópico, isto é, há um princípio de organização que governa eventos sociais e o envolvimento subjetivo dos sujeitos inseridos no ato conversacional. Dessa forma, o quadro contém um conjunto de instruções para que os sujeitos possam entender o discurso e interagir, desenvolvendo-o, manipulando-o ou cortando-o. Assim, para Goffman (1981), a posição do interlocutor é a de alguém que busca entender o significado da atividade a partir do contexto situacional.

Segundo Frederiksen (1981), os *frames* são objetos de negociação durante a atividade interacional e são regulados, assim como as próprias inferências, por estruturas conversacionais que se pretende dar aos ditos, ou seja, criar expectativas de participação acerca do jogo conversacional.

Essas estruturas descritas no ato verbal envolvem, segundo Dascal (1982), uma distinção entre o que é “topicamente relevante” – aquilo que está no centro ou foco de atenção do sujeito –; o que é “marginalmente relevante” – aquilo que não é topicamente relevante, mas que está localizado no horizonte do campo de atenção do sujeito –; e o que é

---

<sup>20</sup> A noção de *frame* é baseada em Frederiksen (1981), como conhecimento prévio que é negociado no processo interativo.

“potencialmente relevante” – aquilo que se localiza ao fundo (*background*), no domínio de dados armazenados. Esses três níveis de relevância (tópica, marginal e potencial) apresentam uma inter-relação de natureza dinâmica, visto que os domínios de relevância são hierarquizados.

Para ocorrer a atualização de um tópico discursivo, é preciso evocar outros tópicos ou subtópicos a ele relacionados, ativando, assim, suas inter-relações passadas (experiências concretas do sujeito) e potenciais. Durante a conversação, os participantes são capazes de identificar qual é a atividade e, para dar conta de tal atividade, acionam os sistemas de conhecimento (esquemas ou redes de relação) acessados por ocasião do processamento textual. A ativação de *frame* deve-se ao seu caráter dinâmico, emergente de interações (verbais e não-verbais), e delas se constituem.

Durante a atividade conversacional, os participantes acionam *frames* (padrões de expectativas e hipóteses sobre o mundo, os objetos, as pessoas, as situações, os fatos, as expectativas vividas) que são negociados e fazem com que os tópicos discursivos sofram alterações. Permite-se, assim, que a interação se efetive graças à elaboração de inferências orientadas por pistas de contextualização. Porém, pode haver mudança quanto à relevância, mas essa será percebida graças à observação de como o texto é estruturado.

A relevância tópica é o cerne para o estabelecimento da coerência, de modo que a movimentação tópica é inerente à conversação. Ela é a relação que ocorre entre enunciados e o **contexto**, considerando as pessoas que interagem e que possuem um conjunto de crenças, suposições, os quais devem ser observados em situações concretas. Por conseguinte, algo que pode ser relevante para uma pessoa em um dado momento, poderá não ser para outra na mesma situação, e em outra ocasião poderá não ser para o mesmo indivíduo.

Para explicitar o caráter dinâmico entre língua e **contexto**, Halliday (1978, p.3) afirma que “o contexto intervém na determinação do que dizemos e o que dizemos intervém na determinação do contexto. Assim, na medida em que aprendemos a significar, aprendemos a predizer um a partir do outro”, ou seja, há uma troca de significados entre os participantes na interação, eles conseguem predizer e compreender-se mutuamente, à medida que a interação prossegue.

Vemos claramente isso no jogo das estratégias que entrelaçam o ato verbal. Por exemplo, no caso da digressão lógico-experiencial, verifica-se que o sujeito traz para o contexto situacional algo que é próprio do contexto biográfico e/ou do contexto de conhecimento de mundo. O indivíduo trata de influenciar a constituição do contexto situacional no outro em função de suas metas comunicativas. Neste caso, Hasan (1980, p.115) considera a “negociação individual ou negociação de contexto” em função do quadro de relevâncias que se estabelece na interação

Nesse momento, é preciso deixar claro que o caminho das digressões segue os estudos de Dascal e Katriel (1982), numa perspectiva interacional, como função de condições interacionais. Depois por Halliday(1978) que amplia esses estudos ao explicitar o caráter dinâmico da relação existente entre língua e contexto (três aspectos: campo, teor e modo do discurso), numa perspectiva funcionalista da língua. E, para analisar como a digressão se manifesta e que tipo de relevância ela instaura, buscou-se nos estudos de Hasan (1989) o uso do conceito de configuração contextual e os aspectos ou valores que o especificam. E, por fim, a partir dos tipos e da relevância, recorreremos aos estudos de Andrade (1995) a respeito dos tipos de função textual exercida durante a interação.

Os estudos revelam que ao criar uma digressão interpessoal, o sujeito evidencia o contexto cultural, já que tornam relevantes, motivacionalmente, elementos externos ou regras de conduta da atividade social. E, ao criar as digressões retóricas didáticas ou persuasivas, instaura no contexto situacional, elementos relevantes devido ao seu caráter metalinguístico, isto é, traços referentes ao contexto cultural, biográfico individual ou de conhecimento de mundo.

Ficará mais claro o uso dessas estratégias, no capítulo das análises, mas por ora é visível que o ato verbal não é estático. Sua propriedade fundamental é a dinamicidade, ou seja, os elementos que caracterizam a situação não são idênticos no tempo, mas modificam-se durante a atividade conversacional. Ao dizer que trataremos aqui de estudar as estratégias discursivas, acreditamos que o processamento textual é estratégico, pois, segundo Van Dijk e Kintsch (1983, p.65), o processamento cognitivo de um texto consiste de diferentes estratégias processuais, isto é, “uma instrução global para cada escolha a ser feita no curso da ação”.

Assim, as estratégias cognitivas consistem em estratégias de uso do conhecimento. Esse uso, em cada situação, depende dos objetivos do usuário, da quantidade de conhecimento disponível a partir do texto e do contexto, bem como de suas crenças, opiniões e atitudes. Assim, Van Dijk (1984, p.274) afirma que um contexto é um “transcurso de acontecimentos” e é definido por um conjunto ordenado de pares – “aqui - agora”, visto que se transforma a todo o momento.

Vê-se que o tratamento da linguagem (em termos de produção e recepção) repousa sob a interação produtor – sujeitos, que se manifesta por uma antecipação e coordenação recíprocas, em dado contexto, de conhecimento e estratégias cognitivas. Assim, os produtores, visando à produção de sentidos, fazem uso de uma multiplicidade de recursos além das simples palavras que compõem as estruturas. Porém, “a informação só será relevante para alguém quando interagir, de certa forma, com suas proposições prévias sobre o mundo, quando tem efeitos contextuais (reforço ou contradição) em dado contexto que lhe é acessível” (SPERBER; WILSON, 1986).

As relações entre a informação explícita e os conhecimentos pressupostos (mas tidos como partilhados) são estabelecidas pelas estratégias de “sinalização textual”. Por intermédio delas, o sujeito, por ocasião do processamento textual, procura levar o outro a recorrer ao contexto sociocognitivo (situação comunicativa, *scripts* sociais, conhecimentos intertextuais e assim por diante).

Para estabelecer os diferentes sistemas contextuais (contexto sociocognitivo), Ibañez (1998) parte da dicotomia básica – contexto verbal (co-texto) e não verbal – para afirmar que, para processar o seu texto, o sujeito ativa sua percepção em relação ao ato verbal. Esta, por sua vez, é acionada a partir de um conjunto pertinente de instruções para a conduta verbal na referida situação.

Verifica-se que o contexto situacional determina as condições pragmáticas vigentes durante a interação verbal. Assim, o contexto situacional é a construção cognitiva que o sujeito faz da situação comunicativa (criação individual). Mas, para essa criação efetivar-se, é necessário ativar os demais contextos (cultural, biográfico individual e conhecimento de mundo). Os demais contextos surgem durante o processo interacional, porque os sujeitos “percebem a atividade comunicativa” (IBAÑEZ, 1998, p.356). Eles

empregam conhecimentos contextuais, e tais conhecimentos dependem da constituição do contexto situacional.

Pode-se dizer que, para a construção do significado comunicativo das estratégias (inserção, digressão), torna-se fundamental a observação do contexto situacional. Além disso, cabe levar em conta que os elementos dos demais contextos (cultural, biográfico individual, conhecimento de mundo) afloram, determinando a configuração contextual e as condições pragmáticas vigentes durante a interação verbal. Assim, o contexto manifesta-se por meio de uma forma de relevância (central, marginal, motivacional ou metalinguística), que envolve atividade conversacional quer como presença, quer como saber dos sujeitos.

O saber dos sujeitos contém os parâmetros da interação comunicativa e do contexto social, que, segundo Van Dijk (1998), definem a relevância de cada discurso nos vários contextos e, portanto, também a atenção que lhe deve ser dada e o modo como a informação deve ser processada.

Além disso, particularmente na fala, esses modelos de contexto são dinâmicos, permanentemente atualizados com informação e *feedback* novos. Os modelos de contexto representam as intenções, propósitos, objetivos, perspectivas, expectativas, opiniões e outras crenças dos interlocutores acerca da interação em curso.

Nessa perspectiva, a **linguagem**, é um recurso que produz vários significados simultaneamente, assim, segundo Eggins e Slade (1997), que parte dos estudos de Dascal e Katriel (1982), e depois para Halliday (1978) e Hasan (1980), a conversação possui três camadas de significação simultâneas e interdependentes (ideacional, interpessoal e textual) e essas possuem três metafunções do contexto (campo, teor e modo).

A **função ideacional** distingue-se entre a experiência e a lógica. A experiência relaciona-se ao conteúdo da linguagem (expressão de processos, mundo exterior, mundo dos pensamentos, dos sentimentos). Já a lógica é representada por meio de estruturas lineares e recursivas. Assim, a linguagem codifica a experiência cultural e o sujeito, enquanto o usuário da língua codifica a sua própria experiência, expressa os fenômenos do entorno: as coisas do mundo (pessoas, objetos, ações) e de sua consciência.

A **função interpessoal** reproduz o sujeito como elemento participativo, como elemento integrante de um contexto de situação, tanto ao expressar suas próprias atitudes e juízos como ao tratar de influir no comportamento dos outros. E a **função textual** engloba os significados em relação à mensagem, revela a tessitura do texto e, no dizer de Andrade (2001, p.122), “é a função que a linguagem tem de criar textos, de estabelecer um vínculo consigo mesma e com o contexto: a situação e o texto precedente”, ou seja, uma função intrínseca à linguagem. Acrescente-se que o significado ideacional e interpessoal somente se atualizam em combinação com o significado textual.

Com relação às **metafunções do contexto**, Andrade (2001), toma por base os estudos de Halliday (1978) e Hasan (1980), sustenta que temos três: a primeira, o **campo**, refere-se à ação social que é realizada, e isso inclui o tema em torno do qual o tópico discursivo se desenvolve. A atividade dos sujeitos em um local determinado, bem como os objetivos específicos. Já a segunda metafunção, o **teor**, envolve as relações socialmente significativas entre os sujeitos, em uma situação específica. Torna parte as relações permanentes ou não, o grau de formalidade/informalidade, o envolvimento afetivo e os papéis entre os participantes. E, por fim, a terceira, o **modo**, diz respeito ao canal de comunicação que é utilizado, à escolha da modalidade escrita ou falada da língua, o papel da linguagem na situação discursiva e inclui, também, o modo retórico (expositivo, didático, persuasivo).

Ao escolher o campo, o sujeito da língua ativa o componente ideacional do sistema; ao selecionar o teor, aciona o componente interpessoal, e, ao optar pelo modo, ativa o componente textual. Assim, quando o sujeito codifica a atividade, incluindo o assunto (o campo), projeta o componente ideacional realizado, por exemplo, pela transitividade, e, quando codifica as relações de função na situação (o teor), projeta o componente interpessoal, isto é, a posição do sujeito diante da atividade que está sendo desenvolvida. Já ao codificar as características do canal, projeta o modo realizado pelo foco da informação, por exemplo.

Desse modo, para que os sujeitos se compreendam mutuamente, é preciso que seus contextos cognitivos sejam, pelo menos, parcialmente semelhantes, isto é, seus conhecimentos – enciclopédicos, sociointeracional, procedural – devem ser compartilhados, ao menos parcialmente. Na interação, cada sujeito traz consigo sua bagagem cognitiva (contexto), mas, “a cada momento da interação, esse contexto é alterado, ampliado, obrigando

os interlocutores a se ajustarem aos novos contextos que, sucessivamente, se originam” (KOCH, 2003, p.24).

Ainda segundo Koch (2003), o contexto abrange não só o co-texto, como a situação de interação imediata, a situação mediata (entorno sociopolítico-cultura) e, também, o contexto sociocognitivo dos interlocutores. Esse engloba todos os tipos de conhecimentos (linguístico, enciclopédico, declarativo, episódico (*frames, scripts*), o da situação comunicativa e suas regras (superestrutural, estilístico) arquivados na memória dos sujeitos dentro do ato conversacional, mobilizados no processamento textual. A mobilização ocorre por meio de estratégias cognitivas (inferências, focalização, relevância), sociointeracionais (preservação das faces, polidez, atenuação, atribuição de pausas), e textuais (decisões sobre o seu dizer - marcas, pistas, sinalizações).

Nesse sentido, é no processamento textual que se torna necessário o saber acerca das práticas peculiares ao meio sociocultural em que vivem os sujeitos. Assim como o domínio das estratégias de interação, a preservação da face, representação positiva do *self*, polidez, negociação, atribuição de causas a mal-entendidos ou fracassos na comunicação. Tudo se concretiza por meio de estratégias de processamento textual de ordem cognitiva, sociointeracional e textual.

Em análises preliminares, vimos que, na construção de um texto, instauram-se as inserções parentéticas, e elas exercem um papel importante no estabelecimento da significação de base informacional, sobre a qual se funda a centração do segmento-contexto. Isso significa que a dimensão pragmática do texto materializa a atividade interacional no texto falado, contextualizando-o na situação de enunciação. Confirma-se também que, ao desviar do tópico em que se encartam, os parênteses acabam atuando sobre a dimensão ideacional do texto, pela interferência, age no significado dos enunciados tópicos, pois introduzem dados pragmáticos.

Dentro dessa concepção, vê-se que o contexto passa de co-texto (segmentos textuais precedentes e subsequentes ao fenômeno em estudo), para situação comunicativa e, finalmente, para o entorno sócio-histórico-cultural, representado na memória por meio de modelos cognitivos, que passam a constituir a própria interação e seus sujeitos. Esses são construtores sociais, “o texto passa a ser o próprio lugar da **interação** e os interlocutores,

sujeitos ativos que – **dialogicamente** – nele se constroem e por ele são construídos” (KOCH, 2004, p.33).

Para sabermos qual o papel das inserções parentéticas e digressões na interação, será necessário teorizar acerca do dialogismo interacional, já que o envolvimento é resultante do partilhamento interacional e do dialogismo no sentido mais amplo. Assim, é necessário conhecer a constituição do indivíduo para saber como ele aciona os processos sociocognitivos (contexto) na conversação. E, segundo Bakhtin (1981) nenhum enunciado, nenhuma palavra pode ser falada sem ecoar como os outros os entendem e os utilizam. Dessa forma, a palavra procede de alguém e é dirigida a alguém, serve de expressão a um e ao outro, é o produto da interação entre sujeitos.

Já Chafe (1985), buscando evidências empíricas nos estudos que mostram a relação entre as modalidades falada e escrita da língua, diz que o discurso da interação face a face apresenta três formas de envolvimento, a saber: com o eu – o ego envolvimento –; com o outro – o interlocutor–, dentro da dinâmica da interação; com o que está sendo falado, ou seja, com o tópico em curso, pois a autora acredita que o envolvimento é observável nas ocorrências de fenômenos linguísticos.

Tannen (1989, p.10) acredita que o envolvimento é o resultado bem sucedido da experiência conversacional, “a habilidade de inferir globalmente acerca do que é a interação e o que se espera da participação de alguém; localmente, também, no que cada enunciado significa”. Para autora, o envolvimento na conversação significa partilhamento de convenções de interpretação e cooperação.

Essa visão foi acrescida pelos postulados de Eggins e Slade (1997) que se referem ao envolvimento interacional como um dos grupos de recursos semânticos usados pelos sujeitos para realizar, construir e variar o nível de intimidade na interação. Esses recursos também incluem os sistemas lexicais, observados nos usos de vocativos – indicativos de quem fala com quem –, o uso do léxico ou especializado ou técnico, as gírias e os xingamentos (afrontamentos).

Galembeck (2002), pautado nos estudos acima, diz que o dialogismo desdobra-se na interação verbal entre os sujeitos e na intertextualidade no interior do discurso,

pois se relaciona aos participantes em eventos interacionais e ao estabelecimento de sentido no ato comunicativo.

Contudo, os participantes em eventos interacionais são diferenciados entre interações previamente preparadas e aquelas que não o são. Nas primeiras, os sujeitos têm papéis iguais; nas últimas, tratando-se de eventos e de situações públicas, há objetivos definidos e contextos com normas convencionalizadas. Porém, o discurso em interações, a princípio simétricas ou assimétricas, nem sempre se instaura de uma forma inteiramente previsível, o que significa que os participantes podem mudar a ordem que ocupam nos espaços discursivos interacionais, como veremos na análise do *cópus*.

Ainda, segundo Galembeck (2002), o discurso oral é permeado pelos recursos típicos da interação face a face, isto é, o ser humano se constitui como indivíduo autônomo, mas depende dos outros para construir a própria individualidade, pois tem consciência de si e de sua identidade.

Entretanto, essa noção é adquirida pelo sujeito em interação com outros seres, ou seja, o ser humano institui-se “como um ser único”, mas tem que considerar o outro na interlocução e, o grupo (social) no qual se encontra inserido e do qual faz parte. Nessa pesquisa não faremos levantamentos dos tipos de envolvimento, mas nos pautamos nesses conceitos para verificar a construção de estratégias que fortalecem o processo interativo.

Nessa concepção, Kock (2004, p.33) afirma que

a produção de linguagem constitui *atividade interativa* altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução – e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal.

Nesse sentido, tornou necessário conceituar coesão, coerência, tópico, relevância, contexto e interação para mostrar que o encadeamento tópico é viabilizado por redes de inter-relações, que aproximam os tópicos e garantem a relevância tópica. Uma vez introduzido o tópico na conversação, os conceitos relacionados a esse tópico são nomeados, as associações e conotações das quais os sujeitos têm consciência, são por eles utilizadas durante

a interação. O encadeamento tópico pode ser visto como produto de um tipo de processamento que assegura coesão e relevância tópica aos temas tratados durante a conversação.

Além do foco, o tópico tem como princípio a organicidade do discurso. Quando as pessoas focalizam um determinado ponto, ele adquire *status* de tópico discursivo e é desenvolvido através do princípio da coerência. Consequentemente, esse discurso mostra uma estrutura organizada. Segundo Jubran (2006), a organicidade tópica é a propriedade por meio da qual o tópico é manifestado em relações de interdependência, simultaneamente, no plano hierárquico e no plano linear. No primeiro, o hierárquico, o tópico manifesta-se por relações de dependência de superordenação e subordenação entre tópicos, conforme a abrangência do assunto; no segundo, isso ocorre de acordo com as articulações intertópicas, ou seja, com relação à sua continuidade – abertura de tópico se dá após o fechamento de outro, ou à sua descontinuidade – suspensão, cisão ou expansão de um tópico.

A **continuidade tópica** pode ser observada pela exterioridade dos segmentos, isto é, os segmentos podem ser marcados por um nexos coordenador (e, mas, agora, então...) inicial e, deste modo, seu caráter fica evidenciado, ou pode ser estabelecido implicitamente. Por outro lado, a progressão do texto também é feita por retomadas, e é assim que, por meio de repetições, ocorre a recuperação de elementos enunciados antes das estratégias (inserção e digressão) e necessários ao próprio avanço do texto.

Verifica-se que, após as estratégias, o sujeito na tentativa de tecer um texto adequadamente, vale-se de repetições ou coordenadores para encadear novos segmentos e fazer com que haja progressão textual. A volta ao tópico se dá a partir de marcas formais como repetições de constituintes ou repetições oracionais, isto é, segmentos que já haviam sido mencionados e agora reintroduzem o tópico.

O contrato entre os sujeitos e a ligação entre o enunciado e seu enunciador se mantém com o auxílio da coesão, à medida que o sujeito instaura o enunciado, põe nele marcas que possam levar ao estabelecimento desse contrato interativo. Assim, como já dito, autores como Castilho (2004) e Fávero (2006) afirmam que a coesão é o modo como os componentes do universo textual estão ligados entre si, dentro de uma sequência.

Desse modo, Fávero (2006) afirma que a coesão pode ser referencial, recorrencial e sequencial. A primeira é composta por recursos de substituição (anáfora, catáfora) e reiteração (repetição, sinonímia, hiperonímia, expressões nominais definidas, nomes genéricos). A segunda tem os recursos da paráfrase, paralelismo, recursos fonológicos segmentais e supra-segmentais; e a terceira, sequencial, possui os recursos de sequenciação temporal (advérbios de tempo, conectivos, expressões de tempo, tempos verbais) e conexão (pausas, conectores do tipo lógico ou operadores discursivos). Porém, nesse estudo, limitaremos-nos à coesão textual que diz respeito às repetições (coesão referencial por reiteração) e ao encadeamento por coordenação (coesão sequencial por conexão). Assim, se pensarmos que a repetição sempre visa a uma finalidade, ela apresentará traços de seletividade em relação à sua matriz.

A relação da repetição com a matriz se dá na seleção e marcação de um foco localizado em algum ponto da cadeia de constituintes em relação à matriz. Desse modo, a matriz opera como proposta de composição textual-discursiva, pois é por meio do segmento matriz que o sujeito faz uso de um mecanismo de composição textual, visando a assegurar a condução do tópico discursivo em curso e também a compreensão.

As digressões – porções textuais inseridas no tópico em curso - propiciam uma inserção ou interrupção da atividade comunicativa em que o conjunto das relevâncias tópicas associadas ao tema em curso tem baixa relevância marginal. A volta ao tópico prévio se dá a partir de marcas formais como repetições de constituintes ou repetições oracionais.

Vê-se que as digressões não se situam numa relação sequencial linear de ações, mas num quadro cognitivo de andamento. Assim, como o texto se produz linearmente, é preciso marcar essa progressão textual e, para isso, o sujeito emprega marcas formais que assinalam as condições interacionais, dentre essas marcas tem-se a repetição.

A repetição auxilia a reintroduzir o tópico discursivo, pois tem caráter bidirecional (retrospectivo e prospectivo), já que serve para ressaltar o tópico que ficou interrompido e, ao trazê-lo novamente à tona, faz com que ele tenha continuidade ou progressão. No inquérito DID-317, o sujeito para responder a pergunta sobre o que leva para viajar para a montanha, num querer ser rápido e dizer apenas o necessário, repete várias vezes a palavra *necessário*, *compra*, entre outras. Isso é o resultado do querer explicar, o que leva a

explicitar nomes e lugares, na tentativa de deixar claro o que diz. Elencando inserções após digressões, às vezes, marcadas por repetições ou por coordenadores como: então, logo depois, porque.

## Ex.5

Loc. eu levo o estritamente necessário...porque sempre a gente compra qualquer coisa... por pouco dinheiro que a gente tenha... a gente sempre compra um sueterzinho... compra um *kilt*... compra uma bolsa... sapato não... que meu pé é de japonesa... é minúsculo... eu sou grandona... tenho trinta e três de pé... **então**... na Europa... eu não compro sapato... ah... eu já estive na Argentina... esqueci naquela ocasião... na Argentina e Uruguai... há bem pouco tempo...

Doc. sim... mas... eh:... vai arrumar a ( ) você põe o quê?

Loc. bom... eu sou... nessa... engraçado... eu sou um temperamento muito engraçado... porque pouco... antes da... da viagem... eu já ponho tudo que é necessário... eu tenho uma:... uma bolsinha onde eu tenho uns apetrechos de toalete... então... ali boto... **logo depois** o pijama... roupão... eh... uma roupa eh interna e sapato no fundo... a última hora é que eu boto o vestido... o estrito necessário... **porque** se eu aqui... no Brasil... eu nunca fui muito rebuscada... imagina no estrangeiro... que ninguém me conhece... you decentemente... não é? you decentemente vestida... agora... **depois então** é que eu boto o su/ o que... **de repente**... eu sinto falta... boto... agora ( ) nessa coisa é o estrito necessário... porque... como em sessenta e nove eu paguei uma bruta multa com excesso de bagagem... eu tomei pavor de excesso de bagagem... então eu levo o estrito necessário... um vestido preto pra de noite...um casaco pra de noite... o resto... saia... blusa... compro lá calça comprida... suéter... sempre eu vou... eu fui na pri... duas vezes eu fui na primavera...terceira vez fui no outono... ando sempre pegando um... uns restinhos de... de frio né? casaco... claro... não me lembro mais nada... o necessário...a bolsa... duas... porque sempre a gente traz... **porque** brasileiro compra mesmo... compra pouco... pode o... tanto que eu na/ **no outro dia** eu estava comentando com a M. que: o europeu não dá muita pelota pro turista... TURISTA... turista na acepção da palavra... não digo esses grã-finos que vão... não dão muita pelota pra gente não... o que o brasileiro compra muito... mas compra... coitadinho... coisinha... está em saldo ((riso))... mais baratinho... mais... mas compra... eu... pelo menos... compro.. perfume... adoro... me arre/ me arreberto... me arraso toda... **mas** os meus perfumes...

(DID - 317 – L.28-66)

O sujeito organiza texto com dois tópicos principais: traje de viagem e compras, e a partir deles surgem novos subtópicos agregado a um dos tópicos. As inserções

(“...que meu pé de japonesa... é minúsculo... eu sou grandona... tenho trinta e três de pé...”; “o pijama... roupão... eh... uma roupa eh interna”; “...não é? vou decentemente vestida...”; “... como em sessenta e nove eu paguei uma bruta multa com excesso de bagagem... eu tomei pavor de excesso de bagagem... então eu levo o estrito necessário”) permeiam as digressões (“... o estrito necessário... porque se eu aqui... no Brasil... eu nunca fui muito rebuscada... imagina no estrangeiro... que ninguém me conhece... vou decentemente... agora... depois então é que eu boto o su/ o que... de repente... eu sinto falta... boto... agora ( ) o estrito necessário...”), exigindo um outro com muito saber e atenção.

As repetições e autocorrekções só fazem sentido no processo interacional por constituírem uma forma de segurar o turno<sup>21</sup>, prosseguirem com a palavra. Colaboram para uma sequenciação, da mesma forma que o processo de engate – ocorre quando o interlocutor reconhece a estrutura desenvolvida pelo sujeito com a palavra, resolve completá-la, antes que o outro faça (intenção colaborativa entre os sujeitos). Às vezes, mesmo na fala do idoso, cheia de pausas, as sobreposições podem acontecer nos engates (I):

Ex.6

L2.... o apelido dele era doutor...

L1   <sup>l</sup>doutor Guandê... o apelido

dele

(D2 - 396 – L.41-43)

Notamos um engate de L1, seguido de um sombreamento – falas sobrepostas –, revelando o processo colaborativo. Esse fator é extremamente funcional na conversa do idoso, devido às naturais dificuldades receptivas da comunicação. Assim, as repetições são simples repetições, ou repetições sinônimos ou variações de estrutura. As variações de estruturação são muito frequentes na fala do idoso e indicam a preocupação cooperativa do sujeito em manter o andamento fluente do enunciado do sujeito que está com a palavra.

As variações dos processos de repetição e as autocorrekções, que interferem na continuidade do discurso do idoso, são mecanismos estratégicos que os sujeitos usam para

---

<sup>21</sup> Turno é o segmento produzido por um falante com direito a voz, assinalados na transcrição dos inquéritos por L1 (locutor1) e L2 (locutor 2) (CASTILHO, 2004, p.36).

compensar problemas de disfluência que ocorrem no nível prosódico. Esses mecanismos lhes permitem sustentar o andamento da conversação.

Os marcadores, mostrados em negrito, são introdutores de segmentos textuais que remetem ao tópico prévio. Segundo Castilho (2004), os marcadores conversacionais são delimitadores da unidade comunicativa ou discursiva, tanto no que diz respeito ao uso como à análise linguística. Reconhece dois tipos de marcadores: os interpessoais e os ideacionais. Os primeiros servem para administrar os turnos conversacionais e assinalam: início, passagem, tomada, esforço para manter e encerrar o turno. Já os segundos são empregados pelo locutor para a negociação do tópico discursivo e seu desenvolvimento.

Seguindo essa proposta, pode-se dizer que os marcadores conversacionais que são utilizados diante das estratégias de inserção parentética e das digressões caracterizam-se por marcadores ideacionais e interpessoais. Os primeiros servem para introduzir o tópico discursivo ou dar continuidade a ele: eles apontam para o conteúdo proposicional e revelam o tipo de relação que se estabelece entre as unidades comunicativas. Como são orientados para a ordenação da proposição, desempenham também a função textual, tornando-se encadeadores ou articuladores textuais. Os segundos, interpessoais, sustentam a interação, são utilizados como recursos para a preservação das faces (negativa/ positiva) dos sujeitos.

Sob esse enfoque, são os marcadores que mantêm a progressão textual, pois organizam a volta ao tópico prévio (relevância tópica) após o uso de uma digressão (relevância marginal). Marcam, também, a entrada de uma inserção pois têm características funcionais e complexas devido suas funções ideacionais, interpessoais e textuais.

Essas características funcionais e complexas dão aos marcadores, cumulativamente, propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas. Desse modo, as propriedades sintáticas dos marcadores funcionam anafórica e cataforicamente como nexos coesivos, estabelecem ligações entre as unidades comunicativas. Mas, é por meio das propriedades semânticas que articulam e determinam as relações entre as unidades selecionadas para a manutenção do tópico discursivo. E por meio das propriedades pragmáticas sinalizam a interação, sustentam os papéis sociais e revelam o envolvimento

interpessoal. Portanto, acreditamos que ao conhecer esses elementos que compõem a conversação é possível estudar os processos de construção do texto.

## 2.2. PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO TEXTO FALADO

Ao produzir um enunciado, o sujeito realiza um ato intencional, por meio, entre outros fatores, de marcas para que o texto possa ser compreendido. De acordo com esse enfoque, é possível afirmar que a produção ou a construção do texto é um processo de ação (planejamento e execução) e de interação que envolve seus participantes, no qual são tomadas decisões acerca das palavras a serem utilizadas, e das propriedades que serão acionadas. Os diversos fios de significado do tecido textual intervêm simultaneamente, e funcionam como um reflexo dos contextos de situação em que a linguagem é empregada e dos modos por meio dos quais, um tipo de situação linguística pode diferir de outro.

Dessa forma, como já dito, esta pesquisa centra-se no componente ideacional (inserção) e no componente interpessoal (digressão). Essa linha teórica (sistêmico-funcional) admite que existam diferentes tipos de significados (interpessoal, ideacional) e o estabelecimento de diferentes níveis de significação (gramatical, semântico, discursivo, referente ao gênero textual).

Mas Castilho (2004, p.56) afirma que o Léxico é um conjunto de itens dotados de propriedades semânticas e gramaticais, propriedades essas que são alteradas ou confirmadas no momento da interação discursiva. Esse embasamento teórico vem dos primeiros postulados de Morris (1938): qualquer língua natural se compõe de três módulos (discursivo, semântico e gramatical), interligados pelo léxico.

Assim, o módulo discursivo compreende aquilo que diz respeito às negociações entre os sujeitos implicadas na situação de enunciação. O módulo semântico suporta tudo o que se refere ao sentido. E, o módulo gramatical se ocupa das relações que podemos estabelecer entre as classes, e das funções que as classes desempenham no enunciado. Esse módulo compreende o fonema, o morfema, o sintagma e a sentença, como unidades de cada um desses subsistemas, dispõem cada um de propriedades descritivas.

Desse modo, na base da capacidade linguística, está o sistema pré-verbal, alimentado pela análise da situação discursiva em que os sujeitos operam. O módulo discursivo é o lugar em que tomam decisões acerca do modo de operacionalizar as propriedades gramaticais e semânticas das palavras, por isso é tomado como um módulo diferente em relação ao da Semântica e ao da Gramática.

Esse sistema discursivo pré-verbal faz mediação entre o Léxico e a Semântica e a Gramática. No momento da interação, todo sujeito toma decisões sobre como administrar o Léxico (que palavras escolher, que propriedades suas ativar). Essa administração configura num conjunto de momentos mentais. Três conjuntos simultâneos de instruções, três momentos ou processos discursivos, que não se situam linearmente, mas atuam simultaneamente, ativação, a reativação e a desativação.

O autor considera que o cérebro, ao processar a língua, ativa ao mesmo tempo, seu universo de conhecimentos semânticos e gramaticais, avançando, retrocedendo e abandonando construções que estavam sendo formuladas. Essa atividade dá origem a três processos de construção, antes chamados processos discursivos, constituídos da ativação, reativação e desativação.

A construção por ativação é o processo central de composição da língua, nas suas modalidades escrita e oral. Diz respeito à escolha de palavras, estruturas morfossintáticas e segmentos discursivos com os quais se efetivam o texto. Já a construção por reativação são as várias situações de reconstruções que possibilitam a língua falada, tais como a retomada do tópico conversacional para refazê-lo, descontinuí-lo, para inserir outro tópico ou para omitir aquele que julga prescindível.

Castilho (2004) considera a reativação um momento anafórico do discurso. A construção por desativação é o processo de interrupção no qual, palavras principais são deixadas de lado em detrimento de outras, desviando-se assim, a estrutura temática. Ainda segundo Castilho (2004, p.57), a desativação

é o processo de ruptura na elaboração do texto e da sentença, de que resultam o abandono de segmentos textuais, as digressões, os parênteses, no

domínio da sentença, a ruptura da adjacência por meio de pausas, de hesitações, de inserções, de elementos discursivos, etc.

Assim, é por meio desses três processos que os sujeitos manipulam, em situação de interação, simultaneamente, os módulos discursivo, semântico e gramatical, mediados pelo léxico, formando textos, por meio dos movimentos de ativação, reativação e desativação das propriedades semânticas e gramaticais do léxico.

De acordo com essa premissa, o foco de interesse dos estudos do texto dirige-se para o seu processo de construção. A linguagem, antes vista como simples verbalização, passa a ser analisada em suas condições de produção, pois está diretamente condicionada aos desejos e necessidade de intercompreensão das atividades de construção (formulação) do texto falado.

O texto deve ser focalizado com o objetivo de observar regularidades configuradoras das estruturas, as diversas estratégias utilizadas para a sua composição, como também as funções pragmáticas relativas a essas estratégias, já que fatos interacionais estão constantemente presentes na configuração linguística do texto. Até porque a coerência, no texto falado, deve-se a uma série de ações coordenadas, que, na sua sequencialidade, é marcada por um tópico discursivo e uma série de relevâncias tópicas associadas a ele.

Nessa perspectiva, a suspensão momentânea de palavras principais (ideias relevantes) e imediata ativação de outras (ideias a princípio marginais que passam, agora, a ser relevantes), incluem as estratégias de inserção parentética e o da digressão. Nessas estratégias, construídas por desativação, que se concentra nosso estudo.

As primeiras a serem estudadas serão as estratégias de inserção parentética. Os parênteses, segundo Castilho (2004), não correspondem a uma mudança tópica como a digressão, pois não dispõem das propriedades de contração e organicidade. Eles têm, por isso mesmo, menor extensão textual.

Segundo Braz (2006, p.89), os parênteses

têm grande importância como marca de subjetividade e intersubjetividade, uma vez que auxiliam o falante na formulação de seu tópico e o ouvinte na

compreensão, por apresentarem informações que colaboram na construção e interpretação do texto.

Os parênteses têm um papel importante no estabelecimento da significação de base informacional no qual se funda a centração do segmento-contexto. Ao desviar do tópico encaixado, os parênteses acabam atuando sobre a dimensão ideacional do texto, no significado dos enunciados tópicos, dos dados pragmáticos que introduzem. Suas propriedades formais, segundo Jubran (2006), são pausas iniciais e finais, entonação descendente no final, em contraste com a ascendente na retomada tópica, incompletude sintática do enunciado anterior ao parêntese, marcas de reintrodução tópica, como agora, porque, entre outros.

Sendo a Língua Falada um verdadeiro jogo de relações, ao falar de estratégias, também falamos em inter-relação porque elas se interpenetram. Podemos encontrar inserções parentéticas em digressões, veja o exemplo abaixo, em que os sujeitos conversam a respeito das limitações impostas ao comportamento das moças na sociedade antiga, em especial às estudantes normalistas e de repente surge um termo a ser esclarecido (inserção), e, logo após, explicita-se o tópico digressivo.

#### Ex.7

- L1 (aliás a: :... a escola há ) os diretores (que) fica/  
fiscalizavam o: : diretor inspetor... para que ali não  
houvesse: :... as moças saís/saíssem direitinho sem que  
houvesse nada... e de vez em quando mandavam alguns  
pro/ alguma pra/ algum soldado para espantar o coió<sup>22</sup>  
((buzinas e barulho de trânsito)) que o coió estava  
um bocadinho... (mais) ((buzina))... mais expansivo  
lá vinha algum... naquele tempo nós chamávamos de  
macamBE... macambé era um s/ era um nós dizíamos  
que : : ... ah s/ s/ Portugal exportava para o Brasil duas  
coisas... bacalhau... e macambé... macambé era a guarda  
cívica... guarda CÍvica não é guarda-civil...guarda  
cívica: :... era um batalhão... mandante com a força  
pública...  
Doc. uhn uhn
- L1 mas: : todo ele (ele é) o : : serviço dele era: :... vigilância  
nas ruas ( e certos serviços)... praticamente... era uma  
polícia de vigilância... que tinha outra polícia que era

<sup>22</sup> Coiό é atualmente sinônimo de bobo, mas, no começo do século, o vocábulo foi muito popular, notadamente no Rio de Janeiro de onde se espalhou para outras cidades, no sentido de “conquistador”, “namorador”. Ver mais em *A linguagem do idoso* de Preti (1991, p. 65).

uma polícia só... a polícia militar... então o guarda  
 cívico quase todos eles era/ eram eram: :... eram:::  
 portugueses... QUase Todos eram portugueses...  
 raro o brasileiro... depois então foi suprimida a guarda  
 cívica... e o Washington criou a::... guarda civil... essa  
 guarda civil que existiu até há pouco tempo... foi feita  
 exclusivamente para recepções... e teatros... não tinha  
 outra função... depois passou a... a a a exercer o::...  
 a fiscalização de rua... (a qual) não existia... e::...  
 Doc. e a dona A. a senhora lembra assim de alguma toaLEte...  
 muito bonita que a senhora tenha gosta::do que tenha  
 ficado... na memória?  
 (D2-396 – L.309-338)

Vê-se que a necessidade de esclarecer o significado do vocábulo *macambé* gerou uma digressão, formando um novo tópico chamado *a polícia da época*. A primeira inserção foi “naquele tempo nós chamávamos de macambé... macambé era um s/ era um...”, nela ocorre uma interrupção para o segundo segmento “nós Portugal exportava para o Brasil duas coisas... bacalhau e macambé...”. Terminado o novo tópico *A polícia da época*, o primeiro é esquecido e uma pausa mais longa indica à documentadora que deve tomar o turno, reconduzir o diálogo para o tema *Vestuário*. Esse vocábulo é o motivo para o surgimento das estratégias parentéticas e as digressivas, pois na época importava-se de Portugal bacalhau e polícia civil (*macambé*), pois a maioria dos soldados eram portugueses.

Desse modo, para analisar a parentetização, foram estabelecidas quatro grandes classes de parênteses, tomando por critério o foco sobre o qual incidem predominantemente os fatos de parentetização: parênteses voltados ao tópico, parênteses voltados ao locutor, parênteses voltados para o ato comunicativo e parênteses voltados ao ouvinte.

Os parênteses voltados para o **tópico**, geralmente, têm a função de esclarecimento, analogias, exemplificações, explicitação acerca do tópico. Evidenciam dados expostos nos enunciados topicamente relevantes, a fim de apontar o envolvimento do locutor com o assunto, revelando sua atitude em relação ao conhecimento do que comunica: a de que este se baseia na evidencialidade dos exemplos. Essa atitude gera a confiabilidade no conhecimento, levando, interativamente, à aceitação do que é dito e à esperada adesão do interlocutor.

No exemplo 8, há uma formulação linguística do tópico, isto é, pressupondo desconhecimento de tal palavra, o sujeito insere um parêntese na sua fala, para explicar o termo, a fim de que se efetive a interação verbal.

Ex.8

a vinha algum... naquele tempo nós chamávamos de macambE... macambé era um s/ era um nós dizíamos que: ... ah s/ s/ Portugal exportava para o Brasil duas coisas... bacalhau... e macambé... macambé era a guarda cívica: ... era um batalhão... mandante com a força pública...  
(D2 – 396- L.316-322, grifos meus)

O sujeito, ao perceber a distância entre as suas palavras e a do seu interlocutor, explicita o significado da palavra *macambé* para que não ocorra falha na comunicação.

Os parênteses voltados para o **locutor**, o sujeito se insere no texto que produz, focalizando representações suas a respeito de seu papel discursivo de locutor. As qualificações que o locutor se atribui ou as referências acerca de suas relações com o que diz permitem ao interlocutor a contextualização das condições sob as quais produzem sentidos. Assim, pode indicar o desconhecimento do tópico, à falta de lembrança de algum dado relacionado ao tópico em desenvolvimento; indicação da fonte enunciativa do discurso (minha opinião, meu ponto de vista).

Ex. 9 – Contextualização: O sujeito, por um longo tempo, fala e compara o modo como ela se vestia e as moças de hoje se vestem. Fala que, hoje, elas precisam de um vestido para cada festa e, antigamente, tingiam e colocavam enfeites no mesmo vestido. Nesse momento, fala de como a mãe, ao ficar viúva, fazia as suas roupas.

costurava... não sei até se costurava pra fora... não sei... eu não sei se era ela que fazia ou era alguma costureirinha... isso eu não me lembro... não ... eu lembro que quando aí me  
(DID- 317- L.346-348, grifos meus)

Nesse exemplo, o sujeito não lembra o pormenor – se a mãe costurava –, contudo expressa essa falta de lembrança e continua falando de sua festa de formatura.

Ex.10 – Contextualização: A documentadora pede à interactante que fale das lojas de roupas masculinas. E essa inicia com a sua própria opinião.

porque às vezes a gente quer comprar um... um *blaser* que a gente não encontra na loja de mulher e vai na loja de homem e encontra.. eu go/ eu acho que ainda há ... eu ultimamente não vou mais a lugar nenhum... sabe? eu acho que ainda há uns homens que se rebuscam no vestir... ainda há... alguns... acredito  
(DID- 317 – L.375-380, grifos meus)

Os parênteses voltados para o **ato comunicativo** focalizam dados bastante variados: ruídos ou quaisquer outros fatos que possam vir a perturbar o canal físico ou o contato entre os locutores. Nos textos falados, a interferência de ruídos perceptíveis na gravação ou fatos não-perceptíveis, por ter sido o cópulus coletado apenas por gravação pode acarretar uma ruptura na formulação do texto falado. Assim, quando há no texto referência a esses ruídos ou fatos, ela assume uma forma parentética, suspendendo por momentos o desenvolvimento do tópico, que é retomado após o afastamento desses dados externos.

Ex. 11

de: : que ehn: : não havia essa facilidade de ônibus a toda hora por isso: : ((vozes e ruídos))  
Doc. dona: : A. E em maquiagem? ... vocês faziam?  
(D2- 396 – L.1862-1864, grifos meus)

Ex.12

((barulho de marteladas))  
Doc. ahn ahn...  
L2 ( ) “tem roupa para lavar?”((riso e comentários incompreensíveis)) ( )  
[ e nesse tempo nesse tempo nesse  
(D2- 396- L.1654- 1661, grifos meus)

Nota-se que, no exemplo 11, o parêntese faz referência a algo que aconteceu por meio de um vocativo - dona A - e, na sequência, traz um marcador discursivo, indicador

de continuidade com entoação enfática (E). Logo na sequência, surge uma pergunta relativa à continuação do ato comunicativo - em maquiagem? ... vocês faziam?.

No exemplo 12, o ruído causa dúvidas na documentadora sobre o ato comunicativo, produzindo interjeições – ahn ahn... – no ato comunicativo. Na sequência, há uma incompreensão da fala - ( ) -, uma pergunta sob as intenções e conhecimentos dos sujeitos, depois há, novamente, risos e incompreensões, e por meio da repetição – nesse tempo – volta a falar como lavavam e tingiam roupa no seu tempo.

Os parênteses voltados para o **ouvinte** preenchem uma função fática e são, sob esse aspecto, acentuadamente interacionais. Ao explicitarem relações de contato entre locutor e interlocutor, tais parênteses evidenciam uma “interação centrada”<sup>23</sup>, isto é, de envolvimento conjunto dos participantes do ato comunicativo, na abordagem de temas acerca dos quais concentram sua atenção. Essa função fática realiza-se para esclarecer enunciados tópicos, instaura a convivência com o interlocutor, para testar a compreensão do interlocutor.

#### Ex.13

atulado... que aqui não se usa... né? mas lá... faço um  
sucesso com meus chapéus...  
(DID- 317- L.72-73, grifos meus)

#### Ex. 14

Doc. hum... e roupa?  
Loc. eh... pra terceiros?  
Doc. pra eles... quando eles erma pequenos  
Loc. pra eles... roupa pra eles... desisti... bom...  
(DID – 317 – L.127-130, grifos meus)

No exemplo 13, o sujeito testa por meio de perguntas – entendeu?, é claro?, né? – a compreensão do interlocutor para continuar a desenrolar o tópico discursivo. Já no exemplo 14, a questão formulada pela documentadora, introdutora de tópico discursivo, a resposta da informante, insere um par adjacente pergunta-resposta, pelo qual se esclarece o tópico colocado na pergunta inicial. Esses parênteses funcionam para estabelecer envolvimento com os participantes do ato verbal e com o assunto abordado (tópico).

<sup>23</sup> Goffman (1976.).

A inserção parentética tem uma função acentuadamente interacional, pelo fato de explicar as relações de contato com o tópico, os sujeitos e o ato comunicativo, visando ao fluxo e a coerência no processo conversacional. Ela reflete o processo simultâneo da fala, baseia-se na peculiaridade de a fala acontecer face a face, pois muitas das funções dos parênteses não têm efetividade. Um exemplo, na escrita, é o caso dos parênteses com foco no interlocutor, como se atualizam na fala, eles pressupõem um sujeito presente no ato interacional, é o caso, também, dos parênteses com foco no ato comunicativo. Portanto, o parêntese é uma estratégia relevante na fala.

As estratégias digressivas, também construídas por desativação, seguem os estudos de Andrade (2001), a qual originou suas pesquisas sobre a digressão em Dascal e Katriel (1982), Halliday (1978), Hasan (1980), uma tipologia digressiva adequada à perspectiva funcionalista e interacional. Dentro dessa perspectiva da Linguística Sistêmica Funcional (conversação é um nível autônomo, altamente organizado e simultaneamente semântico e funcional) é que construiremos os estudos sobre as estratégias digressivas.

Assim, segundo Andrade (2001), a digressão pode ser caracterizada como uma porção textual que não se acha diretamente relacionada com o segmento precedente, nem com o que lhe segue, porém, não é acidental nem cria uma ruptura da coerência, devido ser fruto de relações de relevância tópica.

Considerada sob o enfoque interacional, passa a funcionar como uma estratégia por meio da qual se busca um determinado efeito de sentido. Trata-se de uma estratégia por meio da qual os interlocutores conduzem o texto, manifestando na materialidade linguística o quadro de relevâncias acionado na situação enunciativa. Elas se efetivam por meio de marcas formais que apontam para algo que estava no entorno e que agora é inserido no contexto situacional, pois texto e contexto apresentam-se integrados e um serve para predizer o outro.

Segundo Braz (2006, p.87), as digressões

apresentam um importante papel na construção do texto falado, por serem responsáveis pelo esclarecimento de dúvidas e por acrescentarem

informações necessárias ao desenvolvimento do texto, auxiliando a interação do locutor com o próprio texto e os interlocutores.

Vê-se que o contexto situacional determina condições pragmáticas (cognitivas) que o locutor faz da situação comunicativa. O locutor percebe somente aqueles elementos da realidade circundante que considera relevantes para o desenvolvimento da interação, tendo em vista que o contexto situacional é uma criação individual, efetivada pelo contexto cultural, biográfico, conhecimento de mundo. É conveniente, ainda, observar e identificar na atividade interacional, em termos de estrutura, os tipos de situação linguística em que as digressões se estabelecem por meio de metafunções do contexto, as quais possuem três variáveis (campo, teor e modo) interdependentes e complementares, além de apresentarem marcas de subjetividade e intersubjetividade.

Além disso, dessas três variáveis, podem-se determinar os três tipos de digressão: digressões baseadas no enunciado (têm relação com o conteúdo do enunciado principal e a digressão); digressões baseadas na interação (não se relacionam com elementos do conteúdo tópico em curso); digressões baseadas em sequências inseridas (referem-se a uma grande variedade de atos de fala corretivos e esclarecedores).

Assim, com relação à configuração contextual, temos o **campo** que é a motivação da **digressão lógico-experencial**. Essa ocorre por uma mudança de tópico a partir de elementos inferidos como fazendo parte do tópico (tema e horizonte) e a série de relevâncias associadas a ele. O tópico em curso leva o sujeito a trazer algo que estava à margem de sua percepção para **demonstrar, exemplificar** ou **ilustrar** (funções digressivas). Tudo isso para o sujeito evidenciar seu ponto de vista. Um exemplo, abaixo, acerca das mudanças de roupas íntimas masculinas.

#### Ex.15

Doc. [ ( )roupa também do homem também mudou muito... esse tipo de coisa interna... né? de...  
 Loc. é... você sabe que eu tenho uma amiga que já está com filha... uma neta que é estudante de medicina... quan... eu achei tão engraçado quando ela casou... não é? ela me dizendo que o marido tinha cuecas combinando com a camisa... olha... vamos dizer que ela já tenha se ... tenha casado há ( ) mais de vinte... muito mais... que a menina está na faculdade de

medicina... a neta... dá uns trinta e tantos anos... vamos dizer... quarenta... eu achei gra...ça por ela me dizer que o marido tinha cueca combinando com a camisa... que eu achei lindo de morrer... não vi não... mas achei lindo... só de calcular... achei lindo de morrer a cuequinha lá do... do Z. combinando com a camisa...  
(DID-317, Segmento tópico 79, L.647-661)

Nesse exemplo, o sujeito ao lembrar-se de fatos que complementam sua ideia (moda da combinação), interrompe o tópico inicial, alerta a documentadora por meio de pausas (é...) que irá inserir algo do horizonte (cueca combinando com camisa) em paralelo ao tema (roupa masculina). Para demonstrar que pessoas mais novas também usam a moda de combinar tudo, assim evidencia seu ponto de vista.

O **teor** é evidenciado na **digressão interpessoal** por meio de um deslocamento do tópico em curso para a inserção de um elemento de ordem contextual. Tal deslocamento ocorre pela manifestação de algum tipo de “distração” ou “interesse” ocasionado, por exemplo, pela chegada de outra pessoa ou a interferência de algum ruído externo ou a relevância de um objeto presente aos arredores da interação. Ela ainda divide-se em digressão interpessoal incidental e digressão interpessoal imediata.

A digressão interpessoal **incidental** ocorre quando outra pessoa entra na atividade de fala, ou ainda, quando um dos participantes oferece, por conveniência social, algo para beber ou comer. Ou seja, por convenção social há a participação de uma pessoa, daí a função **participatória**. Veja o exemplo abaixo:

digo... não perdi noite de sono os criando ((fala feminina deseja alguma coisa?)) não... um cafezinho... não quer  
M. H.?  
(DID-317, Segmento tópico 18, L.112-114)

Nessa conversa, os interlocutores estão falando da criação de adolescentes (filhos), porém são interrompidos pela empregada (participatória) que pergunta se elas não querem beber algo. Nesse momento, tem-se uma digressão interpessoal incidental, tendo em vista estar relacionada a um fator contextual (empregada deve servir aos patrões e visitantes – normas sociais). Assim, há uma suspensão do tópico original (criação) para dar atenção a empregada, mas logo, instaura o tópico original por meio da repetição do que se falou antes da chegada da empregada (“não perdi noite de sono os criando...”).

A digressão interpessoal **imediate** aparece quando um dos sujeitos enfoca, imediatamente, um elemento a partir do contexto de situação.

Doc. essa moça que serviu o café aqui pra gente... ela estava com um traje...

Loc. é empregada da M.... né? porque a M. é inglesa... minha filha... você sabe que nessa casa se usa lavanda?

Doc. e é?

Loc. usa sim...

(DID-317, Segmento 97, L.824-829 – grifos meus)

Nessa conversa, o sujeito conta de um jogo que faz com suas colegas em casa e que sempre pede para as empregadas servirem o café e depois se retirarem. Nesse momento, a documentadora tenta voltar ao tópico “Vestuário”, inicia a fala sobre o traje da empregada, mas, o sujeito lembra a cultura da dona da casa e do cheiro de lavanda que a empregada usa na casa.

Porém, a documentadora consegue voltar ao tópico por meio de pausas. Há uma mudança no domínio da relevância provocada por um elemento de ordem contextual (a lavanda que a empregada usa na casa), porém, a compreensão não é prejudicada, porque há um consenso entre os participantes da ação verbal.

O **modo** é motivado na **digressão retórica**. Nela, tem uma pausa no fluxo textual efetivada pela necessidade do sujeito de solicitar, por exemplo, um esclarecimento ou pedir uma informação. Contribui para tecer a produção linguística e divide-se em digressão retórica didática e digressão retórica persuasiva.

A digressão retórica **didática** serve de elucidação de algum problema, por exemplo, correção da fala, informativo, clarificador, e é muito relevante no processo interacional, pois não deixa dúvidas ou falta de entendimento no ato interacional.

L1 e:... depois então:: quando entraram para cá os:... os sírios em quantidade os sírios nós dizíamos turcos...

Doc. uhn uhn

L1 <sup>l</sup> não eram turcos eram sírios libaneses et cetera...  
então: : quase todos eles se localizaram na rua Vinte e Cinco de março... que passou a ser considerada a rua vinte e cinco por cento... ((risos))... sabe por quê?...  
então: : vinte e cinco por cento porque naquele tempo a lei de falência... admitia que o sujeito fizesse uma

- concordata pagando até vinte e cinco por cento dos débitos: :...
- Doc. uhn uhn...
- L1 então: : to/ sírio: :... todo sírio abria uma concordata
- Doc. certo
- L1 abria uma falência e depois da / na falência propunha uma concordata e pagava vinte e cinco por cento...
- Doc. uhn...
- L1 e guardava o setenta e cinco por cento e ficava rico... ((ri))então era... rua vinte e cinco por cento... depois então esse o::: o ::: ministro Marcondes... fez uma lei de falências:::.... exigindo pelo menos...
- Doc. uhn
- L1 uma porcentagem muito maior... (que)... acabou-se... (Segmento tópico 36, D2 - 396- L.681-703, grifos meus)

Ao fazer o trocadilho da Rua Vinte Cinco de Março para vinte e cinco por cento, o sujeito busca certificar-se do conhecimento do outro e, antes da resposta, tenta sanar a dúvida e garantir a inteligibilidade do discurso por meio de uma explicação didática (com todos os pormenores). Assim, após fornecer os devidos esclarecimentos, volta ao tópico de origem.

A digressão retórica **persuasiva** é uma forma de manipulação do dito para que o outro aceite suas colocações. Essa manipulação ocorre por meio de pistas de contextualização (marcadores, entonação, pausas) deixadas no encaminhamento do jogo conversacional.

Ex. 19

- L2 <sup>l</sup>**naquele tempo** se usava até:: FAIxa de cor((riu)) aqueles vestidos com faixa de cor né?... éh com fi::tas e tudo... **agora**:: a gente escolhia uma::: melhor costureira não é? ( ) ...
- L1 <sup>l</sup>e discreto...
- L2 (né?)
- L1 <sup>l</sup>e realmente pouco decotado um decô/ um decote MEio decote... (e)difícilmente se via (uma::)((ruídos de manipulação do microfone))... uma toalete com a decote completa... era meio decote... não passava... não chegava à raiz dos seios...
- Doc. uhn uhn...
- L1 e::... por vezes tod/ ... **às vezes** rendado mas sempre ... sempre tinha por baixo um:::
- L2 reCAto... não é?

L1 existia sempre nunca nunca era transparente sempre  
 existia um:... um:::  
 Doc. <sup>l</sup>certo  
 L2 eram recatadas as moças ... é::...  
 (Segmento tópico 19, D2-396- L.354-372, grifos meus)

Os locutores, nesse exemplo, acabam por colocar suas ideias de como no seu tempo era usado vestido discreto, nunca transparente, era meio decote. Fazem uso da manipulação, provocando pausas no fluxo informacional para preparar o interlocutor a aceitar sua ideia.

Assim, emerge um dado novo devido à percepção dos sujeitos, e, ainda, evidencia que o quadro discursivo se compõe de elementos centrais e marginais passíveis de se tornarem focais devido a uma escolha realizada durante a atividade conversacional. Durante esse percurso, pode-se perceber que a digressão deve ser considerada um procedimento que só tem razão de existir na atividade interacional.

É na análise da estruturação do texto que se encontra a explicação para o funcionamento dos segmentos digressivos e qual o seu real valor na configuração contextual. A digressão focaliza aquilo que está no campo de percepção do usuário da língua naquele dado momento, sendo fundamental a observação do contexto situacional e da verificação de que elementos dos demais contextos (cultural, biográfico, conhecimento de mundo) afloram, determinam a configuração contextual e as condições pragmáticas vigentes durante a interação.

Dessa forma, uma digressão sempre está relacionada a um tipo de mudança tópica relativa a um domínio de relevância. No entanto, sempre há volta ao tópico prévio, (principalmente nesses inquéritos que possuem o sujeito condutor do tema proposto inicialmente) e ao seu domínio de relevância. O sujeito deixa pistas de contextualização no percurso discursivo que levam a um processo de inferências, associações a partir do estabelecimento de um determinado *frame*.

A estrutura da fala (evento de comunicação) está, de forma direta, ligada ao contexto, e determina o sentido na interação. Então, para delimitarmos os tópicos digressivos, é preciso desdobrá-los, tendo como propriedades a centração com seus traços de

concernência, relevância e pontualização, e a propriedade de organicidade, tendo como norteadores, contextuais, o campo, o teor e o modo. Pois, por esse conjunto, o sujeito manifesta enunciados a respeito de um conjunto de referentes, concernentes entre si e em relevância com um determinado ponto do dito.

### 3. Organização Tópica na Conversação do Idoso

A partir da segmentação e identificação dos tópicos atualizados em cada segmento, depreendemos, pelo princípio da **centração**, agrupamentos de segmentos tópicos que se subordinam a um supertópico (ST), configurando quadros tópicos (QTs). Estabelecem-se os níveis hierárquicos da organização tópica do texto dada a observação das subordinações sucessivas de subtópicos a supertópicos. A relação que se estabelece entre o supertópico e os tópicos co-constituintes é denominada **organicidade**. Esta relação se manifesta pela interdependência de enunciados sequenciais que se instauram ao mesmo tempo.

Para descrever a organização tópica da conversação, é necessário examinar a delimitação dos segmentos tópicos, isto é, das pequenas porções tópicas, com base no princípio da **centração**. Para o analista é uma questão crucial delimitar os tópicos, pois nem sempre é tão clara essa segmentação. O sujeito, sim, tem uma consciência intuitiva do tópico e consegue sempre identificá-lo. Mas o analista aponta o tópico devido à relação deste com a manutenção do tema e da relevância. A organização tópica centra-se em segmentos tópicos.

Cabe ressaltar que a inserção parentética não pode ser estudada por meio da organização tópica, pois não tem caráter desviante, nem propriedade de **centração** e **organicidade**. Assim, nos pautaremos no estudo tópico da digressão nos inquéritos: DID 317 (diálogo entre um informante e uma documentadora) e D2 396 (diálogo entre dois informantes) pertencente ao projeto NURC/SP e NURC/RJ. Nesses inquéritos, o tema sugerido pelas documentadoras é “Vestuário”, porém não há roteiro previamente estabelecido, tanto é que se colocam à vontade para mudar de assunto ou retornar pontos desenvolvidos na parte inicial do diálogo.

Ao observar os vinte e dois tópicos detectados, percebe-se que o nono tópico, “Vestuário Acadêmico” insere outro tópico digressivo “Valores da época”, o qual surge a partir do tópico “Vestuário Acadêmico”, por isso não chega a formar um novo tópico no trecho em análise (DID – 317) e relacionados no Gráfico 4. E, ainda, para as segmentações tópicas foram verificadas as possibilidades de agrupamento, de acordo com a propriedade de **centração**. Assim, temos:

1- L. 4-9	2- L.10-11	3- L.12-18	4- L.19-22	5- L.23-32	6- L.33-35	7- L.37- 42	8- L.43-48	9- L.49-53	10- L.54-56	11- L.57-64	12-L.65-68	13- L.69-74	14- L.75-80	15- L.81-87	16- L.88-105	17- L.106-118	18- L.112-114	19- L.119-139	20- L.140-143	21- L.144-154	22- L.155-157
Prova de roupa	Prática de esporte	Aprender a nadar	Adora praia	Para montanha	Viagem para Europa	Antes da viagem	No Brasil	Malas e multa	Estações e viagem	Brasileiro Turista	Perfume	Chapéu	Gorro de Astracá	Combinações	Moda jovem	Jovem e diálogo	Café	Presentes	Sobrinho-neto	Alergia	Comparação entre os sexos

23- L.156-162	24- L.163-165	25- L.166-167	26- L.167-170	27- L.171-181	28- L.182-195	29- L.196-204	30- L.205-206	31- L.207-211	32- L.212-216	33- L.217-222	34-L.217-233	35- L.234	36- L.235-252	37- L.253-260	38- L.261-266	39-L.267-274	40- L.275-293	41- L.294-300	42- L.301-309	43- L.310-317	44- L.318-320
Homens	Moda	Cabelo comprido para homem	Exportação de tanga	Comparação: tanga ontem e hoje	Maiô	Homem másculo	Homem rígido	Ser avançado	Manga de camisa	Ambiente	Roupa formal	Época de Faculdade	Respeito aos mais velhos	Dar exemplos	Sobrinho de sete anos	Mãe exemplo	Quando criança	Dificuldade financeira	Ter complexo	Aos sete anos	Meus vestidos

45- L.321-323	46- L. 324-331	47- L.332-336	48- L.337-340	49- L.341-347	50- L.348-354	51- L.355-362	52- L.363-378	53- L.379-388	54- L.389-391	55- L.392-424	56- L.425-435	57-L.436-438	58- L.439-445	59- L.446-456	60- L.457-464	61- L.465-477	62- L.478-484	63- L.485-491	64- L.490-493	65- L.494-508	66- L.509-519
Tecido	Tintura	Relações sociais	Açúcar	Costura	Vestido da moda	Composição familiar	Preocupação econômica	Homens rebuscados	Ler jornal	Comparação: lojas femininas e masculinas	Vitrines	Malha	Loja Tradicional	Guarda-chuva de bolinha	Foulard	Salão de beleza masculino	Masculinidade	Homossexuais	Entrada da empregada	Maquiagem	Horas em salão

67- L.520-532	68- L.533-544	69- L.545-547	70- L.548-572	71- L.577-578	72- L.579-585	73- L.586-590	74- L.591-613	75- L.614-616	76- L.617-628	77- L.629-637	78- L.638-646	79- L.647-661	80- L.662-670	81- L.671-673	82- L.674-685	83- L.686-690	84- L.691-696	85- L.697-709	86- L.710-718	87- L.719-736	88- L.737-744
Cabelo	Processos artificiais	Entrada da empregada	Apresentação solene	Mulher da Sears	Senhoras da sociedade	Mulheres mito	Recursos artificiais	Black Power	Combinações bordadas	Mudança no formato físico da mulher	Espartilho	Cueca	Combinar roupa	Zorba	Cuecas: afeta virilidade	Gueixas	Sunga	Casais homossexuais	Menino de treze anos	Jaquetão	Fraque

89- L.745-758	90- L.759-768	91- L.769-774	92- L.775-783	93- L.784-795	94- L.796-803	95- L.804-814	96- L.815-823	97- L.824-829	98- L.830-836	99- L.837-857
Gravata	Sapato verde	Mulher peruca	Roupa de visita	Relógio	Topázio (anel)	Lenço	Casa de M.	Lavanda	Uniforme preto	Jogo

Gráfico 2 - Organização discursiva linear do DID-317

Cada item desse conjunto tópico forma um QT (quadro tópico), já que eles preenchem as duas condições necessárias de um QT: a existência de um ST e sua divisão em subtópicos co-constituintes (SbTs). Isso numa sequência hierárquica, como aparece no discurso.

Numa organização linear de continuidade tópica temos:

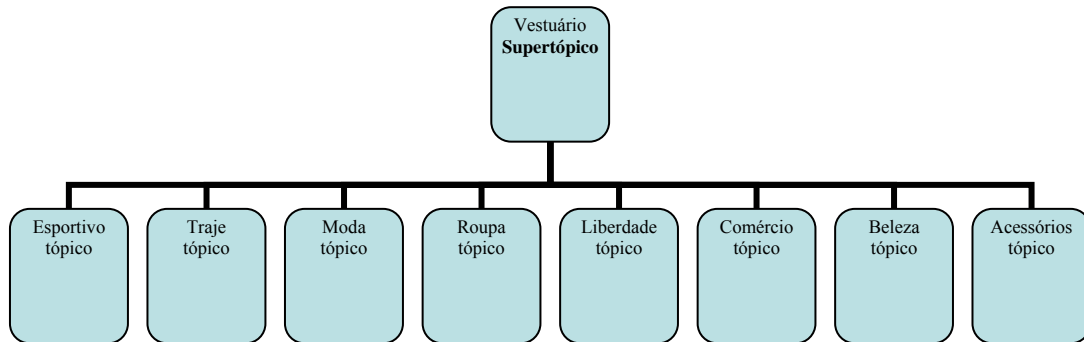
- 1 a 4 centram-se no ST “Esportivo”;
- 5 a 6; 30 a 34; 84 a 86; 87 a 88; 89 a 92; 97 a 99 centram-se no ST “Traje”;
- 15 a 18; 27 a 29 centram-se no ST “Moda”;
- 19 a 21; 49 a 50; 76 a 83 centram-se no ST “Roupa”;
- 22 a 26 centram-se no ST “Liberdade”;
- 35 a 39; 40; 52 a 54; 55 a 59 centram-se no ST “Vestuário”;
- 11 a 14; 41 a 48 centram-se no ST “Comércio”;
- 51 centra-se no ST “Família”;
- 61 a 75 centram-se no ST “Beleza”;
- 93 a 96 centram-se no ST “Acessórios”.

Temos uma série de tópicos e subtópicos, um exemplo são os segmentos de “Traje de viagem”, “Traje formal masculino”, “Trajes de banho”, “Traje solene masculino”, “Traje oficial”, “Traje da serviçal” que são subtópicos co-constituintes do ST “Traje” que é subtópico de “Vestuário”.

Mas é possível perceber, com base na propriedade de centração, que supertópicos passam a subtópicos em relação a um tópico que os abarca (ST), por exemplo, o supertópico “Esportivo” é subtópico de “Vestuário” e, supertópico de “Provas de roupa”, constituindo quadros tópicos de um plano superior. Além disso, percebemos que alguns tópicos ficam subentendidos (Valores da época), principalmente numa série de digressões e inserções que dizem respeito a valores e à situação econômica da época.

No ST “Vestuário”, temos o tópico “Vestuário acadêmico”, no qual o sujeito fala de sua época de faculdade, como vestiam, comportavam para explicitar o respeito entre os mais velhos, e entre pais e filhos. Após esse tópico surgem quatro digressões e oito inserções (“acho que é válido e...”; “mas eu por exemplo respeitava os mais velhos...”) que

revela o valor e o respeito dado ao tempo dos idosos. Essas estratégias instauram um supertópico “Valores da época” que se entrelaçam no discurso, representando todos os tópicos digressivos. Assim, numa sequência linear de continuidade dos segmentos tópicos, o Gráfico 3 mostra a organização linear dos tópicos.



**Gráfico3** – As relações entre os tópicos do DID-317

Essa sequência linear é a busca para sintetizar o pensamento do sujeito, pois sabemos que dentro desses tópicos existem outros subtópicos, partes do dito do sujeito surgem naquele momento. O Gráfico 3 é a prova da riqueza da fala, é possível perceber como um novo tópico está amarrado ao anterior e ao posterior. O sujeito testa a atenção do outro porque não há assunto repetido apenas tema. Por exemplo, quando fala de “Liberdade de se Vestir”, lembra da moda, assim volta a falar de moda sob o aspecto liberdade.

Numa busca por hierarquia, construímos o Gráfico 4, o qual mostra como os segmentos surgem no discurso do idoso. Como o contexto situacional instaura novas relevâncias, novos tópicos dentro de um processo interativo com sujeitos ativos, atentos.

# VESTUÁRIO

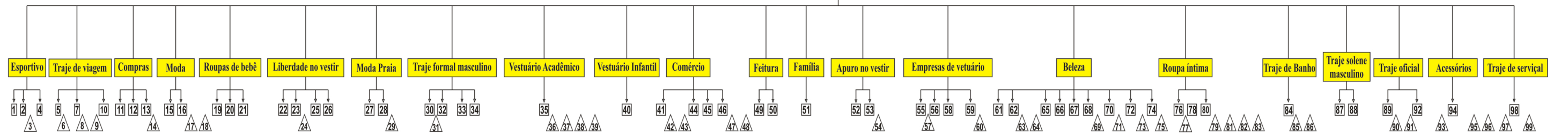


Gráfico 4 - Sequência hierárquica dos tópicos do DID-317

Observado os tópicos do inquérito DID – 317, centramos, agora, no inquérito D2 – 396 diferente do inquérito anterior por ter dois sujeitos, irmãos, viúvos, com uma vida, em alguns aspectos, comum, e também possuir uma documentadora pronta para ouvir e participar desse diálogo. E, também, esse inquérito foi sugerido com tema inicial “Vestuário e diversões”; contudo a relevância dos tópicos está no supertópico “Vestuário” pois a partir dele se fala das roupas para cada tipo de festa ou baile. Entende-se que o tema supertópico do inquérito é “Vestuário” como tentaremos demonstrar na análise tópica.

Dessa maneira, ao detectar os treze tópicos, percebe-se que o terceiro tópico infere um tópico digressivo “Recato das moças”, a respeito do comportamento da moça, insere e faz parte do tópico “Trajes das moças”. Isso ocorre porque o recato só surge frente ao traje que deveria ser usado por uma donzela, do inquérito D2 – 396. Desse modo, tentamos colocá-los na forma linear para entender a estrutura tópica, subtópica, já que o supertópico é o “Vestuário”. Na sequência linear de surgimento tópico, temos:

1- L.1-25	2- L.26-35	3- L.36-49	4- L.50-73	5- L.74-89	6- L.90-111	7- L.112-138	8- L.139-152	9- L.143-178	10- L.180-195	11- L.196-231	12- L.232-241	13- L.242-248	14- L.249-255	15- L.256-306	16- L.307-314	17- L.315-335	18- L.336-353	19- L.354-372	20- L.373-427	21- L.384-385	22- L.428-448
Escola normal	Cinema	Sobrecasaca	Baile	Botinhas	Tecidos de vestido	Calça	Chapéus	Tipos de chapéu	Uniforme	Comportamento	Lovelácia	Namoro	Vassoura	Levar tábua	Diretores	Macambé	Toalete	Recato	Corpinho	Gravador	Tamanho do vestido

23- L.449-460	24- L.461-477	25- L.478-504	26- L.505-515	27- L.516-554	28- L.524-556	29- L.557-585	30- L.586-596	31- L.597-616	32- L.617-649	33- L.650-680	34- L.681-703	35- L.704-717	36- L.718-720	37- L.721-731	38- L.732-739	39- L.740-756	40- L.757-763	41- L.764-775	42- L.776-784	43- L.785-831	44- L.832-839
Banho de camisola	Orientação alemã	Diretores e fundadores alemães	Família	Baile do Internacional	Famílias italianas da alta sociedade	Clima e roupas	Com a grande Guerra	Da lenha à eletricidade	O crescimento da cidade	Comércio	Os Sírios	Negociante de fazendas	Seda	Seda milinó	Ganga	Cassa	Turco	Rua Santa Efigênia	Chantung	Casas da Rua Direita	Casa Mappin

45- L.840-854	46- L.855-861	47- L.862-867	48- L.866-880	49- L.881-907	50- L.908-925	51- L.926-937	52- L.938-941	53- L.942-949	54- L.950-958	55- L.959-973	56- L.974-979	57- L.980-991	58- L.992-1000	59- L.1001-1015	60- L.1016-1163	61- L.1164-1270	62- L.1214-1216	63- L.1271-127	64- L.1278-1302	65- L.13003-1432	66- L.1433-1459
Mappin Loeb	Costureiras	Itapira	Vitrinas	Costureiros e a massa	Figurista	Caniccelli	Boca de sino	Canudo de pito	Sapatos masculinos	Clark	Pronúncia	Sapato feminino	Tipo japonês	Luis Quinze	Filho de professores	Assassinato	Chegada de alguém	Gripe	O espetáculo da gripe	Bárbara	Escola

67- L.1460-1462	68- L.1463-1467	69- L.1468-1483	70- L.1484-1494	71- L.1495-1509	72- L.1510-1522	73- L.1523-1533	74- L.1534-1539	75- L.1540-1546	76- L.1547-1554	77- L.1555-1606	78- L.1607-1615	79- L.1616-1625	80- L.1626-1637	81- L.1638-1652	82- L.1653-1667	83- L.1668-1681	84- L.1682-1692	85- L.1693-1719	86- L.1720-1739	87- L.1740-1750	88- L.1751-1761
Costura	Motor da máquina	Roupas de menina	Festa de casamento	Sapato de Lorde	Vereador	Roupa marinheiro	Terninho	Queimada do terno	Oficial de exército	Zuarte	O Francês	O Maître	Zuarte hoje	Roupas de casimira	Tintureiro	Remonte (sapato)	Espírito de economia	Remendo (roupa)	Tela de borracha	Quando moça	Festa da Bandeira

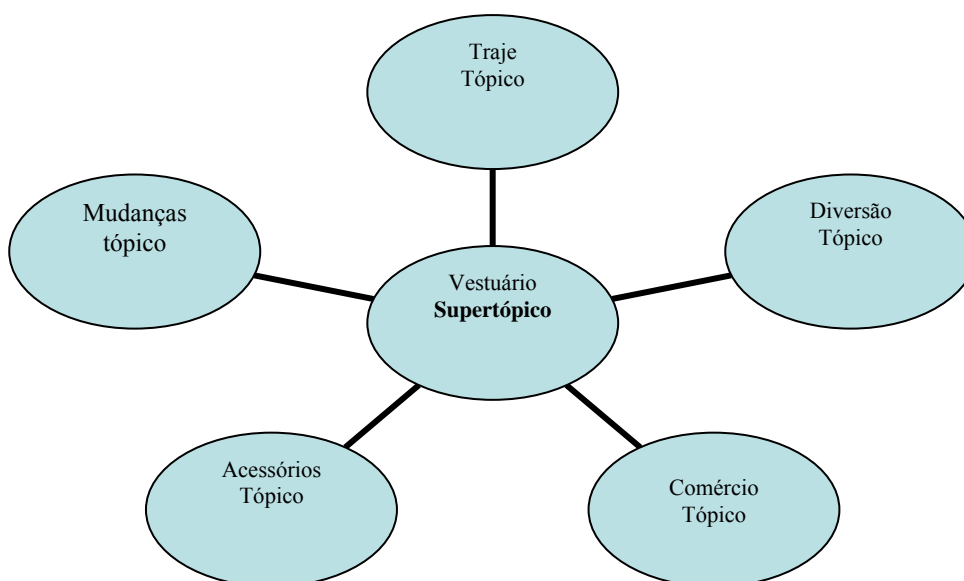
89- L.1760-1766	90- L.1767-1773	91- L.1774-1784	92- L.1785-1794	93- L.1795-1812	94- L.1813-1826	95- L.1827-1839	96- L.1840-1847	97- L.1848-1864	98- L.1865-1873	99- L.1874-1883	100- L.1884-1900	101- L.1901-1917	102- L.1918-1927	103- L.1928-1944	104- L.1945-1968	105- L.1969-1986	106- L.1987-1990	107- L.1991-2009	108- L.2010-2011	109- L.2012-2041	110- L.2042-2073
Couraçado de São Paulo	Recepção	Quando moço	Trajes de banho	Baeta	Maiô	Excursões	Biquíni	Calção de brim	Carmim	Lustrador	Alvaiade	Papel de seda	Sobrancelha	Cabelo comprido	Baile	Tintura	Peruca	Armação de metal	Traças	Penteados masculinos	Desligar o gravador

Gráfico 5 – Organização discursiva linear do D2-396

É possível perceber que os tópicos também aparecem como subtópicos, porém não mais de forma explícita e esclarecedora, apenas como mais um item daquele mesmo tópico. Um exemplo é o supertópico “Baile”, ele vai aparecer mais cinco vezes, já que festa é um sinônimo de baile, porém a cada novo surgimento explicita um tipo de roupa ou cabelo dentro do tópico inserido. Assim, não há repetição de ideias, mas sim complementações acerca do foco atual.

Cada um desses conjuntos tópicos forma um quadro tópico, já que eles preenchem as duas condições necessárias de um quadro tópico: a existência de um ST e sua divisão em tópicos, subtópicos co-constituintes numa sequência hierárquica, modo como aparece no discurso. Contudo, o analista sempre tende detalhar e depois resumir, assim temos:

- um supertópico “Vestuário” formado por cinco tópicos: “Traje”, “Acessórios”, “Mudanças”, “Comércio” e “Diversão”. Sendo que o tópico **“Traje”** se forma por outros tópicos: “Uniforme Juvenil”, “Traje das moças”, “Terno”, “Traje infantil” e “Tecidos”; o tópico **“Acessórios”** se forma dos tópicos: “Calçados”, “Maquiagem” e “Cabelo”; o tópico **“Mudanças”** se junta ao tópico “Gripe”, pois tratam de duas grandes mudanças: a guerra e a gripe espanhola; o tópico **“Comércio”**; e o tópico **“Diversão”** se forma do tópico “Baile” e do tópico “Passeio”.



**Gráfico 6** - As relações entre os tópicos do D2-396

Esse Gráfico 6 mostra como os tópicos estão relacionados ao supertópico, e constitui uma sequência textual, pois é a partir do supertópico (tema) que os outros tópicos nascem e originam outros subtópicos, todos relacionados entre si e presos ao tema (Vestuário). Assim, nessa sequência linear é possível perceber, com base na propriedade de centralização, que supertópicos passam a subtópicos em relação a um tópico que os abarca (ST), constituindo quadros tópicos de um plano superior. Além disso, percebemos o quanto os tópicos se interligam, cruzam numa sequência de continuidade que só o sujeito interativo tem aptidão para perceber e valorizar cada ênfase dada ou o novo detalhe que merece destaque. Essa riqueza da Língua Falada é bem marcada no discurso do idoso.

Embora o segmento 110 apresente as características de uma digressão, não constitui um segmento inserido, como é típico da digressão, por tratar-se do tópico discursivo que encerra a atividade interacional. Nesse trecho, a documentadora finaliza o diálogo por acreditar que os sujeitos falaram o suficiente sobre o tema. Mas os sujeitos ainda queriam falar, pois acharam que apenas disseram tolices e em pouco tempo. Perguntam se ela já desligou o gravador, porém a documentadora responde que ainda não, mas que irá desligar. Assim, percebendo a ansiedade dos sujeitos, a documentadora tem uma postura contundente e diz que falaram oitenta minutos e que foram ótimos.

Assim, numa busca por hierarquia, construímos o Gráfico 7, o qual mostra como os segmentos surgem no discurso. Como o contexto situacional instaura novas relevâncias, novos tópicos dentro de um processo interativo com sujeitos ativos, atentos, participantes.

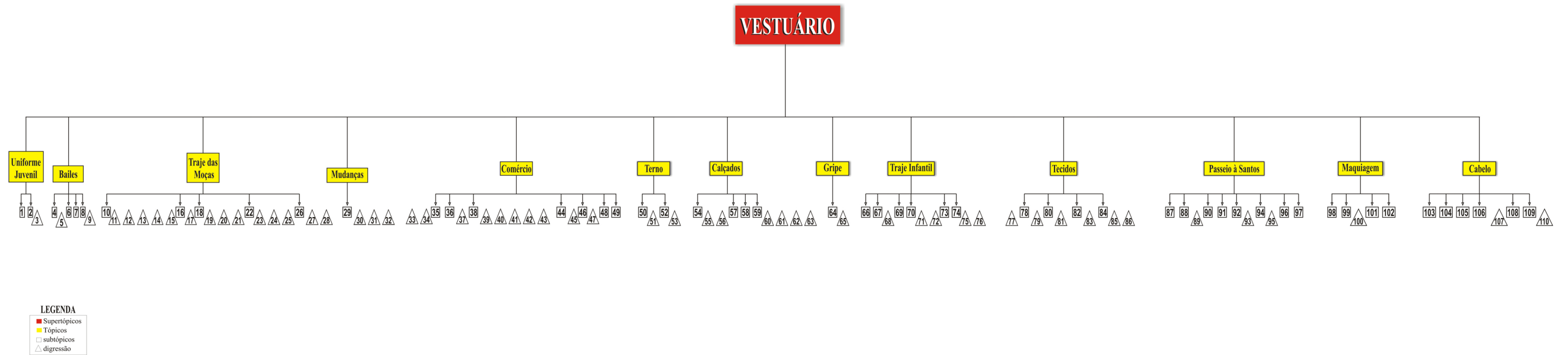


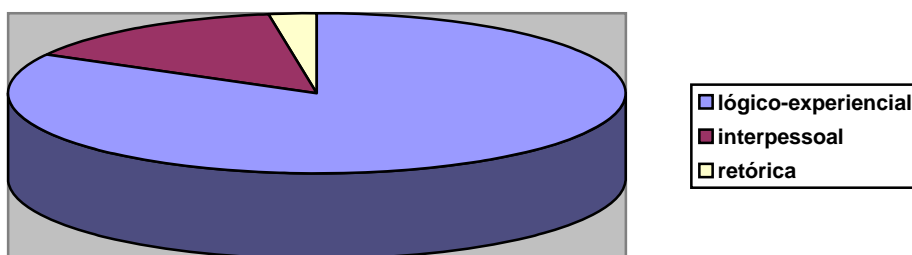
Gráfico 7 - Sequência hierárquica dos tópicos do D2-396

Vê-se que os sujeitos, por meio do levantamento tópico, procuram manter, durante a interação, o desenvolvimento do diálogo sob um conjunto de referentes comuns constitutivos no ponto convergente da conversação. Esse elemento focal é detectado nos segmentos textuais, permite perceber quando os sujeitos centram a atividade no que se refere a um ponto do conjunto, decorrente de uma interdependência semântica (associativa, exemplificativa, implicativa, entre outros) ou pragmática.

Após o levantamento dos segmentos textuais que permite observar como se dá a progressão tópica resultante das relações de concernência (interdependência entre enunciados) e relevância (focalização), é preciso direcionar a análise para o papel das digressões na configuração contextual. Para tanto, serão examinados os tipos de situação discursiva em que as digressões se estabelecem e quais as diferenças existentes devido a três variáveis: campo (o que realmente ocorre em termos de desenvolvimento do tópico discursivo, englobando o tema e a atividade desenvolvida pelos participantes), teor (quem participa e os papéis representados) e modo (a função que a língua desempenha).

### 3.1 TÓPICOS DIGRESSIVOS, RELEVÂNCIAS E FUNÇÕES NO INQUÉRITO DID - 317

O quadro tópico do inquérito DID - 317 é formado por noventa e nove segmentos tópicos, sendo quarenta e uma digressões mostradas no gráfico abaixo e expostas na legenda onde elencamos as relevâncias e as funções.



<b>Tipos de Digressão</b>	<b>Relevância</b>	<b>Função</b>	<b>Número</b>	<b>Porcentagem</b>
Lógico-experiencial	Tópica marginal	Demonstrativa	33	80,5%

		Exemplificadora Ilustrativa		
Interpessoal <sup>incidental</sup> imediate	motivacional	Participatória Atributiva	07	17,1%
Retórica <sup>didática</sup> persuasiva	Metalinguística ou metaconversacional	Elucidativa Manipulatória	01	2,4%
<b>Total</b>			41	100%

Legenda do Gráfico8

**Gráfico 8** - Tipos de digressão no DID-317

As digressões **lógico-experienciais** referentes ao quadro tópico do inquérito DID - 317, que correspondem aos segmentos tópicos 3, 6, 8, 9, 14, 17, 24, 29, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 47, 54, 57, 60, 63, 71, 73, 75, 77, 79, 82, 83, 85, 86, 90, 91, 95, 96 e 99, apresentam caráter desviante em termos de domínio de relevância porque entre o tópico central, que vinha sendo desenvolvido, e o segmento digressivo há um propósito de natureza pessoal.

Por exemplo, no segmento 79 (linhas 647-661) que faz parte do tópico “Roupa íntima”, a documentadora inicia a perguntar sob roupa íntima masculina, nisso ela se lembra da neta de uma amiga, quando casada de novo e o marido adorava combinar tudo (**segmento 80**: linhas 662-670), relevância marginal; a seguir, volta ao tópico Zorba, **segmento 81** (linhas 671-673) para revelar sua opinião sobre as cuecas. Assim, no tópico Roupa íntima ocorre uma série de digressões seguidas ao subtópico cuecas pois o sujeito acredita que as cuecas de hoje prejudicam a virilidade masculina. Dessa forma, julgando, no começo, vergonhosa sua opinião, pede para desligar o gravador, mas utiliza-se de ilustrações e exemplos para afirmar sua opinião; tudo isso, por ela achar as cuecas muito apertadas.

- Loc. ah... pois é que eu... estou dizendo a você... por isso que eu... agora estou me lembrando... você puxou... eu me lembrei desse... desse detalhe... porque achei... eu achei lindo... eu achei uma beleza... bom... naquele tempo... eles usavam... por exemplo... meia combinava com a camisa... né? e a gravata combinava com...com a camisa... com o terno... agora a gente vê aí verde... terno verde... a camisa cor-de-abóbora e a gravata azul fulgurante... vale tudo... vale tudo...
- Doc. e... e... cuecas assim também tem...
- Loc. tem... tem uns tais Zorbas... Zorba... ah... eu não posso dizer... desliga... depois eu te digo...
- (DID – 317, L.663-673, grifos meus)

Devido à pergunta “combinações para cueca”, o sujeito infere elementos que vão fazer parte do tópico (tema e horizonte) e da série de relevâncias associadas a ele, as quais

estão no campo de percepção do sujeito. Esses elementos podem ser inferidos e ativados pelo sujeito por meio de suas lembranças e compreendido pelo outro a partir de seu conhecimento prévio (conhecimento de mundo, cultural, biográfico-individual, partilhado).

O próximo exemplo é o **segmento 17** (L. 106 – 118), o tema é moda contudo, o sujeito delimita-o, centrando na moda jovem atual, inicia dizendo que os jovens não se preocupam em combinar roupas, passá-las, usá-las limpas, mas o sujeito as admira mesmo assim. Diz, porém, que se usar tais coisas da mesma forma, ficará ridículo. Assim, foca na questão da compreensão, diz tentar compreendê-los, mas que não é fácil. O sujeito faz todo um comentário do como compreende o jovem, sem dizer o que pensa, pois não se acha no direito de interferir em sua educação. Desse modo, o ponto relevante é o comportamento jovem e não mais a moda jovem.

compreendê-los... está um pouco difícil... hoje em dia... o diálogo... pelo menos eu que não... não tenho vivência com eles... porque... apesar de eu ter muitos sobrinhos... mas eu acho que eles tem o direito à vida deles... sou incapaz de observar qualquer coisa... posso não gostar de certas atitudes... mas sou incapaz de dizer... porque... é como eu digo... não perdi noite de sono os criando ((fala feminina “deseja alguma coisa?”)) não... um cafezinho... não quer... M.H.?

Doc. hum... hum...

Loc. não perdi noite de sono os criando... não gastei dinheiro com eles na sua educação ou em doença... então eu me abstenho... Eu acho que eu não tenho o direito de interferir com eles...

Observe que a mudança de campo (tema e horizonte) é necessária, pois, implicitamente, o sujeito compara o jovem de ontem com o de hoje, tendo em vista não ser mãe, o sujeito vê esse retrato dos sobrinhos. A relevância está no esclarecimento entre ser preocupada em combinar roupa, concepção de seu tempo, com o não combinar nada, juventude atual.

Assim, percebemos nos dois exemplos que assuntos à margem, mas no seu campo de percepção, tornam foco para demonstrar, exemplificar ou ilustrar o dito (cuecas, moda). Nesses dois exemplos, o sujeito traz relevâncias que comparadas ao seu tempo, trazem implicitamente o que pensa sobre a nova geração (cuecas muito justas = falta de masculinidade; comportamento dos jovens atuais=falta de respeito aos mais velhos, falta de limite, portanto são difíceis de ser compreendidos).

Quanto às **digressões interpessoais** (Segmentos tópicos 18, 48, 64, 69, 81, 93, 97) efetuadas no quadro tópico DID 317, são apenas sete sendo cinco **incidentais** (quando uma pessoa entra no diálogo ou quando o sujeito oferece ao outro algo para beber ou comer) e duas **imediatas** (quando o sujeito enfoca algo a partir do contexto). Esse tipo de digressão evidencia o teor do discurso e relaciona-se a fatores de ordem contextual, manifestando preocupações sociais entre os participantes.

No segmento 81, há uma inquietação do sujeito com o gravador, objeto que faz parte do *entorno*, isto é, do ambiente onde a conversação acontece. Mas para o sujeito esse objeto ultrapassa o espaço físico e torna-se um elemento pertencente ao contexto de situação ou espaço interacional, sendo que aparece de **imediatos**:

Loc. tem... tem uns tais Zorbas... Zorba... ah... eu não posso dizer...  
desliga... depois eu te digo...  
 (DID - 317- L.674-673, grifos meus)

Porém, mesmo ao ressaltar a vergonha do dito, a interação não perdeu seu grau de relativa espontaneidade, pois entram num acordo e o sujeito se permite falar, pois ambos possuem o conhecimento partilhado em alto grau.

No segmento 97, o sujeito fala das coisas que gosta de usar. Em seguida, entra no foco “ser desligada”, e assim se lembra de falar com quem mora e que gosta de jogar. Neste momento, fala da necessidade de ter empregadas para servir café antes do jogo. Nisso, a documentadora retorna ao tema traje e associa ao traje da empregada, assunto atual do sujeito, mas fora do foco “Vestuário”.

Doc. essa moça que serviu café aqui pra gente... ela estava com  
 um traje...  
 Loc. é empregada de M... né? porque a M. é inglesa... minha  
 filha... você sabe que nessa casa se usa lavanda?  
 Doc. e é?  
 Loc. usa sim...  
 (DID – 317 - L.824-829)

Vê-se que o **incidente** do discurso lembra a volta ao supertópico “Vestuário” por meio do tópico “traje da empregada”. Surge, assim, do contexto de situação e, ao ser

nomeado por um dos sujeitos, torna-se relevante. Houve uma oportunidade para inserir o de fora no contexto atual, já que o sujeito já transitava sob o tema.

Desse modo, nos dois exemplos, há uma motivação para que algo fora do diálogo venha participar ou passar a ter mais valor dentro do ato comunicativo. Instaura-se uma preocupação de ordem social ou do contexto situacional (recepcionar bem quem chega ou um imediato interesse por um objeto ao redor) entre os sujeitos que buscam evidenciar seu papel na interação.

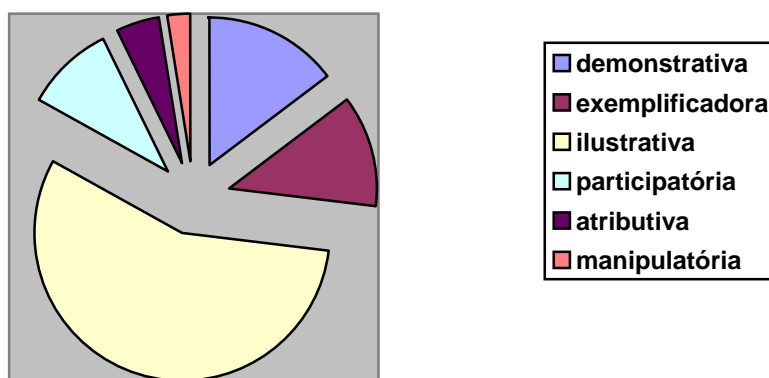
Com relação às **digressões retóricas** (Segmento tópico 31), elas podem surgir para elucidar algum termo, frase ou conteúdo que acarretou problema na interação (digressão retórica **didática**) ou evidenciar uma forma de manipulação da fala do outro (digressão retórica **persuasiva**). Contudo, nesse inquérito aparece apenas uma, com a função de preparar o sujeito a aceitar as colocações do outro. Isso é percebido no trecho abaixo, pelos adjetivos e seus graus, os diminutivos deixados pelo sujeito no encaminhamento do tópico discursivo em curso, pois admitirão o levantamento de inferências.

Doc. certo...houve uma época em que o homem era muito rígido...  
 não é... em termos assim de trajes  
 Loc. <sup>l</sup>olha eu... eu sou avançadíssima... gosto de  
 tudo que é moderno... não sou saudosista... até em música sou  
 moderninha... seresta... uma ou outra... eu gosto é de *pop*... é  
 porque... eu estou dizendo a você que eu sou uma velha  
 bom... eu às vezes... hoje em dia eu já estou me  
acostumando... eu me espantava quando eu encontrava os  
homens em manga de camisa ainda em certos ambientes...  
isso ainda me chocava... agora... hoje em dia... já nem me  
 choco mais... está certo... pode ir até  
 (DID-317- L.205-216, grifos meus, segmentos 30, 31 e 32)

Vê-se que o sujeito busca um modo para preparar seu parceiro a aceitar as colocações que fará em relação ao tópico em curso. Essa preparação se evidencia por meio de pistas de contextualização deixadas no encaminhamento do jogo conversacional: elas são empregadas para explicar o modo de ser, agir e pensar. Em seguida, fala do tipo de roupa formal para cada ambiente. Portanto, organiza o sentido de manga de camisa como elemento não formal e que causava espanto em alguns, assim: “...os homens em manga de camisa ainda em certos ambientes... isso ainda me chocava...”.

Nesse inquérito, datado de 1975, é possível perceber que o sujeito feminino de setenta anos, carioca, pai português, mãe e padrasto cariocas, já residiu na Zona Norte, Zona Sul e Zona Suburbana, tem formação universitária em Medicina, é diferente dos irmãos do inquérito D2, na estrutura familiar, na descendência, na formação acadêmica, pois o curso de Medicina tende a trabalhar o profissional da área para aceitar tudo de forma mais natural, mais prática.

Esses são fatores que fazem desse sujeito um sujeito avançado, que tenta ser, mas está preso em suas convicções de criação. Assim, o sujeito tenta aceitar e conviver com o novo, mas não se vê nesse novo, por isso há poucas digressões retóricas (ver gráfico abaixo) pois tenta ter uma linguagem atualizada, não parecer muito didático ou persuasivo, pois sabe que a nova geração não gosta “que pega no pé”. Desse modo, aproveita o que está à margem para de forma elucidativa falar do seu tempo e mostrar como era, e de forma implícita mostra o como ele era melhor, pois a própria assume, por várias vezes, que seria uma velha ridícula se usasse a moda atual. Veja, no gráfico abaixo, as funções textuais da estratégia digressiva:



<b>Tipos de Digressão</b>	<b>Funções</b>	<b>Número</b>	<b>Porcentagem</b>
Lógico-experiencial	demonstrativa	06	56%
Lógico-experiencial	exemplificadora	05	15%
Lógico-experiencial	ilustrativa	23	12%
Interpessoal incidental	participatória	04	10%
Interpessoal imediata	atributiva	02	5%
Retórica persuasiva	manipulatória	01	2%

Legenda do Gráfico 9

**Gráfico 9** - Funções da digressão no DID-317

Assim, ao examinar o Gráfico 9 com mais atenção, é possível ver que as digressões lógico-experienciais empregadas pelo sujeito possuem uma função específica de

demonstrar, exemplificar ou ilustrar. Contudo, o sujeito tende a ilustrar, traz algo do seu campo de percepção temática para seu foco numa espécie de comentário a fim de elucidar algo colocado no tópico prévio, instaura assim, uma relevância marginal.

Ao demonstrar, o sujeito além de trazer algo que está no seu campo de percepção para o foco, mostra a firmeza do dito, pois este tem provas concretas que aconteceram com o próprio, e assim evidencia seu ponto de vista. Veja o exemplo:

qualquer aí... não sei... porque na ... então minha mãe nunca chegou pra mim dizendo... L.... you tem que ser justa... agora... eu vi os exemplos dela... então... com meus irmãos... quando eu achava que eles erravam... eu achava... eu dizia... meus amigos... quando eu erro... eu digo... digo... não... mas penso e sinto e afirmo que estão errados... agora... não foram palavras de minha mãe... ditadas por mamãe... absolutamente... foram os exemplos que ela deixou em mim...  
(grifos meus)

No segmento tópico 39 (L.267-274), o sujeito traz a mãe como exemplo na sua vida, porém não foi algo ditado, forçado, mas aprendeu com o jeito de ser da mãe. Assim, o dito vem de outra digressão na qual comentava a respeito da mãe reconhecer o erro do filho, e antes ainda, do respeito que sua geração tinha pelos mais velhos. Vê-se que esse horizonte que agora faz parte do tema, traz a concepção do sujeito de educação e, implicitamente, que os filhos de hoje são o reflexo dos pais, isto é, quem não se vê, não consegue vê erros nos outros.

Já no segmento 43 (L.310-316), o sujeito insere a digressiva por meio de uma inserção (me lembro quando eu era...) para, novamente, demonstrar que teve exemplos, regras a seguir e nem por isso, foi uma adolescente “rebelde” (“criou complexo em mim”). Ou seja, o sujeito prepara a entrada do que está no seu campo de percepção e fará parte de seu foco.

me lembro quando eu era... antes de sete anos... eu morava lá em Icarai e tinha uma vizinha de ( ) uma viúva com vários filhos... eu chegava em casa... eu sempre fui muito assanhada... muito sapeca... mamãe... eu quero uma botinha marrom... com... com cano de camurça... mamãe dizia assim... quem é que tem? ( ) é a I. ou é a C. essas... minha filha... são filhas de viúva rica... você é filha de viúva pobre... se você se comportar bem... vamos ver... criou complexo em mim...  
(DID – 317, grifos meus)

Vê-se que desde criança teve uma educação para ter o que podia, e não o que queria e, ainda, devia ter bons comportamentos para merecer presentes. Assim, deixa claro que a geração atual pede, tem e não dá valor e nem tem merecimento. A mãe sempre mostrou a realidade em que vivia, com suas possibilidades e dificuldades, fica claro quando o sujeito usa “filhas de viúva rica” e “filha de viúva pobre”, demonstra por contraposição adjetiva (rica/pobre) o seu ponto de vista.

No segmento tópico 36, o sujeito cria a digressão por meio de um **exemplo** para tornar mais concreto o seu ponto de vista em relação ao tópico em curso. A documentadora pede ao sujeito para comentar sob a época da faculdade e, neste momento, pensa (um chamativo com pausas: “olha...”), mas opta por falar sobre como respeitava os mais velhos, mesmo sendo irreverente.

Loc. olha... eu sempre respeitei muito os mais velhos... e sempre fui muito irreverente... muito moleca... muito levada... piadista e ... mas eu por exemplo respeitava os mais velhos... quando eu fui trabalhar no bromatológico... tinha um diretor velhinho... quando ele chegava... eu me levantava... e me espantava colegas mais novas do que eu... que estavam sentadas em cima... que fosse *babyzinha* não... heim... pouco mais mo... ca do que eu... talvez uns dez anos mais... mas rece... mais nova na casa... estavam sentadas... porque mesa de laboratório é alta... ela estavam ali... chegava o velhinho diretor... a menina continuava sentada... sabe que aquilo... eu sempre respeitei os mais velhos... isso... então eu achava assim uma desconsideração da parte dela... se permanecia sentada... em cima da mesa... começa que em cima da mesa não é lugar de sentar... um químico sentar na mesa... enfim... sentava na mesa... chegava o diretor... permanecia... e se/ instintivamente... eu me levantava... não sei se isso já é coisa de família... que a gente traz de família. (L.235-252)

O sujeito exemplifica bem os atos de pessoas sem respeito, pois sentar numa mesa e não numa cadeira ou não levantar ao chegar alguém de mais idade é um ato desrespeitoso. E o sujeito acredita que isso vem de família, implicitamente diz que a nova geração não tem recebido essa educação (ponto de vista).

No segmento tópico 63, o sujeito fala de virilidade, calcinha justa, camisa que combina com bolsa, já que a calça é tão justa que inviabiliza o uso de seus bolsos. Nesse

momento, insere uma parentética (“nada que eu tenha contra”), ou seja, prepara o outro de que vai buscar algo no seu campo contextual.

eles... porque eu tenho amigos que são bichas e que eu adoro... não estou fazendo um libelo contra eles... não... são uns amores... agora... que eles são rebuscados... são... agora... são rebuscados porque são assim ou porque a... a moda se lhes ofereceu oportunidade de... de... de se apurarem mais...  
 Doc. agora... ao mesmo tempo... eu acho que às vezes a gente... eu pelo menos sinto... minha geração foi uma geração assim  
 (L.485-491, grifos meus)

Neste segmento tópico, o sujeito exemplifica seu ponto de vista com o auxílio de seus amigos considerados homossexuais, pois eles são rebuscados no uso de roupas porque a moda lhes oferece mais oportunidade de escolha.

No segmento tópico 29, para melhor mostrar seu ponto de vista, o sujeito escolhe **ilustrar** o que pensa. O sujeito fala da roupa que usava na praia (foco) em comparação com as mais atuais. Nesse momento, insere uma parentética para dizer que mulher bonita pode tudo, mas que ele (o sujeito) não tem essa personalidade.

Loc. eu acho que tudo é válido... a mulher bonita pode fazer o que quiser... já não estou me referindo tanto ao homem... porque o homem tem que ser másculo... pode ser bonito... mas ser másculo... os que não são também são boas praças ((risos))...  
 Doc. sim... mas... eh... eu... eu gostaria de saber... assim  
 Loc. <sup>o</sup> que é?  
 Doc. assim... assim... o que que eles estão usando?  
 Loc. os homens?  
 (L.196-204, grifos meus)

O sujeito faz um comentário, a fim de ilustrar algo colocado no tópico prévio (mulher bonita pode tudo), para instaurar a relevância marginal de que o homem deve ser másculo.

No segmento tópico 77, a ilustração do tipo físico da mulher atual surge após falar das combinações íntimas. A documentadora pergunta das modificações de hoje e o sujeito atrai para o seu foco o tipo físico da mulher atual.

Doc. mas são diferentes também? Assim em termos de formato de...

Loc. eu acho... eu a/ você sabe que eu acho que houve uma modificação na... na... na... no... no tipo físico da mulher? elas são muito mais altas... esguias... finas... pouco busto... eu não sei se é massagem ou se são os ba... as aulas de balé que elas têm... ginástica... eu... eu noto... eu noto que... ah... essas meninas de hoje são todas bem lançadas... altas... esguias... sem barriga... pouco busto... ao passo que o nosso tempo... acho que era até bonito mulher bem avantajada... né? ô...  
(L.629-637, grifos meus)

Para mostrar o quanto as mulheres de sua época tinham volume corporal, mas eram mais bonitas, tanto que usavam vários recursos para ficar mais volumosas como espartilho, espumas, armações. Assim, a relevância marginal atrai o sujeito para mostrar que as combinações de hoje são bonitas, mas as antigas delineavam um corpo mais bonito do que o atual, tanto que muitas mulheres (hoje), devido ao pouco busto, seios, não usam sutiã, por exemplo.

No segmento tópico 18, ocorre uma digressão interpessoal **incidental participatória**, os sujeitos do ato interativo são surpreendidos pela entrada da empregada que serve um café.

digo... não perdi noite se sono os criando ((fala feminina “deseja alguma coisa?”)) não... um cafezinho... não quer...  
M.H.?  
Doc. hum... hum...  
(L.112-115)

Há a preservação de um ato social, que é a parada na chegada de alguém, logo em seguida os sujeitos respondem a essa nova participação e retornam ao foco.

No segmento 48, o sujeito traz para seu foco o açúcar e resolve oferecê-lo ao outro.

açúcar... M.H.?  
Doc. hum... hum...  
Loc. no... no mês seguinte... aquele vestido... de cor-de-rosa já estava azul...  
(L.337-340)

Há a preservação de um ato social, que é a parada na chegada de alguém, logo em seguida os sujeitos respondem a essa nova participação e retornam ao foco.

No segmento 48, o sujeito traz para seu foco o açúcar e resolve oferecê-lo ao outro.

açúcar... M.H?  
 Doc. hum... hum...  
 Loc. no... no mês seguinte... aquele vestido... de cor-de-rosa já  
 estava azul...  
 (L.337-340)

Há uma parada, devido a algo que estava no campo de percepção do sujeito ser colocado em foco. Desse modo, instaura-se uma conveniência social (oferecer/aceitar ou não) para o retorno ao foco.

O segmento tópico 81 é uma digressão interpessoal **imediate atributiva**, o sujeito traz um objeto do entorno (gravador) para o processo interativo, a fim de preservar sua face.

Doc. e...e... cuecas assim também tem...  
 Loc. tem... tem uns tais Zorbas... Zorba... ah... eu não posso dizer...  
 desliga... depois eu te digo...  
 (L.671-673)

A preocupação em dizer algo pessoal e que vai ser gravado, traz a inibição e o corte na fala. O sujeito teme ao gravador, pois sabe que o dito será registrado. Assim, o gravador, elemento à margem, passa a fazer parte do ato interativo.

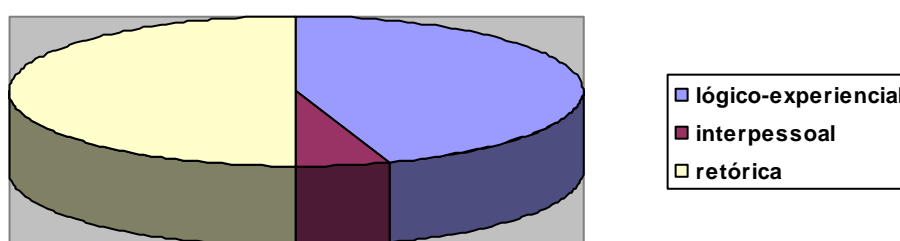
No segmento 31, o sujeito busca preparar o outro para aceitar as suas colocações. Tal preparação se evidencia por meio de pistas como adjetivos no superlativo, afirmações do modo como pensa.

Loc. <sup>l</sup>olha eu... eu sou avançadíssima... gosto de  
 tudo que é moderno... não sou saudosista... até em música sou  
moderninha... seresta... uma ou outra... eu gosto de *pop*... é  
 porque... eu estou dizendo a você que eu sou uma velha...  
 (L.207-211, grifos meus)

O sujeito tenta manipular a fala do outro, pois a documentadora havia afirmado que houve uma época em que os homens eram muito rígidos com relação aos seus

trajes. Assim, o sujeito tenta mostrar, com imposição (“eu sou uma velha”, critério de autoridade e sabedoria), para logo dizer que ela se espanta com homens que usam manga de camisa, ou seja, prepara o outro para depois dizer o que pensa, já que percebeu que o outro pensava diferente.

O quadro tópico do inquérito D2 396 é constituído de cento e dez segmentos tópicos, sendo cinquenta e seis digressões, as quais serão apresentadas no gráfico abaixo, a partir de suas relevâncias e funções.



Tipos de Digressão	Relevância	Função	Número	Porcentagem
Lógico-experiencial	Tópica marginal	Demonstrativa Exemplificadora Ilustrativa	25	45%
Interpessoal <sup>incidental</sup> <sub>imediate</sub>	motivacional	Participatória Atributiva	03	5%
Retórica <sup>didática</sup> <sub>persuasiva</sub>	Metalinguística ou metaconversaciona l	Elucidativa Manipulatória	28	50%
<b>Total</b>			56	100%

Legenda do Gráfico10

**Gráfico10** - Tipos de digressão no D2-396

Quanto às digressões **lógico-experienciais** (Segmentos tópicos 3, 11, 14, 15, 17, 32, 40, 41, 43, 47, 51, 56, 61, 63, 65, 68, 71, 72, 75, 76, 79, 81, 86, 89, 95) relativas ao segundo quadro tópico, inquérito D2 396, verifica-se que há deslocamento (campo de percepção) do tópico em curso para um elemento à margem, uma nova relevância tópica, tornando-o focal. Dessa forma, por exemplo, interpretamos o segmento 3 (Sobrecasaca) que se insere no tópico “Uniforme juvenil”, como servidor de argumento para as ideias do segmento 2 (“Cinema”):

- L1 e::... de dia... mesmo de dia... mas::... existia aqui quem usasse sobrecasaca por exemplo que era o:: professor Vampré... professor de Direito usava só sobrecasaca... de dia e de noite sobrecasaca e cartola... então ele era conhecido pelo doutor...o segundo:: o:: o::... o:: jornalista::... jornalista::
- L2 o apelido dele que era doutor...
- L1 <sup>l</sup>doutor Guandê... o apelido dele... isto era o Alexandre Marcondes Machado... que era um jornalista... dO *Pirralho* neste tempo existia aqui um jornaleco chamado *Pirralho*... entre outros jornais... então ESte usava isto mas o coMUM::... não era o fraque... o comum era naturalmente o paletó saco e jaquetão... para os:: para os bailes... ou *smoking*... ou jaquetão com calça à fantasia...  
(D2- 396-L.35-49, grifos meus)

O sujeito (L1) está descrevendo com qual roupa ia ao cinema e, mostra que nem todo mundo ia de fraque e chapéu - coco, exemplifica o Prof. Vampré e o jornalista Alexandre Marcondes Machado. Assim, caracteriza-os e volta ao seu argumento de que havia a roupa padrão. Traz em relevância algo marginal para enfatizar de forma ilustrativa o dito.

No segmento 11, o sujeito (L2) fala da fazenda, casaco, blusas de cassa ou organdi até que o outro (L1) interfere no tópico e inicia a falar, pois diz fazer parte do assunto (inserção). Fala, ainda, de onde ficava a espreitar as moças que passavam no bonde e, assim, continua a diferenciar a roupa de moça recatada, a moça adequada para namoro, isto é, diferencia a moça recatada dá mais liberal.

- L1 <sup>l</sup>NOS rapazes... então (vamos lá já que está-se a falar) em toailete... era::... nosso ponto ficava na rua Direita aLI al/ali na esquina da::... da:: da rua José Bonifácio... rua José Bonifácio que encaixa na rua Direita justamente... ali era o ali tinha um tinha tinha o::... a drogaria... drogaria Amarante... e ali o bo/ o bonde (segue) o bonde se/ ... era um ponto de bonde o bonde parava ali... então nós rapazes ficávamos ali para ver as moças descer... para ver dois dedos porque está/estava (oculto) ((riu))
- L2 é:: hoje é diferente...
- L1 ((riu)) dois dedos de perna das moças... estavam (evi/ evid)/evi/ evidentemente (ocultas)...
- Doc. ahn::...
- L1 e:: as moças (quer dizer::)... havia muito mais::... diFIculda::de de um ra/rapaz (era) diFIcilmente um rapaz saía com uma moça... era muito difícil... a não

ser quando havia muita intimidade... os namorados  
 geralmente namoravam::... ( ) de lon::ge de esquina  
 L2                                    <sup>l</sup>na janela  
 L1 de janela...  
 Doc.NO:::ssa  
 L1           <sup>l</sup>e conversazinha  
 L2           <sup>l</sup>tinha hora para namorar e fechar a janela  
 L1 é... (no)nosso tempo isso por volta de mil novecentos  
 L2           <sup>l</sup>(quer dizer:: lá em casa)...  
 L1 e quin::ze mil novecentos e dezesseis:: mil novecentos  
       e quator::ze... nas pri/primeiras décadas nas duas  
       primeiras décadas... depois os costumes foram se::...  
       se:: li/liberando mais...  
 Doc.é:::...  
 L1 nas duas nas duas primeiras até na terceira década...  
       ainda:::... havia muito muito reca::to... e:::... naquele  
       tempo apontava-se uma moça mais... mais escandalosa  
 Doc.uhn...  
 (L.196-231)

O sujeito traz para o foco o comportamento masculino frente a uma época em que as mulheres viviam sem decotes, saias abaixo do joelho, namoro na frente dos pais, jamais sozinhos. Ficar na janela tinha horário, tudo porque a mulher para o homem se casar devia ter uma índole intocável, virgem e recatada. Assim, ver dois dedos do joelho era algo para ficar sonhando por dias. O sujeito observa que o tema inicial era o uniforme que usavam no colegial, aproveita esse foco para ilustrar o que estava à margem, o comportamento dos jovens dessa época colegial, para fazer parte do seu foco.

Com relação às **digressões interpessoais** (Segmentos tópicos 21, 62, 110), há três nesse inquérito, todas se caracterizam por revelar preocupações com elementos contextuais. No segmento tópico 21, o sujeito confirma com o outro se o gravador está ligado para continuar o que estava a falar.

L1 firme *ligado*  
 Doc. certo  
 (D2-396 –L.384-585)

Novamente, aqui, o gravador passa a fazer parte do assunto. É preciso ter certeza que ele está ligado para continuar a falar sobre “Corpinho”.

Outro exemplo é o segmento tópico 62 no qual os sujeitos contam como um marido que se sente desonrado pela mulher com quem casou, planeja a morte de quem a desonrou. Nesse meio, os sujeitos percebem que alguém chegou.

L2 ( ) **entrou uma pessoa não sei quem é**  
 L1 Direita à: rua::...Boa Vista existia uma galeria  
 L2 <sup>l</sup>esse tempo todo... **deixa eu ver quem é que entrou aí**  
 L1 Galeria dos Cristais chamada... como existem outras  
 (L.1214-1216, grifos meus)

Este elemento na parte exterior do diálogo tem sua relevância frente ao contexto situacional, ele se faz necessário, ele passa a ter valor, é preciso saber quem chegou para voltar ao assunto anterior. A norma social prevê a recepção de qualquer pessoa que chega.

Quanto às **digressões retóricas** (Segmentos tópicos 5, 9, 12, 13, 19, 20, 23, 24, 25, 27, 28, 30, 31, 33, 34, 37, 39, 42, 45, 53, 55, 60, 77, 83, 85, 93, 100, 107), foram encontradas vinte e oito relativas a um pedido de esclarecimento, veja o segmento tópico 5:

do... do que nós ali chamaríamos hoje cano de bota  
cano das botinhas... não tinha:: aquele tempo não se  
usava botinhas... usavam as moças usavam sapatos...  
e botinhas até::... botinhas de quatro...  
 L2 <sup>l</sup>eram botas de cor camurça...  
 L1 botinhas de quatro::...  
 L2 é::  
 L1 de dez centímetros acima do::... do tornozelo...  
 L2 <sup>l</sup>camurça de  
 cor:: marrom:: cin::za bran::co...  
 L1 <sup>l</sup>do tornozelo é::... e:: regra geral:: exatamente  
 isso... sapatos... em camurça... ou verniz  
 L2 <sup>l</sup>geralmente (era mais)...  
 L1 ou camurça... e::... meias...  
 L2 <sup>l</sup>na escola andava de::... de sapato né?  
 preto...  
 (D2-396- L.74-89, grifos meus)

Os sujeitos falam que geralmente em bailes, de forma geral, se a moça não estivesse de vestido, ela usaria saia e blusa com sapatos ou botinhas. E, nesse ponto foi preciso esclarecer a diferença do conceito botas hoje e antigamente. Fica claro que as antigas eram bem parecidas com sapato por serem de cano bem curto.

Ou ainda, no segmento tópico 60, apenas um trecho da longa digressão que aparece para mostrar a opinião do sujeito, e serve para mostrar a sua face no processo interativo.

L1 éh:: quer dizer que:: então(vê-se) que... ah ah::  
 ((chiado)) ah:: HOje o ordenado de uma professora é  
uma miséria... uma professora ganhava... ganhava...  
 - - já disse à senhora - - trezentos trezentos e cinquenta...  
 um delegado ganhava quatrocentos um juiz ganhava  
 quinhentos... hoje uma professora ganha:::...

Doc. pouquíssimo não é?

L1 ENtra com dois mil cruzeiros...

Doc. [hoje ( ) dois mil três mil ( )  
 [

L1 dois mil cruzeiros  
 L2 dois mil

Doc. <sup>de início</sup> [no primário é (por isso) né?  
 L1 um delegado ganha dez mil  
 cinco vezes mais...

Doc. e o juiz ( ) ganha vinte sei lá...

L1 e o juiz ganha ((ri))...

L2 até o juiz até ganha pouco

L1 ( ) os professores estão:::...

Doc. ( )

L1 [estão (sempre)inteiramente:::...

L2 responsabilidade ( )...

L1 achatados

Doc. é... (e não merecem)

L1 [quer dizer:: justamente uma das classes que devia ser...

Doc. bem ( )

L1 [BEM remunerada porque é exaustiva

Doc. unh uhn

L1 é é é... é... é sacrificada...

(D2 – 396- L.1134-1169)

O sujeito deixa claro sua indignação com relação ao ordenado do professor, tanto que fala como seus pais e avó viviam bem com salário de professor, porém hoje, no seu olhar, o professor vive miseravelmente e sem reconhecimento.

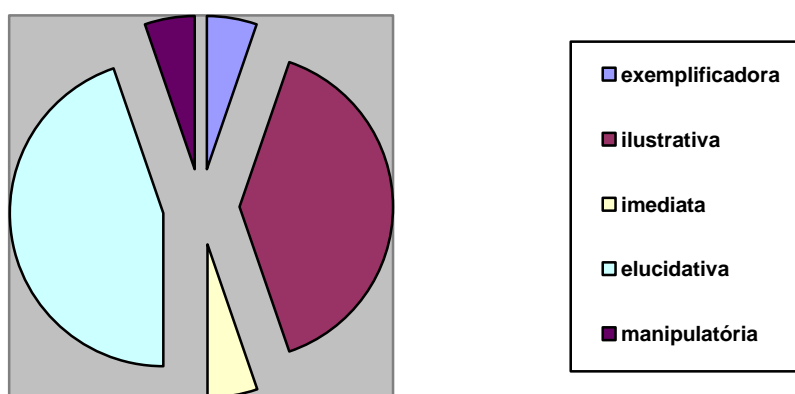
Focalizando e instaurando novas relevâncias, a digressão torna-se um tópico efetivo do texto, articulado aos demais, na medida em que espelha a geração de tais relevâncias, criando uma espécie de movimento próprio.

O Inquérito formado por dois informantes e uma documentadora do D2 - 396, datado de 1976, é formado por um sujeito masculino com oitenta e um anos, viúvo, dentista, natural de Jundiaí, São Paulo. Veio para São Paulo com três anos, pai paulista, mãe paulistana. O segundo sujeito é feminino com oitenta e cinco anos, professora, natural de

Sorocaba, São Paulo. Veio para São Paulo com cinco anos, pai paulista, mãe paulistana; e a terceira participante é a documentadora.

Nesse pequeno relato de apresentação dos sujeitos, é possível ver que os sujeitos desse inquérito têm de dez a quinze anos mais que o sujeito do outro inquérito (grau de maturidade, percepção da velhice). Por isso, talvez, a inexistência de digressões lógico-experienciais demonstrativas, já que esses sujeitos têm o foco no modo (explicar, ilustrar, elucidar um tempo passado) e no campo (trazer do tema o que está no horizonte para o foco). Essa diferença é marcante porque esses sujeitos não têm a necessidade de querer ser jovem ou gostar do que é jovem, pois têm certeza de que seu tempo era melhor, assim tenta didaticamente mostrar como.

Esses sujeitos, por serem irmãos, tendem a pensar quase igual, porém, como o sujeito do inquérito DID-317, sabem que o jovem não gosta de ordens, então poucas vezes manipulam para mostrar seu ponto de vista. E, entre demonstrar e elucidar, por mais vezes a arte de professor tende a superar, para ficar mais claro o dito. Assim, buscam o modo de elucidar, ao campo de demonstrar, pois sabem que o jovem precisa de conhecimento prévio porque não viveu naquela época, assim esclarece o dito. Abaixo o gráfico 11:



<b>Tipos de Digressão</b>	<b>Funções</b>	<b>Número</b>	<b>Porcentagem</b>
Lógico-experiencial	exemplificadora	03	5%
Lógico-experiencial	ilustrativa	22	40%
Interpessoal imediata	atributiva	03	5%
Retórica didática	elucidativa	25	45%
Retórica persuasiva	manipulatória	03	5%

Legenda do Gráfico 11

**Gráfico 11** - Funções da digressão no D2-396

Assim, ao **exemplificar** o segmento tópico 3, vemos que o sujeito busca tornar claro, concreto o seu ponto de vista (havia quem não usasse sobrecasaca) em relação ao tópico discursivo em curso e foca, então, uma relevância marginal.

- usasse sobrecasaca por exemplo que era o:: professor  
 Vampré... professor de Direito usava só sobrecasaca...  
 de dia e de noite sobrecasaca e cartola... então ele  
 era conhecido pelo doutor... o segundo:: o::... o::  
 jornalista::... jornalista::  
 L2 o apelido dele era doutor...  
 L1 <sup>l</sup>doutor Guandê... o apelido  
 dele... isto era o Alexandre Marcondes Machado... que  
 era um jornalista... dO *Pirralho* neste tempo existia  
 aqui um jornaleco chamado *Pirralho*... entre outros  
 jornais... então EStE usava isto mas o coMUM::... não  
 era o fraque... o comum era naturalmente o paletó  
 saco e jaquetão... para os:: para os bailes... ou *smoking*...  
 ou jaquetão com calça à fantasia...  
 (L.36-49)

O sujeito dá como exemplos o professor Vampré e o jornalista Alexandre para mostrar que sem sujeição da classe social, há pessoas que usavam sobrecasaca, no entanto o comum era o paletó saco e jaquetão.

No segmento tópico 61, o sujeito para mostrar a vida sacrificada da vovó, **exemplifica** as casas que ela tinha de aluguel com o propósito de trazer para cena o assassinato que aconteceu numa de suas casas de aluguel. Veja uma parte desse longo trecho digressivo:

- L2 éh:: vovó (é que) depois saiu da casa dela pra ceder  
 para( )... para o Macedo Soa::res que ele queria  
 fazer(o)... e foi alugar uma casa quantos cômodos  
 tinha aquela casa... ((barulho de trânsito))  
 L1 (uma casa em São João)... em São João ainda existe  
 essa casa...( ) (me falou)...  
 L2 <sup>l</sup>existe?  
 L1 é... essa ca::a::...  
 L2 <sup>l</sup>depois fomos para onde?  
 L1 depois fomos para a rua::... General Osório não  
 L2 <sup>l</sup>Vitória também..  
 L1 depois (fomos)...  
 L2 <sup>l</sup>General Osório é que nós ficamos dezessete anos lá...  
 L1 <sup>l</sup>(é mais::que isso)  
 ...(General Osório)  
 L2 <sup>l</sup>áí tinha uma (porção::) porque tinha sido pensão lá...  
 Doc. uhn uhn



- e quando começaram as aulas “você aproveitar esses sapato”... ele disse e ele disse para mim “AH não eu vou jogar fora... porque caçoam de mim... que eu uso ando muito:: lorde”... “esse daí que você é lorde
- Doc. <sup>l</sup>( )
- L2 porque anda de sapatinho” “não QUERO esse sapato mamãe compra o... o tênis para mim como meus colegas andam” ele não quis... foi Chiquinho... jogou
- L1 <sup>l</sup>é::....
- L2 o sapato novo longe não quis... porque mamãe fez uma roupinha de veludo para o casamento da minha sobrinha né?
- Doc. sei
- L2 <sup>l</sup>foi aqui na Lapa até... foi Santa Cecília né?
- L1 é...  
(L.1495-1509)

Vê-se que um sapato determina uma classe (*Lorde*), porém o menino ir à escola com aquele sapato era motivo de chacota. O sujeito aproveita o motivo (festa de casamento) para trazer à tona o aproveitamento de sapato de verniz no dia-a-dia (escola). Contudo, esse não é aceito pois seu contexto é de festa e não de escola (o comum era o uso de tênis).

O segmento tópico 62 revela um sujeito que **atribui** valores à chegada de alguém, efetiva uma relevância motivacional, faz com que o elemento “chegada” passe a fazer parte do ato interacional, porém esse alguém não tem participação no ato, pois é apenas uma impressão de um dos sujeitos do ato verbal.

- L2 ( ) entrou uma pessoa não sei quem é
- L1 Direita à:: rua::... Boa Vista existia uma galeria  
<sup>l</sup>esse tempo todo... deixa eu ver quem é que entrou aí  
(L.1214-1216)

O sujeito percebe algo (chegada de alguém) e, de imediato, coloca-o no ato até por uma conveniência social, isto é, devemos recepcionar quem chega, porém ao perceber o ato falho, continuam a falar sobre o dito anterior (assassinato).

No segmento tópico 12, o sujeito **elucida**, de forma didática, o que seria uma moça lovelácia<sup>24</sup> (moça leviana), já que está em foco o namoro e o vestuário feminino da época de escola. Assim, ao falar de costumes da época sente a necessidade de ressaltar o recato das moças de ontem com relação às de hoje.

L1 apontava-se para uma moça era el/ela... (lovelácia)  
 ela era:...leviana...então era apontada como tal...  
 hoje é o contrário... aponta-se quando ela é recatada  
 ((riu))...( )

Doc. **é o que era uma moça escandalosa naquela época?...**

L1 **como é?**

Doc. **era só trajar?** já:...

L2 era no trajar (e no::)

L1 **escandaLOsa:: no trajar e no no:: portar-se**  
 (L.232-241, grifos meus)

Após um pedido de esclarecimento feito por um dos sujeitos componente do ato interacional, o sujeito, didaticamente, elucida a dúvida ao criar uma relevância metalinguística ou metaconversacional.

Ainda para explicar o exagero de recato dessa época, o sujeito, no segmento tópico 23, lembra como era o banho de camisola. No colégio de irmãs de Caridade, toda moça devia tomar banho de camisola com gola até o pescoço, não se despiam para tomar banho e esse era feito de portas abertas, pois havia irmãs que vigiavam. Corpo visto como algo puro e sagrado, tão pregado na igreja e aplicado na educação das moças.

[

L2 mas... lá:: no colégio de irmãs da cariDAde...  
 havia TANTo reCAto que:... as alunas tinham (que)  
 tomar... banho de camiSOLA... uma camisola para  
 tomar banho enten/... e uma irmã passean::do ali...  
 né? ne:: chuveiro... as portas abertas... e:: era o banho  
 de camisola... quando a gente saia de lá olhava (e) o  
 pescoço estava... não era só eu... (no tempo mesmo ti/)  
 de:... (de golinha) a minha prima que esteve no colégio  
 Santa Inês não é?... agora no outro colégio não não...  
 não era obrigado a... TANTo recato assim... havia mais  
 liberdade... no colégio Florence em Jundiáí né?

Doc. uhn uhn  
 (L.449-460)

<sup>24</sup> Diz respeito a Lovelace, personagem masculino do romance inglês *Clarice Harlowe* de Samuel Richardson, obra que deve ter sido muito conhecida pelos jovens nas primeiras décadas do século, em São Paulo. (PRETI, 1991, p.64) em a *Linguagem do Idoso*.

Segmento tópico 35, o sujeito busca preparar seu parceiro a aceitar as colocações que fará em relação ao tópico em curso, isto é, a preparação evidencia-se por meio de pistas de contextualização deixadas no caminho do jogo conversacional, tais como: entonação, adjetivação, advérbios que provocam pausa no fluxo conversacional.

- L2                   <sup>l</sup>(tem mais)
- L1 mas até a/ até então a gente:::...
- L2 <sup>l</sup>(mais) ( )...
- Doc. uhn
- L2 não é?
- L1       <sup>l</sup>todo mundo se conhecia havia muita muita  
CONfinça muita liberdade... muita::: vamos dizer  
 assim muita honestida::de muita sinceridade de  
 propósitos... que hoje não existe mais hoje e::ra... o  
 comércio era::: digamos o comércio o comércio era...  
pão pão queijo queijo... era um termo  
 (muito comum)...
- L2       <sup>l</sup>era um ter::mo  
 que se usava...
- L1       <sup>l</sup>o::: o comércio... prometia um determinado  
 artigo e nos entregava aquele artigo... hoje não...  
 hoje::: a gente::: o o comerciante:: proTEla:: e se puder  
 não entregar não entre::ga se subir o preço não  
 entrega... havia não só... comercialmente muita  
 sinceridade muita honestidade... éh:: aqueles  
 negociantes eram... a maioria... negociante e  
 principalmente do ramo de tecido eram portugueses ou  
 ou sírios... o::: sírios já foram modificando um  
 pocadinho o::: o o:: sistema de negócios mas até  
 mil novecentos e... e:: e vinte:::
- Doc. uhn uhn
- L1 (a)inda:: havia muito negô/ negociante (que eram) os  
 negociantes portugueses... esses eram... ehn:::  
 ehn::: INTRANsigentes em matéria de:: de de de  
 respeito aos contratos ( com palavra à sociedade)...
- L2 <sup>l</sup>( )  
 (L.650-680, grifos meus)

Além de mostrar a moralidade do comércio daquela época, o sujeito esclarece por meio do termo “pão pão queijo queijo”, como o comércio era honesto, mas com a entrada dos sírios o comércio começou a mudar.

Assim, por meio da digressão, o sujeito nos dá a direção focal em relação ao tópico que está no horizonte do campo de sua percepção. Também é base informacional ou interacional, pois constrói a centração tópica devido à digressão revelar o “lugar” de onde emerge a relevância de seu conteúdo agora contextualizado.

Por meio do “lugar” explícito no processo discursivo focalizam-se e instauram-se novas relevâncias, pois a digressão torna-se um tópico efetivo do texto, articulado aos demais. A linearidade que tantos estudiosos pregam, foge do jogo interativo da digressão porque esta encontra várias curvas para trazer vivacidade ao ato interativo.

### 3.1.1 Os Articuladores da Digressão

Os articuladores da conversação são chamados de *marcadores conversacionais* (=MC); são descritos pela Gramática Tradicional como “palavras expletivas ou denotativas”, “expressões de realce”, “palavras de difícil classificação” e na Análise da Conversação, são chamados de “organizadores globais”.

Segundo Castilho (2004), são segmentos sintaticamente independentes do verbo, constantes de um ou de mais de um item lexical, ou mesmo de expressões não lexicais. Funcionam ainda, no monitoramento da conversação e na organização do texto. Por isso, distribuem-se no início, no meio ou no final da unidade de análise (= turnos<sup>25</sup>, pares adjacentes, unidades discursivas). Desse modo, são muito relevantes para manter a interação, porém irrelevantes para o processamento do assunto, já que são vazios de conteúdo semântico.

Os marcadores de introdução de segmentos digressivos e os de retomada do tópico anterior têm por objetivo assinalar a introdução de um segmento (digressão) que quebra temporariamente sequência tópica e a volta ao tópico primitivo. Porém, há uma flutuação nos critérios de ordenação dos marcadores, o que nos leva a seguir o que apresenta um caráter convencional, recorrente, além de não apresentar uma lista fechada e pré-determinada. Esses marcadores são, segundo Castilho (2004), divididos em dois grupos os interacionais, voltados para a interação, ou seja, têm valor interpessoal, e os ideacionais, voltados para a coesão de segmentos e enunciados – valor coesivo ou textual.

---

<sup>25</sup> Entenda turno como segmento produzido por um falante com direito a voz.

Os marcadores que indicam o início e o fim das digressões pertencem ao segundo grupo, embora tenham importância sob o ponto de vista interacional. De acordo com esse enfoque, é possível considerar um terceiro grupo de marcadores, **os sobrepostos** (não estudados aqui), já que os marcadores conversacionais possuem, como uma de suas características, o caráter multifuncional.

Loc. eu acho que tudo é válido... a mulher bonita pode fazer o que quiser... já não estou me referindo tanto ao homem... porque o (L.196-197, DID-317, grifos meus)

olha eu... eu sou avançadíssima... gosto de tudo que é moderno... não sou saudosista... até em música sou (L.208-209, DID-317, grifos meus)

do...do que nós chamaríamos hoje cano de bota cano de botinhas...não tinha:: aquele tempo não se (L.74-75, D2-396, grifos meus)

NOS rapazes... então(vamos lá já que está-se a falar) em toailete... era::... nosso ponto ficava na (L.196-197, D2-396, grifos meus)

Nos trechos acima, o marcador conversacional de introdução “eu acho que”, adquire uma dimensão contextualizadora, já que possibilita a inserção das informações no universo conceitual e referencial (mulher bonita) dos sujeitos. O marcador “olha eu” também contextualiza o sujeito da fala, assim mostra sua face para dar poder ao dito (sabe do que fala pois é uma velha moderna). Já o marcador “do que nós chamaríamos hoje” está voltado para a interação, uma vez que o sujeito a utilizou para interagir com o outro no ato conversacional. No último trecho, “então vamos lá que já está-se a falar”, o sujeito de forma direta avisa que irá desviar-se do assunto atual para outro que está à margem, fortalece a interação, pois há um aviso.

Na tabela abaixo, são citados os marcadores utilizados para iniciar um segmento digressivo no inquérito DID-317.

**Tabela 1** - Marcas de introdução da Digressão no DID-317

<b>MARCAS DE INTRODUÇÃO DA DIGRESSÃO<sup>26</sup></b>	<b>Inquérito DID-317 Número de aparição</b>
Então	1
Como eu digo a você	1
Inserção	5
No Brasil	1
Porque	4
Bom	1
Hoje em dia	1
Mas	2
Olha eu	1
Olha	4
A minha mãe	1
Se você disser	1
Então minha mãe	1
Agora	2
Sem marcador	1
Eu já sei	1
Antigamente	1
Mas eu	1
Pouco tempo atrás	1
Eu acho	1
É	1
Ah	2
Fala	1
Você se lembra	1
A gente vê	1
Você não sabe	1
Eu gosto de	1
<b>Total</b>	<b>40</b>

Vê-se que há uma variação de conectivos devido a várias outras marcas empregadas com o intuito de captar a atenção do outro. Há também a presença de inserções, estratégia de preparação para a digressão que em digressões interpessoais imediatas ocorre, na maioria das vezes, a falta de marcação de elementos de entrada, nesse inquérito. Assim, abaixo tem os marcadores conversacionais utilizados após uma digressão (marcadores de retomada do tópico), organizadores da volta ao tópico prévio, fazendo com que a progressão seja mantida. Veja a seguir:

<sup>26</sup> Nesse levantamento de dados unimos marcadores e outras marcas de introdução da digressão (prosódia, entonação).

**Tabela 2** - Marcas de retomada do tópico anterior no DID-317

<b>MARCAS DE RETOMADA AO TÓPICO ANTERIOR</b>	<b>Inquérito-DID-317 Número de aparição</b>
Então	2
Pausas	20
Porque	2
Agora	1
Inserção	7
Repetição do termo anterior	2
E então	1
Certo	1
Minha geração	1
Mas esse	1
Mas então	1
<b>Total</b>	<b>39</b>

É nítido que alguns marcadores de introdução da digressão também exercem a função de retomada do tópico (porque, então), talvez porque há digressão dentro de digressão (17 e 18). Além disso, verifica-se que antes há uma inserção, e também porque há digressão após digressão (8, 9, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 47, 48, 81, 82, 83, 85, 86, 90, 91, 95, 96).

Ainda assim, os marcadores de retomada estão em equilíbrio com os operadores de introdução, porém, geralmente, entre uma e outra digressão (digressão após digressão), há uma inserção. Quando há pausas, é o momento em que a documentadora consegue tomar a fala e voltar ao assunto pré-estabelecido (Vestuário).

Ressalta-se, assim, a afirmação de que a digressão é uma inserção coerente, quase natural; como tal, possui estratégias de entrada e de retomada, já que seu operador tem a finalidade de chamar a atenção para o retorno ou saída da sequência tópica.

**Tabela 3** - As inserções nas digressões no DID-317

<b>Digressões Total de aparição</b>	<b>Inserções antes</b>	<b>Inserções depois</b>	<b>Inserções no meio</b>
41	5	7	127

Nessa tabela, é possível ver que além dos marcadores, o interactante também utiliza uma estratégia, a inserção, para marcar a entrada da digressão ou de uma nova digressão, isto é, um novo tópico relevante, antes daquele que falava. Assim, tanto os articuladores como as inserções, as pausas somam o conjunto de maneiras articulatórias que o sujeito detém para elaboração e construção textual. O sujeito possui estratégia para a chamada inicial (inserções), precisa construir esse desvio, sem deixar “buracos” (marcadores=elos coesivos). Para uma ponte lisa de sentido precisa da interação total do outro, assim o sujeito insere explicações, pede a participação do outro, formando um todo coerente e interativo.

No inquérito D2-396, levantamos, abaixo, os marcadores utilizados para iniciar um segmento digressivo.

**Tabela 4** - Marcas de introdução da digressão no D2-396

<b>MARCAS DE INTRODUÇÃO DA DIGRESSÃO</b>	<b>Inquérito D2-396 Número de aparição</b>
Por exemplo	1
Pouco acima do	1
Eu estou vendo	1
Então	2
Inserção	2
Namorar	1
Vassoura	1
Bailes	1
Lá vinha algum	1
Naquele tempo	1
Corpinho	1
Pausas	1
Mas lá	1
Lá no colégio	1
Bom	1
Bem que	1
Depois com a	1
As padarias	1
Então mudou	1
Tem mais	1
E	2
Seda milinó	1
Essa fazenda	1
Vovó	1
Umas primas	1
Tinha	1

Mas	2
O Mappin	1
Eu quando	1
Canudo de pito	1
Clark era	1
Eu não falo	1
Outro dia	1
Éh	1
Dezoito	1
Foi bárbara	1
Aí meu mano	1
E quando	1
Nesse tempo	1
E um belo dia	1
Passado muito tempo	1
Hoje	1
Ah?	1
Sapato(contudo)	1
Por exemplo eu	1
Tinha até	1
Baeta azul marinho	1
Bom já	1
Quando a gente	1
Usavam também	1
Ah	1
<b>Total</b>	<b>51</b>

Nessa tabela, fica claro que a digressão possui uma diversidade de conectores para marcar o início de uma digressão. No caso das pausas, elas ocorrem quando há uma digressão interpessoal imediata, algo que não é esperado pelo sujeito, sem premeditar fala. E as inserções ocorrem quando há uma digressão após a outra, porém isso não é frequente. Assim, elencamos, abaixo, os marcadores de retomada do tópico.

**Tabela 5** - Marcas de retomada ao tópico anterior no D2-396

<b>MARCAS DE RETOMADA AO TÓPICO ANTERIOR</b>	<b>Inquérito D2-396 Número de aparição</b>
Pausas	38
Repetição do termo anterior	1
Inserção cooperativa	8
Inserção	6
E	1
Depois	1
<b>Total</b>	<b>55</b>

Nesse inquérito, também, o número de retomadas pode ser considerado como igual ao de operadores de introdução. As pausas vêm, novamente, mostrar a entrada do outro para o retorno ao tópico anterior, ou, até mesmo, algumas vezes, para uma nova digressão (inserção cooperativa). As inserções marcam a entrada de uma nova digressão. Assim, a digressão tem estratégias para articular o texto e deixá-lo coeso e interativo, pois seu sujeito exige um outro atento e participativo.

**Tabela 6 - As inserções nas digressões no D2-396**

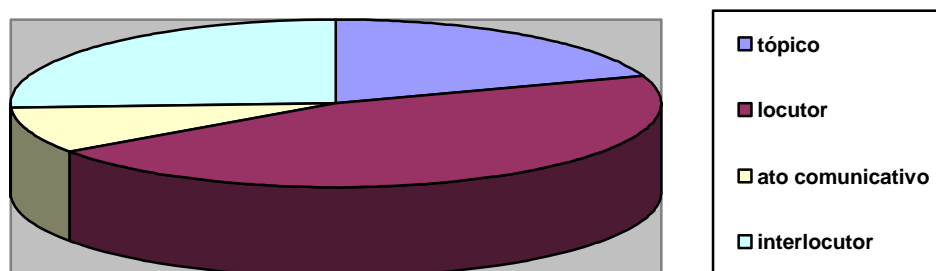
<b>Digressões Total de aparição</b>	<b>Inserções antes</b>	<b>Inserções depois</b>	<b>Inserções no meio</b>
56	2	6	659

Esta tabela revela que, estrategicamente, o sujeito sabe prender o outro de forma participativa dentro daquilo que estava à margem e foi colocado a foco, pois explica, esclarece, pede participação, considera o que trouxe um elemento muito relevante e importante para a interação.

Assim, o sujeito tem em mãos um jogo no qual a cada peça colocada em cena utiliza um recurso e a cada saída utiliza uma estratégia para que seu jogo não fique vazio, parado, “sem graça”. Esse sujeito é irrequieto, não marca sua cara, pois a cada nova jogada de peça, coloca uma estratégia nova, articula, modela o texto de forma a exigir uma constante atenção e participação.

### 3.2 AS INSERÇÕES PARENTÉTICAS

Os parênteses aparecem intratópico e em pequenos segmentos, o que impossibilita a formação de um quadro tópico porque não possuem propriedade de contração e organicidade. Aparece antes, no meio ou depois de uma digressão. Porém, há, abaixo, um levantamento das classes e funções dos parênteses para melhor esclarecer o aparecimento dessa estratégia interativa.



Classe	Foco	Número	%
Parênteses focalizadores da elaboração tópica do texto	tópico	79	20%
Parênteses com foco no locutor	locutor	181	45%
Parênteses com foco do ato comunicativo	ato comunicativo	36	9%
Parênteses focalizadores no interlocutor	interlocutor	103	26%
<b>Total de ocorrências</b>		<b>399</b>	<b>100</b>

Legenda do Gráfico 12

**Gráfico 12** – Focos dos parênteses no DID-317

Pelo gráfico, é possível ver que os parênteses focados no eu (locutor) aparecem em maior número porque o diálogo ocorre centrado no eu, pois é ele quem passa as informações a outro que está na expectativa por ouvir e participar desse diálogo.

Os parênteses focalizadores da elaboração **tópica** do texto atuam no plano da centração tópica, no da formulação linguística do tópico ou no plano da construção textual. Os primeiros são esclarecedores, exemplificadores, possuem marcas formais (no caso, como é o caso, por exemplo). Assim, têm um caráter elucidativo, formam mecanismos facilitadores da compreensão dos enunciados tópicos, asseguram a inteligibilidade e aceitabilidade do texto. No exemplo abaixo, a documentadora percebe que sua primeira pergunta não foi muito clara, tenta assim exemplificar uma situação (viagem para montanha) para saber do sujeito que roupas ele usaria.

Ex.20

Doc. e assim... por exemplo... quando: você vai viajar e vai pra montanha... que que você leva?  
(L.23-24, grifos meus)

Os parênteses relacionados à formulação linguística do tópico explicitam o significado de palavras usadas no texto, apontam a mudança de registro, a busca por denominações que evidenciam o processo aqui/agora da fala.

Ex.21

kilt...compra uma bolsa... sapato não... que meu pé é de japonesa... é minúsculo... eu sou grandona... tenho trinta e três de pé... então... na Europa... eu não compro sapato... ah... eu (L.31-33, grifos meus)

No exemplo 21 é possível ver que o sujeito busca por meio do adjetivo miúdo e do número que usa de sapato, explicitar o significado de “pé de japonesa”.

Os parênteses que têm por função sinalizar a construção do texto, marcam etapas de um tópico, como a retomada de um tópico central após o surgimento de uma digressão ao até mesmo uma inserção.

Ex.22

ultimamente eu compro vestido pronto... porque agora... então... depois de velha... a... a preguiça aumentou... né? agora... sempre debruçada sobre o esportivo... porque nunca fiz esporte assim... eh... seguida... porque... como eu digo a você... eu sou muito dispersiva... comecei a aprender a (L.8-12, grifos meus)

No exemplo 22 há uma remissão a algo já dito, estabelecendo coesão entre as partes textuais. O sujeito retoma a questão da preguiça e de sua total falta de interesse por escolher e experimentar roupas, inserindo uma longa digressão lógico-experiencial ilustrativa, para ficar claro a sua dispersão.

No exemplo 23, o sujeito ao intrometer-se no texto que produz, indica a classe de parênteses com foco no **locutor**, locutor-instanciador do discurso, ou seja, qualificações ou desqualificações que o sujeito se atribui ou referências sobre suas relações com o que diz permitem ao outro a contextualização das condições sob as quais se produzem sentidos.

## Ex.23

perfumes e lenços... trago... gosto... adoro lenço no pescoço... não sei se é pra **tapar** aqui um bocadinho... **tapear** aqui um bocadinho já as pelancas... mas eu sempre gostei... mas sou boêmia... desligada... nada curioso... não sei se é por preguiça mental... você pode deixar um documento aí... se é (L.807-811, grifos meus)

O sujeito faz um comentário avaliativo a seu respeito, desqualificando-o (visão negativa) por achar que devido à idade seu pescoço está cheio de pelancas, assim usa o lenço para encobrir; no entanto ainda se acha boêmia e desligada. Vemos aqui um sujeito que se mostra envergonhado pela idade (“tapear as pelancas”).

No exemplo 24, o sujeito indica desconhecimento do tópico, perde-se no que estava a falar, tem várias pausas até o retorno ao que estava a dizer (roupas e objetos que leva para viajar).

## Ex.24

casaco... claro... não me lembro mais nada... o necessário... a bolsa... duas... porque sempre a gente traz... porque o brasileiro (L.56-57, grifos meus)

Os parênteses com foco no **interlocutor** preenchem uma função fática, instauram a inteligibilidade do texto, trazem o conhecimento partilhado do tópico, testam a compreensão do outro, instauram convivência com o outro. Os sujeitos co-participam da produção de sentido no ato interativo. No exemplo 25, o sujeito está a falar sobre as estações em que viaja e assim evoca o conhecimento do outro sobre o frio no outono.

## Ex.25

duas vezes eu fui na primavera... terceira vez fui no outono... ando sempre pegando um... uns restinhos de... de frio... né? (L.54-55, grifos meus)

No exemplo 26, há uma pergunta e essa é respondida, mas não de forma esclarecedora. Assim, o sujeito exige de seu parceiro mais clareza no dito.

Ex.26

Doc. como é que eles andam?  
 Loc. completamente descontraídos...  
 Doc. o que que é isso de descontraído? pra mim interessaria muito  
 que você descrevesse o tipo de  
 (L.88-89, grifos meus)

No exemplo 27, o sujeito tenta chamar a atenção do outro para um elemento do tópico. No caso, não quer que o outro se prenda apenas ao aspecto de homens irem ao cabeleireiro, fazer unhas, frisar os cabelos, mas que mostre o outro lado do homem.

Ex.27

Doc. dá um aspecto assim diferente? tira esse aspecto de... de...  
 digamos assim... de masculinidade?  
 (L.478-479, grifos meus)

Os parênteses focalizadores do **ato comunicativo** colocam em primeiro plano a própria situação de interação verbal, não têm nenhuma concernência com o tópico sobre o qual se fala. Centram em dados bastante variados: ruídos, negociação de turnos. No exemplo abaixo, evidenciaremos uma sinalização de interferência de dados externos, ou seja, há um momento de corte da fala por um ruído, uma pausa ( ) e depois a continuação do dito.

Ex.28

serviço de cozinha... então... acho que ela ((ruído)) ( ) já  
 costurava... não sei até se costurava por fora... não sei...eu  
 (L.346-347, grifos meus)

Nos exemplos 29 e 30 há um jogo pela posse da palavra, os participantes têm direito igual ao uso da palavra.

Ex.29

que você descrevesse o tipo de  
 Loc. [

a minha... a meu... a minha concepção?

Doc. [ é... é...

Loc. eles usam o que eles querem... o que eles acham que PODEM  
(L.91-96, grifos meus)

O sujeito, antes de terminar sua fala, tem o outro como participante devido à rapidez dialógica, a dúvida é resolvida no aqui/agora.

Ex.30

acredito

Doc. [ assim em detalhes... de... de

Loc. [ eu ainda acredito que haja... a gente vê aí... na  
(L.380-384, grifos meus)

Nesse exemplo, há ainda a crença de que há homens que combinam tudo, como no seu tempo, ou seja, o sujeito tem esperança de haver marcas do passado no presente. Esse processo cooperativo ocorre quando o sujeito reconhece a estrutura que está sendo desenvolvida pelo outro com a palavra, e resolve completar a fala do outro antes que ele o faça.

Assim, cada foco tem uma relevância e uma função textual-interativa, olhe a tabela a seguir.

**Tabela 7** - Relevância dos parênteses no DID-317

<b>FOCO</b>	<b>RELEVÂNCIA</b>	<b>FUNÇÃO</b>
Tópico	Conteúdo Tópico	Exemplificação/ Esclarecimento
Tópico	Formulação Linguística	Solicitação de colaboração do interlocutor na seleção
Tópico	Estrutura Tópica	Marcação de retomada do tópico
Locutor	Sujeito falante (dono da palavra)	Qualificação do locutor para discorrer sobre o tópico/ Manifestação atitudinais do locutor em relação ao tópico
Interlocutor	Sujeito ouvinte	Evocar conhecimento partilhado do tópico/ Instaurar a convivência com o interlocutor

Ato comunicativo	Situação de interação verbal	Sinalização de interferências de dados externos ao ato comunicativo/ Negociação de turnos
------------------	------------------------------	--

Por esta tabela, faremos uma sequência de exemplos para esclarecer as funções elencadas acima. No exemplo 31, temos um parêntese exemplificador que comprova o que está sendo dito. A função de exemplificação aponta o envolvimento do locutor com o assunto, revelando sua atitude em relação ao conhecimento do que comunica, ou seja, o que leva o outro, interativamente, à aceitação do que é dito e à esperada adesão do interlocutor.

Ex. 31

butiquezinha... naturalmente as mais... eu não gosto... parece ru/lojinha da rua Alf/da rua Larga... da rua Marechal Floriano... antigamente... aquela... aquelas coisinhas penduradas... aquelas blusinhas de... de malha pendurada... ao passo que tem loja de homem... por exemplo... na Torre Eifel... eu acho a Torre Eifel uma beleza de loja... tradicional... (L.434-439, grifos meus)

O sujeito compara lojas de roupas de mulheres (uma butiquezinha, na opinião do sujeito, com um monte de coisa dependurada) com lojas de homens que, como a loja Torre Eifel, possuem a beleza e o estilo tradicional de roupas.

No exemplo 32 temos uma inserção parentética esclarecedora, o sujeito detalha dados exposto nos enunciados topicamente relevantes, atendendo à regra da clareza. Há um acordo entre os sujeitos do ato interativo.

Ex. 32

Loc. sim... isto era... em geral era o... era... em geral... a ca/ a... as calças eram listradas e o jaquetão... jaquetão é aquele que transpassa... era... em geral... era um cinza escuro... (L.730-732, grifos meus)

Nesse exemplo, o sujeito pormenoriza como era o jaquetão e a cor que usava, pois considera o outro sem a informação, e é preciso que ele não fique com dúvidas a respeito do enunciado.

No exemplo 33, os parênteses salientam a co-participação dos interlocutores na construção do texto. Um dos sujeitos interrompe por um momento o desenvolvimento do tópico discursivo a fim de entre parênteses, chamar o outro para dentro do texto, pede ajuda para encontrar o significado.

## Ex.33

ainda guardo essas coisas... mas pra essa juventude eu acho fabulosa essa moda...  
 Doc. como é que eles andam?  
 Loc. completamente descontraídos...  
 Doc. o que que é isso de descontraído? pra mim interessaria muito que você descrevesse o tipo de (L.81-91, grifos meus)

O sujeito não entende o que o outro quer dizer com “descontraídos” e pede assim, que ele descreva o significado “descontraído”.

No exemplo 34, o sujeito fala do respeito que sempre teve com os mais velhos, exemplifica que na chegada do diretor do laboratório em que trabalhava, levantava-se, nunca sentou em cima da mesa, mas acredita que isso vem da família.

## Ex. 34

velhinho diretor... a menina continuava sentada... sabe que aquilo... eu sempre respeitei os mais velhos... isso... então eu achava assim uma desconsideração da parte dela... se permanecia sentada... em cima da mesa... começa que em cima da mesa não é lugar de sentar... um químico sentar na mesa... enfim... sentava na mesa... chegava o diretor... permanecia... e se/ instintivamente... eu me levantava... não sei se isso já é coisa de família... que a gente traz de família... é como eu estava dizendo a... outro dia aqui... a minha mãe... por exemplo... nunca chegou pra mim e me disse... L....você vai agir assim... ela me deu exemplos... por exemplo... esse (L.245-255, grifos meus)

O sujeito interrompe o assunto a respeito dos mais velhos, para a inclusão de informações de algo que havia dito alguns dias atrás a respeito da educação que sua mãe lhe deu. Estabelece a coesão entre as porções textuais constituintes do tópico central.

No exemplo 35, o sujeito insere um comentário de autodesvalorização para mostrar que foi uma jovem rebelde, mas nem por isso, só fez o que quis.

Ex.35

me lembro quando eu era... antes de sete anos... eu morava lá em Icarai e tinha uma vizinha de ( ) uma viúva com vários filhos... eu chegava em casa... eu sempre fui muito assanhada... muito sapeca... mamãe... eu quero uma botinha marrom... com... com cano de camurça... mamãe dizia assim... quem é que tem? ( ) é a I. ou é a C. essas... minha filha... são filhas de viúva rica... você é filha de viúva pobre... se você se comportar bem... vamos ver... criou complexo em mim... (L.310-317, grifos meus)

O sujeito se autodesqualifica para mostrar que ela respeitava a mãe, mesmo sendo sapeca, mas, hoje, os jovens não respeitam os pais, e estes os deixam fazer o que tudo.

No exemplo 36, o sujeito mostra um julgamento comparativo entres as lojas femininas e masculinas.

Ex. 36

Loc. olha... eu vejo aquelas butiques... lá de Copacabana... de mulher... eu acho aquilo uma bagunça... as Lilocas... as não-sei o-quê... porque... eh... o Lixo... porque eu fui ver... fui ver... fui ver... (L.412-415, grifos meus)

Mesmo sendo moderno, o sujeito gosta de roupas e lojas tradicionais, que combinam tudo, assim acha as lojas femininas de hoje, como a Liloca, uma bagunça.

No exemplo 37, o sujeito evoca conhecimento partilhado pois fala de cabelo comprido que não usa mais e passa a falar de moda, que ela vem do estrangeiro e, nesse momento tenta confirmar uma afirmativa de que o Brasil só exportou tanga.

Ex. 37

... E então eu já vi que cabelo comprido pra homem acabou... já não se usa mais... porque a moda vem do estrangeiro... a única moda que o Brasil exportou é a tanga... né? essas tanguinhas aí de... desses meninas aí da praia... me parece que é a única coisa ((risos))..  
(L.166-170, grifos meus)

No exemplo 38, o sujeito procura envolver o outro em comentários a respeito do assunto “fraque”. Fala como era e entra no detalhe das abas e, nesse momento, procura envolver o outro.

## Ex.38

Doc. ah... fraque eu gostava de saber como é que era...  
Loc. não era tão bonito... eu gosto mais dos atuais... que são de... de rabo comprido... cauda longa... eram mais... mais curtos os... as abas... é aba... né? é aba... eram mais curtas...  
Doc. eram mais curtas?  
Loc. é... mas de hoje são mais elegantes...  
(L.739-744, grifos meus)

No exemplo 39, o sujeito sofre uma ruptura na formulação do texto por uma interferência de ruído, mas logo volta ao que falava.

## Ex.39

agora ela tinha jeito pra costura... ela não gostava era de serviço de cozinha... então... acho que ela ((ruído)) ( ) já costurava... não sei se costurava pra fora... não sei... eu  
(L.344-346, grifos meus)

No exemplo 40, há um jogo entre um sujeito e outro pela posse da palavra. Falam juntos, sobrepondo vozes, “brigando” pela vez de falar, até que um deles verbaliza essa disputa pelo turno.

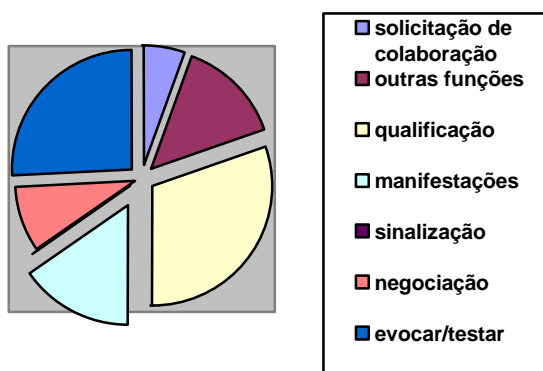
## Ex.40

variedade muito grande de coisas... mas as de homem eram assim  
Loc. [ menos  
Doc. menos rígidas... não é?  
Loc. [

Doc. hoje em dia  
 Loc. [   
       não  
 Doc. que que a gente vê? A gente vê tanta coisa...  
 Loc. [   
       olha... eu... eu digo a você o  
       seguinte  
 Doc. [   
       você tem visto assim ultimamente  
       essas lojas?  
       (L.395-411, grifos meus)

Vê-se que, no momento de pausas, o outro entra para dar a sua contribuição ou até mesmo antes do outro terminar o que gostaria de falar, até porque neste trecho tanto a pergunta quanto a resposta devem estar claras para ambos.

Abaixo, verificaremos a predominância das funções das inserções parentéticas no inquérito DID-317, apesar de em vários momentos elas se misturarem, interpenetrarem-se.



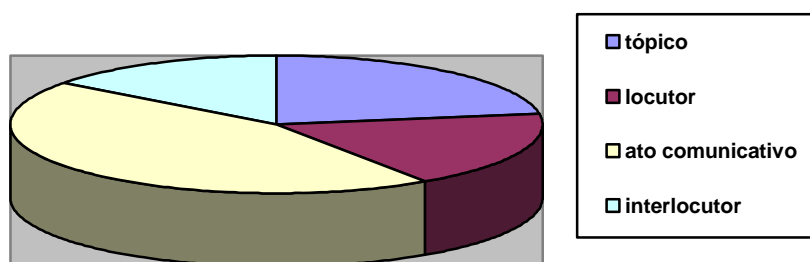
Tipos de inserções parentéticas	Funções	Número e porcentagem (%)
Focada no tópico	Solicitação de colaboração	22 – 5,5%
Focada no tópico	Outras funções	57 – 14,3%
Focadas no locutor	Qualificação do locutor para discorrer sobre o tópico	121 – 30%
Focadas no locutor	Manifestações atitudinais do locutor em relação ao tópico (julgamento, opinião)	60 – 15%
Focadas no ato comunicativo	Sinalização de interferências de dados externos ao ato comunicativo	1 – 0,2%
Focadas no ato comunicativo	Negociação de turno	35 – 9%
Focadas no interlocutor	Evocar conhecimento partilhado do tópico/ testar a compreensão do locutor	103 – 26%

Legenda do Gráfico 13

**Gráfico 13** - As funções dos parênteses no DID-317

Há uma presença marcante de avaliações do sujeito em posse da palavra, ele atribui referências sobre suas relações com o que diz. Num segundo momento, evoca e testa o outro a fim de que esse se envolva, firma contato quanto ao domínio do assunto. Essa dinamicidade textual forma um jogo de usos de estratégias que enlaçam os participantes no dito e conseqüentemente no ato interativo.

Os parênteses no Inquérito D2-396 aparecem mais centrados na troca de turnos, já que os participantes deste inquérito são um casal de irmãos e uma documentadora. A busca por participar, cooperar, acrescentar, indicar um novo tópico ocorre por várias vezes, mas como no outro inquérito há explicitações do dito, presença do eu e o pedido de cooperação, como podemos ver no gráfico abaixo:



Classe	Foco	Número	%
Parênteses focalizadores da elaboração tópica do texto	tópico	224	22,4%
Parênteses com foco no locutor	locutor	181	18,1%
Parênteses com foco do ato comunicativo	ato comunicativo	448	44,7%
Parênteses focalizadores no interlocutor	interlocutor	148	14,8%
<b>Total de ocorrências</b>		<b>1001</b>	<b>100</b>

Legenda do Gráfico 14

**Gráfico 14** – Focos dos parênteses no D2-396

Os parênteses focalizadores do tópico assumem objetivos interacionais, criam mecanismos facilitadores da compreensão dos enunciados tópicos, asseguram a inteligibilidade e aceitabilidade do texto, preenchem condições discursivas importantes para a eficácia do ato comunicativo.

## Ex.41

Doc. <sup>l</sup>e:: e muDAva-se a:: cor do cabelo?...

L2 mudava eu era das tais que mudava (eu era)

L1 <sup>l</sup>mudava com

L2 atreVI::DA...

L1 <sup>l</sup>água oxigenda só...

L2 uma hora eu estava LOIra...com água oxigenada...

(L.1969-1974, grifos meus)

O sujeito explica como mudava a cor de seus cabelos, assim diz que para ficar loira, usava “Atrevida” (marca da água oxigenada) até dizer que era com água oxigenada.

Os parênteses focalizadores do locutor mostram opinião, qualidades, autovalorização ou desvalorização, as representações do eu a respeito de seu papel discursivo de locutor-instanciador do discurso.

Ex.42 Contextualização: os sujeitos falam sobre remonte de sapato, como tornavam novo um sapato velho.

tudo é novo...( )... quer dizer que:: (ia/)havia um espírito DE economia... hoje não existe mais esse

Doc. <sup>l</sup>uhn uhn

L1 espírito de economia... a sociedade hoje é de gastar é de consumo...

Doc. uhn uhn

L1 então:: não se não se não se não se remenda mais os sapatos joga-se fora...

(L.1680-1687, grifos meus)

O sujeito aproveita para mostrar a sociedade do seu tempo a qual era econômica – todos economizavam –, diferente de hoje que são de consumo, de gastar pois não remendam sapatos, jogam fora quando este está velho.

Os parênteses do ato comunicativo centram-se no ato interativo em processo, colocam em primeiro plano a própria situação de interação verbal. No exemplo abaixo, há um jogo pela posse da palavra.

## Ex.43

- L2 (courageado)  
 Doc. <sup>l</sup>( )... lá em Santos...  
 L1 para Santos::... houve uma recepção um baile lá em Santos... você não foi é Ana que foi...  
 L2 eu não fui foi Ana( )... ( )...  
 L1 <sup>l</sup>foi Ana... Ana (Malaide) a Benedita minha cunhada foi também...  
 L2 <sup>l</sup>foi e:: eCassiano também...( )...  
 L1 <sup>l</sup>Cassiano é (o tal) ( )vocês não foram...  
 Doc. <sup>l</sup>mas::... o senhor não ia também a Santos assim à:: pra::ia?  
 L1 <sup>l</sup>a Santos(viemos)uma umas duas vezes... algumas vezes (L.1764-1776, grifos meus)

Nesse trecho, os sujeitos, cada um a sua maneira, tentam ter a posse da palavra sobrepondo suas vozes (l), “brigando” pela vez de falar.

Os parênteses com foco no interlocutor (ouvinte/outro) explicitam relações de contato entre locutor e interlocutor, evidenciam envolvimento conjunto dos participantes no ato interativo, na abordagem de temas sobre os quais concentram sua atenção.

## Ex. 44

- L1 que não mandavam remendar roupa(nenhuma)davam(-na)  
**não é?**  
 Doc. é  
 L1 davam aos pobres os modestos a... e era muito comum estu/encontrar o estu/ os estudantes com...com remendo...  
 Doc. é mesmo...(ri) dona A....e éh e os passeios a Santos no seu tempo de mo::ça vocês i::am ou:: mais tarde... (L. 1734-1741, grifos meus)

O sujeito chama o outro para interagir e esse participa concordando, até chamá-lo para volta ao tópico central.

Assim, cada foco tem uma função textual-interativa, a seguir a tabela .

**Tabela 8** - Relevância dos parênteses no D2-396

FOCO	RELEVÂNCIA	FUNÇÃO
Tópico	Conteúdo Tópico	Exemplificação/ Esclarecimento
Tópico	Formulação	Solicitação de colaboração do interlocutor na seleção
Tópico	Linguística	
Tópico	Estrutura Tópica	Marcação de retomada do tópico
Locutor	Sujeito (tem a palavra)	Qualificação do locutor para discorrer sobre o tópico/ Indicação da fonte enunciativa do discurso
Interlocutor	Sujeito (outro, ouvinte)	Evocar conhecimento partilhado do tópico/ Instaurar a convivência com o interlocutor

Por essa tabela, explicita-se o aparecimento de cada uma das funções parentéticas no inquérito D2-396. A primeira elencada, a exemplificação, aponta o envolvimento do locutor com o assunto, revela sua atitude em relação ao conhecimento do que comunica.

Ex.45

Doc. e a dona A. a senhora lembra assim de alguma toaLete...  
 muito bonita que a senhora tenha gosta::do que tenha  
 ficado...na memória?  
 L2 éh dia de formatura...  
 Doc. uhn uhn  
 L2 não é?eh por exemplo vovó elas nos davam:::...  
vestido muito bonitos (com)escolhíamos boas  
costureiras... na rua Itapetinini::ga:::...  
 (L.336-343, grifos meus)

O sujeito lembra qual vestido gostou mais e também, exemplifica que a sua vovó é quem dava o tecido e deixava escolher uma boa costureira. Assim, a confiabilidade e a aceitação do dito tornam-se mais autênticas e de fácil adesão ao dito.

A função de esclarecimento detalha o dito de forma que o torne mais claro, assim até 1940 todos se conhecem porque o sujeito conseguia rodar a cidade (particularidade da informação), mas depois, veio muita gente de fora (imigração, migração), então a cidade cresceu e ninguém mais se conhecia.

## Ex.46

- T. como vai?...como vai os B. como vai?"... no centro da cidade a gente encontrava ce/ cenTEnas de:... Todo mundo se conhecia...
- L2 ahn
- L1 até mil nó/ até mil novecentos e quarenta todo mundo se conhecia em São Paulo...
- Doc. ( )éh::?
- L1 (tod/é verda/rodava pela)cidade éh::... rapazes todos se conheciam... depois de quarenta não agora ( ) a gente vai para a cidade não conhece mais ninguém:: em absoluto... porque:: foi TANta gente vindo de fora tanto... tantos advenas...
- L2 estran:: estrangeiros não é?  
(L.632-644, grifos meus)

A solicitação de colaboração do interlocutor na seleção lexical destaca a colaboração do outro na construção do texto. São casos em que o sujeito interrompe por momentos o desenvolvimento do tópico discursivo, a fim de, entre parênteses, chamar o outro para dentro do texto, com intuito de pedir-lhe ajuda para encontrar uma denominação. No exemplo abaixo, o sujeito pede ajuda para achar uma denominação melhor para a chamada, na sua época, seda milinó.

## Ex.47

- também eram todas importadas... e:: o veludo astracã seda milinó...
- Doc. o que é isso? ((ri))
- L1 milinó é milinó é uma lâ...
- L2 ( )
- L1 de(um)...
- L2 <sup>l</sup>era uma lâzinha
- L1 de um gado:: chamado de um::... um carneiro que chama-se milinó é de uma... é de uma...(deve::)... não sei se é da Austrália...se não me engano é da Austrália esse milinó... não sei... essa qualidade de::... de::...de carneiro...milinó... era da... e::... um/havia muita::... muita chita muita ganga... ganga é uma fazenda::... o que será a ganga hoje?...a ganga é::... a ganga regra geral::... é::... vamos ver se tem uma coisa que::... era uma espécie de de de de de de de de::... de::--como é que chama essa esse negócio aqui:: meu Deus do céu...- -esta::...
- Doc. a senhora não lembra dona A.?
- L2 não( )
- L1 essa fazenda leve que tem aí hoje que todo fala é... que não é bem ah cetim é... é com/ era como se fosse um algodãozinho...  
(L.720-742, grifos meus)

A marcação de retomada do tópico remete a algo já dito, estabelecendo coesão entre as porções textuais constituintes do tópico central.

Ex.48 Contextualização: após falar sobre o tamanho do vestido, o sujeito constrói longas digressivas a respeito do banho de camisola, orientação alemã e diretores, e fundadores de escolas alemãs. E retoma o tópico central com o parêntese: *voltamos a falar de toalete*.

- L2 é::dona Rosa Flat (então mandava vir as  
 L1 saíram os Florence:: ( )  
 L2 professoras de lá... de pintu::ra de... mandava vir  
 da Inglate::rra não é?... professor de alemão quem  
 quiSESSE:: aprendia alemão...  
 L1 mas(estamos)...voltamos a falar de:: de toaletes...  
 (L.499-504, grifos meus)

No decorrer de sua fala, o sujeito pode inserir um comentário avaliativo, é o caso abaixo; ele já trabalhou em várias funções, teve vários tipos de negócio. Desse modo, o sujeito resume-se em uma frase: *eu fui tudo eu tive tudo*.

Ex.49

- L1 ((riu))mas (é que eram bem)bem apertadinha nos pés...  
 mal podia entrar nos sapatos... os sapa/ eu também  
 tive casa de calçados... ((riu))eu fui tudo eu tive tudo((riu))...  
 L2 ( )de calçados ( )  
 (L.947-950, grifos meus)

O sujeito também atribui ponto de vista sobre o assunto a fontes não identificadas, exime-se da responsabilidade do que é dito. No exemplo abaixo, fala da época da calça boca de sino e da canudo de pito, sendo que essa última tinha um público específico; mas para não se colocar a calça canudo de pito, afirma: *diziam que canudo de pito era só malandro que usava*.

Ex.50

- L1 canudo de pito era bem apertadinha bem:: apertada na  
 manga então diziam quem... malandro é que usava a  
 roupa canudo de pito para esconder a navalha ali  
 dentro...  
 Doc. ah é?

L1 ((riu))mas(é que eram bem)bem apertadinha nos pés...  
mal podia entrar nos sapatos... os sapa/ eu também  
(L.942-948, grifos meus)

O sujeito, por meio dos parênteses *como a senhora sabe*, estabelece o consenso e atesta que o outro domina aquele conhecimento. Assim, evoca o conhecimento partilhado porque desvia do tópico em curso para firmar contato entre os sujeitos sob o domínio do assunto.

Ex.51

e:: São Paulo era mais FRIO do que hoje... bem mais  
frio a a não ser um dia:: este ano tivemos frio mas...  
raramente é... São Paulo era é/ era::--como a senhora  
sabe--era o São Paulo da garoa...  
(L.563-566, grifos meus)

O sujeito, também, tenta instaurar convivência com o outro, envolve-o nos seus comentários, avaliações e opiniões. No exemplo abaixo, ao falar do melhor clube de São Paulo, o Internacional, chama o outro para o assunto (né?) e expõe sua opinião (era bom), e o outro apenas concorda e complementa dizendo que o clube era grande.

Ex.52

falar em bailes:: baile do Internacional que era clube...  
era o melhor clube de São Paulo nessa ocasião... eram  
famo::sos os bailes do Internacional...  
L2 <sup>l</sup>tinha Círculo Italiano também  
né? que era bom...  
L1 <sup>l</sup>é::esses eram (os de)os grandes...  
(L.516-521, grifos meus)

O Ato comunicativo pode ter sinalizações de dados externos o que acarreta ruptura na formulação do texto falado.

Ex.53

L2 costureiras ((ruído do microfone))... hoje como tem a  
butique também tinham:: essas casas...  
(L.830-831, grifos meus)

Vê-se que o sujeito está a falar quando é interrompido pelo ruído do microfone, há pausas e só depois continua a falar.

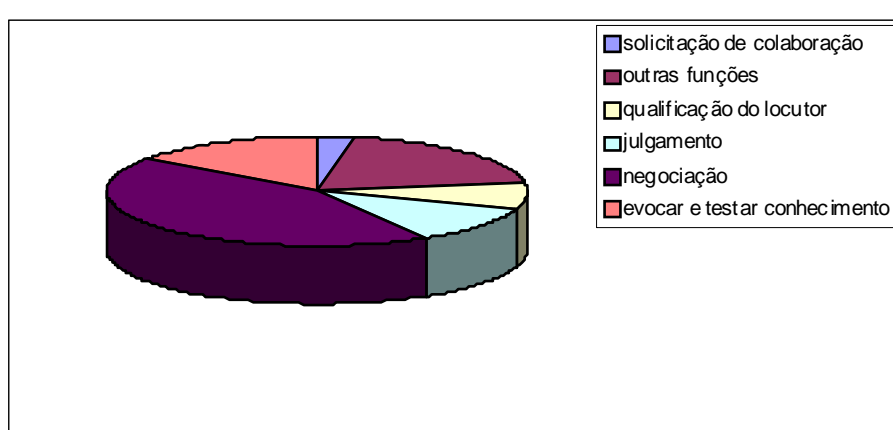
Esse inquérito foca bem o momento de interatividade com a negociação de turnos. O jogo pela posse da palavra ocorre várias vezes, até porque os sujeitos têm direito igual ao uso da palavra.

#### Ex.54

L2 mil réis na cidade  
 L1 o ordenado de uma professora mal dá para pagar a...  
 Doc. a gasolina de carro uma toailete ( )  
 L1 é  
 L2 ( )  
 L1 o aluguel de casa então não se fala  
 Doc. ( )  
 L1 o aluguel de casa hoje é mais do que é o ordenado  
 L2 NEM se fala  
 (L.1074-1083, grifos meus)

As tomadas de turnos ocorrem para completar a ideia do outro, em momentos de pausas do outro. O exemplo acima, as falas se sobrepõem, as marcas dessa disputa de turno ocorrem por meio dos / e do ( ).

Assim, essas funções não são separadas como mostramos, por muitas vezes se misturam, mas é possível mostrar a que mais aparece no texto. Veja o gráfico 15:



Tipos de inserções parentéticas	Funções	Número e porcentagem (%)
---------------------------------	---------	--------------------------

Focada no tópico	Solicitação de colaboração	26 – 2,5%
Focada no tópico	Outras funções	198 – 20%
Focadas no locutor	Qualificação do locutor para discorrer sobre o tópico	72 – 7,1%
Focadas no locutor	Julgamento, opinião	109 – 11%
Focadas no ato comunicativo	Sinalização de interferências de dados externos ao ato comunicativo	21 – 2,1%
Focadas no ato comunicativo	Negociação de turno	427 – 42,6%
Focadas no interlocutor	Evocar conhecimento partilhado do tópico/ testar a compreensão do locutor	148 – 14,7%

Legenda do Gráfico 15

**Gráfico 15** - As funções dos parênteses no D2-396

Esse inquérito, por ter a participação de um casal de irmãos e uma documentadora, sinaliza mais o jogo pela posse da palavra e busca esclarecer e explicitar o dito para que não haja desinteresse ou falta de entendimento do dito.

Os parênteses, por terem uma curta extensão, aparecem com as seguintes configurações formais: marcadores discursivos, sintagmas nominais, frases, simples, frases complexas, pares adjacentes, anacolutos, com marcação de pausas (antes, no meio, no fim), repetição de itens lexicais do termo anterior, uso de conectivos. E essas marcas podem ocorrer para denotar interrupção do tópico discursivo ou reintrodução do tópico discursivo.

Nessa análise, mostra-se, por meio de uma tabela, como elas aparecem nos dois inquéritos.

**Tabela 9** - As marcas de introdução de inserção no DID-317 e no D2-396

<b>Marcas introdutórias de inserção</b>	<b>Inquérito DID-317 Números</b>	<b>Inquérito D2-396 Números</b>
Marcadores discursivos	130	51
Frases simples	28	8
Sintagmas Nominais	2	0
Frases complexas	7	0
Pares adjacentes	13	38
<b>Pausas antes</b>	<b>248</b>	<b>246</b>
Pausas no meio	31	17
Anacoluto	9	9

As marcas de introdução ocorrem em maior número em forma de pausas, são essas marcas que funcionam igualmente como critério de reconhecimento e delimitação de fatos parentéticos.

**Tabela 10** - As marcas de reintrodução de inserção no DID-317 e no D2-396

<b>Marcas reintrodutores de inserção</b>	<b>Inquérito DID-317 Números</b>	<b>Inquérito D2-396 Números</b>
Marcadores discursivos	11	63
<b>Pausas depois</b>	<b>251</b>	<b>334</b>
Pausas não preenchidas	17	7
Repetições de itens lexicais	8	4
Uso de conectivos	6	0

As marcas formais da retomada do tópico após a inserção aparecem também com pausas, esse resultado está em consonância com a tese de que a inserção tem dimensão pragmática, materializa-se na atividade interacional, contextualizando-o na situação de enunciado. Confirma-se também que, desviando-se do tópico em que se encartam, os parênteses acabam atuando sobre a dimensão ideacional do texto, pela interferência, no significado dos enunciados tópicos, dos dados pragmáticos que iniciam. Assim, o aviso de entrada é a marca para os participantes do ato interativo; já a retomada ocorre quase que natural, porquanto a inserção é apenas um segmento-contexto que orienta a própria compreensão da fala.

Nesse capítulo, direcionamos a atenção para a análise dos dados da dissertação. Inicialmente, identificamos o tópico geral em dada interação (inquérito), verificamos como os tópicos subordinados são coerentemente hierarquizados. A partir da identificação desses tópicos, reconhecemos as sequências digressivas segundo os conceitos de Andrade (2001). As decisões acerca de cada tipo de digressão encontrado tiveram que levar em conta o discurso do vestuário e as formas mais ou menos ritualizadas que delimitam cada etapa das interações em inquérito do tipo DID e D2, bem como as finalidades estabelecidas. Por último, analisamos o papel exercido pelas digressões na construção do discurso ideacional e interativo.

Da mesma forma, analisamos o tipo de relevância das inserções, a sua posição e as suas funções no processo interativo. Esses conceitos pautados nos estudos de Jubran (2006) proporcionaram achados, dentre eles a verificação de que os desvios em tópicos discursivos acontecem também de forma curta, explicativa ou informativa, e às vezes em conjunto com desvios mais longos (digressão).

Nos dois inquéritos analisados, as marcas delimitadoras dos trechos digressivos foram: inserção antecedente a sequência, marcadores discursivos, pausas após a digressão. Já as inserções parentéticas são marcadas por pausas antes e depois das inserções.

A análise dos dados revelou que as digressões ocorrem motivadas por mudanças de foco relacionadas ao tópico em andamento, trazendo para o discurso um conjunto de relevâncias existentes no campo de percepção dos sujeitos. Ao instaurarem as digressões e as inserções no discurso, os sujeitos do ato conversacional constroem a tessitura do texto oral, inserindo explicações, exemplos, comentários, elucidando fatos, buscando a maior interação com o outro, com o dito e com o próprio ato interacional.

Desse modo, se “a digressão revela ou desvela o lugar de onde emerge a relevância de seu conteúdo agora contextualizado”<sup>27</sup>, a digressão em conjunto com as inserções, nesses inquéritos, possibilitam um olhar para todo o espaço em que o discurso é gerido, para o quadro em que a centração tópica se constrói. Distante de serem um tipo de ocorrência de desarticulação textual, as estratégias proporcionam a integração das relevâncias que são efetivadas passo a passo, tornando-se tópico do discurso.

Essa análise possibilita correlacionar dois inquéritos de tipos formais diferentes pois uma interação DID, restringe uma pessoa a falar e a outra a ouvir, interromper, perguntar, sugerir, quase uma entrevista. Já na interação D2 há uma flexibilidade maior de fala entre os sujeitos, principalmente porque os personagens principais são irmãos. Assim, após a análise quantitativa dos dados ficou claro que, apesar do DID ter apenas cinquenta minutos, ele apresenta mais tópicos e subtópicos que o D2, devido à documentadora perceber a falta de assunto ou término desse, ela inicia outro tópico e, a partir desse sugere outros.

---

<sup>27</sup> Andrade, 2001, p.236.

No inquérito D2, setenta e cinco minutos gravados, há uma mesma proporção de digressões e subtópicos, uma mostra de poucas intromissões da documentadora e da interatividade do casal de irmãos, e também da documentadora com os irmãos.

As marcas de introdução da digressão são mais marcadas com inserções no inquérito DID, já no D2 não há uma marca relevante. Isso é fruto da perspicácia do sujeito que quer mais atenção do seu participante, assim não lhe deixa marcas claras do que virá. As marcas de reintrodução do tópico anterior à digressão tanto num inquérito quanto no outro são indicadas por pausas, uma preparação do sujeito para a sua próxima estratégia.

Essa análise possibilitou um dado interessante, as inserções aparecem no meio das digressões para complementar o que uma longa digressão pode, às vezes, deixar à margem ou não explicitar. Metaforicamente, a inserção seria a lombada no meio de uma longa pista sinuosa.

O papel das digressões do tipo lógico-experiencial na diferenciação da construção do discurso nos dois inquéritos ocorre de forma mais expressiva no DID e aparece em concomitância com a digressão retórica no D2. Isso significa que pontos de vista dos sujeitos foram deslocados, em maior proporção, da margem em que se encontravam e, por algum momento, focalizados em outro; também comentários de algo importante elucidado pelo tópico prévio e ilustrações relativas ao tópico anterior, que tornam concretas as opiniões dos sujeitos, mais explícitas. A concomitância de digressões lógico-experienciais e retóricas no D2 deve-se aos sujeitos possuírem uma idade mais avançada, a qual permite serem mais didáticos na forma de expor, de falar.

As inserções parentéticas ocorrem em maior número no inquérito D2 devido ao maior envolvimento dos participantes no ato e também por sua longa duração. Porém, devido às características do inquérito DID, há uma predominância do foco no locutor, nas suas qualificações, não obstante esse foco tem como objetivo a clareza no ato comunicativo. E no inquérito D2, mediante o foco no ato comunicativo, na negociação do turno, deixa claro o envolvimento dos participantes com o ato comunicacional e interativo.

As marcas de introdução da inserção e de volta ao tópico, tanto num inquérito quanto no outro, são as pausas antes e depois, ou seja, o aviso, a expectativa para

outro se preparar para a próxima viagem no jogo interativo. Nesse sentido, há, ainda, uma frequência maior de inserções tanto num inquérito quanto no outro, seu caráter intratópico facilita as explicações e preparações para outros tópicos.

As estratégias cumprem seu papel de levar os sujeitos à participação de forma ativa, atenta e compreensiva no ato interacional. Vemos nas longas narrativas a vivacidade, o jogo pela busca de palavras que ficaram num tempo passado, mas que precisam ser esclarecidas no momento interacional. O dito não pode ficar obscuro pois o sujeito quer um indivíduo participativo.

## CONCLUSÃO

Cabe, agora, retornar aos questionamentos que nos fizeram chegar até aqui. Qual o papel das digressões e das inserções em textos orais? Nessa análise, é levar os sujeitos a comunicarem de forma atenta e compreensiva da interação. E o papel da digressão e da inserção na interação entre os sujeitos do ato interativo? Fica óbvia a vivacidade, o ato lúdico do texto, que possibilita um jogo pela busca da/na palavra.

Mas, e as funções dessas estratégias textuais? São elas que possibilitam o esclarecimento, a explicação, a ilustração do dito para que não haja falta de compreensão. Já as funções interacionais são as mais marcantes, principalmente no inquérito D2, pois as estratégias conseguem um total envolvimento dos sujeitos com e no ato interacional, de modo que as funções da inserção são focadas no ato comunicativo e na negociação de turnos. Há uma disputa para melhor explicitar ou ilustrar o dito, principalmente porque as duas documentadoras dos dois inquéritos são mais novas que os sujeitos, o tema é histórico, e desse modo, os sujeitos sabem o quanto têm a dizer. Embora, no inquérito DID, o sujeito tenha algumas inibições, ele consegue efetivar o ato interacional, pois precisa de um sujeito participante da sua história. Além disso, o participante quer saber mais, pois não viveu na sua época, precisa conhecer as coisas, fatos e objetos que o outro valoriza e o porquê valoriza.

Nos dois inquéritos, as inserções parentéticas co-acontecem com as digressões de forma que o interlocutor aciona seu *frame* e chega ao sentido. Em toda a conversação, os sujeitos mantêm o desenvolvimento textual em torno de um conjunto de referentes comuns que estabelecem pontos de convergência da atividade verbal. Desse modo, o analista busca detectar o elemento focal nos segmentos textuais, elemento este que o auxilia a perceber quando os interlocutores centram a atividade em um ponto de um conjunto, resultante de uma interdependência semântica (associativa, exemplificativa, implicativa) ou pragmática.

Assim, a digressão deixa surgir no texto outro domínio de relevância. Ao suspender temporariamente o tópico central, cria-se uma cena em que o foco é direcionado para um propósito de natureza pessoal (digressão lógico-experiencial), contextual (digressão interpessoal incidental e digressão interpessoal imediata) ou textual (digressão retórica

didática e digressão retórica persuasiva). Já as inserções parentéticas trazem para o texto explicitações acerca da situação enunciativa que têm implicações sobre a significação dos enunciados tópicos vizinhos.

Para que essas estratégias discursivas sejam sentidas como coerentes, é preciso observar a atividade em curso: o foco de um elemento depende do interesse e necessidade do sujeito pode ser explicitado somente a partir do contexto situacional.

Sob tal enfoque, o caminho escolhido para analisar a atividade conversacional foi o da configuração contextual, pois o objetivo era atingir a organização funcional do texto, explicitando como os textos se manifestam em termos de estrutura.

As estratégias não provocam rupturas ou descontinuidades no fluxo conversacional, pois os sujeitos se utilizam de recursos coesivos como repetição, pausas e marcadores conversacionais (e, mas, então, sabe, né, agora) para volta ao tópico prévio. E são essas marcas formais que permitem precisar a identificação e delimitação de um tópico discursivo. Portanto, são essas estratégias que dão vivacidade ao jogo textual-interativo e permitem um envolvimento maior dos participantes.

Observa-se que o tópico principal, Vestuário, é subdividido, ao longo da conversação, em tópicos ou subtópicos de natureza colaborativa. Por outro lado, o fato de os sujeitos partilharem, de maneira mais ou menos homogênea, os conhecimentos e experiências adquiridas, faz com que eles usem os recursos da pressuposição, inferência (*frames*), também usuais nos falantes de outras faixas etárias.

Esses diálogos têm um caráter didático, marcado por pontos de referência no passado, e essa referência remete a fatos relevantes para quem viveu uma determinada fase. Assim, quando se trata do tempo da juventude, do vestuário de sua época, o idoso revela uma disposição pouco comum em outros tipos de falantes. Compreende-se, aqui, que é a oportunidade de participação social efetiva, de interagir com uma documentadora atenta, situação pouco comum, quando se trata de um falante idoso.

Esse interesse gera o desejo de que a documentadora participe do diálogo e, para isso, é preciso cumprir a tarefa, até certo ponto didática, de explicar os fatos,

esclarecendo as palavras e expressões desconhecidas pela documentadora, ou cujos referentes desapareceram no tempo. Assim, os idosos cumprem com satisfação a missão de passar experiência e conhecimento às gerações mais jovens.

Quanto à estrutura do discurso, observa-se que a categoria *tempo* percorre a construção dos tópicos, dividindo-o em *antes* e *agora*, marcadas por recursos coesivos (no meu tempo, antes, hoje). O primeiro representa um período de vivência que possibilita a análise do presente e, por isso, torna-se mais importante para o falante, em função dos valores que, no julgamento do idoso, são superiores aos de hoje. Com essa oposição, acentua-se a feição crítica à sociedade atual e, também, à manutenção da imagem do falante.

Nesse sentido, Galembek (1999b) inicia seus estudos goffmanianos e depois segue Brown e Levinson (1987) para dizer que todo indivíduo possui duas faces: uma para obter aprovação (positiva) e outra, a face negativa, que se resguarda. Nos inquiridos, aqui examinados, os sujeitos estão em posição de vulnerabilidade, no entanto há uma particularidade na linguagem do idoso, a categoria tempo. Para construir e manter uma imagem positiva de si mesmo e de seu interlocutor emprega recursos de marcação temporal, mecanismo de defesa de possíveis ameaças à face ou elaboração da face, evidenciada pela oposição dos recursos temporais.

Quanto aos dados obtidos referentes à digressão no inquirido DID-317, é frequente a digressão lógico-experiencial ilustrativa devido ao caráter dinâmico da interação. Os sujeitos trazem para o momento algo evidenciado no tópico anterior, deixam o foco do conjunto de relevâncias tópicas para outro marginalmente localizado. O sujeito, nesse inquirido, utiliza mais o campo por ainda tentar conviver com o jovem de forma tolerável, tenta não ser cansativo, exaustivo e autoritário pois sabe do que o jovem gosta.

Porém, no inquirido D2-396, devido à relação familiar entre os sujeitos e a idade mais avançada do que o sujeito do inquirido DID-317, usam em quantidade basicamente equivalente a estratégia de digressão didática elucidativa e a lógico-experiencial ilustrativa, pois sabem sua condição de “velhos” na sociedade. Assim, optam pelo modo de dizer e pelo campo porque sabem o quanto têm para ensinar, para mostrar aos mais novos.

Nos dados relativos às inserções parentéticas há uma diferença entre o inquérito D2-396 e o DID-317, na caracterização “formal”, isto é, nos dados temos: no inquérito D2-396, a predominância de parênteses com foco no tópico; já, no inquérito DID-317, a predominância de parênteses com foco no locutor. Devido ao tipo de inquérito, a locutora tende a voltar os fatos para si e falar de si, há um ego-envolvimento.

Porém, quando analisamos a função desses parênteses, percebemos que 90% dos casos são focados no tópico (assunto), porque voltam para o locutor a fim de esclarecer, explicitar o tópico. Dessa forma, por mais que tenhamos um contexto comum partilhado sobreposto na continuidade do enunciado, do tópico, a preocupação dos sujeitos é com o texto. A informação tópica vem associada à interação (locutor/interlocutor), mas se voltam para o assunto e também para a interação.

Apesar das estratégias de inserções parentéticas aparecerem em maior demasia no discurso do que as digressões, as porções intratópico com características frequentes metalinguísticas (foco no ato comunicativo e interacional) surgem na busca de fatos que afloram à memória. Os idosos redundam a organização discursiva com inserções parentéticas a fim de manter como referência de seu diálogo o passado, ainda que centrado em temas do presente, articula-se com base em duas realidades, a do ontem e a do hoje.

São nessas instabilidades do dizer do idoso que as inserções se efetivam como eixo de ligação complementar ao dito anterior e entre os ditos (anterior e posterior). Por isso, surgem de forma marcante no meio das digressões, com o intuito de relacionar as sequências tópicas pois, algumas vezes, um simples esclarecimento veiculado num segmento parentético é suficiente para o surgimento de uma longa digressão. Nesse sentido, tanto num inquérito quanto no outro há um intuito elevado de esclarecer, explicitar, ilustrar o dito para que o interlocutor permaneça atento e participante no ato conversacional.

As estratégias discursivas nas falas dos idosos são jogos vivos sobre um passado muito valorizado, porém estabelecem os fatos e os pormenores que importa mencionar no seu discurso. Tudo isso é mostrado por faces, que, na verdade, temem rejeição, vivem no silêncio, mas ao encontrarem ouvintes sedentos por conhecimento, tornam-se contadores de uma preciosa documentação da longa “viagem no tempo”.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. L. C. V. O. *Digressão: uma estratégia na condução do jogo textual-interativo*. 1995. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. A digressão como estratégia discursiva na produção de textos orais e escritos. *Projetos Paralelos*. In: PRETI, D. (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000. v.4, p.99-128.

\_\_\_\_\_. *Relevância e contexto: o uso de digressões na língua falada*. São Paulo: Humanitas, 2001.

AQUINO, Z. G. O. *A mudança de tópico no discurso oral dialogado*. 1991. Dissertação (Mestrado) - PUC/SP.

BAKHTIN, M.M.; VOLOCHINOV, V.N. *Discurso na vida e Discurso na arte (sobre a poética sociológica)*. Tradução de Carlos Alberto Faraco. In: TODOROV, T; BAKHTIN, M. *Le Príncipe Dialogique*. Paris: Seuil, 1981.

BARROS, Diana L. P. *Procedimentos e recursos discursivos da conversação*. In: PRETI, D. (Org.). *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas, 1998. v.3, p.47-69.

\_\_\_\_\_. *Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias*. In: PRETI, D. (Org.). *Fala e Escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2000. v.4, p.57-77.

BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, R. *Introduction to text linguistics*. London: Logman, 1981. (Tradução inglesa de Einführung in die Textlinguistik).

BRAIT, B. *O processo interacional*. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 2003. v.1, p.215-244.

BRAZ, Carola Lopes. *Marcas de subjetividade e intersubjetividade em textos orais*. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

BROWN, G.; YULE, G. *Discourse Analysis*. London: Oxford Press, 1983.

CASTILHO, A. T. *A língua falada no ensino de português*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

CHAFE, W. *Integration and involvement in speaking, writing, and oral literature*. In: TANNEN, D. (Ed.). *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. Norwood: Ablex Publishing Corporation, 1982. p.35-53.

\_\_\_\_\_. *Linguistic differences produced by differences between speaking and writing*. In: OLSON, D.; TORRANCE, N. HILDYARD, A. (Ed.). *Literacy, Language, and learning: the nature and consequences of speaking and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 105-122.

CRAIG, R. T.; TRACY, K. Introduction. In: CRAIG, R. T.; TRACY, K. *Conversation Coherence*. London: Sage Publications, 1983. v. 2, p.10-22.

DASCAL, M.; KATRIEL, T. Digressions: a study in conversational coherence. In: PETÖFI, J. S. *Text versus Sentence*. Hamburg: Buske, 1982.v.29, p.76-95.

EGGINS, S.; SLADE, Diana. *Analysing casual conversation*. London: Cassel, 1977.

FÁVERO, L. L. O tópico conversacional. In: PRETI, D.(Org.)*Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, v.1, 1993, p.33-54.

\_\_\_\_\_.O tópico discursivo. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. 5 ed.São Paulo: Humanitas, 2001. p.33-54.

\_\_\_\_\_. *Coesão e Coerência textuais*. 11 ed. São Paulo: Ática, 2006.

FAVERO, L.; ANDRADE, M.L.C.V.O; AQUINO, Z, G, O. *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREDERIKSEN, C. H. Inference in Preschool Children's Conversations: a cognitive perspective. In: GREEN, J. L.; WALLAT,C (Ed.). *Ethnography in Discourse Processes*. Norwood: N.J. Ablex, 1981. p.301-350.

GALEMBECK, P. T. O turno conversacional. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 1997. v.1, p. 55-79.

\_\_\_\_\_.Metodologia de Pesquisa em português falado. In: RODRIGUES, A. C. S. *I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP. 1999a, p.109-119.

\_\_\_\_\_.Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. *Projetos Paralelos 2*. In:PRETI, D. (Org.).*O discurso oral culto*. 2.ed. São Paulo:Humanitas/FFLCH/USP, 1999b, p.173-194.

\_\_\_\_\_. Marcas da subjetividade e intersubjetividade em textos conversacionais. *Projetos Paralelos*. In: PRETI, D. (Org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2002. v.5, p.67-88.

\_\_\_\_\_. O tópico discursivo: Procedimento de expansão. *Projetos Paralelos*. In: PRETI, D. (Org.). *Diálogos na Fala e na Escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP. 2005, p.277-297.

\_\_\_\_\_. Língua Falada: processos de construção. In: *Cadernos do X CNLF*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2006, v.X. n°2, p.92-105.

GALEMBECK, P. T.; PETRONI, A. F. Procedimento de fechamento de tópico em entrevistas. In: SOARES, M. E. (Org.). *Pesquisa em Linguística e Literatura: descrição. Aplicação e Ensino*. Fortaleza: UFCE/PPG em Linguística, 2006. v.1, p.521-524.

GIORA, R. Notes Towards a Theory of Text Coherence. *Poetics Today*, Stanford, v. 6, n. 4, p. 699-715, 1985.

GOFFMAN, E. Replies and response. *Language in Society*, Cambridge, v. 5, p. 257-313, 1976.

\_\_\_\_\_. *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

GOLDBERG, J. A. A move toward describing conversational coherence. In: CRAIG, R.T.; TRACY, K. *Conversational Coherence*. New Delhi: Sage Publications, 1983. v.2, p.25-49.

GUMPERZ, J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HALLIDAY, M. A. K. *Explorations in the functions of language*. London: Longman, 1973.

\_\_\_\_\_. *Language as social semiotic*. London: Edward Arnold, 1978.

\_\_\_\_\_. Part A. In: HALLIDAY, M. A. Y; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social – semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989. (Editor: Frances Christie)

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976.

HASAN, R. What's going on: a dynamic view of context in language. In: COPELAND, J. E.; DAVIS, P. W. (Ed.). *The Seventh LACUS Forum*. Columbia, SC: Hornbean Press, 1980. p.106-121.

HILGERT, J. G. A colaboração do ouvinte na construção do enunciado do falante – um caso de interação intraturno. In: PRETI, D. (Org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2002. v.5, p.89-124.

IBAÑEZ, R. El contexto del evento verbal. CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALFAL, 9., 1998, Campinas. *Atas*. Campinas: IEL-UNICAMP, 1998. p.353-365.

JUBRAN, C. C. A. Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *Gramática do português falado: As abordagens*. São Paulo: UNICAMP/FAPESP, 1993. v.3. p.61-74.

\_\_\_\_\_. Parêntese: propriedades identificadoras. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *Gramática do português falado: Estudos descritivos*. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1996, v.4. p.411-421.

\_\_\_\_\_. Para uma descrição textual-interativa das funções de parentetização. In: KATO, M. A. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP, 1996. v.5, p.339-354.

\_\_\_\_\_. Tópico discursivo. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2006. v.1, p.89-132.

\_\_\_\_\_. Parentetização. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2006. v.1, p.301-357.

JUBRAN, C. C. A. S. *et alii*. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado: Níveis de análise linguística*. 4 ed. Campinas: UNICAMP, 2002. v.2. p.341-421.

KEENAN, E. O. e SCHIEFFELIN, B. B. Topic as a Discourse Notion: a study of topic in conversation of children and adults In: CHARLES, N. *Subject and Topic*. New York: Academic Press, p.335-384.

KOCH, I. G. V. *et al.* Aspectos do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. Unicamp, 1991. v.1, p.183-184.

\_\_\_\_\_. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: contexto, 1992.

\_\_\_\_\_. *A coesão textual*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1995.

\_\_\_\_\_. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOROLIJA, N. *Episodes in talk: constructing coherence in multiparty conversation*. Sweden: Linköping University, 1998.

MARCUSCHI, L. A. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Recife: UFPE. 1983.

\_\_\_\_\_. *Análise da conversação*. Série princípios. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. *Coesão e Coerência na Conversação (organização tópica)*. Recife: UFPE. 1988.

\_\_\_\_\_. *Tratamento de oralidade no ensino de língua*. Recife: Ed. UFPE, 1993.

\_\_\_\_\_. Atividades de compreensão na interação verbal. In: PRETI, D. (Org.). *Estudos da língua falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas, 1998. v.3, p.15-45.

MAYNARD, D. W. Placement of topic changes in conversation. *Semiótica*, The Hague, v. 30, n. 3/4, p. 263-290, 1980.

MORRIS, C. M. *Foundations of the theory of Signs*. Chicago: The University of Chicago Press, 1938.

PRETI, D. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991.

\_\_\_\_\_. Alguns problemas interacionais da conversação. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2002. v.5, p.45-66.

\_\_\_\_\_. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

REINHART, T. Conditions for text Coherence. *Poetics Today*, Stanford, v.1, n. 4, p.161-180, 1980,

RODRIGUES, A. C. S. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, D. *Análise de textos orais*. 3. ed. São Paulo: Humanitas Publicações, 1997. v.1.

SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevance, communication and cognition*. Oxford: Brasil Blackwell, 1986.

TANNEN, D. *Coherence in Spoken and Written Discourse*. New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1984.

\_\_\_\_\_. *Talking voices: repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse*. Cambridge: CUP, 1989.

VAN DIJK, T. \_\_\_\_\_. *Studies in the pragmatics of discourse*. New York: Moreton Publishers, 1981.

VAN DIJK, T.; KINTSCH, W. *Strategies in discourse comprehension*. New York: Academic Press, 1983.

\_\_\_\_\_. *Texto y contexto*. 2. ed. Madrid: Cátedra, 1984.

\_\_\_\_\_. Cognitive context models and discourse. In: OOSTEDORP, H.; GOLDMAN, S. (ed.). *The construction of mental models during reading*. Hillsdale: Erlbaum, 1998.

VILELA, M.; KOCH, I. G. V. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

URBANO, H. Variedades de planejamento no texto falado e no escrito. In: PRETI, D. (Org.). *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas, 1998. v.3, p.13.

## **ANEXOS**

## ANEXO A

### História da Moda



### 1890-1910

Nesse século de arreios anatômicos - espartilhos, ligas, suspensórios - enquanto a mulher enfeitava-se com rendas, sedas e babados, tornando suaves os contornos das roupas, o homem vestia ternos pesados e sóbrios, e dedicava atenção especial às costeletas, barbas e bigodes.

Na intimidade ela vestia um *desabillé* sobre uma camisola que cobria um corpo disciplinado pelo espartilho e pelo corpete. Ele, de camisolão e máscara de bigodes para torná-los apontados e dignos de serem mostrados à sociedade.

Os padrões *chic* vinham da França, e nossa tardia *Belle Époque* revelava nas roupas íntimas e nas toaletes para ir ao teatro ou ao sarau, a mesma forma alongada, enriquecida pelas linhas sinuosas do *Art Nouveau*. Nos vestidos de passeio, os quadris apertados ganhavam enfeites drapejados, que dialogavam com as curvas fechadas das sombrinhas, a proteger do sol o rosto das jovens senhoras.

### 1910-1922

O século XX entra em cena aos solavancos, como o automóvel. Artistas como Lasar Segall, Anita Mafalti, Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade discutiam o modernismo.

O escultor Becheret cruzavam o oceano em direção à Paris e traziam de lá novas ideias estéticas do Cubismo e *Art Déco*. Novidades para a decoração das casas e roupas, mais *blasés*, mais de acordo com o espírito da época.

As senhoras da sociedade não ousam tanto, mas sobem os vestidos até os tornozelos e respiram a libertação do espartilho.

### 1922-1934

São Paulo é uma festa. Intelectuais, influenciados por Di Cavalcanti organizam um evento *pour épater*: a Semana de Arte Moderna.

As mulheres agitam os vestidos curtos, de cintura baixa e muitas franjas, ao som do *charleston*. As mãos se cruzam e descruzam sobre as meias coloridas de seda, ou balançam os longos colares de cristal. No alto do braço, pulseiras tipo escrava, de marfim

ou serpentes de ouro. Ondulam as plumas e os leques. O ambiente é povoado pela sedução consciente dos gestos, conquista definitiva da estética feminina desses anos 20.

O Modernismo incomoda nas casas clássicas de gosto eclético e decoração pesada. Pinturas geométrico-cubistas de Segall, móveis e tapeçarias em *Art Déco*, móveis da *Bauhaus*, sem dúvida estranham esse ambiente.

O perfil feminino também é cortado nas linhas retas do cabelo à la garçon e o chapéu-toca, ou simplesmente "toque" protege as cabeças femininas mais modernas.

### 1934-1946

Parece ser verdade que a moda, nos seus vários modos, estimula a procura para além do possível. Como a fantasia, ela ajuda a compor personagens. É essa pulsão de moda que leva as freguesas à costureira, a cúmplice desse jogo, pois é ela que torna possíveis os sonhos impossíveis.

A banca de jornais oferece soluções a preços módicos. É só comprar o tecido, as rendas, as lantejoulas, escolher os botões e pedir à costureira para copiar o vestido bonito da revista. Antes do advento do *prêt-à-porter* é a costureira que faz a passagem ao excitante mundo da moda. Pelas suas mãos o universo do *glamour* torna-se real.

Os nossos costureiros vão a Paris, em busca de Dior ou Givenchy, como fonte de inspiração para suas criações. Aos poucos começa a existir uma alta costura brasileira. As consumidoras brasileiras passam a emprestar seu prestígio social aos ateliês de Dener, Mme. Rosita, Casa Vogue, Casa Canadá.

Lá fora correm os anos 50. A arquitetura ganha em leveza, apoiando-se sobre pilotis, os móveis têm pé-de-palito e os automóveis linhas aerodinâmicas.

### 1946-1960

No pós-guerra, o Brasil participa do processo mundial de reconstrução industrial, e uma certa euforia desenvolvimentista atinge todos os campos. Progresso é a palavra-chave para São Paulo.

O espírito moderno está nos móveis da classe média, nas estampas dos vestidos, nos saltos dos sapatos e nas linhas arrojadas dos automóveis.

A indústria têxtil dos anos 50 procura adequar-se à praticidade da vida moderna, criando os tecidos sintéticos, que dispensavam o ferro de passar: *nylon* para as roupas leves, *helanca* para os maiôs, tergal para as saias plissadas e calças de vinco permanente.

### 1960-1974

O *rock'n'roll* rola solto nas festas. Ela dança de saia rodada, blusa de *ban-lon*, sapatilhas baixas, lençinho no pescoço, rabo-de-cavalo. Ele ajeita o topete com muita brilhantina, corre o cinto nos ilhoses da calça Lee, sobe a gola do blusão de couro preto e ergue sobranceiras, como James Dean.

No início dos anos 60, a Fenit organiza grandes desfiles, com a presença de costureiros franceses, em que a indústria têxtil mostrava suas novas criações. A Rhodia lança nesses desfiles a moda brasileira para exportação: "Brazilian Look", "Brazilian Fashion", "Brazilian Nature".

As roupas sobem e descem, alargam e estreitam, trocam ligeiro de canal. Moda saco, *chemisiers*, *évasés*, tubinho, correntes douradas na cintura. Os cabelos se armam e viram as pontas pra fora, tipo gatinho. Olhares, com muito delineador e rímel, ficam

existencialistas. Mary Quant economiza pano com a minissaia. Pernas largas nas pantalonas, pernas finas na cigarette. O maiô perde pano na cintura e vira duas peças. O umbigo está com tudo e a calça Saint-Tropez deixa ele lá em cima.

Os anos rebeldes consomem de tudo. Todas as modas ficam logo *démodé*.

Os hippies deixam o cabelo crescer. Moda andrógina, *unisses*. Todos de jeans e cabelos compridos, "caminhando contra o vento".

## 1974-1990

Nos salões do Planalto, dez entre dez mulheres vestem *tailleur*. Nas calçadas do Leblon, desfilam bumbuns rechonchudos e pós-moldados em fibras sintéticas. Os *points de rock* pedem jeans, camiseta e, quem sabe, um blusão de couro.

Os anos oitenta foram tempos de exposição máxima do corpo feminino. Pelas areias desfilaram *asa-delta* e *fios-dentais* sumaríssimos. Já os anos 90 propõem, nestes mesmos trópicos, algo mais ardiloso: a sensualidade insinuada. Voltam os duas-peças e maiôs inteiros. Armadilhas para olhar, convite ao voyeurismo, estímulo às fantasias. As sereias se dão ao direito de duas polegadas a mais - por que não?

Um outro jeito de prender os cabelos. Uma nova maneira de amarrar a canga - sempre estampadíssima. Um adereço surpreendente: cavalos-marinhos ou estrelas do mar? Enfim, uma sandália, uma bolsa de palha, uma água-de-colônia, um batom, uma gíria nos lábios.

E as saias que vêm e que passam? Nos anos 70, saias pelos calcanhares. Em meados dos 80, mostram-se as pernas, e elas sobem mais, mais e mais. Elas já não se preocupam com os joelhos à vista e os cumprimentos sobem-e-descem ao sabor da individualidade, do gosto pessoal, do sentir-se bem e pronto. Imagine só: até reinventaram os vestidos floridos e rodados, um gracioso "chita look".

As cores. Onde estão as cores? Tons vibrantes: rosas declarados, amarelos impulsivos, azuis profundos, coisa boa, coisa bem Brasil.

Mas é bom não se esquecer de olhar e conferir as barracas de camelôs às margens do Capibaribe, no Recife, na Praça Quinze, no Rio, na Rua Direita, em São Paulo. "E o doutor, vamos já escolher uma gravata Pierre Cardin pro doutor...".

É fascinante decifrar essa moda de tabuleiro, ultracolorida, malandra. É a grife do asfalto chique do populacho, cultura da resistência. Os grandes mestres de Paris, Londres, Milão e Nova York se curvavam diante do luxo que desce o morro rumo à avenida. Brilho falso, feito de papel laminado, tinta tóxica, cola vagabunda. Mas que pulsa, arrebatada e explode em inimitável criatividade.

[www.modavip.com.br](http://www.modavip.com.br)

## ANEXO B

## PROJETO NURC – RIO DE JANEIRO

INQUÉRITO 317 – BOBINA 102 – DURAÇÃO 50 MINUTOS

Data do registro: 03/12/75.

Tema: Vestuário.

Dados do informante: sexo feminino, 70 anos, carioca, pai português, mãe e padrasto cariocas, área residencial: Zona Norte, Zona Sul e Zona Suburbana, formação universitária: Medicina.

- 1 *Doc.* ( )  
*Loc.* ( ) debruçada sobre o esportivo...  
*Doc.* hum...  
*Loc.* tinha uma preguiça louca de... de escolher feitios e escolher
- 5 modelos... então arranjava sempre umas pessoas de boa vontade que faziam... eu mandava a fazenda... de acordo com a fazenda... a pessoa já fazia o ... detesto provar roupa ultimamente eu compro vestido pronto... porque agora... então... depois de velha... a... a preguiça aumentou... né?
- 10 agora... sempre debruçada sobre o esportivo... porque nunca fiz esporte assim... eh... seguida... porque... como eu digo a você... eu sou muito dispersiva... comecei a aprender a NADAR... mas... como eu nasci na beira da praia... eu trouxe todos os erros... os defeitos... então o professor de natação lá
- 15 no Tijuca Tênis Clube disse... não... é melhor... eh... se você quiser aprender a nadar... nada de costas... eu não gosto... eu quero nadar *crawl*... *crawl* você nunca vai nadar... porque você já está cheia de defeitos... tênis... comecei e parei... então... adoro praia... até hoje... sempre adorei praia... de preferência mar... água... ou então montanha com uma boa piscina... hoje em dia até estou preferindo uma piscina do que praia... aquela areia me chateia e tal...
- Doc.* e assim... por exemplo... quando: você vai viajar e vai pra montanha... que que você leva?
- 25 *Loc.* aí é que está... aí  
*Doc.* [ de roupa
- Loc.* eu levo o estritamente necessário... porque sempre a gente compra qualquer coisa... por pouco dinheiro que a gente
- 30 tenha... a gente sempre compra um suerterzinho... compra um *kilt*... compra uma bolsa... sapato não... que meu pé é de japonesa... é minúsculo... eu sou grandona... tenha trinta e três de pé... então... na Europa... eu não compro sapato... ah... eu já estive na Argentina... esqueci naquela ocasião... na
- 35 Argentina e Uruguai... há bem pouco tempo...  
*Doc.* sim... mas... eh:... vai arrumar a ( ) você põe o quê?  
*Loc.* bom... eu sou... nessa ... engraçado... eu sou um temperamento muito engraçado... porque pouco... antes da... da viagem... eu já ponho tudo que é necessário... eu tenho uma:... uma
- 40 bolsinha onde eu tenho uns apetrechos de toailete... então... ali boto... logo depois o pijama... roupão... eh... uma roupa eh interna e sapato no fundo... a última hora é que eu boto o vestido... o estrito necessário... porque se eu aqui... no Brasil...

45 eu nunca fui muito rebuscada... imagina no estrangeiro... que  
ninguém me conhece... vou decentemente... não é? vou  
decentemente vestida... agora... depois então é que eu boto o  
su/ o que... de repente... eu sinto falta... boto... agora ( )  
nessa coisa é o estrito necessário... porque... como em  
50 sessenta e nove eu paguei uma bruta multa com excesso de  
bagagem... eu tomei pavor de excesso de bagagem... então eu  
levo o estrito necessário... um vestido preto pra de noite... um  
casaco pra de noite... o resto... saia... blusa... compro lá...  
calça comprida... suéter... sempre eu vou... eu fui na pri...  
55 duas vezes eu fui na primavera... terceira vez fui no outono...  
ando sempre pegando um... uns restinhos de... de frio... né?  
casaco... claro... não me lembro mais nada... o necessário... a  
bolsa... duas... porque sempre a gente traz... porque brasileiro  
compra mesmo... compra pouco... pode o... tanto que eu na/  
60 no outro dia eu estava comentando com a M. que: o europeu  
não dá muita pelota pro turista... TURISTA... turista na  
acepção da palavra... não digo esses grã-finos que vão... não  
dão muita pelota pra gente não... o que o brasileiro compra  
muito... mas compra... coitadinho... coisinha... está em saldo  
((riso))... mais baratinho... mais ... mas compra... eu... pelo  
65 menos... compro... perfume... adoro... me arre/ me arrebento...  
me arraso toda... mas os meus perfumes ...

*Doc.* que mais... além de perfume?

*Loc.* perfume ( ) você... um suéter... um *kilt*... um... ah... bolsa... e  
adoro chapéu... você sabe que eu tenho mania por chapéu?

70 todo lugar que eu... que eu vou... eu trago um... todo lugar que  
eu vou... eu trago um chapeuzinho... chego aqui... fica tudo  
atuhlado... que aqui não se usa... né? mas lá... faço um  
sucesso com meus chapéus...

*Doc.* bom... mas aqui pode usar também...

75 *Loc.* bom... eu trouxe dessa última vez um gorro de... de astracã  
que eu comprei lá em Istambul... de vez em quando eu saio  
com ele... outro dia eu fui numa casa... um broto ficou louca  
atrás de mim... ah... L... me vende esse gorro... eu digo... diz  
80 à sua avó pra comprar... eu vendo por sessenta dólar... custou  
seis dólar lá em Istambul ((risos))... a... a menina ficou  
louca... agora... moda de um modo geral... agora... essa  
coisa... adoro essa moda... se eu fosse moça... eu adoraria  
usar... eu acho descontraído... eu acho fabuloso... porque eu  
ainda te: nho ainda aquela coisa de querer combinar sapatinho  
85 com a bo: lsa... eh... a calça com o lencinho no pescoço...  
ainda guardo essas coisas... mas pra essa juventude eu acho  
fabulosa essa moda...

*Doc.* como é que eles andam?

*Loc.* completamente descontraídos...

90 *Doc.* o que que é isso de descontraído? pra mim interessaria muito  
que você descrevesse o tipo de

*Loc.* [ a minha... a meu... a minha concepção?

*Doc.* [ é... é...

95 *Loc.* eles usam o que eles querem... o que eles acham que PODEM  
usar... que DEVEM usar... sem se preocupar com combinar  
cores... se a calça está bem passada... se a blusa está bem  
passada... e algumas vezes até pouco limpos... pelo menos  
100 externamente... mas eu acho fabuloso... esses colares... tudo

- isso eu acho lindo... máxis... essas máxis por aí... e eu... eu digo sempre pra M... me segura... porque eu acho que eu vou ficar uma velha ridícula... porque qualquer dia... estou eu saindo... aí... de capa... cheia de colares assim... pelo amor de Deus... L... porque eu adoro.. eu adoro a juventude... procuro compreendê los... está um pouco difícil... hoje em dia... o diálogo... pelo menos eu que não... não tenho vivência com eles... porque... apesar de eu ter muitos sobrinhos... mas eu acho que eles tem o direito à vida deles... sou incapaz de observar qualquer coisa... posso não gostar de certas atitudes... mas sou incapaz de dizer... porque... é como eu digo... não perdi noite de sono os criando ((fala feminina "deseja alguma coisa?")) não... um cafezinho... não quer... M.H.?
- 105
- 110
- 115 *Doc.*hum... hum...  
*Loc.*não perdi noite de sono os criando... não gastei dinheiro com eles na sua educação ou em doença... então eu me abstenho... Eu acho que eu não tenho o direito de interferir com eles...  
*Doc.*seí... e em termos assim deles... quando eles eram
- 120 pequenininhos... geralmente a gente prepara/ não é... pra... quando a criança vai nascer... uma série de roupas e... e de coisas... você tinha... assim... vontade ( )  
*Loc.* [ ah... isso eu sou até hoje... ah... sou
- 125 ( ) adoro presentear... adoro... presenteio de acordo com o que eu posso...  
*Doc.*hum... e roupa?  
*Loc.* eh... pra terceiros?  
*Doc.* pra eles... quando eles eram pequenos
- 130 *Loc.* [ pra eles... roupa pra eles... desisti... bom... quando eram bebezinhos... era um negócio que funcionava... mas de...  
*Doc.* [ comprava o quê?
- 135 *Loc.* camisinha de pagão... babadorzinho... eh... mantas... sapatinhos... agora... depois de uma certa idade... eu parei de presentear-los com roupa... porque nunca acertava... ou estava curto ou estava longo ou estava apertado ou estava... eh... larga... então desisti de dar roupa pra eles... então os... eu já
- 140 tenho sobrinho-neto... claro... agora eu dou dinheiro... eles compram lá o que eles querem... porque eu desisti de... comprava uma blusa... estava apertada/ pequena... um... então desisti de dar roupas... outro dia... dou pro bebezinho... quando vai nascer... eu dou... eu compro uma camisinha de
- 145 pagãozinho... uma meinha... uma botinha de... e agora é negócio de alergia... né... então procuro comprar... eh... a botinha... sapatinho de linha... porque não usa lã... e dou mantinhas de lã a... eh... antialérgica... pra todos eles... tudo quanto é sobrinho-neto meu presente é manta de lã... São
- 150 muitos... são muitos... eu tinha vontade de presentear-los mais... mas são muitos... quando eu...  
*Doc.* [ é difícil... né?  
*Loc.* opa...
- 155 *Doc.* agora... uma coisa... essa liberdade... assim... de... de vestir... você acha que é só em relação à mulher? o homem também... ou o homem ficou mais formal?

- 160 *Loc.* não... eu acho que os homens também estão descontraídos...  
eu acho... também... pelo que eu... me é dado observar... você  
vê... esses cabelos compridos... já não é... que já está fora de  
moda... mas enfim... alguns continuam ou por economia ou  
por... sei lá... porque se acostumaram... eu gosto muito de  
moda... gosto de acompanhar moda... mesmo que eu não a  
siga... mas eu gosto e... e vejo e sei o que que está se usando...  
165 o que que não está se usando... o que que vai se usar... o que  
... E então eu já vi que cabelo comprido pra homem acabou...  
já não se usa mais... porque a moda vem do estrangeiro... a  
única moda que o Brasil exportou é a tanga... né? essas  
tanguinhas aí de... dessas meninas aí da praia... me parece que  
170 é a única coisa ((riso))...  
*Doc.* agora... comparando assim essa tanga das meninas do dia de  
hoje... com... por exemplo... seu tempo ( )  
*Loc.* [ o maiô?
- 175 *Doc.* quando... eh... você ia pra praia... como é que era?  
*Loc.* [ eu digo a você... se eu tivesse um corpo bonito... eu  
ia de... de tanga... M.H. eu não vou porque não tenho corpo  
bonito...
- 180 *Doc.* hum...  
*Loc.* eu acho... acho válido...  
*Doc.* agora... no seu tempo... no seu tempo... você usava o quê?  
como que era... assim quando você estava... eh... jovem  
*Loc.* [
- 185 maiô... eh... maiô... decotado... claro...  
naquele tempo... o maiô era inteiriço... né... era inteiro... não  
era até o meio da perna... não peguei também esse tempo  
((riso))... era um maiô inteiro... naturalmente decotado...  
naturalmente... há mais anos... devia ser menos cavado nas  
190 costas... depois usei... passei a usar bem cavado... feito  
vestido de noite... não é? a gente não usa vestido cavado?  
agora... se... acho que quando a... a pessoa é bonita... bem  
feita... bom... isso já é... já é a minha personalidade...  
interessa?
- 195 *Doc.* interessa...  
*Loc.* eu acho que tudo é válido... a mulher bonita pode fazer o que  
quiser... já não estou me referindo tanto ao homem... porque o  
homem tem que ser másculo... pode ser bonito... mas ser  
m másculo... os que não são também são boas praças ((risos))...
- 200 *Doc.* sim... mas... eh... eu... eu gostaria de saber... assim  
*Loc.* [ o que é?
- Doc.* assim... assim... o que que eles estão usando?  
*Loc.* os homens?
- 205 *Doc.* certo... houve uma época em que o homem era muito rígido...  
não é... em termos assim de trajes  
*Loc.* [ olha eu... eu sou avançadíssima... gosto de  
tudo que é moderno... não sou saudosista... até em música sou  
moderninha... seresta... uma ou outra... eu gosto é de *pop*... é  
roque... eu estou dizendo a você que eu sou uma velha...  
bom... eu às vezes... hoje em dia eu já estou me  
acostumando... eu me espantava quando eu encontrava os  
homens em manga de camisa ainda em certos ambientes...

- 215           isso ainda me chocava... agora... hoje em dia... já nem me  
              choco mais... está certo... pode ir até
- Doc.*       [  
              que tipo assim de ambiente? é... é
- 220           *Loc.* certas cerimônias... às vezes até numa igreja... umas bodas de  
              ouro... de prata... que vai re... vai dar abraço... homem em  
              manga de camisa... houve uma época que eu me chocava um  
              pouco...
- Doc.*       esperava que eles estivessem como?
- Loc.*       formalmente vestidos...
- 225           *Doc.* mas o que que seria esse formalmente?
- Loc.*       paletó... paletó e gravata... já: achava bonita... até... aquela  
              combinação de gravata com a ca/ com a camisa... achava  
              bonito... de modo que houve uma... uma fase que eu estranhei  
              essa coisa de... de eles não usarem mais paletó... nem que seja
- 230           um *blaser*... uma coisa... nem isso... porque... ah... houve  
              uma... uma época aí que me espantava... porque eles iam  
              mesmo em manga de camisa... mas isso passou... hoje em dia  
              acho que é válido e...
- Doc.*       agora... na época assim... por exemplo... de faculdade... sua
- 235           *Loc.* olha... eu sempre respeitei muito os mais velhos... e sempre  
              fui muito irreverente... muito moleca... muito levada...  
              piadista e... mas eu por exemplo respeitava os mais velhos...  
              quando eu fui trabalhar no bromatológico... tinha um diretor  
              velhinho... quando ele chegava... eu me levantava... e me
- 240           espantava colegas mais novas do que eu... que estavam  
              sentadas em cima... que fosse *babyzinha* não... heim... pouco  
              mais mo...ca do que eu... talvez uns dez anos mais... mas  
              rece... mais nova na casa... estavam sentadas... porque mesa  
              de laboratório é alta... ela estavam sentada ali... chegava o
- 245           velhinho diretor... a menina continuava sentada... sabe que  
              aquilo ... eu sempre respeitei os mais velhos... isso... então eu  
              achava assim uma desconsideração da parte dela... se  
              permanecia sentada... em cima da mesa... começa que em  
              cima da mesa não é lugar de sentar... um químico sentar na
- 250           mesa... enfim... sentava na mesa... chegava o diretor...  
              permanecia... e l se/ instintivamente... eu me levantava... não  
              sei se isso já é coisa de família... que a gente traz de família...  
              é como eu estava dizendo a... outro dia aqui... a minha mãe...  
              por exemplo... nunca chegou pra mim e me disse... L... você  
              vai agir assim... ela me deu exemplos... por exemplo... esse
- 255           negócio ... minha mãe era muito justa... quando uma filha...  
              um filho errava... ela reconhecia o erro do seu filho... porque  
              o que eu vejo hoje... M.H... é que... mais uma coisa... os pais  
              têm medo dos filhos... segundo... os filhos são intocáveis...  
              inatingíveis... impolutos... então... se você disser... o meu  
              sobrinho de sete anos... você tem um filho de quantos anos?
- Doc.*       sete...
- Loc.*       é LINDO... eu tenho amigas assim... quando eu digo que  
              tenho um sobrinho de sete anos que é lindo... ela está achando
- 265           que o filho dela de sete anos não é bonito... quer dizer... eh...  
              eu já cheguei à conclusão que está havendo uma perturbação  
              qualquer aí... não sei... porque na ... então minha mãe nunca  
              chegou pra mim dizendo... L... você tem que ser justa...  
              agora... eu vi os exemplos dela... então... com meus irmãos...
- 270           quando eu achava que eles erravam... eu achava... eu dizia...  
              meus amigos... quando eu erro... eu digo... digo... não... mas

- penso e sinto e afirmo que estão errados... agora... não foram palavras de minha mãe... ditadas por mamãe... absolutamente... foram os exemplos que ela deixou em mim...
- 275 *Doc.* e assim em termos de... de... de roupas... de vestuário... eh  
*Loc.* [ não... eu gosto ( )  
olha... eu vou dizer uma coisa a você
- 280 *Doc.* [ quando você era crian...ça... como é que fazia? Como é que... que que você usava?  
*Loc.* não... vou dizer uma coisa a você que talvez você vá se espantar... se eu fosse milionária... eu ia frequentar o *high society*... eu adoraria ser uma Terezoca Souza Campos...  
285 adoraria... todo mundo fica bobo comigo... diz que não é possível você gostar de ter modelos de Givenchy... de Guilherme Guimarães... ah... adoraria... Pode ser que eu não agüentasse a ... agora... no mais eu... eu...
- Doc.* [ mas só assim pela ( ) pela:  
290 *Loc.* [ acho bonito... eu acho... eu acho bonito...
- Doc.* e... e hoje a gente tem esse tipo de coisa ( ) compra roupa  
295 nas lojas... mas antigamente não era tão fácil...  
*Loc.* não era tão fácil...  
*Doc.* não é?  
*Loc.* não... ainda mais na minha família que era uma família de...  
300 burguesa simples... né? eu não podia mandar buscar roupas em Paris... eu usava... eu me lembro... mamãe fazia a gente ir a baile... bailes... nunca tive complexo... que hoje eu ouço dizer... ah... tem que dar roupa pra menina toda semana... porque toda semana a menina tem uma festa de embalo e tem que ir como ... agora assim mesmo já passou... com esse  
305 negócio dessa moda descontraída... mas há coisa de uns seis anos... ainda tinha um a/ um amigo que sofria com a filha... porque todo fim de semana a menina tinha um bailinho... festinha... então ia toda... de alto a baixo... eu falo... A... faz tanto sacrifício... ah... porque senão cria complexo... olha... eu  
310 me lembro quando eu era ... antes de sete anos... eu morava lá em Icarai e tinha uma vizinha de ( ) uma viúva com vários filhos... eu chegava em casa... eu sempre fui muito assanhada... muito sapeca... mamãe... eu quero uma botinha marrom... com... com cano de camurça... mamãe dizia assim...  
315 quem é que tem? ( ) é a I. ou é a C. essas... minha filha... são filhas de viúva rica... você é filha de viúva pobre... se você se comportar bem... vamos ver... criou complexo em mim... M.E... ó... M.H.? absolutamente... meus vestidos... eu ia a tudo quanto era festa... dançava feito um diabo... dançava a  
320 noite inteira... aquele vestidinho...  
*Doc.* como é que era? se lembra de algum?  
*Loc.* ih... se era gaze ou... ou *voile*... uma coisa transparente mas não... então a minha mãe era tão prática... que ela fazia tons de rosa-seco... e pouco a pouco ia tingindo... porque não  
325 podia comprar... ia tingindo até chegar no azul-marinho... porque naquele tempo mocinha não usava preto... depois passou-se a usar... mas naquela época não se usava preto... então começava do co/ do rosa... do quase branco e ia... ia...

- até chegar no azul marinho... então botava um enfeite... uma...  
 330 um laço vermelho... uma faixa vermelha... uma flor  
 vermelha... pra variar... era outro vestido... era o mesmo...  
 agora... eu me complexei com isso? sempre tive relações  
 abaixo da minha posição soci/ da minha posição social... igual e acima  
 335 da minha posição social... não só socialmente falando... como  
 até economicamente... eu tenho amigas... amigos em todas as  
 gamas... agora tudo é complexo... e eu ia feliz da vida...  
 açúcar... M.H.?  
*Doc.* hum... hum...  
*Loc.* no... no mês seguinte... aquele vestido... de cor-de-rosa já  
 340 estava azul...  
*Doc.* ( ) e pra fazer?  
*Loc.* olha... você sabe que minha mãe... quando enviuvou do meu  
 pai... ela não ficou em condição econômica muito boa... não...  
 345 agora ela tinha jeito pra costura... ela não gostava era de  
 serviço de cozinha... então... acho que ela ((ruído)) ( ) já  
 costurava... não sei até se costurava pra fora... não sei... eu  
 não sei se era ela que fazia ou era alguma costureirinha... isso  
 eu não me lembro... não... eu me lembro que quando aí me  
 350 formei em farmácia... eu não quis anel de grau... eu disse...  
 não... mamãe... eu quero um vestido da moda e um sapato da  
 Casa Vigor... então ganhei um vestido bacanêrrimo de gaze...  
 todo bordado de florezinhas... cor-de-rosa... muitas  
 florezinhas... e um sapato... nunca me esqueço... verde-água  
 com branco... não quis anel... quis o vestido e o sapato...  
 355 *Doc.* hum... e assim em termos de ... você tinha vários irmãos?  
*Loc.* nós éramos quatro... eu era a mais moça... a mais velha foi  
 religiosa... depois meu irmão que morreu agora este ano... e  
 eu tenho uma irmã que tem... teve nove filhos... perdeu dois...  
 tem sete... é daí que vem a minha sobrinhada toda... meu  
 360 irmão só teve dois filhos... um não tem filhos... o outro tem  
 três... três sobrinhos-netos... sendo que um é temporãozinho...  
 o outro está com vinte e um anos e ele está com quatro...  
*Doc.* em termos assim de preocupação com vestir  
*Loc.* [  
 365 econômica?  
*Doc.* com roupas que usavam... os homens hoje são diferentes...  
 não são?  
*Loc.* em termos de quê? de mais apuro?  
*Doc.* preocupados em... com isso e... enfim... a gente vê pelas lojas  
 370 *Loc.* [ OLHA... olha aqui... eu  
 vejo... eu acho que as lojas de homem são lindíssimas... a  
 gente encontra até coisa mais bonita em homem do que em...  
 então... agora... com o *unique sexe* então... está pra mim...  
 375 porque às vezes a gente quer comprar um... um *blaser* que a  
 gente não encontra na loja de mulher e vai na loja de homem  
 e encontra... eu go/ eu acho que ainda há ... eu ultimamente  
 não vou mais a lugar nenhum... sabe? eu acho que ainda há  
 uns homens que se rebuscam no vestir... ainda há... alguns...  
 380 acredito  
*Doc.* [  
 assim em detalhes... de... de  
*Loc.* [ eu ainda acredito que haja... a gente vê aí... na  
 385 televisão... esses homens combinam tudo... camisa... ainda

- há... esses *speakers* e ... às vezes... eu sei as modas por essas mulheres aí da televisão... esses homens... que já cortam o cabelinho assim... o... o vestidinho assim... jardineira... eu já sei que é moda... quando eu não leio no jornal... porque é como eu disse a você... eu acompanho a moda de longe... mas acompanho...
- 390 *Doc.* outra coisa também é que eu... pra mim pelo menos... eu acho que faz diferença... há alguns anos atrás... a gente olhava lojas de roupa feminina... de... de... de mulher... havia uma variedade muito grande de coisas... mas as de homem eram assim
- 395 *Loc.* [ menos
- Doc.* menos rígidas... não é?
- 400 *Loc.* [ é...
- Doc.* hoje em dia
- Loc.* [ não
- 405 *Doc.* que que a gente vê? a gente vê tanta coisa ...
- Loc.* [ olha... eu... eu digo a você o seguinte
- Doc.* [ você tem visto assim ultimamente
- 410 essas lojas?
- Loc.* olha... eu vejo aquelas butikues... lá de Copacabana... de mulher... eu acho aquilo uma bagunça... as Lilocas... as não-sei-o-quê... porque... eh... o Lixo... porque eu fui ver... fui ver... fui ver...
- 415 *Doc.* o Lixo... eu nunca fui... como é que é?
- Loc.* o Lixo é roupa suj/eh... usada... que naturalmente é lavada... é esterilizada... então é co/ é roupa... eh... manchada... quanto mais manchada... mais bonita... e eu acredito que seja esterilizada... não sei... e eu vejo assim butikue assim... assim uma butikue mais grã-fina realmente... não ... agora vejo loja de homem... essas lojas de homem aí... não me lembro... não vou fazer propaganda... porque nem me lembro.. acho lindas as... as vitrines de homem...
- 420 *Doc.* que que tem lá? Lembra de uma vitrine dessa? pra dizer assim...
- Loc.* ah... essa ( ) a gente fala tanto aí na te/ o homem também entende de mulher... é um turco... tem o nome de um turco... ah ( ) é Windsor... tem... tem várias lo/ lojas de homem
- 430 que eu acho lindas... lindas... e já de mulher... não... porque... eh... não sei... eu gosto da ... engraçado é que eu sou um contra-senso danado... porque eu gosto... mas quando eu vejo assim uma loja... uma butikue de... de mulher... essas butikuezinha... naturalmente as mais ... eu não gosto... parece ru/ lojinha da rua da Alf/ da rua Larga... da rua Marechal Floriano... antigamente... aquela... aquelas coisinhas penduradas... aquelas blusinhas de... de malha pendurada... ao passo que tem loja de homem... por exemplo... na Torre Eifel... eu acho a Torre Eifel uma beleza de loja... tradicional...
- 435 *Doc.* [ tenta lembrar o que que tinha lá...
- 440 *Loc.* olha... suéter... eh... camisas lindas...

- Doc. mas lindas por quê? por causa do tipo ou do... da fazenda  
 Loc. [
- 445 tipo... fazenda... estampado...  
 bom... porque você vê que tem... hoje em dia... eu não vou  
 dizer isso...
- Doc. pode dizer... o quê?  
 Loc. eu acho que a moda está chamando ou despertando... essa  
 450 moda de homem... agora me disseram que até guarda-chuva  
 de homem é de bolinha... eu não sei se isso é um sintoma ou  
 se já é um resultado ((riso)) ou... eu... eu... eu não sei... eu  
 acho que isso o::: sei lá... eu acho que é uma atraçãozinha pra  
 esses meios... meio homossexuais ou assexuados... não vou  
 455 dizer bicha...
- Doc. por que não?  
 Loc. porque... você vê... eles têm tanta coisa bonita... camisas  
 lindas... *foulards*... *foulards*... não sei... que antigamente eles  
 usavam... eu tinha amigos que jogavam tênis no Fluminense...  
 460 que usavam seu *foulard*... mas a gente sentia masculinidade...  
 mas hoje em dia eles são tão... eu estou com a impressão que  
 o homem hoje está mais apurado do que a mulher... no vestir...
- Doc. mais do que a mulher...  
 Loc. eu acho...
- 465 Doc. inclusive em termos... por exemplo... de tratamento de... de...  
 de rosto... de... de mão... de... de cabelo
- Loc. [
- ah... dizem que vão... né... que vão a  
 cabeleireiros... que vão ... isso eu ainda não vi... não...  
 470 cabeleireiro de... tem cabeleireiro de homem e ... bom... tratar  
 de unhas... isso eu já conhecia há muitos anos... moços que  
 limp... que faziam unhas... não é... homens que faziam... mas  
 fri/ frisar cab/ bom... os cabelos compridos tinham que se  
 frisar mesmo... né... principalmente esse pessoal de... de  
 475 televisão... artista... tem que se tratar... agora... eu não sei se  
 isso... como eu disse a você... eu não sei se é causa ou  
 efeito... não sei...
- Doc. dá um aspecto assim diferente? Tira esse aspecto de... de...  
 digamos assim... de masculinidade?
- 480 Loc. de virilidade... eu acho que eles estão... estão muito  
 apurados... a gente vê... é calcinha justinha e a camisa  
 combinando com ... e com essa bolsinha... porque eles não  
 podem botar nada no bolso... porque é tão justa a calça que  
 eles têm que usar essa bolsinha... nada que eu tenha contra  
 485 eles... porque eu tenho amigos que são bichas e que eu  
 adoro... não estou fazendo um libelo contra eles... não... são  
 uns amores... agora... que eles são rebuscados... são... agora...  
 são rebuscados porque são assim ou porque a... a moda se  
 lhes ofereceu oportunidades de... de... de se apurarem mais...
- 490 Doc. agora... ao mesmo tempo... eu acho que às vezes a gente ... eu  
 pelo menos sinto... minha geração foi uma geração assim  
 muito mais ((fala feminina "Vocês não querem mais nada?"))
- Loc. eu só tomo um... você quer mais?
- Doc. ( ) eh... mais apurada... em relação por exemplo a  
 495 tratamento... por exemplo... de cabelo... de pintura... E hoje eu  
 acho as moças ( )
- Loc. [
- ah... não... completamente... você vê que elas não  
 usam mais pintura nem nada... né? nem batom... nada... ruge

- 500 então... eh... eu acho que elas nem sabem o que é ruge...  
batom não usam mesmo...
- Doc. mas isso são as mais jovens... não é? porque também tem...
- Loc. sim... é... essas de vinte... vinte e cinco anos...
- Doc. mas também tem um... tem um grupo assim que carrega hoje
- 506 bastante... não é... nesse tipo de...
- Loc. também... exageram... eh... a boca de cora...ção... aquele  
batom forte... né... eh... risco... bom... eu como sempre fui  
muito esportiva nunca fiz um tratamento de pele nem nada...  
não tinha tempo... o tempo que eu ia perder em salão de be...
- 510 de beleza... eu estava na praia ou... ou estava... eh...  
descansando numa noitada de... de boate ou de baile... então  
não ia perder horas em salão de beleza...
- Doc. nunca foi?
- Loc. não... não... fazer pele... eh... tratamento de pele...
- 515 massagem... nunca fiz... nem creme...
- Doc. nem pra... pra...
- Loc. cortar cabelo... sim... eu faço corte... já me penteei... quando  
eu morava na Tijuca... quando eu era moça... eu tinha  
cabeleireira... enrolava todo o cabelinho... toda ... depois ...
- 520 Doc. e sempre foi assim ne... nesse... nessa cor ou... ou...
- Loc. não... foi... agora está branco... né? não... o meu cabelo era  
castanho claro... engraçado... na minha família minha irmã e  
meu irmão são... são claríssimos... eu que sou a mais  
morena... mas eu que tenho ca/ cor de olhos e cabelos mais
- 525 claros... porque meu pai era louro... louro... loiro... loiro é  
porque eu li aí um livro de... por... tradução portuguesa... que  
eles dizem loiro... nós dizemos louro...
- Doc. sei... mas... eh... como é que era nessa época que ia lá no ( )  
fazer cabelo...
- 530 Loc. bom... só fazia ... enrolava... fazia permanente... enrolava  
tudo... ficava assim tudo bem encacheadinho e... eh... eu  
gostava de... de ter meu vestido... eu gostava...
- Doc. e essas pessoas assim que não são nada naturais... então não  
tem tempo de fazer cabelo... hoje em dia tem mil processos  
assim artificiais de
- 535 Doc. [
- Doc. [
- Doc. [
- 540 Loc. [
- essa gente que... essa gente que é  
vaidosa sempre tem tempo pra ... eu a muito custo vou fazer  
minhas unhas... cortar meu cabelinho... eu sempre fui muito  
desprendida de vaidade... sempre... muito... apesar de gostar...
- 545 como eu digo a você... eu gostaria de ser ((fala feminina  
"querem mais alguma coisa? água? suco?")) não... quer água?
- Doc. não... obrigada... sim... mas esse... esse desprendimento não  
deixa de... de observar... você não deixa de observar outras  
pessoas...
- 550 Loc. não...
- Doc. que às vezes há pessoas assim muito sofisticadas... e pra mim  
interessaria ter uma idéia assim de... por exemplo... se  
apresentar bem e ... pra uma solenidade... pra uma coisa  
dessas... digamos que uma pessoa tivesse que utilizar todos  
esses serviços e coisa... e quem ...
- 555 Loc. é... eu acho... eu acho válido... se são mulheres que es/

- Doc. [ sim... o que que você  
 imagina que ela teria que fazer? agora vamos tentar assim  
 560 imaginar... supondo... supondo ( )
- Loc. [ bom... naturalmente fazem massagens
- Doc. [ hum
- 565 Loc. eh... maquiagem... claro...
- Doc. sim... mas essa maquiagem... assim em detalhes... que que ela  
 usaria de maquiagem?
- Loc. ah... isso eu não sei... isso é lá no salão que devem saber... de  
 acordo com o tipo de pele dela... da... eu sou... eu... creme tal  
 570 pra pele tal... como eu vejo... xampu tal pra cabelo tal... então  
 acredito que creme de... de rosto também deve ser a mesma...  
 nessa mesma base... úmido... seco... gorduroso e... não sei  
 porque eu nunca fiz... não fiz... nunca fiz... outro dia eu fui  
 575 aí... a se/ mulher da Sears queria me empurrar um creme... eu  
 digo... minha filha... eu nunca usei nada... quando eu era  
 moça... agora é que eu não vou usar... eu gosto de apanhar  
 sol... me queimar... me descascar... não me descasco não...  
 que eu agora já estou curtida... gosto é disso... minha filha...  
 não... não quero nada de creme... não... mas então eu acredito  
 580 que essas senhoras da sociedade... que devem freqüentar  
 Renault e outros por aí... devem ter lá o... a sua ... como se  
 diz? ritual de massagens... de maquiagem... de creme... de  
 sombras... de *crayon*... de ruge... batom... pode ser isso... e  
 depois vem a parte do cabelo... não é? deve ser massageado  
 585 com isso... massageado com aquilo... de... deve de tomar  
 muito tempo... mas eu... eh... é válido porque são mulheres  
 que estão sempre na... na crista da onda... estão sempre  
 citadas... já criaram uma fama... um ... elas são quase mitos...  
 tem umas mulheres aí que são mitos... mulheres não saem  
 590 da... não deixam de sair na coluna...
- Doc. exatamente... mas há que recursos artificiais?
- Loc. ah... sim...
- Doc. hoje em dia... assim... propiciadas pra favorecer e facilitar ( )
- Loc. [ ah... as plásticas... não  
 é? as plásticas...
- Doc. e... mas mesmo processos artificiais por exemplo de  
 utilização de unhas...
- Loc. unhas...
- 600 Doc. e pra cabeça...
- Loc. e pra cabeça... ah... tem... isso deve ter... eu calculo... não  
 sei... mas deve existir uma infinidade de... de artifícios... que a  
 tecnologia... a cosmetologia
- Doc. [ hoje em dia... por exemplo ( )
- 605 Loc. [ cosmetologia... é cosmetologia...
- Doc. a gente entra em qualquer loja ... hoje em dia a gente não vê  
 mais... por exemplo... preto de cabelo duro... né? ( ) está  
 610 todo mundo usando...
- Loc. não... às vezes o... a branca é que faz o *black-power*... né? Se  
 bem que ele já está caindo... e o preto alisando o cabelo e a...  
 e a branca às vezes encrespando e ... agora já acabou essa

- moda ( ) pouco tempo atrás... uns poucos anos...  
 615 *black-power*... as brancas... os pretos também entraram na  
 onda... mas pra eles não era difícil ((riso))...  
 Doc. você pegou aquela época em que os vestidos era muito... eh...  
 rodados? toda roupa interna... íntima era diferente ou era a  
 mesma coisa? fala da parte de roupa íntima de mulher e de  
 620 homem  
 Loc. [ ah... não... não... íntima eram combinações bordadas...  
 eh... de seda... seda natural ou... ou não... mas eram todas  
 bordadinhas e ... vestido ve/ como era? transparente... ficava a  
 625 combinação até aqui.. ficava muito ... e hoje em dia... não... é  
 anágua ou nem anágua... sutiã... calcinha e olhe lá... porque  
 as... as que não precisam usar sutiã... nem o sutiã usam... no  
 que elas fazem muito bem...  
 Loc. mas são diferentes também? assim em termos de formato de ...  
 630 Loc. eu acho... eu a/ você sabe que eu acho que houve uma  
 modificação na... na... na... no... no tipo físico da mulher? elas  
 são muito mais altas... esguias... finas... pouco busto... eu não  
 sei se é massagem ou se são os ba... as aulas de balé que elas  
 têm... ginástica... eu... eu noto... eu noto que... ah... essas  
 635 meninas de hoje são todas bem lançadas... altas... esguias...  
 sem barriga... pouco busto... ao passo que o nosso tempo ...  
 acho que era até era bonito mulher bem avantajada... né? ô...  
 Doc. hum... e pra en/ e ainda tinha assim mil recursos pra encher...  
 não é?  
 640 Loc. ah... tinha... bom... eu não peguei espartilho... né?  
 Doc. sim... mas eu... eu peguei por exemplo ...  
 Loc. ah...  
 Doc. aquelas ...  
 Loc. bom... cinta... a gente usava cinta... usava uma cintazinha e  
 645 tal... mas aquele negócio de espartilho... assim... não... isso eu  
 não peguei... acho que não... minha mãe  
 Doc. [ ( ) roupa também do homem também  
 mudou muito... esse tipo de coisa interna... né? de...  
 650 Loc. é... você sabe que eu tenho uma amiga que já está com filha...  
 uma neta que é estudante de medicina... quan... eu achei tão  
 engraçado quando ela casou... não é? ela me dizendo que o  
 marido tinha as cuecas combinando com a camisa... olha...  
 655 vamos dizer que ela já tenha se ... tenha casado há ( ) mais  
 de vinte... muito mais... que a menina está na faculdade de  
 medicina... a neta... dá uns trinta e tantos anos... vamos  
 dizer... quarenta... eu achei gra...ça por ela me dizer que o  
 marido tinha cueca combinando com a camisa... que eu achei  
 660 lindo de morrer... não vi não... mas achei lindo... só de  
 calcular... achei lindo de morrer a cuequinha lá do... do Z.  
 combinando com a camisa...  
 Doc. ((risos)) ( ) mas hoje também se faz...  
 Loc. ah... pois é o que eu... eu estou dizendo a você... por isso que  
 eu... agora estou me lembrando... você puxou... em me lembrei  
 665 desse... desse detalhe... porque eu achei... eu achei lindo... eu  
 achei uma beleza... bom... naquele tempo... eles usavam... por  
 exemplo... meia combinava com a camisa... né? e a gravata  
 combinava com... com a camisa... com o terno... agora a gente  
 vê aí verde... terno verde... a camisa cor-de-abóbora e a  
 670 gravata azul fulgurante... vale tudo... vale tudo...

- Doc. e... e... cuecas assim também tem ...  
 Loc. tem... tem uns tais Zorbas... Zorba... ah... eu não posso dizer...  
 desliga... depois eu te digo...
- 675 Doc. fala... não ( )  
 Loc. [ não posso... eu não posso dizer o que eu penso...  
 Doc. fala o que pensa... eu estou puxando de propósito...  
 Loc. não... eu vou dizer uma coisa que você vai ... olha... eu acho...  
 eu vou dizer...
- 680 Doc. pode falar... depois eu vou falar... perguntar traje de banho...  
 Loc. não vou dizer à M.... porque a M. vai morrer de vergonha... eu  
 estou convencida que essas cuecas que eles usam vai  
 prejudicá-los futuramente...  
 Doc. prejudicar como? não entendi...
- 685 Loc. viril... eh... organicamente... funcionalmente... porque...  
 M.H.... você se lembra... as... as gueixas não usavam aqueles  
 sapatos apertados... não ficavam com o pezinho assim? já  
 pensou essas cuecas apertadíssimas? pensa bem... ouve o que  
 eu estou dizendo... você é mais moça do que eu... daqui a uns  
 690 anos vai dizer... ih... a L. tinha razão... você vai ver...  
 Doc. e os trajes de banho?  
 Loc. bom... trajes de banho... eles usavam uma... um calçãozinho  
 como um... assim tipo camisa de meia... às vezes listrada...  
 Doc. hum... mas e hoje?
- 695 Loc. [ ah... hoje é sunga... só... não é... sunga... e também todos  
 apertados... todos... ((risos))... a gente vê aí casais... às vezes  
 eu não sei se é um... se são... se é casal... ou se são dois  
 700 homens... ou se são duas mulheres... então no tempo que teve  
 aí uns cabelo comprido... as meninas quase não têm busto...  
 como eu disse a você... elas com uns corpos maravilhosos...  
 acho que é negócio de balé... massagem... enfim... e a gente  
 não sabia distinguir... minha filha... que às vezes pelo busto...  
 nem pelo busto você distingue algum... eh... algumas  
 705 mulheres e os homens não têm nada pra distinguir...  
 Doc. não dava pra ver...  
 Loc. ah... está tudo de cueca Zorba... apertando-se todo... sei lá...  
 você vai ver... eu... eu me lembro disso... das gueixas... tanto  
 apertavam o pé... que elas ficavam com o pé... eh...  
 710 atrofiado... Olha... e você sabe de uma coisa? eu estou  
 dizendo isso... mas... no fim... eu falando com uma senhora  
 minha... amiga minha... tem um neto... ele disse que não quer  
 usar... o menino parece que tem doze ou treze anos... eu  
 disse... mas... I... por que que ele disse isso? ah... L.... eu não  
 715 sei... nem quis perguntar... mas o meu neto disse que não  
 quer... L. então eu... eu... eu estou chegando lá... heim...  
 bom... mas isso é outro assunto... você me obrigou a falar...  
 você me obrigou... você me obrigou
- Doc. [ não ( ) em termos assim de... de... de... de  
 720 atualização... agora... uma outra coisa que pra mim  
 interessava... quer dizer... em termos de ( ) ... seria o traje  
 masculino solene... antigamente...  
 Loc. ah... sim... terno comple:to... eh... calça de... listra:da...  
 725 *bas-ton*... jaquetão... era muito bonito... era muito formal...  
 Doc. por quê?  
 Loc. chapéu... camisa branca... em geral branca... né? e ...

- Doc. e assim pra uma solenidade? ( ) às vezes eles usavam determinado tipo de ...
- 730 Loc. sim... isto era... em geral era o... era... em geral... a ca/ a... as calças eram listradas e o jaquetão... jaquetão é aquele que transpassa... era... em geral... era um cinza escuro... combinando com a calça listrada... era ( ) de longe você pensava que era cinzenta... então combinava... então botava aquela gravata *bas-ton* prateada e tinham o seu chapéu gelô alguns... outros não eram gelô... enfim... muito bonito...
- 735 Doc. e houve também uma fase assim... e até ainda hoje... né?  
Loc. fraque...  
Doc. ah... fraque eu gostava de saber como é que era...
- 740 Loc. não era tão bonito... eu gosto mais dos atuais... que são de... de rabo comprido... cauda longa... eram mais... mais curtinhos os... as abas... é aba... né? é aba... eram mais curtas...  
Doc. eram mais curtas?  
Loc. é... mas de hoje são mais elegantes...
- 745 Doc. agora... houve uma fase também em que os homens tinham... assim... quase que um traje oficial... um uniforme quase... pra... por exemplo... bailes  
Loc. [ ]  
750 era... era o tal jaquetão... eles usavam aqueles botões... não sei se é *blaser*... não é... porque *blaser* é esporte... mas usavam... em geral... não sei se eram três botões... três de cada lado... azul-marinho... preto... sempre de gravata... eh... de camisa branca...  
Doc. e a gravata também...
- 755 Loc. combinando...  
Doc. não era esse tipo ...  
Loc. não... larga... gravatinha comum... não é como essas borboletonas agora... essas borboletaças que usam... que eu acho bonito... ah... eu estou dizendo a você que eu estou na onda... M.H.. eu adoro tudo que é moderno... tenho uma inveja de não ter vinte anos agora... que eu ia sair com uma... com um sapato verde... outro vermelho e eu ia lançar moda...  
760 Doc. mas por que que tem que ser com vinte anos? por que que não pode ser na sua idade?
- 765 Loc. agora é ridículo... não é? agora está um pouco ridículo...  
Doc. [ ]  
é ridículo por quê?  
Loc. Deus me li/ vão pen/ vão me chamar de perua aí na rua...  
Doc. por quê?
- 770 Loc. você não sabe que tinha uma mulher aí na cidade que... que se pintava muito e a gente olhava pra ela e ela desatava em palavrão... e alguém gritava de longe... perua... pra quê? amanhã... se eu sair com um sapato vermelho e outro preto... vão pensar que eu estou gagá... que eu estou com esclerose ((risos))... nNão posso... isso eu não posso...
- 775 Doc. sim... mas isso é uma forma simbólica de dizer que vai sair à vontade...  
Loc. mas eu ando... você não acha que eu estou ... eu já saí hoje... já fui visitar uma amiga assim como eu estou...
- 780 Doc. como é? que que é isso?  
Loc. assim... ó... um *blue-jeans*... um canguru... meu *foulardzinho* e um mocassim... eu fui visitar uma amiga hoje assim como eu estou...  
Doc. e em termos... assim... de enfeites?

- 785 Loc. eu gosto de colar de pérola... brinco... nunca usei... fico com uma dor de cabeça desgraçada... relógio... eu achei... você está olhando por meu re/ achei... lá na Vieira Souto... lindo de morrer... de homem... mas é bom... porque eu enxergo mal... esse de longe eu enxergo... eu tenho relógio pequenininho...  
790 esse eu achei... em plena Vieira Souto... um... uma hora da tarde... num domingo feérico... achei... lindo... não é? fiquei esperando pra ver se o dono aparecia... não usei enquanto não ... durante quinze dias acompanhei os... os anúncios no Jornal do Brasil... pra ver se dava... não apareceu... eu passei a usar...  
795 Doc. e isso... nas mãos?  
Loc. ah... eu sempre usei isso... anel de ( ) me acompanha desde menina... eu não quis anel de grau... tive uns... uns anéis fantasias... um anelzinho aqui... com a minha pedra que é topázio... aquele antiquinho... que a gente usava... mas vai me ferindo... acaba me ferindo... o único é esse... que aliás noutro dia eu vi que já estava ficando gasto... agora... colar de pérola eu adoro... adoro... e tenho...  
800 Doc. e outras coisas assim de...  
805 Loc. GOSTO DE UMA BOLSA... gosto de um bom lenço... trago lenço da Europa sempre... é outra coisa... esqueci de dizer... perfumes e lenços... trago... gosto... adoro lenço no pescoço... não sei se é pra tapar aqui um bocadinho... tapear aqui um bocadinho já as pelanca... mas eu sempre gostei... mas sou boêmia... desligada... nada curiosa... eu não sei se é por preguiça mental... você pode deixar um documento aí... se é uma carta sua... que eu não leio... eu não sei se é por falta de curiosidade ou por preguiça mental... porque não... não me diz respeito... não me interessa... eu sou muito desligada...  
810 olha... eu morava aqui... com a M... já há uns quinze... dezesseis anos... tem vinte... vinte e um que estou aqui... e ela foi fazer um retiro... que ela é muito religiosa... lá em Belo Horizonte... eu então combinei três pessoas pra virem fazer um joguinho... nesse tempo eu jogava... enjoei... bom... às nove horas... eu mandei as empregadas servirem um cafezinho... depois eu mandei que elas se retirassem... porque elas não ... eu parto do seguinte... elas não são minhas empregadas...  
815 Doc. essa moça que serviu o café aqui pra gente... ela estava com um traje...  
820 Loc. é empregada da M... né? porque a M. é inglesa... minha filha... você sabe que nessa casa se usa lavanda?  
Doc. e é?  
Loc. usa sim...  
830 Doc. e... e... e esses trajes de... de...  
Loc. ah... por ela... usava preto... porque elas não querem mais usar o uniforme preto com aventalzinho branco... não querem mais... e a M. nesse ponto... ela é muito humana... muito compreensiva... então compra esses uniformezinho mais bonitinhos... que parece um vestidinho... né... e bota aí... o avental... eu acho mais na hora assim de servir... fora disso... não... não usa uniforme... mas... voltando ao meu jogo... estava aqui jogando... mandei embora... aí mandei botar na garrafa térmica o café e preparei uns sanduíches ( ) na hora de servir... onde é que eu encontrava a louça... já morava aqui há qua... dezesseis anos... aí eu peguei... eh... pratinhos de

sobremesa... não estavam quebrados... não... mas eram de cerâmica... que já... é um cor de-barro que já estavam... não estavam quebrados não... mas a tinta estava ... e eu servi... no dia seguinte... uma babá que nós tínhamos aqui... que morreu agora... no dia dois de janeiro vai fazer do... um ano agora... que era um amor de pessoa... disse... dona L.... que ela era muito mais *rafinée* do que eu... muito mais... você pensa que ela ia deixar eu sair assim? jamais... ela disse... mas... dona L.... a senhora serviu suas visitas com esses pratos... e a M. chegava de tar... à tarde... nesse mesmo dia... foi fazer queixa... então a M. me pegou... me mostrou... já morava aqui há uns dezesseis anos... me mostrou onde é que tem a porcelana... os pa... os talheres de prata... porque eu ... você viu como eu sou pouco curiosa e desligada... porque depois de dezesseis anos não sabia onde é que tinha louça boa na casa...

## ANEXO C

PROJETO NURC/SP

INQUERITO Nº 396 - BOBINA Nº 145 - INFS. Nº 502 E 503.

*Tipo de inquérito:* diálogo entre dois informantes (D2)

*Duração:* 75 minutos

*Data do registro:* 19/11/76

*Tema:* Vestuário e diversões

*Locutor 1:* Homem, 81 anos, viúvo, dentista, natural de Jundiaí -SP (veio para São Paulo com 3 anos), pai paulista, mãe paulistana, 3ª faixa etária. (Inf. nº 502)

*Locutor 2:* Mulher, 85 anos, viúva, professora, natural de Sorocaba - SP (veio para São Paulo com 5 anos), pai paulista e mãe paulistana, 3ª faixa etária. (Inf. Nº 503)

- 1 *Doc.* (Olha gente) eu queria que vocês comenta::ssem ... como é que era os ve/ vestuá::rio:: ... da época de vocês... de mocinho... das diversas classes sociais ...
- L1 sociais ...
- 5 *Doc.* certo?
- L1 certo ... então ...
- L2 (pra/)quando era ir pra escola tinha uniforme ...
- Doc.* sei
- L1 bom pra escola ti/ ... ti/ tinha uniforme ...
- 10 L2 [ escola normal
- tinha
- uniforme sim ...
- L1 agora as toaletes ...
- L2 sa/ é...
- L1 as toaletes de::...
- 15 L2 de passei::o cine:: mas e bai::les eram diferentes...
- [
- L1 passeio eram (eram geralmente)... eram::... as moças...
- L2 agora de:: uniforme de escola era saia azul mari::nho blusa branca sapato preto... costume a gente andava
- 20 costume... não é?
- [
- L1 geralmente regra regra geral... os ra/os homens::... reparam mais nas moças... as moças...
- Doc.* [ (

- )
- 25 L1 reparam mais nas moças os moços naturalmente  
as moças ( )... mas::... vocês::...
- L2 [ vocês andavam... de fraque  
pra ir ao cinema((riu))
- L1 é nós homens:: eu gostava muito de andar de::  
usar  
fraque... eu acho que constantemente...
- 30 L2 [ ao cinema no largo do Arouche... vocês  
iam  
de fraque...
- L1 geralmente eu gostava muito de fraque  
e chapéu:: coco...
- L2 éh éh...
- 35 L1 e::... de dia... mesmo de dia... mas::...existia  
aqui quem usasse sobrecasaca por exemplo que  
era o:: professor Vampré... professor de Direito  
usava só sobrecasaca...  
de dia e de noite sobrecasaca e cartola... então  
ele  
era conhecido pelo doutor... o segundo:: o::  
o::... o::
- 40 L1 jornalista::... jornalista::  
o apelido dele que era doutor...
- L2 [ doutor
- L1 Guandê... o apelido dele... isto era o Alexandre  
Marcondes Machado... que  
era um jornalista... dO *Pirralho* neste tempo  
existia
- 45 aqui um jornaleco chamado *Pirralho*... entre  
outros  
jornais... então ESTe usava isto mas o  
coMUM::... não  
era o fraque... o comum era naturalmente o  
paletó  
saco e jaquetão... para os:: para os bailes... ou  
*smoking*...
- 50 L2 (você)( )(baile) né?
- L1 para os bailes... (e)NÃO e o comum na cidade  
era o  
paletó saco
- L2 uhn uho
- L1 agora para as visitas::... era exigido o colete  
sempre é um
- 55 terno... (um) terno era três peças...
- Doc. uhn
- L1 calça paletó e colete evidentemente era falta de  
educação aparecer numa casa de família... ou  
(nu/numa)  
reunião qualquer sem o::... sem o colete...  
então todos
- 60 usavam colete... agora fora disto::...o comum a

- rapaziada passeando não fazia muita questão de colete...  
e:: nos no no no:: nos nos assustados nos BALles nos assustados não nos assustados não tinha qualquer toalete...
- 65 *Doc.* uhn uhn  
L1 nos bailes naturalmente ou era fraque... ou era jaquetão::... ou era::...*smoking*... para os moços... e as moças... vestidos mais ou menos longos... para os bailes...  
e::... fora disso era(mu/)*saia* e blusa... ((vozes baixas))
- 70 comumente até::(da da)... as moças eram *saia* e blusa...  
não usavam... mu/muit/muito poucas moças iam...  
usavam vestidos completos para... para o durante o dia... muito muito poucas... e::... *pela*::... pouco acima do... do que nós ali chamaríamos hoje cano de bota
- 75 cano de botinhas... não tinha:: aquele tempo não se usava botinhas... usavam as moças usavam sapatos...  
e botinhas até::... botinhas de quatro...  
[  
L2 eram botas de cor camurça...  
L1 botinhas de quatro::...  
80 L2 é::  
L1 de dez centímetros acima do::... do tornozelo...  
[  
L2 camurça de cor:: marrom:: cin::za bran::co...  
[  
L1 do tornozelo é::... e:: regra geral:: exatamente
- 85 isso... sapatos... em camurça... ou verniz  
[  
L2 geralmente (era mais)...  
L1 ou camurça... e::... meias...  
[  
L2 na escola andava de::... e sapato né?  
preto...
- 90 L1 meias de seda... marca Águia que eram as mais finas...  
L2 uhn::...  
L1 eram as mais finas... e::... vestidos de::... vocês usavam vestido para para para para baile de organDI...  
regra geral...

- 95 L2 é::  
 [  
 L1 de organdi... ou::... outros tecidos que  
 desapareceram  
 como::... o::... éh digamos o::... o *voile*... o *voile*  
 de lã...  
 o *étamine* para para o verão... *étamine*... o  
 veludo...  
 muito comum... para para o tempo de frio...  
 [  
 100 L2 (meio de ano)...
- L1 o veludo...  
 [  
 L2 é a mesma coisa que usam agora não é?...  
 L1 tempo de frio...
- L2 éh  
 [  
 105 L1 só que outros tecidos trocaram de nome hoje...  
 Doc. uhn uhn  
 L1 não é? quase que o o organdi hoje é organ::za né?  
 Doc. uhn uhn  
 L1 ah o:: *voile* não existe mais o *voile* de lã nem o  
*voile* de de  
 110 *étamine*  
 [  
 L2 era a CAssa  
 L1 cassa::...  
 L2 uhn...  
 L1 muito comum... cassa... agora as outras classes  
 mais  
 115 modestas usavam CHIta era muito mais comum  
 eram  
 chita ... as::... opeRArias::... vestiam-se muito  
 mais modestamente evidentemente... usavam  
 chita e até até  
 no calçado era diferente... e::: as as as::  
 moças da::  
 [  
 120 L2 depois aparece(ram)a culote né? que  
 chamavam...  
 [  
 L1  
 (da sociedade)...  
 mais tarde...  
 L2 calça cumprida...  
 [  
 L1 mais tarde  
 [  
 125 L2 que apareceu a culote (  
 )  
 [  
 L1  
 a *jupe*  
 culote...  
 L2 novecentos e vinte...

- L1 a *jupe* culote...  
 130 *Doc.* unh  
 [  
 L1 então... as primeiras que saíram de *jupe* culote  
 foram  
 vaiadas no Rio... ( )  
 [  
 L2 então... éh principalmente  
 no in::terior eram  
 [  
 135 L1 é::  
 L2 vaiadas né?...  
 [  
 L1 e::  
 L2 aQUI não
- L1 pesar de que a gente vê aí falar que no interior  
 sava  
 140 chapéu não usava aqui em São Paulo usava  
 chapéu  
 [  
 L2 usava chapéu(assim para ir)ao centr::o...  
 L1 [  
 as moças aqui em São Paulo  
 mas no  
 interior nenhum lugar usava chapéu... eu  
 estou vendo  
 145 nO *Casarão* essa:: aquela moça de chapéu  
 mas::...  
*Doc.* [uhn uhn  
 L1 não é verdade não...usavam chapéu em São  
 Paulo  
 L2 usava chapéu bonito... é...  
 L1 [  
 chapéus...diversos tipos de  
 150 chapéu (também)... variava demais...  
 L2 [  
 ( )  
*Doc.* uhn uhn  
 L1 e::: inclusive para ir ao cinema... o que eh  
 trazi/  
 cau/causava revolta para o cinema para o  
 teatro  
 155 porque::... chapéu muito grande atrapalhava  
 os  
 [  
 L2 é...  
 L1 detrás...  
 L2 jardineiras... cheias de:... flores...  
 [  
 L1 ( )jardineiras cheias de flores de  
 frutas...  
 160 hoje ainda tem não é?  
 L2  
 L1 e uma seta que que que espê/... que era um  
 verdadeiro  
 espeto... atravessando... a cabeça para

- segurar para  
segurar o chapéu...
- L2 era...
- 165 então tinha o chapéu tinha o *charlotte*...
- L1
- Doc.* uhn uhn
- L1 que era uma espé/ era um chapéu de  
rendas... mais ou menos caídas *charlotte*... e  
tinha ( ) usava-se também  
os... os:: chapéus...ahn::...
- 170 com plu::mas(em tudo)
- L2
- L1 é::((riu))... chapéu de palha muito comum  
chapéu de palha para moças e de veludo  
também...
- L2 no teatro (então é que)
- [
- L1 NÃO... éh éh::... a não ser para a  
esco::la
- 175 a não ser (para ir)... era obrigatório o chapéu  
para  
uma moça... para ir à cidade ou qualquer  
lugar a não
- ser quando era as estudantes que iam para a  
escola et cetera...
- Doc.* a senhora lembra como era o unifor::me da  
senhora?
- 180 L1 uniforme...
- [
- L2. AH::o uniforme (eu me lembro) era saia azul  
marinho e::... e::...
- [
- L1 blusa branca...
- L2 é::costume não é... chamava naquele  
tempo...
- 185 L1 [ s::aia azul
- marinho e  
blusa branca e::...
- L2 [ blusa branca
- L1 [ e casaco...
- Doc.* uhn
- 190 L1 no tempo de frio... no tempo de:: calor não  
casaco
- L2 [ no
- calor tinha
- L1 da mesma fazenda casaco( )
- [
- L2 blusas::... aquelas::blusas... de CAssa que a  
gente  
chamava de organdi::... não é?... blusas  
brancas...
- 195 mas:: éh::...

- L1 [ NOS rapazes... então(vamos lá já que  
está-se a  
falar) em toalete... era::... nosso ponto ficava  
na  
rua Direita aLI al/ali na esquina da::... da::  
da rua  
José Bonifácio... rua José Bonifácio que  
encaixa na rua  
200 Direita justamente... ali era o ali tinha um  
tinha tinha  
o::... a drogaria... drogaria Amarante... e ali  
o bo/ o  
bonde (segue)o bonde se/... era um ponto de  
bonde o bonde parava ali... então nós rapazes  
ficávamos ali para ver as moças descer...  
para ver dois dedos de perna das  
205 moças... nada mais do que dois dedos porque  
está/estava (oculto)((riu))  
L2 é:: hoje é diferente...  
L1 ((riu))dois dedos de perna das moças...  
estavam(evi/  
evid/)/evi/evidentemente(ocultas)...  
210 ahn::...  
*Doc.* L1 e:: as moças (quer dizer::)... havia muito  
mais::...  
diFIculda::de de um ra/rapaz (era)  
diFIcilmente um  
rapaz saía com um moça... era muito difícil...  
a não  
ser quando havia muita intimidade... os  
namorados  
215 geralmente namoravam::... ( )de lon::ge de  
esquina  
L2 [ na janela  
L1 de janela...  
*Doc.* NO::ssa  
L1 [ e conversazinha  
[  
220 tinha hora para namorar e fechar a  
janela  
L2 L1 é... (no)nosso tempo isso por volta de mil  
novecentos  
[ (quer dizer:: lá em casa)...  
L2 L1 e quin::ze mil noventos e dezesseis:: mil  
novecentos  
225 e quator::ze... nas pri/primeiras décadas nas  
duas primeiras décadas... depois os costumes  
foram se::...  
se:: li/liberando mais...  
*Doc.* é::...

- L1 nas duas nas duas primeiras até na terceira década...  
ainda::... havia muito muito reca::to... e::...  
naquele
- 230 tempo apontava-se uma moça mais... mais escandalosa
- Doc.* uhn...
- L1 apontava-se para uma moça era el/ela...  
(lovelácia)  
ela era::... leviana... então era apontada com tal...  
hoje é o contrário... aponta-se quando ela é recatada
- 235 (riu))...( )  
[
- Doc.* e o que era moça escandalosa naquela época?...
- [
- L1 como é?
- Doc.* era só no trajar?já::...  
240 era no trajar (e no::)
- L2 [
- L1 escandaLOsa:: no trajar e no no:: portar::-se
- [
- L2
- L1 namorar
- L1 no namorar:: no portar-se... por sair com com um rapaz  
de braços da::dos... enfim atitudes menos::...menos
- 245 recatadas menos coisas que eram consideradas...  
escandalo::sas... éh:: uma moça que vivia na janela o  
dia inteiri::nho... e que dava bola para todo mun::do  
então (eram) *escandalosas*
- [
- L2 vassoura... (se) chamava...
- 250 vassoura (é)...
- L1
- L2 é tanto é (que aque::l/ aquele)canto...  
vassoura  
vassourinha né?.. (éh)chamava de vassoura quando
- [
- L1 ah é:: chamava o pessoal
- L2 era muito namoradeira... mas no bai::le
- [
- 255 de vassourinha...
- L1
- L2 a gente não saia sem uma apresentação...
- Doc.* por quê?
- L1 bailes::... não se dançava com a pessoa

- L2 [ sem uma pessoa  
conhecida  
260 apresenta::r o rapaz para a gente dançar não  
é?  
L1 dificilmente um rapaz a não ser um baile  
de::... um  
baile::... de recepção de calouros... um baile  
de formatura  
aí então aí a gente::... evidentemente::... as  
moças  
tinham de:: de sair mas fora fora disto... éh::  
e:: e o  
265 rapaz não se atrevia a tirar um a moça se não  
fosse... oferecida...ou colega ou::... mesmo  
que  
L2 [ apresentada  
L1 fosse colega ( ) de muita intimidade... mas  
do contrário  
270 sem intimidade ele dificilmente ele chegaria  
... o rapaz  
iria tirar uma moça... ele estava sujeito a  
levar uma  
(tábua) mesmo...  
*Doc.* ((risos))  
L2 levava tábua né?  
estava sujeito a levar porque as moças...  
L1 eram muito  
275 mais... mais::... bom os costume eram muito  
ma/ evidentemente  
*Doc.* [ é  
L1 muito mais...  
[  
*Doc* sei...  
280 mais severos do que hoje... e:::...  
L1  
L2 mas lá em casa tinha hora para estar na  
janela  
uma certa hora vovó chegava "olha...já está  
noitinha"  
[  
L1 é tinha...  
L2 ... cada um se recolhia para o seu quarto para  
[  
285 L1 (também)...  
L2 estudar... tinha hora de ficar na janela...  
[  
L1 tinha... algumas moças  
que::... que  
eram bem mais levianas... mas era(m)muito  
raro... muito  
raro... éh que gostavam de dar risadas no  
meio da  
290 ru::a...agora::... entre as normalistas é um

- pouco  
comum:: elas (sempre) formavam os  
grupos... de
- normalistas...então elas ficavam um bocadinho (de::)...  
um pocadin/ ... mais expanSivas... mais aBERTas
- 295 L2 na praça da república  
[  
L1 mas sozinha não... é na praça da República...  
[  
L2 não é?  
L1 sozinha não...( )  
[  
L2 aquela praça era toda ajardina::da  
não é?... e as menin/ as moças da Escola Normal quando  
300 nós estudávamos íamos na praça... mas não eram  
TO::das não é?... sentava ali para conversar... (e então)  
mes::mo  
na na:: no:::... (bosque::te) que chamavam não é?... na  
patinação ninguém ia saindo assim não... só conhecido  
mesmo... o conhecido não levava tábuas isso vinha  
305 e:: ((ri))...  
*Doc.* unh unh  
L1 e os diretores...  
[  
L2 (tirava)de patinar...  
L1 (aliás a::... a escola há) os diretores (que) ficá/  
310 fiscalizavam o:: diretor inspetor...para que ali não  
houvesse::...as moças saís/ saíssem direitinho sem que  
houvesse nada... e de vez em quando mandavam alguns  
pro/ algumas pra/ algum soldado para espantar o coiô  
((buzinas e barulho de trânsito)) que o coiô estava  
315 um bocadinho.. (mais) ((buzina))... mais expansivo  
lá vinha algum... naquele tempo nós chamávamos de  
macamBE... macambé era um s/ era um nós dizíamos  
que::...ah s/ s/ Portugal exportava para o Brasil duas  
coisas... bacalhau... e macambé... macambé era a guarda  
320 cívica...guarda Cívica não é guarda civil... guarda  
cívica::...era um batalhão... mandante com a força  
pública...  
*Doc.* unh unh  
L1 mas::... todo ele(ele é) o:: serviço dele era::... vigilância  
325 nas ruas (e certos serviços)... praticamente ... era uma  
polícia de vigilância...que tinha outra polícia que era  
uma polícia só... a policia militar... então o guarda  
cívico quase todos eles era/ eram eram::... eram:::  
portugueses... QUase TOdos eram portugueses...  
330 raro o brasileiro... depois então foi suprimida a guarda  
cívica... e o Washington criou a::... guarda civil... essa  
guarda civil que existiu até há pouco tempo... foi feita
- 335 exclusivamente para recepções... e teatros... não tinha  
outra função... depois passou a... a a a exercer o::...  
a fiscalização de rua... (a qual)não existia... e::...  
*Doc.* e a dona A.a senhora lembra assim de alguma toaLEte...  
muito bonita que a senhora tenha gosta::do que tenha  
ficado... na memória?

- 340 L2 éh dia de formatura...  
 Doc. uhn uhn  
 L2 não é? eh por exemplo vovó elas nos davam:::...  
 vestido muito bonitos (com)escolhíamos boas  
 costureiras... na rua Itapetinin::ga:::...  
 Doc. uhn uhn
- 345 L2 que hoje não é não é? tinha lá/ tinha(não sei se) tinha  
 Doc. uhn uhn  
 alfaiate também((riu))...  
 L2 e a gente então mandava fazer por elas não é?...  
 [  
 L1 (mas:::)...  
 350 L2 e:::... uns vestidos mais de ren:::das muito  
 [  
 (mas)  
 L2 mais bonito não é?...  
 Doc. uhn uhn  
 [  
 L2 naquele tempo se usava até:: FAIXA de  
 355 cor((riu))  
 aqueles vestidos com faixa de cor né?... éh com  
 fi::tas e tudo... agora:: a gente escolhia uma:::melhor  
 costureira não é? ( )...  
 [  
 L1 e discreto...  
 L2 (né?)  
 [  
 360 L1 e realmente pouco decotado um decô/ um decote MEio  
 decote...(e)dificilmente se via (uma:::)((ruídos de  
 manipulação do microfone))... uma toailete com a decote  
 completa ... era meio decote não passava... não  
 chegava à raiz dos seios...  
 365 Doc. uhn uhn...  
 L1 e:::... por vezes tod/ ... às vezes rendado mas sempre  
 ... sempre tinha por baixo um:::  
 L2 reCAto... não é?  
 L1 existia sempre nunca nunca era transparente sempre  
 370 existia um:::... um:::  
 [  
 Doc. certo  
 L2 eram recatadas as moças ... é:::...  
 [  
 L1 corPinho como chamavam naquela ocasião...  
 usava  
 375 um corpinho... não era... não era este::: negócio  
 que  
 hoje tem--como é que chama?--... hoje é:::...Esse  
 negócio que se prende aqui...  
 Doc. sutiã?... ahn  
 [  
 L2 sutiã? éh:::( ) (andam)  
 [

- 380 L1 Sutiã...  
L2 de sutiã  
[  
L1 éh não era sutiã usava-se corpinho... as  
moças  
usavam corpinho...  
[  
L2 ahn...  
L1 firme ligado  
385 *Doc.* certo  
L1 e::... as toaletes::... mais ou menos era procurado  
ter  
uma cintura de vespa cintura apertada regra geral ...  
com espartilhos.... coletes::...( )  
[  
L2 é (eu saía) de colete at  
na  
390 L1 é::...  
[  
L2 na:: na escola...  
L1 as moças todas usavam colete TODas  
[  
L2 sapato de salto alto  
[  
L1 nenhuma  
moça  
395 saía sem colete...  
*Doc.* uhn uhn  
L1 todas elas usavam colete e o colete mais ou menos de  
um palmo e meio de:: pano... que dava uma certa  
forma (ao)... com barbatanas que dava uma certa  
400 forma  
ao::... ao corpo... naturalmente::...  
*Doc.* uhn uhn  
L1 éh bem apertados na cintu::ra e depois... abrindo-  
se...  
como se fosse um...  
[  
L2 na época... eu ia à aula né?... sentava  
[  
405 L1 como se fosse  
um  
xis...  
L2 com o colete...  
*Doc.* uhn uhn...  
L2 depois quando chegava em casa :: tirava fora  
porque::  
[  
410 L1 (espera aí)...( )...  
L2 tantas horas ali de aulas... não é? vinha um lente...  
dava::...ah ah::... dava uma matéria (por  
exemplo) História vinha outro né?...  
[  
*Doc.* uhn uhn...  
415 L2 Fí::sica e a gente ficava ali:: assistindo tomando  
apontamentos não é? ((riso))

- L1     apertada (na cadeira)...
- [
- L2             é... quando chegava em casa...
- 420            bom...naquele
- tempo tinha já::: carteiras:: individuais não é?...  
cada (coisa na:::)na escola normal principalmente  
tinha... agora a gente ficava o tempo todo ali  
cansa::da  
quando(eu) chegava em ca::sa((ri))...
- [
- L1             apertada naquelas
- barbatanas
- [
- 425     L2             eu tirava o colete fo::ra não é?( )... mas  
ahn::... todo mundo andava o colete... principalmente  
as mocinhas depois de quinze anos e tudo...
- Doc.*     é...
- 430     L2             e eram mais recatadas::... em visita de HOje  
[ ( )((barulho de trânsito))
- Doc.*     ( )diferente...
- 435     L1             [ ( )da socieda/ sociedade média na nossa sociedade...  
não exitia assim vestidosde cau::da... dificilmente  
a não ser para casamento... a não ser as:: noivas...  
vestido de cauda não não aparecia nos baile... e os  
vestidos de SEMpre os mais que mai/ os mais  
longos...
- não passavam do tornozelo... hoje arrastam não é?  
*Doc.*     (é::)...(é bem possível)
- 440     L1             não passavam do tornozelo mas isso os mais longos...  
mas regra geral eles ficavam uns quatro dedos uns  
cinco  
dedos acima do tornezele... o vestido... depois foram  
encurtando um bocadinho... e:: principalmente as  
normalistas cortumá/((riu))começaram a encurtar um  
pocadinho((falou rindo))...

- 445 L2 é mas ( )  
 [
- L1 mas NUNca chegando a::... a mais que o meio da  
 canela... o máximo o máximo o meio da canela...  
 não:: não chegava( )  
 [
- L2 mas... lá:: no colégio de irmãs da cariDAde...  
 450 havia TANto reCAto que::... as alunas tinham (que)  
 tomar... banhos de camiSOLA... uma camisola para  
 tomar banho enten/ ... e uma irmã passean::do ali...  
 né? ne:: chuveiro... as portas abertas... e:: era o banho  
 de camisola... quando a gente saía de lá olhava (e) o  
 455 pescoço estava... não era só eu... (no tempo mesmo ti/)  
 de::... (de golinha) a minha prima que esteve no colégio  
 Santa Inês não é?... agora no outro colégio não não...  
 não era obrigado a...TANto recato assim... havia mais  
 liberdade... no colégio Florence em Jundiáí né?
- 460 *Doc.* uhn uhn  
 L2 lá no colégio Florence eu era menina... eu tinha eu acho  
 que uns sete oito anos eu ti/ acho que uns oito anos...( )  
 )  
 minha irmã é que era:: mais velha que eu... mas LA  
 [
- L1 (mas)...
- 465 L2 não... havia mais liberdade...  
*Doc.* uma orientação alemã né? (ela nos falou) é uma  
 [
- L2 ahn?é:: é sim (alemã)...
- Doc.* orientação alemã...
- L2 (quando) eu tinha:: era geralmente ela trazia sabe  
 470 professoras da Alemanha...sabe?... para ensinar  
 can::to dese::nho e de Inglaterra...agora uma das  
 diretoras era alemã... Rosa (Flat)... até os filhos::  
 ...formaram-se em médicos((superposição de vozes))  
 (né?)...e::: ma/ mas as outras tinham::: eram... eram  
 475 melhores sabe? as... as brasileiras que eram::  
 geralmente família Florence... até hoje muito falada  
 né?
- L1 bom esses foram os fundadores né?...
- L2 [
- 480 L1 os fundadores do colégio é que foram  
 [
- L2 (é)
- L1 os Florence...
- L2 Florence  
 [
- L1 (por sinal) que faleceu um Florence hoje...eh hoje  
 [
- 485 L2 (
- )
- L1 eles tem aqui um colégio que::... Florence  
 também...  
 ( )...  
 [

- L2 na avenida Pompéia...  
 L1 filial daquele não é bem filial foram os::... os  
 [
- 490 *Doc.* uhn uhn  
 L1 descendentes deles que criaram agora este colégio  
 [
- L2 é::  
 L1 parece... aqui na:: na Pompéia...  
 L2 fizeram uma FESta ( )
- 495 L1 [ mas esse colégio:: éh  
 Florence::...  
 L2 ( )  
 [
- L1 depois é que foi vendido... para... (parece) dona  
 Rosa Flat  
 L2 é:: dona Rosa Flat (então mandava vir as  
 [
- 500 L1 saíram os Florence:: ( )  
 L2 professoras de lá... de pintu::ra de... mandava  
 vir  
 da Inglate::rra não é?... professor de alemão  
 quem  
 quiSESSE:: aprendia alemão...
- L1 mas(estamos)... voltamos a falar de:: de toaletes...  
 505 *Doc.* mas::... éh::...  
 [
- L1 então vamos dizer que... NÓS:: da nossa família  
 ...que aliás era uma família modesta...nunca  
 freqüentamos:: essas *soirées* assim de::... do do Clube  
 Internacional:: ou desses clubes assim de...dos  
 510 grã(s)-finos porque a família Toledo tem uma parte  
 que... que... to/ continua grã-fina tem outra parte  
 que é modesta que é a nossa... continua  
 modestíssima
- 515 ... embora (sa/) da mesma origem... uns ficaram  
 muito  
 ricos outros ficaram muito pobres...se/ mas sempre  
 foram mais mais::... modestos... então não podemos  
 falar em bailes:: baile do Internacional que era  
 clube...  
 era o melhor clube de São Paulo nessa ocasião...eram  
 famo::sos os bailes do Internacional ...  
 [
- L2 tinha Círculo Italiano também
- 520 né?que era bom...  
 [
- L1 é:: esses eram (os de)os grandes...  
 [
- L2 (você ensinou)(  
 )...  
 [
- L1 se
- 525 bem que os italianos NEssa ocasião ainda não eram...  
 não eram::... não tinham galgado à... à::...

- 530 L2 à posição  
L1 é..algado essa posição assim essa::... social  
porque::: estavam começando os industriais lá daquele  
tempo... então não havia propriamente a não ser havia  
o::... uhn:: al/alguns clubes italianos ainda eram  
relativamente modestos... porque::...milionário aqui  
só existia nessa ocasião três ou quatro...  
*Doc.* uhn uhn...  
L1 SERIA O::... o Mattarazzo que estava começando  
[
- 535 L2 ah o Mattarazzo que fi/ ...  
L1 a ficar( )  
[  
L2 ficou milionário  
L1 o::: Crespi::que estava (nobiliárquica/)milionário...  
L2 siciliano de família...  
[
- 540 L1 e:::é... e:: do outro lado aqui:: como  
brasileiro:: o::... o conde Prates o conde::...  
Pentea::do:: enfim eram meia dúzia de milionários  
[  
L2 Prates  
L1 só o resto da sociedade toda era... e:::ra de  
545 pessoas::... REmediadas...  
L2 E porque muitos comendadores  
[  
L1 remediadas...  
L2 compravam título né?...  
L1 é::: eram remediadas...  
[
- 550 L2 compravam títulos:: eu sabia tal  
comendador fulano... como é?... é a família que  
comprava título o::: Matarazzo também é comendador o  
[  
L1 é  
L2 outro não é?  
*Doc.* uhn uhn
- 555 L1 mas:::  
[  
L2 agora::: ( )  
[  
*Doc.* (agora)vocês Acham que os::tecidos  
--voltando ao... ao assunto--... éh:: os tecidos se  
adaptavam eram adequados ao nosso clima...  
560 naquela época?  
[  
L1 Eram porque mesmo a mesmo as *étami*/as::o(s)  
*voile* de lã era leve... não era pesado... era muito leve...  
e:: São Paulo era mais FRlo do que hoje... bem mais  
frio a a não ser um dia:: este ano tivemos frio mas...  
565 raramente é... São Paulo era é/ era::--como a senhora  
sabe--era o São Paulo da garoa...  
*Doc.* uhn uhn  
[  
L1 São Paulo frio... então::era::era::era::e::exigia-se  
uma toailete mais... mais:: pesada um pocadinho...

- 670 L2 [ a astracã...(pesado) que era um tecido boni::to ( )
- L1 [ (sei)...
- L2 não é?...
- L1 e os casacos de a(s)tracã durante o inverno (e tal et cetera)... e o inverno era FIRme é realmente era firme
- 575 eram três meses quatro meses de inverno no máximo... depois as duas estações:: temperada::... eram temperadas mesmo...
- Doc.* uhn uhn
- 580 L1 e o verão era um verão ah... forte evidentemente... mas não tão forte como hoje porque sempre tinha... ah::... a:: aragem das matas que cercavam São Paulo tornavam o clima mais ameno... mais firme e mais ameno...((ruído de trânsito))
- L2 [ era fri::o agora não...
- L1 depois com a::... com a guerra de::... com esta guerra( )...
- L2 a grande guerra...
- Doc.* ( )
- L1 [ começa/ é:: começaram a::... debastar as matas para fazer o::... o gasogênio...para...(di/)((superposição de vozes ininteligível)) o gasogênio...
- 595 então debastaram-se as matas começou o a exploração de... carvoari::a essas coisas todas cabou com tudo isso mudou completamente o clima de São Paulo... completamente mudou o clima de São Paulo...
- L2 as padarias eram tocadas por exemplo tudo a le::nha... os fornos...
- L1 [ é... naquele tempo (era)...
- 600 L2 naquele tempo né?... tinha (até)
- L1 [ a eletricidade era pouco:: relativamente pouco usada a não ser para... MESmo as fábricas eram tocadas éh...
- Doc.* que absurdo não?
- 605 L1 é
- L2 [ a le::nha...
- L1 a lenha depois é que foi (esse es/)... foi...( )
- L2 [ foi eletrificando tudo não é?
- 610 *Doc.* uhn uhn...
- L1 foi eletrificando tudo
- L2 [ depois::...acabaram os BONdes::...ainda veio o o os::((falou rindo)) ônibus ehn?
- L1 mas::...
- 615 L2 que é pior ainda eu acho...
- [

- Doc. (sei)...
- L1 então mudou...  
[
- L2 é capaz de voltar...  
L1 mudou completamente o clima de São Paulo... e os  
620 hábitos também mudaram porque houve então... o que  
aconteceu... houve a::... a inVASÃO:: de São Paulo...  
(por)... por por pessoas::... não só de fora...  
principalmente de fora... cresceu muito depois da  
625 guerra... imigração... e::... e do Norte sobretudo  
do Norte...então ai mudou mudaram-se os hábitos  
mudou...aquela::... eu por exemplo quando ia à cidade...  
mo::ço e mesmo depois de casado mesmo depois de ter  
filho da--aliás meu filho até esta/ ...sempre deu/ ...  
ch/ eh ch/ ch/ me chamava atenção nisso--... mesmo  
630 quando eu vinha do interior depois de ter morado no  
interior eu atravessava a cidade... "T. como vai?...
- T. como vai?...como vai os B. como vai?"...no centro da  
cidade a gente encontrava ce/ cenTENas de::... TOdo  
mundo se conhecia...
- 635 L2 ahn  
L1 até mil nó/ até mil novecentos e quarenta todo mundo  
se conhecia em São Paulo...
- Doc. ( )éh::?  
L1 (tod/ é verda/ rodava pela)cidade éh::... rapazes  
640 todos se conheciam... depois de quarenta não agora  
( ) a gente vai para a cidade não conhece mais ninguém::  
em absoluto... porque::: foi TANta gente vindo de fora  
tanto... tantos advendas...  
L2 estran:: estrangeiros não é?
- [  
645 L1 que já não se:: né?... então mudaram-se os  
hábitos... mudaram-se completamente aqué/ as famílias  
já não... não têm mais a grane intimidade já não se  
conhecem nem os rapazes quanto mais as  
famílias... isso depois de quarenta...
- [  
650 L2 (tem mais)...
- L1 mas até a/ até então a gente::...  
[  
L2 (mais)( )...
- Doc. uhn  
L2 não é?  
[  
655 L1 todo mundo se conhecia havia muita muita  
CONfiança muita liberdade... muita::... vamos dizer  
assim muita honestidade:: de muita sinceridade de  
propósitos... que hoje não existe mais hoje e::ra...o  
660 comércio era::... digamos o comércio o comércio era...  
pão pão queijo queijo...era um termo  
(muito comum)...
- [  
L2 era um ter::mo  
que se usava...  
[

- 665 L1 o::...o comércio... prometia um determinado artigo e nos entregava aquele artigo... hoje não... hoje::... a gente::: o o comerciante:: proTEla:: e se puder não entregar não entre::ga se subir o preço não entrega... havia não só... comercialmente muita sinceridade muita honestidade... éh::: aqueles negociantes eram... a maioria... negociante e principalmente do ramo de tecido eram portugueses ou
- 675 Doc. uhn uhn  
L1 (a)inda:: havia muito negô/ negociante (que eram) os negociantes portugueses... esses eram... ehn::... ehn::... INTRANsigentes em matéria de:: de de de respeito aos contratos (com palavra à sociedade)...  
[
- 680 L2 ( )  
L1 e::... depois então:: quando entraram para cá os::... os sírios em quantidade os sírios nós dizíamos turcos...  
Doc. uhn uhn  
[
- 685 L1 não eram turcos eram sírios libaneses et cetera... então:: quase todos eles se localizaram na rua Vinte e Cinco de Março... que passou a ser considerada a rua vinte e cinco por cento...((risos))...sabe por quê?... então:: vinte e cinco por cento porque naquele tempo a lei de falência... admitia que o sujeito fizesse uma concordata pagando até vinte e cinco por cento do dos débitos::...  
690 Doc. uhn uhn...  
L1 então:: to/ sírio::... todo sírio abria uma concordata  
Doc. certo
- 695 L1 abria uma falência e depois da/ na falência propunha uma concordata e pagava vinte e cinco por cento...  
Doc. uhn...  
L1 e guardava o setenta e cinco por cento e ficava rico... ((ri))então era... rua vinte e cinco por cento... depois então esse o::: o::: ministro Marcondes... fez uma lei de falências::... exigindo pelo menos...  
700 Doc. uhn  
L1 uma porcentagem muito maior...(que)... acabou-se... isso... mas::... eu por exemplo fui negociante de fazendas também...  
705 Doc. é::?...  
L2 ele foi tu:: do na vida  
[  
L1 tive eu fui tudo... na vida... eu tive negócio de fazenda... então voltando...  
[
- 710 Doc. ah:: então o senhor deve entender... como é que (que) o senhor vendia?...  
L1 eXATAMENTE Isso eu vendia é/era::... ah:: PRINcipalmente se vendia muito *étamine* muito *voile*

- 715 de lâ::... muito organdi::... muita se-da... seda japonesa  
 tipo (de)... ah desenho japonês terno foi muito mo/  
 muito moderna aqui o::... os desenhos japoneses para sedas... e::... nesse tempo a seda (a a) a maioria das sedas eram francesas... eram italia::nas eram francesas
- 720 eram mercadoria quase toda importada... as casimiras também eram todas importadas... e:: o veludo astracã seda milinó...  
 Doc. o que é isso?((ri))  
 L1 milinó é milinó é uma lâ...  
 [ ( ) ]
- 725 L1 de(um)...  
 [ era uma lâzinha ]  
 L1 de um gado:: chamado de um::... um carneiro que chama-se milinó é de uma... é de uma...(deve::)... não sei se é da Austrália... se não me engano é da Austrália esse milinó... não sei... essa qualidade de::... de::... de carneiro... milinó... era da... e::... mu/ havia muita::... muita chita muita ganga... ganga é uma fazenda::... o que será a ganga hoje?... a ganga é::... a ganga regra geral::... é::... vamos ver se tem uma coisa
- 730 que::... era uma espécie de de de de de de de de::... de::-- como é que chama essa esse negócio aqui:: meu Deus do céu...--esta::...  
 Doc. a senhora não lembra dona A.?  
 L2 não( )  
 [
- 740 L1 essa fazenda leve que tem ai hoje que todo fala é... que não é bem ah cetim é... é com/ era como se fosse um algodãozinho...  
 Doc. uhn...  
 L1 um tecido mais ou menos como do algodãozinho mas ralo... BEM ralo... tecido de algodão bem ralo então (isso ah era)... era ( )  
 [ Cassa cassa... ]
- 745 L1 a cassa também existia muito cassa e::... cassa e bom a cassa já era uma espécie de organdi mais mole...  
 Doc. uhn uhn...  
 L1 era tecido com fio tão fino(quão) do organdi...  
 [ ( ) ]
- 750 L1 mas::... ah:: flexível... que o organdi é:: engomado ... não tinha goma a cassa não tinha goma... a cassa era como se fosse uma chita mais fina... eh::... o que mais tinha::... de tecido?  
 [ vovó tinha um:: um sírio um turco... que ele vinha trazer em casa para ela (a sacola)( ) ]
- 760 L1 A::lexandre Estrela...

- L2 é chamava-se Estre::la  
L1 Alexandre Estrela...  
L2 mas nós n/ nós gostávamos::... tinha uma uma::...  
765 umas primas que vovó criou:: desde pequeninhas  
ficou sem mãe...(são duas)(barulho de trânsito)aí  
vovó comprava para elas... nós já íamos na rua  
Direi::ta... na ru::a Santa Ifigê::nia...que  
comprávamos lá...  
[
- L1 ( )  
770 L2 lá nós escolhíamos as roupas... porque tinha uma  
PARte... que vovó criou desde pequeninha... duas...  
e tinha outras que vieram de Jundiaí com mamãe que  
veio para cá também...  
Doc. uhn uhn  
775 L2 essas( )nós combinávamos de ir na rua Santa  
Ifigênia...  
tinha ( )...  
[  
L1 ( )o *chantung* também...  
[  
L2 *chantung*... é...  
L1 chamarole::...  
780 L2 chamarole era uma espécie de seda engoma::da  
[  
L1 ( )... é:: era uma seda  
engomada o chamarole...(chamalotá)... isso também era  
era:: muito muito comum para para a toalete(de::)...  
de moças...  
785 L2 mas nós tomávamos o bonde e íamos na rua Direita né?  
que era a principal rua...  
L1 em Casa Alemã:: geralmente Casa Paiva... Casa Alemã  
[  
L2 Casa Alemã... é:: Casa  
L1 Casa Paiva( )...  
[  
790 L2 Paiva... principalmente Casa Alemã não é?  
Doc. uhn uhn  
[  
L1 Casa Ferrão:: nesse tempo existia...também já existia  
suas modistas grandes aqui como::...  
*La Saison*... por exemplo que era uma...  
[  
795 L2 é::...  
L1 casa(que tinha lá)... modista do Largo de São Bento...  
e madame (Vernoulot)... que era modista também  
aqui...  
e::...  
L2 mas...  
[  
800 L1 muitas outras modistas...  
L2 mas agora geralmente estão comprando... roupas  
FEItas::  
Doc. é isso que eu ia perguntar:: naquela época não  
havi::a...  
805 L1 existia para homens existia aqui o *Bon Diable*

- Doc. [ roupas prontas?  
 L2 é::  
 L1 existia para homens existia...  
 L2 tinha (uma) casa que eu compra::va tinha...  
 [
- 810 L1 existia o *Bon Diable*... na rua Direita que::  
 vendia casimiras e vendia costumes feitos... tinha  
 o::... o (*La Ciu/La Ciutà*)de Firenze... (*La Ciutà*) de  
 [
- L2 o Mappin  
 L1 *Firenze*... que era na rua General Carneiro...  
 815 também...  
 roupas... feitas... de::... de:: de casimira...  
 [
- L2 O Mappin também já existia  
 L1 quase todas...  
 Doc. ahn?  
 L2 JA::...  
 820 L1 existia::... o::... Empório Toscano...  
 [
- L2 o Mappin era no( )...  
 L1 também (faz) tem roupas feitas mas... noventa por  
 cento das toaletes... de HOMem... eram mandadas  
 fazer  
 eram...  
 825 Doc. uhn uhn  
 L2 tinha(m) também france::sas não é?  
 [
- L1 noventa por cento...  
 Doc. uhn uhn
- L1 e:::...  
 830 L2 costureiras((ruído do microfone))... hoje como tem a  
 butique também tinham:: essas casas...  
 [
- L1 agora vestidos vestidos  
 feitos para::... moça não existia...  
 L2 na casa Mappin existia... vestidos:: finos mais  
 [
- 835 L1 isso mais tarde  
 L2 tarde BEM mais tarde...  
 [
- L1 isso o me/ o Ma/ o Mappin e de mil novecentos  
 e:::...  
 o Mappin:::...  
 [
- L2 não sei:: quanto...  
 840 L1 o Mappin:: (Oeb)... foi:: é de mil novecentos Mappin  
 Loeb porque no pra/ no princípio era Mappin Loeb  
 eram  
 só jóias... jóias e pratarias... na rua Quinze de  
 Novembro... então era só...( )depois... por volta de  
 mil novecentos e::: talvez mil novecentos e:::...  
 845 L2 e vin::te...  
 [
- L1 e TRINta é que começou com::: como... passou

- a a a ter tecidos... (alem do)e passou deixou de ser Mappin Loeb para ser... (Mappis dois)...
- 850 Doc. uhn uhn  
L1 aí estão... começou a aparecer os vestidos feitos...  
mas muito:: muito::... muito pouco (e) pouca gente usava vestidos feitos...  
L2 é...
- 855 Doc. uhn uhn  
L1 geralmente::... tinham as costureiras de São Paulo...  
[  
L1 ( )... tinha(m) as costureiras...  
L1 eram feitas por costureiras ou modistas de de luxo ou costureiras...  
Doc. eram muito procura:: das então né?  
[
- 860 L1 é::  
L2 eu quando ensinava em Itapira eu vinha aqui em São Paulo para ( )para comprar... geralmente quando eu chegava lá o pessoal mandava "você me empresta tal vestido?" ... eu digo "ah pode (co/)pode tirar o modelo"  
865 não é?... depois a minha prima começou a costurar a gente via olhava nas vitrinas "agora você vai lá ver...  
faça mais ou menos igual"... porque Tinha as vitrinas também ( )  
[
- 870 L1 (geral)muito poucas... muito pouco... porque (nem) vestido de noiva feito não existia...((muito barulho de trânsito)) eram feitos::... mandados fazer... ( )... nun::... nunca nunca vi... uma uma casa que deve ter desses vestidos de noiva... eram toaletes fe/FEItas (não)noventa (mi/no/)noventa...  
875 vamos dizer mais MAIS de noventa de noventa e cinco por cento era::... feita nos costureiros ou feita pela pró/pró/própria família...  
Doc. sei...  
L1 agora:: digamos que lá cinco por cento comprassem essas
- 880 Doc. uhn uhn  
L1 a não SER... (eh)eu não estou dizendo::... roupas de homem embora a (Toscan/)essas::((chiado))... essas lojas que eu... que eu citei...  
L2 é:: não tinha como tem o Clodovil hoje o Dener  
[
- 885 L1 que eu:: citei  
L2 não é?... esses...  
L1 não  
L2 famosos costureiros  
L1 não...  
890 L2 (naquele tempo)...  
[
- L1 mesmo essas essas::... firmas como *La Saison* e outras ...teria ali uma ou duas ou três para mostrar mas:: ...feitas não tinha... tinham suas costureiras tinham tudo mas::... roupas feitas não tinha que o... era um figurino se mostrava(é o) era o... escolhida pelo
- 895

- figurino as as::  
 Doc. uhn uhn...  
 L1 ah:: os toaletes de...  
 [
- 900 L2 geralmente os (eles os::)... ricos iam para a  
 [ as toaletes de senhoras...  
 L1 Europa não é?...  
 L2 ah:: (eles)não traziam de lá as suas toaletes...  
 L2 não de lá eles traziam não é?...  
 L1 mas o:: a MAssa não...  
 [
- 905 L2 agora( )...  
 L1 a massa mandava fazer... ou fazia ou mandava fazer...  
 L2 ahn::  
 Doc. o senhor lembra de algum detalhe assim:: de terno  
 que  
 o senhor gosta::(va) muito?  
 [
- 910 L1 bom... nós tivemos aqui entre  
 outros::... figurinistas ou:: ou alfaiates... o  
 (Canicceli) e o Vieira Pinto... eram especialistas  
 e::... então:: digamos( )... aí já existia um pouco de  
 moda a roupa cinturada...
- 915 Doc. uhn...  
 L1 os... as golas eram... no meu tempo de menino... as  
 golas eram estreitinhas::... bem estreitinhas... e usava  
 então uma espécie da... usava uma mola de fe/ de::...  
 de aço... que se punha por dentro da gola para manter  
 920 aquilo... fechadinho o paletó... uma espécie de um  
 bar/ uma barbatana de aço... então aplicava-se  
 aquilo...  
 aqui assim pra manter o paletó... éh:: direitinho...  
 depois então foi-se::... (trazem/) abrindo mais  
 925 rasgando  
 mais o paletó... a não ser o jaquetão que é  
 transpassado  
 que isso sempre foi a mesma coisa... e::... e::... esse  
 (Canicceli) por exemplo fazia uma rou/ bem  
 930 cint/ (apareceu volta) do tempo de... isso por volta de  
 mil  
 e novecentos... NÃO sei QUANdo me casei nove  
 novecentos e vinte mais ou menos... então as roupas  
 eram...  
 L2 cinturadas  
 L1 cinturadas... bem cinturadas... e::... as calças eram...  
 eram::... um corte mais ou menos::... REto... mas não  
 largas...
- 935 Doc. uhn  
 L1 não largas  
 [
- L2 (não boca de sino também)  
 [
- L1 contudo apareceu é... contudo  
 apareceu  
 940 aparecia por esta época geralmente (boca de sino)...

e também aparecia o canudo de pito...

- Doc. uhn  
L1 canudo de pito era bem apertadinha bem:: apertada na  
945 manga então diziam quem... malandro é que usava a roupa canudo de pito para esconder a navalha ali dentro...
- Doc. ah é?  
L1 ((riu))mas(é que eram bem)bem apertadinha nos pés... mal podia entrar nos sapatos... os sapa/ eu também  
tive casa de calçados...((riu))eu fui tudo eu tive tudo((riu))...
- 950 L2 ( )de calçados ( )  
[  
L1 calçados de bico fino... calçados compridos de bico  
[  
L2 (cer::to)  
L1 BEM FIno... ponta de agulha...  
Doc. sei...
- 955 L1 e::... existiam os calçados --eh pra voltando voltando toale::tes falando em calçados--... existiam calçados ... do ROcha (por aqui tinha) as firmas melhores era o Clark e o Rocha...  
L2 Clark era ( )  
[
- 960 L1 o Clark era fabricante mesmo ... era uma:: firma inglesa... e o Rocha era uma firma portuguesa que fabricava calçados... e o (Miliro) também... o (Miliro que era também)... era italiano... calfi/calçados fino... mas o Rocha:: e o:: e o::...  
965 e o:: Clark tinha um tipo especial de calçado...  
[  
L2 Casa Clark exatamente  
L1 então esse calçado tinha um:: formato mais ou menos do pé... bico redondo... e levantado na ponta... para aconchê/ para dar liberdade aos dedos... chamava-se *commonwealth* se não me engano esse calçado...
- 970 Doc. como é que chama?  
L1 *commonwealth*...
- Doc. ahn  
L1 eu não falo não pronuncio direitinho... escrevia-se comonvealt não é?... não pro/ não tenho boa pronúncia hoje não tenho... nunca tive boa pronúncia no inglês... no inglês eu fi sempre muito( )... em inglês... mas...  
L2 éh:: apesar de mamãe( )...  
[
- 980 L1 sapatos... muito cômodos muito confortáveis muito cômodos... e:: as moças é que usavam sapato... sem conforto porque não é? apesar de quando às vezes usavam ua/uma forma para moça... a forma japonesa era muito(calçante)... muito cômoda lembra da forma japonesa?...
- 985 L2 mas a gente usava::... Luís Quinze até para ir para

- [  
L1 forma japonesa era...  
L2 a escola...  
[  
L1 é::... é usava Luís Quinze até para ir para a escola...  
e não saía sem meia nem por brincadeira né? ...  
990 claro...e:: (assim)  
[  
L2 ( ) (os calçados)  
[  
L1 então... esse o sa/ o sapá/ esse tipo aí japonês (porque) eu estou falando... era um sapato de bico ligeiramente liGEIramente arredondado ... para moças... quer dizer não era um bico fino era um p/p/ ...  
995 um acabamento... normal... e::... meio salto... um salto de cin/de cinco de quatro centímetros  
L2 uhn uhn...  
L1 quatro ou cinco centímetros...  
[  
1000 L2 nós usávamos( )... é::...  
[  
L1 nós também usávamos o:: o Luís Quinze e::...  
L2 mas não eram essas botas( ) Altas como hoje não é?...  
[  
L1 nesse tempo o::...  
1005 Doc. uhn uhn  
L1 um par de sa/sapato de senhora muito fino... custava::...  
L2 nove cruzeiros (ou)?...  
L1 não...nesse tempo custava...  
[  
1010 L2 quanto era?...  
L1 dezessete cruzeiro ou dezoito cruzeiros...  
[  
L2 dezessete?...  
L1 é um par de sapa/sapato fino de verniz muito bom...  
Doc. ( )  
1015 L1 dezessete cruzeiros... quando... então éh... outro dia eu quis falar sobre isso e hoje eu quero quero quero tocar nesse assunto... eu sou já disse a senhora que sou filho de um  
1020 casal de professores...meu pai foi diretor e minha mãe professora... e:: um professor ganhava por essa época... trezentos quando meu pai era vivo... ganhava trezentos  
1025 e cinqüenta cruzeiros... um professor... e::... o aluguel de casa nessa época... uma casa mais ou menos::... setenta cruzeiros sessenta cruzeiros cinqüenta

- cruzeiros...  
 uma casa que dava para uma família de tre/quatro  
 cinco pessoas... morarem... mesmo aqui em São  
 Paulo...  
 e::... então o:: o aluguel da casa em co/ em reação  
 a...
- ao ordenado de uma professora... era::... representava  
 [  
 L2 (é mais)...  
 1030 L1 o quê?... ahn oh:: dezoito por cento?...
- Doc. [  
 L1 ( ) por cento...  
 dezessete por cento... eh:: depois a o:: esse ordenado  
 baixou para para trezentos cruzeiros... para duzentos  
 e noventa e sete cruzeiros... e::... e um par de sapato...  
 1035 ainda... porque:: a professora teve esse ordenado até até  
 mil e novecentos e... até mil e novecentos e::  
 trinta e...  
 [  
 L2 até eu me formar...  
 L1 não:: até mil novecentos e trinta e tantos é que  
 1040 era...  
 [  
 L2 era ( )  
 L1 é:: porque quem subiu o ordenado foi o:: ah Fernando  
 Costa subiu a quatrocentos cruzeiros...  
 L2 ahn...  
 1045 L1 até aí era trezentos cruzeiros.. um par de sapato na  
 minha::... na minha:: cidade um par de sapato de  
 homem... eu já disse que dis/moça é um... um par de  
 sapato finíssimo de moça custava dezessete a dezoito  
 1050 (a)dezenove vinte cruzeiros... e um par de sapato de  
 homem... nessa ocasião... com:: com com gáspea de  
 camúrcia e::... e a parte:: inferior de:: de de couro  
 magiz muito fino unicromo...  
 [  
 L2 unicromo  
 L1 ou de verniz... custava quinze cruzeiros dezesseis  
 1055 cruzeiros  
 no MÁximo vinte cruzeiros...  
 [  
 L2 hoje é oitocentos::...  
 [  
 L1 então::...  
 1060 éh em relação a um um ordenado de uma professora...  
 eu quero...(pôr) aqui um caso de professora para para  
 estabelecer o::...  
 Doc. uhn uhn  
 L1 a com/a comparação... e o ordenado quer dizer que um  
 par de sapato ( ) um par de::... um:: com um ordenado  
 de professora podia comprar... pelo menos pelo menos  
 1065 vinte pares de sapatos...  
 Doc. uhn uhn  
 L1 né?... o ordenado de uma profesoora...  
 [  
 ]

- L2 o ordenado todo  
 L1 uns dezoito pares de sapatos é bom estamos fa/  
 1070 Doc. estamos estabelecendo a comparação...  
 (então)hoje a gente não com::pra...  
 [ hoje são oitocentos  
 L2 não::hoje::...  
 L1 mil réis na cidade  
 L2 [ o ordenado de uma professora mal dá para  
 1075 L1 pagar a...  
 Doc. a gasolina de ca::rro uma toaleta ( )  
 [ é  
 L1 ( )  
 L2 o aluguel de casa então não se fala  
 1080 L1 [ ( )  
 Doc. o aluguel de casa hoje é mais do que é o ordenado  
 L1 [ NEM se fala  
 L2 de uma professora  
 1085 L1 Doc. é  
 L2 não põe no orçamento hoje hoje não se põe( )  
 [ o ordenado de uma professora de  
 L1 uma  
 professora primária é o ordenado de uma  
 professora...  
 eu quis estabelecer um:: paralelo extamente porque  
 1090 Doc. [ uhn uhn  
 L1 é uma coisa que que vem a frisar porque::... éh:: a  
 disparidade entre aquele tempo e::  
 L2 mamãe pagava uma casa Otima lá com três quartos  
 [ (e hoje)...  
 1095 L1 sessenta cruZEIros::... mamãe pagava...  
 L2 [ uhn uhn  
 Doc. quando ficou viúva... e:: mas vovó não pagava  
 porque  
 vovó tinha casas depois... vovó cedeu a ca::sa...  
 para o:: o::(isso)  
 1100 L1 [ Macedo Soares... ( )  
 L2 [ (doutor)Macedo  
 Soares...  
 Doc. uhn uhn  
 L2 porque ahn ah:: ela tinha uma filha casada com o::  
 sobrinho do Macedo Soares... então:: o Macedo  
 1105 Soares  
 veio pedir... para ela::... se ela podia ceder a casa...  
 para

- ele fazer éh dormitório...  
 [ (dormitório)  
 L1  
 L2 então fez o colégio de::le::... e:: pôs uma porta...  
 [
- 1110 L1 ele tinha( )  
 L2 ele tinha o colégio...  
 [ ( ).... tinha o colégio ali na rua do Arouche...  
 que dava fundos  
 [ na rua do (Arouche)...  
 L2  
 L1 para a casa de vovó...  
 1115 L2 e vovó morava no (largo)...
- [ ( )...  
 L1  
 Doc. sim  
 L1 e a:: vovó alugou essa casa para ele pôr::... era uma  
 1120 casa grande ali na:: QUase esquina da rua do  
 Arouche  
 ... uma casa que tinha quatro janelas tinha::...  
 duas vidraças (com basculante) ... e era uma casa  
 L2 Ó::tina depois que nós nos mudã/ vovó alugou uma  
 casa...  
 1125 L1 grande... e:: alugou para ele por duzentos cruzeiros  
 (não sei)cento e oitenta ou duzentos cruzeiros...  
 e a Padaria Suíça a casa de esquina que era uma  
 padaria grande... pertenceu à vovó...( )e pagava  
 duzentos e cinqüenta cruzeiros por essa casa uma  
 casa...( )... em plena::  
 [
- 1130 L2 é:: desse aluguel que vovó depois foi (lá)...  
 L1 em pleno largo do Arouche  
 [ para casa...  
 L2  
 L1 éh:: quer dizer que:: então(vê-se)que...ah ah::  
 1135 ((chiado)) ah:: HOje o ordenado de uma professora é  
 uma miséria... uma professora ganhava... ganhava...  
 --já disse à senhora -- trezentos trezentos e  
 cinqüenta...  
 um delegado ganhava quatrocentos um juiz ganhava  
 quinhentos... hoje uma professora ganha::...  
 1140 Doc. pouquíssimo não é?
- L1 ENtra com dois mil cruzeiros...  
 [ hoje( )dois mil três mil ( )  
 Doc.  
 [ dois mil cruzeiros  
 L1  
 [ dois mil  
 L2  
 1145 de início  
 [ no primário é (por isso) né?  
 Doc.  
 [ um delegado ganha dez  
 L1 mil...

- cinco vezes mais...  
 Doc. e o juiz ( )ganha vinte sei lá...  
 [
- 1150 L1 e o juiz ganha((ri))...  
 L2 até o juiz até ganha puco  
 [
- L1 ( )os professores estão:...  
 Doc. ( )  
 L1 estão (sempre)inteiramente:...  
 [
- 1155 L2 responsabilidade ( )...  
 L1 achatados  
 Doc. é... (e não merecem)  
 [
- L1 quer dizer:: justamente uma das classes que devia ser...  
 1160 Doc. bem ( )  
 [
- L1 BEM remunerada porque é exaustiva...  
 Doc. uhn uhn  
 L1 é é é... é... é sacrificada...  
 L2 éh:: vovó(é que)depois saiu da casa dela pra ceder para( )... para o Macedo Soa::res que ele queria fazer(o)... e foi alugar uma casa quantos cômodos tinha aquela casa...(barulho de trânsito)
- 1165 L1 (uma casa em São João)... em São João ainda existe essa casa...( ) (me falou)...  
 [
- 1170 L2 existe?  
 L1 é... essa ca::sa::...  
 [
- L2 depois fomos para onde?  
 L1 depois fomos para a rua::... General Osório não  
 [
- L2 Vitória também...
- 1175 L1 depois (fomos)...  
 [
- L2 General Osório é que nós ficamos dezessete anos lá...  
 [
- L1 ... (é mais:: que isso)  
 ... (General Osório)  
 [
- L2 aí tinha uma (porção::) porque tinha sido pensão lá...  
 1180 . Doc. uhn uhn  
 [
- L2 mas não quase ninguém nã/ahn:: pegava e a vovó saiu (disse) "mas uma casa tão bo::a... e tão bara::to por que será?" ... é porque tinha::  
 L1 havido  
 [
- 1185 L2 tinha havido um assassinato  
 [
- L1 não não foi lá o  
 assassinato  
 L2 não?...

- L1 lá era foi uma pensão:: e nessa pensão morava o::...  
 1190 o::...  
 L2 Medeiros não é Medeiros...  
 [
- L1 ArTUR Malheiros::...  
 L2 não é Malheiros...( )  
 [
- L1 um estudante Artur Malheiros... e tinha uma uma  
 1195 uma uma professora chamava-se:: Isso já fez já...  
 coisa (que) passada é coisa pública não tem...  
 Albertina::... Albertina::... professora Albertina  
 (me esqueço de que é)...  
 L2 mas não foi essa que ele matou  
 [
- 1200 L1 esPEra  
 L2 matou ou::tra...  
 L1 eu me lembro perfeitamente desse caso... e::  
 essa professora casou-se...  
 [
- L2 ninguém queria ( )  
 1205 L1 essa professora casou-se com um professor... ela  
 formou-se casou-se com um professor foi para o  
 interior...depois... o marido... descobriu que ela  
 já não era mais::... mais pura... apertou por ela e  
 ela contou que foi o Artur Malheiro quem era... esse  
 1210 estudante que então já estava formado...  
 L2 Ele já:::...  
 [
- L1 e eles::... no (canavial onde era)o São Paulo  
 existia na rua Di/ligando a rua::... ligando a rua  
 [
- L2 ( ) entrou uma pessoa não sei quem é  
 1215 L1 Direita à:: rua::... Boa Vista existia uma galeria  
 [
- L2 esse tempo todo... deixa eu ver quem é que entrou aí  
 L1 Galeria dos Cristais chamada... como existem outras  
 [
- L2 ( )  
 L1 galerias hoje era a primeira galeria que existia a  
 1220 Galeria dos Cristais... era toda::... tinha::  
 naturalmente de um lado o hotel e::... ba::res et  
 cetera et cetera e do outro lado... também:: de...  
 ( )era um sobrado era um hotel também... e:: no  
 centro era:: coberta por uma... por uma::... uma  
 [
- 1225 *Doc.* ( )  
 L1 cobertura de... é uma espécie de uma cobertura...  
 (tudo) de::... vidros de cores... chamavam Galeria dos  
 Cristais... então eles se hospedaram nessa Galeria  
 dos Cristais... e::... Ele obrigou a mulher atrair o Artur  
 1230 Malheiros lá... então quando o Artur Malheiros ... entrou  
 no hotel... ele matou o Artur Malheiros eles mataram o  
 Artur Malheiros... então... como Artur Malheiros tinha  
 morá/morado nessa casa... -- e veio a propósito porque  
 elas forma(na sacada)da casa -- ... havia uma certa cisma  
 1235 em::...  
*Doc.*( )

- L1 eh é aluga(va) (para eles)...
- [
- L2 (não estava não)esTava vazia TANTo  
tempo... sabe?
- 1240 L1 mas era uma casa boa...
- L2 (Roberto)tinha mandado pinta::r de nova( )
- [
- L1 mas::... eles foram... foram  
condenados cumpriram pena...
- L2 ah é::?
- 1245 L1 por sinal que ela nessa ocasião estava grávida::e  
foi preciso:: a criança foi criada fora... e este::  
professor... mais tarde... foi meu contemporâneo de  
universidade porque depois ele estudou Direito...
- Doc.* uhn uhn
- 1250 L1 não vou citar o nome dele... porque:: não não vem  
a pêlo éh ela... ela era Albertina mas também não vou  
dizer mais... o nome deles apesar que eu acho que não  
tem descendentes mais (se tem não)...
- Doc.* uhn uhn
- 1255 L1 foi um caso muito muito::
- Doc.* por quê?
- [
- L1 conhecido em São Paulo muito debatido
- [
- L2 quantos anos
- nós moramos lá?... ( )
- [
- 1260 L1 não foi dezessete anos foi menos...
- L2 quinze anos eu acho ( )
- [
- L1 não...
- L2 não?
- L1 não não você está enganada
- [
- 1265 L2 mil novecentos e DEZ::
- saimos em dezessete
- [
- L1 nós entramos lá em mil novecentos e oito:: mais ou  
menos mil novecentos e nove...
- [
- L2 ahn?
- 1270 L1 até mil novecentos e:: dezessete... dezoito...  
dezoito... até dezoito mais ou menos
- L2 dezoito eu (ainda)estava lá na gripe...
- [
- L1 é... pois é logo depois
- é até dezoito dezenove mais ou menos TALvez
- 1275 vinte
- [
- L2 dezenove eu me casei
- [
- L1 é é:: foi por essa época mesmo...
- Doc.* a senhora lembra da gripe?
- L2 ah:: gripe a gri::pe eu ensinava aqui na avenida São
- 1280 João... aí eu fui:: estava(o nosso)o grupo fechado...  
eu fui para Jundiá... e lá(me arran/lhe::)trabalhei

- no::... centro de saú::de não era um::: capitão:: do exército... que era médico... e pôs um posto de saúde lá... então minhas primas(eram) "A.vamos trabalhar lá no no:: no no pe/éh:::... no posto de saúde? para servi-los" (disse) "ah:: vamos (pois) nós não temos família" não é?...
- 1285 L1 ( ) (não assistimos) o espetáculo da gripe aqui...  
[  
L2 ( )  
Doc. a senhora assistiu o espetáculo( )  
[  
L2 aqui eu não assisti... assisti em Jundiá...  
[  
L1 ( )... eu também não assisti...  
Doc. ahn::  
L1 eu vim a São Paulo nessa ocasião... e::... apanhei a gripe... e levei a gripe pra:::... fui o único que apanhei em casa levei para Itapi::ra isto é levei para Itapira cheguei em Itapira(que)manifestou-se a gripe... mas também não passou para ninguém... eu fiquei dois três dias de cama em Itapira e depois  
1295 segui para Lindóia... e::... e nós na na na nossa família(não sei:: eu que)apanhei essa gripe quando vim a São Paulo... mas eu eu vim estive um ou dois dias em São Paulo só apanhei fui não...  
Doc. uhn uhn  
1300 L1 fui cair com a gripe em:::... em Itapira... de maneir/ em casa nenhum ... nenhum sofreu gripe...  
L2 ninguém  
[  
L1 foi foi bárbara foi medo::nha a gripe... éh::: as pessoas eram:::... até:: enterradas até semi-vivas...  
1305 alguns semi-vivas... e diziam então que nos hospitais eram tan::to tanto tanto tanto que dava-se o chá da meia-noite...((risos do documentador)) ouviu falar no chá da meia-noite?  
Doc. ouvi falar esse termo  
[  
1310 L1 era o chá da meia-noite...  
L2 (ahn::)...chá da meia-noite  
[  
L1 tinha gente que:: aqueles carro/aquelas carroças vinham cheias de de de defuntos para serem...  
L2 eu não assisti aqui não  
[  
1315 L1 enterrado em em em em em em em fos/em fossas comuns ... e:: e:: covas comuns... e:: e pulava no meio do caminho((ri)) que não está/ estava semi-morto ainda pulava para fora... nessa ocasião morreram muitos médicos em São Paulo... mui/ morreu muita gente...  
1320 e::... inclusive... os MAIS fortes é os que morriam primeiro... os mais quanto mais fortes mai/ mai/ mais a gripe derrubava mais... não... não se defendia mesmo... mas foi demais... agora eu não posso descrever mais porque a gripe que não tive aqui...  
1325 eu fui para Lindóia em Lindóia... eu fui organizar o  
[

- Doc. ( )  
 L1 hospital dos gripados em Lindóia... mas não foi muito grande a gripe em Lindóia... lá pelo interior se alastrou muito pouco...
- 1330 Doc. uhn uhn  
 [ L1 a coisa foi mesmo em São Paulo... já em:: Campi:: nas Jundiáí:: nesses lugares foi relativamente ... pequena não foi:::...
- Doc. uhn uhn...  
 1335 L1 não chegou com... com aquela... força eu por exemplo  
 [ L2 é  
 L1 em Lindóia não tive mais que uns... uns:: quinze doentes... nada mais que isso  
 [ L2 mas em Jundiáí morreram  
 1340 L1 muitos  
 L1 em Jundiáí morreu um pouco mais mas:::  
 [ L2 apareciam sabe aqueles maquiNIStas... com cordão e alho pendurado... "mas tio o que é isso?" "ah isso desvia a gripe"... então  
 1345 L1 nós dizíamos "tá bom então o senhor usa Isso... mas té/ tem essa latinha aqui com::: vasilina mentoLAda... o se/ o senhor põe no naRIZ... e está aqui o reMÉ:::dio"  
 [ L1 ( )com (rapé)  
 L2 né?  
 [ L1 mentolado ou vasilina mentolada...  
 1350 L2 e a minha::: a minha prima era muito engraçada sa(be)?  
 [ L1 (uns faziam o rapé outros fa/...)o rapé era feito de mentol e e::: e bórrix ácido bórico...  
 [ L2 doutor:::...
- 1355 -- como é o nome -- FeiTosa  
 [ L1 mentol e ácido bórico então usava-se aquilo pra:::...( )...  
 [ L2 capitão Feitosa...  
 L1 e:::... e( )(bori/)...  
 [ L2 que era o médico de lá...  
 1360 L1 boricada... e::: diziam então... que:::... "o meu boi morreu... o que será da vaca pinga com limão cura urucubaca"  
 L2 e:::ra( )  
 [ L1 chamavam de urucubaca essa:::... essa moléstia de urucubaca... então cantavam assim o meu boi morreu  
 [ L2 é  
 L1 o que será da vaca pinga com limão (a minha) cura  
 [

- L2 sim  
 1370 L1 urucubaca... era urucubaca  
 [ ahn ahn... era mesmo urucubaca  
 L2 [ e:::  
 L1 morria muita gente  
 L2 morria muita gente  
 L1 e aqui por exemplo:: entre o::... eu per/perdi um  
 1375 professor aqui o professor foi meu professor e o...  
 o Gustavo Pires e outros sacrificados... para falarmos  
 em gripe... então citamos diversos fatos... um:: casal  
 de(de)médico::... doutor Gilberto::... Gilberto  
 1380 Guimarães... éh:: dedicou-se muito aos gripados::... no  
 Rio de Janeiro ele era fazendeiro em::... em Cresciúma  
 perto de Ribeirão Preto... e ele dedicou-se MUITo...  
 cansou exauriu-se... então embarcou para Ribeirão  
 Preto... com a mulher... chegou em Ribeirão chegou em  
 1385 Cresciúma... e ele caiu com a gripe ele e a mulher...  
 os dois... e ele:: era um sujeito forte(bonito)forte  
 inteligente... (e gastador)... Rico... e ele não queria tomar  
 remédio... não queria nem por nada tomar remédio "EU  
 não preciso de remédio eu sou um homem forte e tal  
 et cetera et cetera" ... e ele era PRImo de um de um  
 1390 de um parente nosso... então:: esse parente(dele) forçava  
 ele foi enfermeiro dele e forçava... e ele não queria  
 tomar o remédio aí:: o parente disse "olha você não quer  
 tomar o remédio você quer que/ ... quer seguir o mesmo  
 caminho que sua mulher ela já morreu" ... aí::...  
 1395 apressou-se a tomar remédio mas  
 mas também não... não suportou morreu...  
 Doc. que horror né?  
 [ morreram os dois no mesmo dia... um::: mais  
 L1 cedo outro mais tarde... doutor Gilberto Guimarães...  
 1400 (isso para ver que o né?)...pegava e pegava...  
 derrubava mesmo a coisa era forte...  
 [ (agarra)mesmo né?...  
 Doc. aqui existia um su/um:: um lutador::... chamavam  
 L1 Maciste... era um sujeito::... hercúleo... homem  
 1405 de... de::... de cem quilos cento e vinte quilos...  
 (se)apanhou a gripe foi::... quarenta e oito horas estava  
 morto... quanto mais forte mais:: ela derrubava ... e  
 assim:: morreu um colosso de gente aqui em São Paulo  
 nessa ocasião que foi...( )  
 [ diz que em Jundiaí também  
 1410 L2 enterravam... agora (dá um)( )...  
 [ em( ) e Campinas já foi menos  
 L1 NOssa que trabalhadeira a gente...  
 [ em cidade do interior já foi muito menos...  
 L1 em cidade do interior já foi muito menos...  
 1415 L2 tanto que para me aposentar... eu contei um ano da  
 [ ( )  
 L1 ( )  
 L2 gripe...

- Doc. ah:: sei  
 [
- 1420 L2 eu tenho:: trinta e um anos... agora como eu  
 trabalhei lá na:: no posto de saúde... não é? ah::  
 na gripe eu contei um ano porque::... saiu uma lei eu  
 digo "então vou aproveitar"... eu tenho tinha um primo  
 que era advogado di/ "olha A. ... você aproveite e  
 1425 con:::te esse tempo porque você vai... contar na  
 aposentadoria... e mais tarde você aposenta-se mais  
 cedo" ... (fo/) éh mas isso foi uma lei que saiu para  
 todo mundo né? todo mundo aproveitou...mas eu  
 trabalhei só no centro de saúde em Jundiá... capitão  
 1430 Feitosa não sei(ele)ainda se ele vive, naturalmente já é  
 general depois disso não é((ri))  
 [
- L1 ( ) já morreu...( )  
 L2 já morreu não é?((ri))  
 Doc. (vai ver morreu)... ((respiração)) dona A.:... e  
 voltando aqui ao assunto do vestuário... éh:: como é  
 1435 que as crian::ças seus Filhos::... éh:::... se trajavam assim  
 para... para todo di::a para ir para a esco::la num dia  
 de fes::ta... como era?  
 L2 o::ra eles(tra/está) uma calcinha e blusa...  
 Doc. uhn uhn  
 [
- 1440 L2 né? eu (ti)eu e mamãe chegava nas férias também...  
 eu sentava na máquina para fazer para todos eu e mamãe  
 porque pagar para todos não é?...  
 Doc. uhn uhn  
 L2 e eles andavam éh nós morávamos perto do grupo...  
 1445 naquele tempo ti::nha:: era era carvão só de cozinhar  
 o carvão...  
 Doc. uhn uhn  
 L2 e às vezes eles apareciam lá na porta todo sujinho de  
 carvão... eu dizia "Olha só... (eles)estão envergonhando  
 1450 vão vão vamos lá para casa para tomar banho porque  
 agora já acabou a aula né?..."  
 Doc. uhn uhn  
 L2 e chegava e trocavam roupinhas... eles nunca foram...  
 dormir sujos não... chegava e eu dava banho  
 [
- 1455 L1 mas:::...  
 L2 em todos  
 [
- L1 as roupas eram modestas... eram simples ( )  
 [
- L2 é  
 L1 naturalmente calça ( )  
 [
- 1460 L2 é quem fazia a roupinha era eu e  
 mamãe... passávamos na na:: nas férias... à máquina  
 costurando... aí meu mano mais velho disse "não eu  
 vou comprar um motor::zino... um motor elétrico  
 porque::: mamãe:::... está o dia inteiro na máquina"  
 1465 isso foi(o meu irmão)... então comprou um:: motor  
 elétrico... aí nós aproveitamos eu e mamãe passávamos  
 as férias fazendo roupa porque... eram DEZ...

- L1 as meninas de saia e blusa...  
L2 éh
- 1470 L1 ( )  
[  
L2 e andavam de sandalhinhas...  
[  
L1 ( )  
L2 naquele tempo já tinha sandália  
[  
L1 de saia e blusa e uma sandalinha...  
1475 L2 já tinha (TElas)  
[  
L1 (sa/) uma sainha azul já... geralmente uma sainha  
de... de azul(e)... e uma blusinha... e às vezes um  
vestidinho modesto também não era um vestido( )...  
[  
L2 é::eu
- 1480 L1 ( )um vestidinho de seda era um...  
[  
L2 e mamãe( )((barulho de trânsito))( )...  
L1 ou um vestidinho de veludo também lá::( )e ele...  
( )  
[  
L2 era uma festa aí sim né?...
- 1485 *Doc.* ahn ahn  
L2 tanto que no casamento de uma sobrinha...  
[  
L1 ( )modestas... aliás era  
geral ( )  
[  
*Doc.* ( )
- 1490 L2 casamento de minha sobrinha eu fiz um:: uma roupinha  
[  
L1 ( )  
L2 de veludo para o meu filho para o mais velhinho né?  
*Doc.* sei  
[  
L2 com:: um sapatinho de verniz com uma fivela...  
1495 e quando começaram as aulas "você aproveitar esses  
sapato"... ele disse e ele disse para mim "AH não eu  
vou jogar fora... porque caçoam de mim... que eu uso  
ando muito:: lorde"... "esse daí que você é lorde  
[  
*Doc.* ( )
- 1500 L2 porque anda de sapatinho" "não QUERO esse sapato  
mamãe compra o... o tênis para mim como meus colegas  
andam" ele não quis... foi Chiquinho... jogou  
[  
L1 é::...  
L2 o sapato novo longe não quis... porque mamãe fez uma  
1505 roupinha de veludo para o casamento da minha sobrinha  
né?  
*Doc.* sei  
[  
L2 foi aqui na Lapa até... foi Santa Cecília né?  
L1 é...
- 1510 L2 a filha do Osvaldo... nesse tempo meu genro era...

- L1 ( )  
[  
L2 vereador parece  
L1 seu genro não seu cunhado...  
[  
L2 meu meu cunhado que já morreu que  
1515 foi vereador...  
L1 ( )  
[  
L2 é aí:: fi/ele éh:: fez uma porção:: umas roupinhas  
mais bonitas para os filhos não é?  
[  
L1 os meninos sa/ sa/ :: até  
[  
1520 L2 os meninos  
L1 uma certa idade usavam muito uma blusinha à  
[  
L2 meninas...  
L1 marinheiro...  
*Doc.* uhn::  
1525 L1 (muito)comum...(usar) calcinha curta e ti/... e o a  
blusinha à marinheiro e um gorrinho... até uma certa  
idade... isso até mil novecentos e::... e quatorze quinze  
depois já:: (rapaze/)aquela rapaziadinha já quis começar  
a usar... calça comprida...  
1530 *Doc.* uhn::...  
L1 e:: um chapeuzinho diferente lá::já queria...(já não)  
... já queriam ser... MOço...  
*Doc.* uhn  
L2 é:: sim... tanto (que meu) filho mais ve::lho... e eu  
[  
1535 L1 (os costumes foram)...  
L2 com/ compramos um terninho de::... de calça comprida...  
*Doc.* uhn uhn  
L2 e ele estava no ginásio Oswaldo Cruz...  
*Doc.* uhn uhn...  
1540 L2 e um belo dia eu (su/) "QUÊ é isso?você queimou todo o  
seu o seu terno novo meu filho?"..."mas eu fui fazer  
experiência química... com um colega... --(e esse nós  
apareceu não é?)--... fui fazer experiência química que  
que a senhora quer?"...eu digo "AH não(para)para  
1545 outra vez nós vamos comar comprar DE BRIM" porque  
esse era um terno caro...((riu)) mais velho sabe?...  
esse quando ele era pequeno é que ele saía sujinho de  
carvão... passado muito tempo os colegas perguntaram  
"E aquele que estava sujinho de carvão na na porta lá  
1550 do grupo?"... "esse AH hoje ele é o oficial do exército  
((riu))... e está bem graças a Deus"  
[  
*Doc.* ahn?  
L2 E CHAMA-SE::... Francisco é o mais velho... esse faz...  
estudou à custa dele mesmo sabe?  
[  
1555 L1 HO::je:: hoje::... essa  
rapaziada gosta de usar...essa:: fazenda esse zuarte...  
*Doc.* uhn uhn  
L1 né? esse --como é que (cha/)--...

- Doc. [ uhn uhn...
- 1560 L1 zuarte...  
Doc. brim...  
L2 (esse)brim não é?  
L1 [ brim não o zuarte:: esse brim azul...  
Doc. [ (pois é)esse brim azul...  
1565 é... ( )  
L2 [ ( )  
L1 [ esse zuarte esse zuarte antigamente era... era zuarte...  
L2 era zuarte...  
L1 [ era depreciativo...  
1570 L2 era depreciativo... só:: operários  
L1 [ era só... só:: operários que usavam(lá)para o traBALho::...  
L2 ahn...  
L1 [  
1575 Doc. certo...  
L1 não para andar pela rua usavam para o trabalho os operários...  
L2 hoje é:: roupa  
L1 [ zuarte  
1580 L2 grã-FIna...  
L1 é:: e hoje... usa...  
L2 [ de brim não é?...  
L1 o brim  
L2 (marinho)  
1585 L1 o o a casimira era o chique... o brim era para a classe mais modesta mais pobre... e::...  
L2 [ para os operários  
(né)( )  
L1 [ a não ser um brim de linho que a gente usava para um::...  
1590 para um verão... forte um:: brim de linho... do contrário eram esses brim comum... a gente não queria vestir... queria (uma)...um terninho de  
Doc. [ uhn uhn  
L1 casimira depois dos quatorze anos não queria vestir  
1595 mais não o brim... hoje em dia o brim é o caro... o brim é o chique  
L1 [ uhn é chique...  
L1 hoje o brim é o chique...  
L2 ( ) até ( )  
L1 [ eu:: me lembro que eu mandei fazer uma

- ocasião um terno... um terno:: ah tip/ casiMira::...  
inglesa... que as casimiras todas eram inglesas aqui  
eram francesas inglesas italianas não tinha casimira  
nacional... depois:: lá para fu/ ... coisa de mil novecentos  
1605 e::... e dezoito é que começaram a fazer casimiras  
nacionais aqui  
L2 tanto que titio trabalhava para aquele  
[  
L1 é  
L2 francês::: exportação de::... casimira inglesa...  
[  
1610 bom éh...  
L2 --como é que chamava--(o *maître*)?  
[  
L1 quem trabalhou foi... foi se::/seu tio não foi...  
L2 não?  
[  
L1 seu tio tinha morrido foi Paulo e eu  
1615 L2 ah:: para(o *maître*)... é é...  
[  
L1 trabalhamos(para lá) para (o *maître*)...(Jota o  
*maître*)... mas:: então:: eu (estou)( )... e eu mandei  
fazer uma:: ficou mais ou menos a cor é... uma cor  
azulada assim... que regra geral as co/as casimiras eram  
1620 mais discretas que hoje mas eu mandei fazer um::...  
então:: umas moças me puseram o apelido de  
zuarde...((riso))as moças da Escola Normal onde eu ia  
esperar... "lá vem o zuarte"...((ri)) quer dizer achavam  
que eu estava muito mal vestido...  
1625 era o zuarte hoje eu ta/me lembrei disso porque::...  
[  
Doc. ( )  
L1 o zuar/ o zuarte hoje é o forte...  
[  
L2 hoje...  
Doc. é::  
1630 L1 hoje o forte é roupa descora-da...  
Doc. é::...  
L1 quando é que a gente vestia uma roupa descorada?...  
né? quando?... nesse...  
Doc. (mas) é...  
1635 L1 nesse tem::po a gente::... usava... --eu me lembro  
(disso) como se fosse hoje--... nós em casa nós::...  
rapazes... cuidávamos da nossa roupa... áh?... as  
roupas de casimira RAramente a gente(ia) mandar para  
um tintureiro a gente mesmo cuidava... então limpava  
1640 (aqu/as)as as as::... as roupas de casimira escura...  
com café...  
L2 café e água né?  
L1 café e água... café limpa bem (e água)( )  
[  
L2 passava com  
1645 jornal em cima com café...  
[  
L1 passava com café e água e tal...  
e limpava aquela(roupa)ficava ficava co/como nova...  
Doc. mas é o LIquido assim o café::...

- [
   
 L1 o líquido café líquido...
   
 1650 como uma escova e um pano e café:: tal esfregava
   
 aquilo(to/)limpava ficava um pocadinho cheirando café
   
 mas depois desaparecia...
   
 L2 é não tinha muito tintureiro não... depois que os
   
 [
   
 L1 não... tinha poucos
   
 1655 L2 (japoneses)vieram né?
   
 [
   
 L1 (tintureiros)
   
 [
   
 ((barulho de marteladas))
   
 Doc. ahn ahn...
   
 L2 ( ) "tem roupa para lavar?" ((riso e comentários
   
 1660 incompreensíveis))( )
   
 [
   
 L1 e nesse tempo nesse tempo nesse
   
 tempo então... lav/lavava-se e tingia-se roupa hoje
   
 não se tinge mais...
   
 Doc. é...
   
 1665 L1 hoje a roupa ficou meia velha joga-se fora...
   
 naquele tempo tingia-se
   
 [
   
 L2 ( )... (disse) "não joga dá"
   
 L1 sapato(contudo) ser barato como era naquele tempo a
   
 gente punha meia sola... e punha até remonte... se
   
 1670 falar em remonte hoje o sap/ ... os sapateiros põem a
   
 gente para fora porta a fora... a senhora sabe o que
   
 é remonte... apesar de que era barato eu estou dizendo
   
 a senhora o remonte...
   
 [
   
 L2 é uma espécie de remendo
   
 1675 L1 o remonte é::... (o)em toda a parte... da frente...
   
 nova
   
 Doc. uhn uhn
   
 L1 biqueira... tudo tira... fica só o calcanhar e a::...
   
 e a quele (e a pe/)e o cano da:: do sapato... e aquilo
   
 1680 tudo é novo...( )... quer dizer que:: (ia/)havia um
   
 espírito DE economia... hoje não existe mais esse
   
 [
   
 Doc. uhn uhn
   
 L1 espírito de economia... a sociedade hoje é de gastar
   
 é de consumo...
   
 1685 Doc. uhn uhn
   
 L1 então:: não se não se não se não se remenda mais os
   
 sapatos joga-se for a...
   
 Doc. ( )
   
 L1 uma roupa também (não se remenda)
   
 [
   
 1690 L2 mas também::... custa caro(pronto)...
   
 L1 NOS...
   
 [
   
 L2 ( )...éh...
   
 L1 por exemplo eu::... quando uma calça furava... a
   
 gente fazia um remendo...--hoje não se usa calça
   
 1695 remendada--eu costumava fazia-se um remendo... com::

borracha... então... cortava-se (aqui)((barulho de microfone))furava a calça né naturalmente nas nádegas ...cortava direi/bem direitinho aquela::...

*Doc.* uhn uhn

- 1700 L1 aquele corte...acertava bem com a tesoura... depois pegava um pedaço de quando quando se mandava fazer um terno sempre... trazia-se um retalho da casimira para casa... então pegava-se uma... uma placa ali daquela casimira da mesma cor... adaptava-se perfeitamente... por  
1705 baixo o desenho com desenho... e comprava-se uma tela de borracha... que era p/impermeabilizar para impermeabilizar a ferida...

*Doc.* sei...

- 1710 L1 então...cortava-se um pedaço dessa bo/dessa tela de borracha do mesmo tamanho do remendo... e fazia-se um furo correspondente ao furo da::...

L2 do rasgão

[

- L1 o furo da do rasgão.... BEM exatamente... e punha-se o ferro quente em cima... então:: aquilo colava... e  
1715 não aparecia o remendo...

*Doc.* que bele::za... ((ri))

[

L1 ((ri)) hoje...

*Doc.* técnica(arrumando)( )

L1 é hoje...

[

- 1720 L2 tinha até borracha própria não tinha?

[

L1 pois é:: (ainda)era a TEla de borracha(para fé/)que hoje

[

*Doc.* ( )

L1 não tem mais tela de borracha

[

- 1725 L2 é:::...

L1 para feridas

L2 eu eu sei fazer isso...

[

L1 as feridas eram impermeabilizadas os curativos impermeabilizados com...

- 1730 *Doc.* uhn uhn

L1 com tela de borracha... e isto::: as famílias os os estudantes as pessoas mais modestas... os ricos claro

[

*Doc.* ( )

- L1 que não mandavam remendar roupa(nenhuma)davam(-na)  
1735 não é?

*Doc.* é

L1 davam aos pobres os modestos a... e era muito comum estu/encontrar o estu/os estudantes com... com remendo...

- 1740 *Doc.* é mesmo...((ri))dona A. ...e éh e os passeios a Santos no seu tempo de mo::ça vocês i::am ou:: mais tarde...

L2 não:: nós eu não eu não ia quase até mamãe dizia "olha aproveite que seus... primos vão para Santos e aproveita" e eu não ia... meu passeio era geralmente

- 1745 era em Jundiaí sa(be)?...  
que eu gostava de ir...  
[  
*Doc.* sei mais para o interior...  
L2 é... bem perto aqui né? lá nós freqüentávamos o Clube  
Quinze... que era um clube melhor que tinha lá em
- 1750 Jundiaí... e eu então sempre ia lá... agora houve uma  
festa -- eu não fui -- a festa da bandeira de São  
Paulo lembra?...
- L1 as:: normalistas bordaram ( )  
[  
L2 é...
- 1755 L1 ( )  
L2 bordaram bandeiras...((barulho do microfone))  
[  
L1 ( )os três couraçados...São Paulo Minas e Rio de  
Janeiro três couraçados... da nossa ( )...  
[  
L2 mamãe não deixou eu ir..
- 1760 L1 então:: o couraçado de São Paulo... as moças da  
Escola Normal bor/bor/bordaram uma bandeira muito  
grande e muito bonita bordada a ouro... e foi::...  
foram levar essa bandeira na...  
L2 (couraçado)  
[  
1765 *Doc.* ( )... lá em Santos...  
L1 para Santos::... houve uma recepção um baile lá em  
Santos... você não foi é Ana que foi...  
L2 eu não fui foi Ana( )... ( )...  
[  
L1 foi Ana... Ana(Malaide)a Benedita minha
- 1770 cunhada foi também...  
[  
L2 foi e:: e Cassiano também...( )...  
[  
L1 Cassiano é (o tal)  
( )vocês não foram...  
[  
*Doc.* mas::... o senhor não ia também a Santos
- 1775 assim à:: pra::ia?  
[  
L1 a Santos(viemos)uma umas duas vezes... algumas vezes  
eu fui a Santos  
[  
*Doc.* certo... como é...  
[  
L1 mas nunca fui passa::r
- 1780 temporada em Santos... porque eu eu (meio meio)depois  
de de:: de formado eu saí imediatamente de São Paulo  
no dia seguinte... não cheguei nem a colar grau... no  
dia seguinte fui embora... para o interior... mas::...  
me lembro...  
[  
1785 *Doc.* o senhor não lembra dos trajes assim de:: de ba::nho?  
[  
L1 eu  
posso lhe dizer uma coisa no tempo de minha mãe...

- Doc. uhn...  
[
- 1790 L2 ahn:::...
- L1 quando eu nasci... eu...(me contam que eu) que que eu  
que eu alcancei isso... mamãe foi passar uma temporada  
na praia que estava muito doente... na praia de São  
Sebastião... então a:: o o o traje de banho dela era  
de baeta... desde o pescoço até as pontas
- [
- 1795 L2 baeta azul marinho...  
L1 dos pés...((ri))  
L2 é... era BRAÇO (tornozelo)
- [
- L1 e baeta... era um era era um:: desses  
maca/macacinhos... macacões... chamado...
- 1800 L2 é...  
L1 presos aqui na ponta do dedo... e preso nos pés também...  
de baeta inteirinho... pesava( )  
baeta pesava sabe o que...
- [
- L2 baeta era pesado( )
- 1805 L1 sabe o que é baeta?
- [
- Doc. (é um)tecido(escuro)?
- [
- L1 baeta é uma lã peluda...
- Doc. ahn:::...
- L1 como esses cobertores assim:: mais grosseiros...
- 1810 Doc. ai:: (que horror)
- [
- L1 uma lã peluda era essa... esse era o traje de banho  
dessa época...
- L2 ahn é
- [
- L1 já da época em que:: eu era mocinho que eu ia a Santos  
1815 ...evidente não eram isso mas eram maiôs dis/muito  
discretos... maiôs... com saia e::... com saiote...
- Doc. uhn
- L1 naturalmente o maiô completo e mais um saiote para as  
moças... e os rapazes... só um... um maiô:: até o::  
1820 até o joelho com sunga... esses eram as toaletes da::  
... da da da da minha época... época de mamãe...  
diferente...
- Doc. e:: costuma:: va-se assim éh::... anda::r na paria ou::  
ou era o banho me::sme e::
- 1825 L1 era o banho já a regra geral né?  
Doc. ahn ahn
- [
- L1 bom JA já por volta de mil novecentos e vin::te  
vinte e (tantos)( ) (ficavam)ficando na praia mais  
um bocadinho... mas era só de manhã:: brincavam na  
1830 praia depois vinham embora... não tinha essa::...  
não havia esse esse... essa:: essas excursões  
constantes à praia
- [
- L2 ah:: como no Rio é ( )
- [

- L1 não havia essa  
 1835 possibilidades( )de:: de constante...  
*Doc.* uhn uhn...  
 L1 ( ) não::... muito raro... (não)  
*Doc.* ( )  
 L2 mas esse( )por exemplo  
 1840 no Rio o que é? é um sutiã que eles andam é uma  
 L1 [ ahn::...  
 L2 espécie de sutiã... sutiã  
*Doc.* [ uhn uhn...  
 L1 éhn::  
 L2 [ biquí::ni...  
 1845 L1 biquíni  
 L2 é o tal biquíni né?... AH:: que biquíni o nosso  
 L1 [ mas::...  
 L2 tempo... nosso tempo não:: era  
 1850 L1 havia:: hotéis havia pensões em Santos... geralmente  
 na nas férias... aquelas pessoas mais abonadas::...  
 (e)...  
 L2 [ (estou dizendo)se no colégio (a gente)  
 L1 ( )mais abonados::...  
 L2 [ (às vezes)tomava banho de de calção de BRIM  
 L1 [ operário não  
 tinha  
*Doc.* uhn uhn  
 L1 operário nesse tempo(oca/)nessa ocasião não tinha vez  
 1860 não tinha não tinha possibilidade...  
*Doc.* uhn uhn  
 L1 de:: que ehn:: não havia essa facilidade de ônibus a  
 toda hora por isso:: ((vozes e ruídos))  
*Doc.* dona:: A. E em maquiagem?... vocês faziam?  
 1865 L2 a (maquiagem) só tinha carmim...  
*Doc.* uhn uhn  
 L2 mas ela hoje é o TAL  
 L1 [ carmim:: e::  
 L2 ruge...  
 1870 L1 e ruge carmim e::  
 L2 [ e batom...  
 L1 batom...  
 L2 mas era um:: carmim pozinho vermelho né? é o que  
 1875 tinha né?... agora já nós lustrávamos tinha já  
 e::sses::... éh:: esses estojinhos de unha mas era  
 diferente não tinha esmalte... a gente passa::va...  
 uma:: um um (pozinho)  
 L1 [ pó

- L2 é... e tinha o lustrador...  
 [
- 1880 Doc. uhn  
 L2 ficava da cor da unha mesmo...  
 [
- L1 ( )...(cor natural)  
 L2 ((superposição incompreensível))... quando a gente::  
 ... ia ao baile sim... nós usávamos até sabe o que
- 1885 alvai-a-de...  
 Doc. (sim)  
 L2 e:: o:: meu primo que era (da)professor de:: Química  
 Física em::--como é que chama--...no giNASio...  
 de Campinas... a irmã dele era minha prima-irmã eles
- 1890 eram primos-irmãos... "Olha isso aí dá uma cárie nos  
 ossos não PONham mais isso vocês parecem um::... umas  
 MÁScaras com isso" a gente ficava toda BRAN:::ca  
 assim sa(be)... mas ah:: a cabe::ça onde é que nós  
 estávamos o que era... (aqué/) vaidade feminina...  
 [
- 1895 L1 ( )... porque o alvaiade de zinco  
 não faz mal o alvaiade de chumbo é que faz mal...( )  
 [
- L2 [ pois  
 é mas nós usávamos alvaiade passávamos na água e  
 [
- L1 e:::...  
 1900 L2 (usávamos)... parecia uma máscara...  
 [
- L1 se não tinham as moças que não tinham...  
 possibilidade de comprar um batom... para passar no  
 no RUGe por exemplo existia um:: pó de arrozinho que  
 era o rugezinho... para passar no:::... no rosto  
 [
- 1905 L2 [ papel de  
 seda  
 L1 então pa/papel de seda vermelho((rindo))... molhavam  
 o papel de seda vermelho saía a tinta...((risos))  
 pinta/ em geral... isso mesmo mesmo mesmo  
 [
- 1910 L2 (tinha)( )  
 L1 a moças... ahn:::...  
 [
- L2 mais...  
 L1 não digo ricas mas( )as ricas é claro que não faziam  
 isso... mas as:: mais modestas faziam... e:: essas:::...  
 1915 essa:: gente mais pobre essa essa(já)era... o puro  
 papel de seda...  
 L2 é...( )  
 [
- L1 o puro papel de seda... e na sobrancelha também  
 né::? Com carvão na so/mas era carvão mesmo...  
 1920 riscavam com carvão a sobrancelha... não raspavam a  
 sobrancelha... só escureciam a sobrancelha...  
 [
- L2 o lápis número  
 dois ou três(já existia)...  
 [

- L1                    é ou então com lápis...  
 1925 L2 o lápis né?...  
       L1 mas::...  
       L2 (mas ah já um::)( )  
       Doc.                    e o CAbelo?  
                                   [  
                                   ( )  
 1930 L2 ahn?  
       Doc. e o cabelo? como é ( )  
                                   [  
       L2                    ah cabelo a gente tinha cabelo comprido...  
       Doc. uhn uhn  
                                   [  
       L2                    enrolava que parecia a cabeça ficava parecendo  
 1935 -- nem sei – um BALde de ( )  
                                   [  
       L1                    ou frisava... com aquele  
                                   frisador...  
       L2 mas geralmente a gente fazia  
                                   [  
       L1                    ou então fazia com os papelotes...  
 1940 Doc. uhn uhn::  
       L1 eram os pepelotes em vez desses desses cartuchos que  
                                   se põem hoje... eram papelotes:: enrolavam... um  
                                   pedacinho de papel enrolava enrolava e amarrava um  
                                   papelzinho aqui assim (fazia) os papelotes...  
 1945 L2 isso para dormir mas para ir ao baile nós fazíamos  
                                   [  
       L1                    para um baile  
       L2 esses( )...  
                                   [  
       L1 preparava antes para poder ti/ tirar ( )  
                                   [  
       L2                    mas pesava não  
 1950 sei QUAN::to por causa grampo não era desse grampinho  
                                   assim...  
       Doc. uhn uhn  
                                   [  
       L2                    eram grampos assim... enrolava imagina aquele  
                                   cabelo comprido... PESA::va( )(né?)  
                                   [  
                                   ( )  
 1955 L1                    ( )  
       L2 ficava com a cabeça  
       Doc. uhn  
       L1 BOM éh éh o o cabelo (sempre)... mudou mudou muito  
                                   de moda... havia os coques  
 1960 L2 agora há muita peruca ((buzinha))  
                                   [  
       L1                    os coques...  
       L2 tem peruca...  
                                   [  
       Doc. é:::...  
       L1 havia os que as que gostavam de cachos havia quem  
 1965 gostava de coque havia quem gostava de franjinha...  
                                   isso era muito variável sempre foi muito variável  
                                   [  
       Doc.                    cer::to

- L2 as a ( )  
[  
*Doc.* e:: e muDAva-se a:: cor do cabelo?...
- 1970 L2 mudava eu era das tais que mudava (eu era)  
[  
L1 mudava com  
L2 atreVI::DA...  
[  
L1 água oxigenada só...  
L2 uma hora eu estava LOIra... com água oxigenada...  
[
- 1975 L1 ( )  
L2 outra hora eu(ah) então diziam "você na sua vaidade  
você ainda vai se prejudicar"... ficava loira... nuns  
tempos que enjoava do loiro e pegava a negrita lembra?  
L1 negrita é:: ( )  
[
- 1980 L2 depois começou a negrita:: tal tal  
tintura  
[  
L1 depois apareceram todas as cores não é?  
L2 é:: depois começou a:: aparecer casta::nho  
[  
L1 ( )
- 1985 L2 loiro e tudo  
[  
L1 loiro água oxigenada e o:::...  
L2 agora HOje NÃO... (estou dizendo)minhas filhas têm  
[  
L1 ( )
- 1990 L2 peruca( )((vozes sobrepostas))( )vai com uma  
peruca loira outra vez mais escura  
[  
L1 usavam também  
(es/mo/éh) conforme o penteado usavam... uma armação  
de metal... e colocavam uma armação de metal as moças  
um uma espécie de um chouriço de metal...
- 1995 *Doc.* uhn  
[  
L2 é::  
L1 e o:: cabelo por cima daquele chouriço de metal...  
chouriço é de::... fio de arame um arame é muito fino  
( )  
[
- 2000 L2 fiNIInho fininho...  
L1 usavam esse esse:: chouriço...  
L2 mas a cabeça peSAva porque tinha uma porção de  
grampos que não era...dessas::-- não sei como é que  
se chamam esse grampo moderno agora--... eram uns
- 2005 un::s uns grampos::... compridos de:: arame...  
*Doc.* uhn  
L2 não é?... e aquilo peSAva... porque... o cabelo  
comprido enroLAN::do... veja como é que ficava cabeça  
eNOR::me né?... e aquilo era moderna...
- 2010 *Doc.* ((riu))  
L1 e há e há e há as que tinham tranças também ( )  
[

- Doc. e o  
cabelo dos ho::mens como era?...
- L1 o cabelo dos homens ora ora era dividido ao meio...
- 2015 Doc. é:::...
- L1 [à Santos à San/a  
L2 é comprido nunca
- L1 à Santos Dumont...
- Doc. certo
- 2020 L1 ora dividido ao meio à Santos Dumont... ora dividido do lado como é hoje... regra geral a não ser aqueles que... se diziam poetas(ou que eram) poetas...
- Doc. uhn uhn
- [
- L1 que usavam o cabelo MAIS comprido... para trás
- 2025 todo ele assim... eu usava o cabelo... não é que eu me dissesse poeta... eu usava o cabelo para trás regra geral todo ele para trás mas não era comprido... quer dize::r não não passava do:::... porque a gente fazia muita questão que não... de ficar com as orelhas de fora
- 2030 Doc. uhn
- L1 e também que não pa/ não alcançasse o colarinho...
- [
- L2 (a nuca)limpa é...
- L1 a nuca limpa... não alcançasse o colarinho
- [
- L2 que sujava né?
- 2035 Doc. certo
- L1 e isso fazia questão agora o (seu) três tipos de (cabe/)ou dividido no meio... ou dividido(coisa)
- [
- Doc. uhn uhn
- L1 que eles chamavam... à poeta...
- [
- 2040 Doc. à poeta((ri))...
- L1 à poeta...
- Doc. ah:: (interessante)... mas acho que a gente nós já conversamos bastante viu? sobre vestuário parece
- [
- L1 só que...
- 2045 Doc. que cobriu todo((riu))
- [
- L2 espera aí deixa eu(sentar) um pouco...
- L1 pouca coisa eu acho que:::... pouca coisa tínhamos a falar no ( )... é mas JA não tem mais jeito sabe?... a senhora desligou né?
- 2050 Doc. não:: eu vou desligar mas esTA O::timo está muito bom ( )
- [
- L1 não... a gente não tem mais eu não tenho mais pro::sa eu não tenho mais nada sa(be)?
- Doc. que nada como não? o senhor falou aí oitenta minutos
- [
- 2055 L1 ( )
- Doc. sem paRA(R)...(o senhor acha que não tem nada?)
- [
- L1 ahn:: mas falei só tolice...
- Doc. ahn?

- L1 só tollice...
- 2060 *Doc.* não:: ( )  
 [
- L1 nada nada do que eu queria falar não falei...  
 nada daquilo que eu queria falar... não falei porque  
 não vem a momento não vem a ah::... ah::...
- L2 éh...
- 2065 L1 a senhora está percebendo minha cabeça está cansada  
 [ ((vozes))
- né não vem... não vem mais ao::...
- Doc.* não vem ( )né?... não aflora certo...
- [
- L1 não aflora mais à boca... fica (pla) e tal
- 2070 fica (embaralhando) e:: e não aflora...  
 [ ((vozes))
- Doc.* mas está muito bom... ( )agradeço muito...
- [
- L1 eu estou tão::... tão::